



Inês de Sousa Gonçalves de Almeida Leite

**Francisco da Conceição Silva**

Para uma compreensão da obra e do grande atelier/empresa - 1946/1975

Volume II - Anexos



**Dissertação de mestrado em História da Arte Contemporânea**

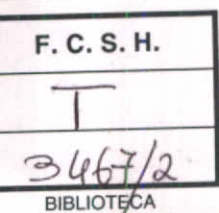
Apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de História da Arte

**Universidade Nova de Lisboa**

Lisboa 2007

**Orientação científica:** Professora Doutora Margarida Acciaiuli de Brito, Professora Catedrática do Departamento de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa.



**FICHAS INDIVIDUAIS**

**HABITAÇÃO UNIFAMILIAR**

**ANOS 40**

Título	<b>Moradia em Tortozendo (co-autoria com Antero Ferreira)</b>
localização	Tortozendo – não localizada
Anteprojecto	Pressupõe-se 1946
Construção	Desconhece-se se foi construída
colaboradores	Em colaboração com Antero Ferreira
bibliografia	<i>Francisco da Conceição Silva Arquitecto</i> , SNBA, Lisboa, 1987 Exposta na 1ª Exposição Geral de Artes Plásticas, SNBA, 1946, e consta da listagem do respectivo “catálogo”.

Título	<b>Moradia no Rodízio</b>
localização	Rodízio, Sintra
anteprojecto	Pressupõe-se 1947
construção	Desconhece-se se foi construída
bibliografia	<i>Francisco da Conceição Silva Arquitecto</i> , SNBA, Lisboa, 1987 Exposta na 2ª Exposição Geral de Artes Plásticas, SNBA, 1947, (plantas e perspectiva), e consta da listagem do respectivo “catálogo”.

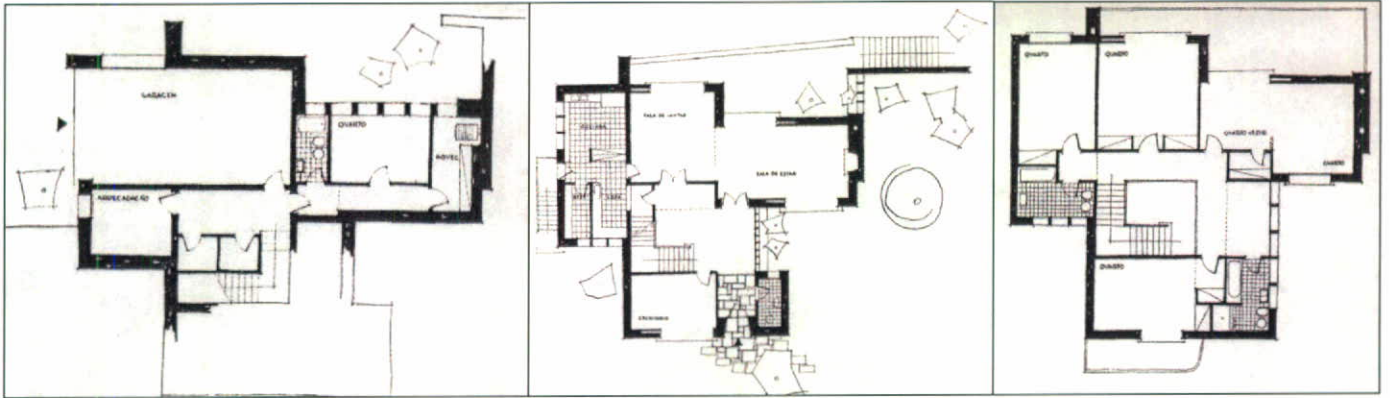
Título	<b>Moradia no Estoril</b>
localização	Estoril
anteprojecto	Pressupõe-se 1948
construção	Desconhece-se se foi construída
bibliografia	<i>Francisco da Conceição Silva Arquitecto</i> , SNBA, Lisboa, 1987 Exposta na 3ª Exposição Geral de Artes Plásticas, SNBA, 1948, constando da listagem do respectivo “catálogo”.

Título	<b>Casa no Estoril 1</b> (co-autoria c/ arq. José Bastos)
localização	Estoril – Não localizada
Construção	Pressupõe-se 1949
descrição artística	Arquitetura moderna, funcional, próxima do neo-realismo proposto por Keil do Amaral, procurando integrar elementos locais. Paredes de pedra nos pisos de baixo, cobertura plana, dinamiza-se o volume repercutindo no exterior o programa interior.
tipologia/descrição	<p>Casa em três pisos com serviços e garagem no 1º, salas e cozinha no 2º e 4 quartos e 2 wc no 3º.</p> <p>Implantação em função da «vista panorâmica» e do terreno, aproveitando o declive para encaixar o piso da garagem, semi-enterrado. Organização funcional separando as zonas de serviços, pública e privada.</p> <p>Entra-se por um pequeno vestíbulo de transição, com chão em pedra, tal como o percurso que conduz à casa. A casa é organizada a partir de um grande átrio de duplo pé-direito, peça central em torno da qual se distribuem as salas, o escritório, a cozinha e que contém a escada de ligação ao 3º piso. Esse átrio é iluminado por uma parede de grelha cerâmica e vidro. Como faz notar Rui Ramos, apesar do cuidado com que se desenha o átrio, «este espaço não é um local de estar que prolongue as salas a que dá acesso», mas sim «centro de circulação da casa interligando áreas funcionalmente separadas»<sup>1</sup>.</p> <p>A casa já apresenta um conceito moderno de espaço social aberto, com uma sala comum de estar e de jantar, criando dois ambientes, embora cada uma ainda mantenha a sua entrada independente pelo átrio<sup>2</sup>. O centro visual da sala de estar é conformado pela lareira, parede de pedra que se assume no exterior.</p> <p>Propõe-se uma forte ligação ao exterior prolongando-se as salas em terraços pelos grandes vãos envidraçados. Os terraços são espaços de transição para o exterior, protegidos seja pela varanda superior seja pela laje de cobertura que se prolonga em pala.</p> <p>O agenciamento compacto dos espaços evita os corredores, sendo o acesso aos quartos por uma galeria debruçada sobre o átrio. A galeria, iluminada por janelas corridas, alarga-se formando um espaço de estar aberto e informal.</p> <p>De notar ainda a parede/chaminé espessa em pedra cortada que defende a sala de estar e contém a lareira, a qual se lê na fachada, prolongando-se em chaminé.</p>
tipo de construção e revestimento	Exterior com pedra cortada no embasamento e na parede espessa da sala de estar, onde se constrói a lareira; reboco pintado no piso superior. Portas e caixilharias em madeira pintadas de branco.
colaboradores	co-autoria com arq. José Bastos
situação actual	Desconhece-se
bibliografia	<i>Francisco da Conceição Silva Arquitecto</i> , SNBA, Lisboa, 1987

<sup>1</sup> Ramos, Rui Jorge Garcia, *A Casa Unifamiliar Burguesa na Arquitectura Portuguesa*, FAUP, Porto, 2004, p. 6-405

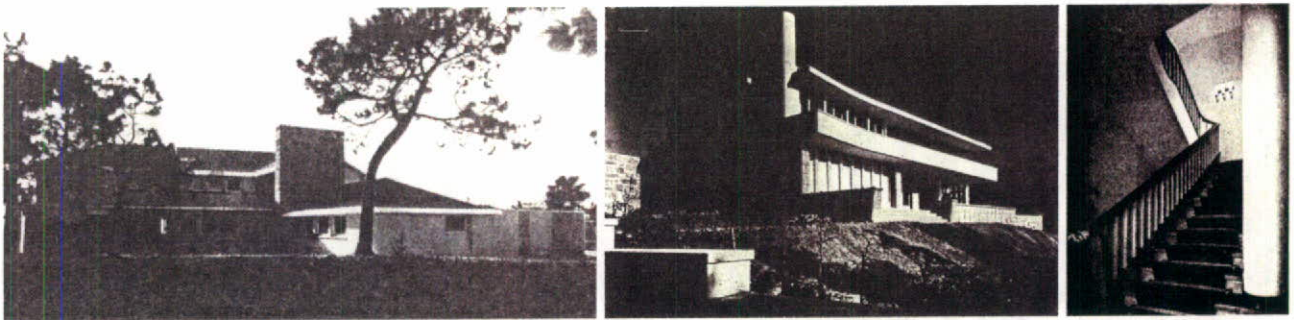
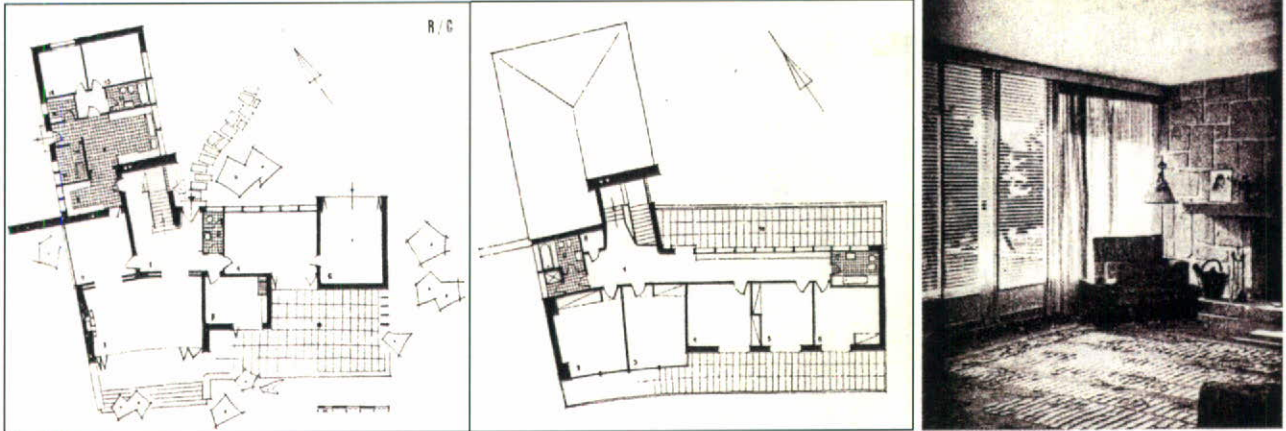
<sup>2</sup> Para Rui Ramos, trata-se de uma «situação que prefigura a ideia de uma sala comum». Op. Citada p. 6-406

*Arquitetura Portuguesa Cerâmica e Edificações Reunidas* nº 157,  
Out./Nov./Dez. 1949  
Ramos, Rui Jorge Garcia, *A Casa Unifamiliar Burguesa na Arquitectura Portuguesa*, FAUP, Porto, 2004, p. 6-405 e 6-406



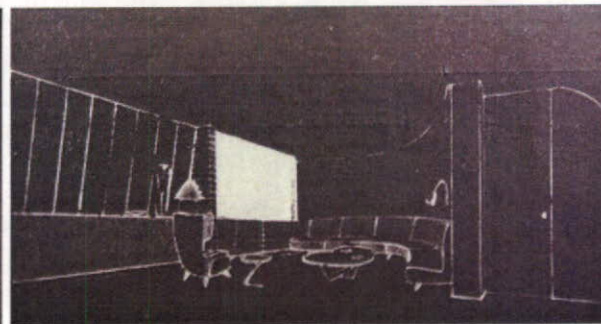
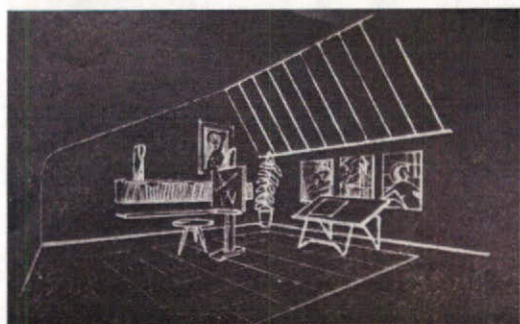
Título	<b>Casa no Estoril 2</b> (co-autoria c/ arq. José Bastos)
localização	Estoril – não localizada
anteprojecto construção	Pressupõe-se 1949
descrição artística	<p>Arquitectura moderna, com solução formalmente e estruturalmente avançada, como a varanda corrida balançada. Ensaia-se uma composição já com alguma flexibilidade, com uma o volume principal ligeiramente em arco, abraçando o terreno e orientando-se à vista mar.</p> <p>Note-se que o alçado Sul tem uma linguagem moderna, enquanto o alçado Norte apresenta-se mais tradicionalista, lembrando as “casas da pradaria de Frank Lloyd Wright”.</p> <p>Solução que pode dever-se à função de representação da fachada de entrada. Cobertura em telha, em várias águas, mas não se notando a Sul, onde sobressai a laje que marca a horizontalidade, realçada ainda pela grande varanda corrida com guarda em alvenaria, realçando assim a delicadeza da laje superior.</p>
tipologia/descrição	<p>Pensamos tratar-se de uma casa de habitação principal, devido ao programa muito completo e à dimensão da casa com 4 salas e 4 quartos.</p> <p>Casa em dois pisos e composta em dois corpos, em L, formando entre si um ângulo obtuso. Distribuição funcional do programa, com separação dos serviços - no r/c num corpo independente a Norte - da zona pública e quartos em piso superior. Denota-se já um agenciamento do espaço moderno, com a ligação da sala de estar à sala de jantar por um grande vão sem portas, evitando ainda os corredores no piso 1 e recorrendo ao sistema de galeria no piso superior, a servir os quatro quartos e saleta. Porém, o programa responde a uma sociedade conservadora, com quartos de empregada e copa de apoio à cozinha.</p> <p>Forte abertura ao exterior, as salas prolongando-se para o terraço através de portas envidraçadas que se rebatem. Mas simultaneamente preserva-se a intimidade, com um terraço em negativo, grande vazio obtido com o recuo do escritório e de uma sala/atelier, em relação à linha de fachada e sendo ainda os terraços e varanda pensados como espaços de transição do interior para o exterior protegidos seja pela varanda superior, seja pelo prolongamento da cobertura, que se assume em pala. Por sua vez, a parede em pedra de separação entre a sala de jantar e a cozinha é prolongada no exterior conferindo uma maior privacidade ao jardim.</p> <p>A lareira integra-se na espessa parede de suporte de pedra, com leitura no alçado exterior. Assim, a chaminé forma no exterior um corpo independente de grande plasticidade, prisma com cantos boleados, em marcação escultural.</p> <p>2º piso c/ 4 quartos, saleta e 2 wc servidos por galeria com vista para a Serra de Sintra. Os quartos abrem-se para uma varanda corrida a Sul.</p>
tipo de construção e	Exterior com parede de pedra no piso 1 e reboco no piso 2. Na

revestimento	sala de estar a parede da lareira é em pedra à vista. Cobertura em telha.
colaboradores	Co-autoria com arq. José Bastos
bibliografia	<i>Francisco da Conceição Silva arquitecto</i> , SNBA, Lisboa, 1987 <i>Arquitectura</i> n° 32, Agosto/Set. 1949 Ramos, Rui Jorge Garcia, <i>A Casa Unifamiliar Burguesa na Arquitectura Portuguesa</i> , FAUP, Porto, 2004, p. 6-415, 7-449, 450



## ANOS 50

Título	<b>Arranjo do sótão do Cdte Silva Araújo</b>
Localização	Lisboa
Data projecto	1952
Encomendador	Comandante Silva Araújo
Bibliografia	<i>Arquitectura</i> nº 42, Maio 1952. Catálogo 7ª Exposição Geral de Artes Plásticas, SNBA, 1953 Ramos, Rui Jorge Garcia, <i>A Casa Unifamiliar Burguesa na Arquitectura Portuguesa</i> , FAUP, Porto, 2004, p. 8-524



Arranjo do sótão do Comandante Silva Araújo. *Arquitectura* nº 42, Maio 1952.

Título	<b>Casa Família Ribeiro da Cunha, Tábua (1952)</b> <sup>1</sup>
Localização	Fundo da Vila - Tábua
Anteprojecto	1952
Construção	1953
Descrição artística	Trata-se da remodelação e ampliação de uma casa singela, dentro do “tradicional modernizado”, dos anos 40. Conceição Silva mostra-se já informado pela arquitectura moderna, como soluções como uma grande sala comum, um átrio que parece ainda influenciado pelo “ <i>central living hall</i> ” inglês, com características que o valorizam como espaço de estar, como a generosidade da área, a presença de uma lareira, assim como a continuidade espacial revelada na abertura para a sala com porta de vidro ou ainda a escada helicoidal de ligação ao piso superior. De acordo com Joaquim Ribeiro da Cunha Conceição Silva integra também elementos locais, como são exemplo as paredes em pedra.
Tipologia/ descrição	<p>A ampliação vai mais que duplicar a pequena casa unifamiliar isolada, numa propriedade de cerca de 3 hectares com casa da eira. A casa pré-existente dos anos 40, do arquitecto Castro, tinha uma sala de jantar – por onde se entrava directamente do exterior –, uma cozinha e, no segundo piso, três pequenos quartos e uma casa de banho e ainda garagem.</p> <p>O projecto passa por transformar o piso1 numa ampla sala com dois espaços separados por um reposteiro de veludo, absorvendo a antiga garagem (deita a baixo uma parede, ficando as colunas de suporte em pedra); criar um grande hall de entrada com uma nova escada de ligação ao piso superior, helicoidal, em madeira de sucupira; e construir uma nova ala com cozinha e dependências de serviços (arrumos e criados), formando um L. No piso superior, ampliam-se os quartos existentes deitando abaixo algumas paredes e acrescentam-se novos quartos, num total de cinco e mais duas casas de banho. De relevar, a ocupar uma parede do hall, um grande fresco de Sá Nogueira que o pintou <i>in loco</i>; três lareiras, das quais duas na sala comum e uma no grande hall, a primeira com protecção de cobre e as outras em pedra de granito.</p> <p>O projecto incluiu algum mobiliário, moderno, por vezes ligeiramente inspirado em peças tradicionais. Nomeadamente, roupeiros, umas cómodas com puxadores em azulejo de Estrela Faria e moldura de cobre, uma mesa de sala de jantar em madeira com tampo em mármore rosa, cadeiras em madeira de sucupira, um bar/contador encastrado, em madeira, junto à chaminé.</p>
Tipo de construção e revestimento	Em pedra granito da região (Beira). As casas de banho são revestidas a mármore escuro, no pavimento, a meia altura das paredes, e nas banheiras, formando quase uma caixa de mármore.
Dimensão	Propriedade com cerca de 3 hectares.
Encomendador	Sr. Joaquim Esteves Ribeiro da Cunha, dono da Companhia de

<sup>1</sup> Toda a descrição – datas incluídas - é feita a partir do testemunho do Dr. Joaquim Ribeiro da Cunha, filho dos donos originais, e amigo de Conceição Silva, em testemunho recolhido a 2 de Janeiro de 2007, já que não foi possível visitar a casa.

	Seguros Comércio e Indústria. Na realidade, a iniciativa parte do seu filho José Espírito Santo Ribeiro da Cunha, que era amigo pessoal de Conceição Silva. Os pais precisavam de ampliar a casa e aceitam o desafio do filho de entregar o projecto ao amigo arquitecto (que conhece através do amigo comum, dr. Mário Pais de Sousa), com carta branca. O sr. Joaquim Ribeiro da Cunha, que tinha um espírito muito progressista, só vê a casa na inauguração da obra e fica muito agradavelmente surpreendido. De tal forma que, dois anos depois, encomenda a remodelação dos escritórios da Companhia de Seguros, no Porto (1955) e em Lisboa, na Rua Arco Bandeira (1956).
Situação actual	Em bom estado, embora precise de manutenção. Foi assaltada no verão de 2006, tendo desaparecido algumas peças.
Bibliografia	7ª Exposição Geral Artes Plásticas – SNBA - 1953

Título	<b>Casa Família Garcês, Midões<sup>2</sup></b>
Localização	Midões
Anteprojecto	Meados da década de cinquenta
Tipologia/ Descrição	Tratou-se de uma remodelação. Segundo Joaquim Ribeiro da Cunha, é actualmente de uma casa de turismo de habitação.
Encomendador	Família Garcês. O dr. António Garcês (filho dos donos) era amigo de Conceição Silva, do grupo do dr. Mário Pais de Sousa.

<sup>2</sup> Informação prestada por Dr. Joaquim Ribeiro da Cunha a 2 de Janeiro de 2007.

Título	<b>Casa Comendador José T. da Silva – Seixal (1952-1955)</b>
localização	Av. Vasco da Gama, nº10/Rua Seixal Futebol Clube/ Av. da Liberdade.
anteprojecto e construção	Entre 1952 e 1955, de acordo com Maria Cecília Pires, filha de José Tavares da Silva. Note-se a expressão moderna, muito semelhante à da Casa Ribeiro da Cunha, no Restelo.
descrição artística	Casa moderna corbusiana, com sistema construtivo de pilar viga em betão, com pilotis parcialmente aparentes e <i>fenêtres en longueur</i> . É também visível a influência da arquitectura moderna brasileira, nas grelhas cerâmicas de protecção e varanda corrida saliente a formar um volume/”cinta”, moldura de betão em trapézio, ou ainda cobertura sem telha com ligeira inclinação, quase em borboleta. Revela sensibilidade na implantação que aproveita o declive do terreno, com parte do volume enterrado; uma certa flexibilidade e procura de intimidade com um formato com vários corpos em torno de pátios. E ainda, uma integração local muito curiosa, interpretando o arquitecto uma particularidade da arquitectura brasileira, a adaptação local do “estilo internacional”, com algumas paredes exteriores revestidas a pequenos seixos do rio e reinterpreta-se ainda um tradicional apêndice, com pilar e viga de betão.
Tipologia/ descrição	Fica localizada numa das principais avenidas do Seixal, muito próxima do Tejo, então bairro mais nobre, caracterizado por lotes de moradias tradicionais. Inserida no limite Norte do lote de forma a libertar o terreno, permite não só manter uma certa privacidade ao virar a casa para o arruamento lateral, mas também orientá-la a Sul. Note-se que a casa dá para três ruas e tem duas entradas, a principal do lado da grande avenida e uma entrada de serviço do lado de uma rua sem saída. O acesso faz-se assim por uma frente lateral, em solução idêntica à da casa Ribeiro da Cunha, no Restelo. A casa desenvolve-se em U, formando um pátio interior ajardinado orientado a Norte, mas de onde se vê o Tejo. Cria assim um espaço de intimidade, em complemento ao jardim Sul para onde dão as divisões “nobres” (salas e quartos). A casa prolonga-se ainda a poente com um pequeno braço de um só piso, com zona de lavagens, arrecadação e adega. No topo deste corpo, coloca-se um pombal. Aproveita-se o declive do terreno, encaixando um piso com garagem e adega. O volume é recortado por um terraço recuado da linha de fachada, a nível do piso 0 e uma varanda corrida balançada, no piso 2, a servir os quartos, formando um corpo saliente em trapézio, com grelha cerâmica lateral ao gosto brasileiro, de protecção à grande artéria a nascente. O volume é suportado por pilotis revestidos a pastilha azul. Do lado Sul ficam à vista no exterior, no piso 0, e do lado oposto, ficam no interior, permitindo vencer o grande vão do átrio de distribuição e construir uma parede em quadrícula de peças de cimento e vidro, liberta da função de suporte. Esta parede parcialmente envidraçada possibilita a entrada de luz no átrio, mas preservando a intimidade

	<p>em relação ao pátio interior.</p> <p>A distribuição separa as funções: piso 1 com salas e escritório numa ala, cozinha e serviços noutra e quarto de visita com casa de banho e quarto de visitas noutra ainda. Piso de cima: quarto de estudo, dois quartos (das filhas) e a suite principal, todos seguidos, distribuídos por um átrio central.</p> <p>Entra-se por um grande átrio alongado, que distribui para o escritório, a ala dos quartos de visitas, as salas, a ala de serviços, ou ainda para o segundo piso. Este átrio central em torno do qual se agencia o espaço interno é o elemento mais moderno da casa. É iluminado por uma parede com quadrícula de peças de cimento e vidro, que permite ver o Tejo e marcado ainda pela escada solta, com os cobertores assentes directamente na estrutura (porém, sem traduzir uma especial atenção ao movimento).</p> <p>De salientar ainda a ligação, embora moderada, entre as duas salas, separadas por grande porta de correr embutida numa parede com lareira. A sala de jantar é ainda o espaço nobre, um pouco maior do que a zona de estar. É provável que Conceição Silva tenha encontrado algumas resistências a uma proposta com o espaço mais fluído e aberto. Toda a frente virada a Sul é muito aberta ao exterior, com fenestração horizontal, quer nas salas, quer nos quartos. Por cima do quarto das crianças, fica um terraço de onde se vê o Tejo. A casa era toda alcatifada (naturalmente exceptuando as zonas de serviços).</p>
Tipo de construção e revestimento	<p>Construção de pilar/viga de betão e enchimento em tijolo. Caixilharia e portas em madeira, pavimento alcatifado. Casas de banho em pedra mármore branco e cinza escuro. Peitoris das janelas em mármore cinza escuro com cantos laterais boleados. Lareira revestida a tijolo vidrado cor castanho/mel. No exterior, a parede da frente de acesso é em pedra irregular, do lado Sul é revestida com pequenos seixos no piso inferior e reboco no piso superior. Era pintada de verde claro. Cobertura sem telha com um ligeira inclinação, quase em borboleta.</p>
Dimensão	Lote com cerca de 1500 m <sup>2</sup> e casa 500 m <sup>2</sup>
Encomendador	Comendador José Tavares da Silva, importante empresário do ramo da construção civil – da empresa A Silva & Silva. Encontrava-se à venda no verão de 2007.
Situação actual	Estado razoável. A necessitar de manutenção. Pertence às filhas do empresário José da Silva.
Bibliografia	Nenhuma



Título	<b>Casa no Restelo – Ribeiro da Cunha (1952-1955)</b>
Localização	Av. das Descobertas, 8 – Lisboa (Restelo).
Anteprojecto <sup>3</sup> Licenciamento Construção	1952. Tem o nº de obra na CML 10134, nº de processo 32876 de 28/8/52, e telas finais com proc. nº 13528/1954, com ligeiras alterações. Dezembro de 1952. Licença nº 129/52. É paga em 22 Abril de 1953. <sup>4</sup> 1953 a 1955. Em Março 1954 são entregues as telas finais. A construção termina a 15 de Agosto de 1955, de acordo com a licença de utilização deferida em Out 1955.
descrição artística	Arquitectura moderna corbusiana <sup>5</sup> . Nomeadamente, o volume quase paralelepípedo suportado por uma estrutura independente de pilar viga, libertando o espaço interior, fluido, permitindo a planta e alçados livres; grande abertura ao exterior e entrada de luz graças aos grandes vãos envidraçados; sala comum com zona de duplo pé-direito; cobertura plana, ou ligeiramente inclinada (sem telha); e rampa de acesso à casa em <i>promenade architecturale</i> . Refira-se igualmente a grande expressividade, possivelmente de influência da moderna arquitectura brasileira, nomeadamente, no pano de parede curvilíneo da frente virada à rua, decorado com painel de Júlio Pomar.
Tipologia/ descrição	Importância desta casa que tem já uma certa visibilidade e reconhecimento - mesmo antes da grande obra emblemática, o hotel do Mar -, conduzindo a algumas encomendas, sobretudo no seio da rede de conhecimentos do arquitecto (nomeadamente as três casas da Areia, Cascais, que vamos ver de seguida). Por outro lado, é uma das 27 obras seleccionadas para o catálogo organizado pelo SNI e pelo Sindicato dos Arquitectos para a Smithsonian Institution de Washington, de 1958, acompanhando uma exposição sobre a arquitectura portuguesa, que passou também por Londres. E é um dos 12 projectos com fotografia. É encomendada por um dos seus amigos, o economista José Espírito Santo Ribeiro da Cunha, para um lote comprado em hasta pública, no conjunto camarário do Bairro do Alto da Ajuda (actual Restelo). Numa das principais artérias, destaca-se ainda pela dissonância e modernidade face à maioria das casas tradicionalistas ou historicistas que iam surgindo no bairro ainda em crescimento. A memória descritiva explica a implantação do edifício pelo declive do terreno N-S, a vista a Sul, a libertação do terreno a Sul e assim a

<sup>3</sup> A CML tem umas interessantes fotos de maquete na folha 4 proc 32876. Destaquem-se os desenhos de 1952 e, em particular, um desenho de pormenor da entrada. Folha 23 p. 32876/952.

<sup>4</sup> Muito curioso, um parecer da 3ª repartição – arquitectura da CML de 7 Abril de 1953 diz o seguinte (podendo deduzir-se a justeza da versão de Joaquim Ribeiro da Cunha, irmão do encomendador, que afirmou em entrevista em Junho de 2004, que o projecto precisou de uma “cunha”, pois era demasiado moderno): «para mais completo esclarecimento, do que se pretende, juntou o técnico um aditamento à memória descritiva, o qual se junta ao processo. Apresentou também 6 fotografias da maquete, para bem se poder julgar do valor da realização projectada. Depois de avaliar, detalhadamente, todas as peças do processo e ter apreciado os novos elementos a que acima se faz referência, informo: o projecto de moradia de que se trata é aceitável, sob o ponto de vista estético, funcional e regulamentar. Posto isto, julgamos de manter o parecer favorável emitido pela repartição, em tempo devido. Assinado pelo chefe, António Couto Martins. (folha 154 prc. 32876/52).

<sup>5</sup> Veja-se Le Corbusier e Pierre Jeanneret, *Les Cinq Points d'une Architecture Nouvelle*, 1926, onde Le Corbusier define os 5 pontos principais da arquitectura moderna: Edifício assente em pilotis, libertando o terreno; planta livre; alçado livre (ambos permitidos pela estrutura independente em pilar viga de betão); janela em comprimento possibilitando a entrada máxima de luz; e cobertura em terraço percorrível, espaço de estar exterior.

protecção dos ventos dominantes de Norte e Nordeste.  
A casa é implantada no extremo Norte do terreno, virando-a a Sul, aproveitando a vista rio e «encobrimdo-a das vistas das construções vizinhas» (nos lotes adjacentes não existiam, sendo os terrenos ainda camarários). A segunda memória descritiva apresentada para juntar ao processo, esclarece que «exteriormente as fachadas são a consequência lógica do partido adoptado em planta. Pretendeu-se que estas proporcionassem um franco contacto entre a vida dentro de casa e a vida exterior, aproveitando-se ao máximo as excepcionais qualidades do terreno e da sua maravilhosa exposição. (...) Previu-se contudo a devida protecção aos raios solares por meio de abas de protecção dos vãos com a extensão mais conveniente de forma a também não evitar, a total entrada do sol. Estes terão ainda protecção por meio de persianas “Kirsch”. As fachadas traduzem duma maneira funcional a vida interna da casa e portanto, a das pessoas que a irão habitar, proporcionando-lhes por meio de amplos terraços e grandes aberturas a maneira de viver desejada – em contacto directo com a natureza. O aspecto exterior da moradia enquadra-se perfeitamente no ambiente local, tendo em atenção que uma das principais razões porque a encosta da Ajuda é procurada para a construção de moradias, é a vista, e que a uma boa vista não seria lógico fechar as casas. A fachada poente, virada à rua, será quasi totalmente decorada com uma pintura por um artista de mérito reconhecido e cuja maquete será apresentada à apreciação camarária na devida altura».

1º piso com garagem e arrecadação.

2º piso com hall de entrada de pé-direito duplo com escada em semicírculo, aberto à sala comum. A escada espiralada é solta, com degraus sem espelhos, com os cobertores apoiados directamente na estrutura. A sala é inteiramente aberta para o jardim com parede cortina de vidro, sendo o suporte estrutural dado por pilares recuados da fachada, permitindo a planta e alçados livres. A parede envidraçada nos dois pisos (2 e 3) permite a leitura exterior da organização das zonas sociais, interligadas, e com zona de duplo pé-direito. Mas de notar que a relação com o jardim é mediada por um amplo terraço coberto que ocupa grande parte da frente (Sul) e pela protecção da laje de cobertura saliente (em relação ao 3º piso). Um mosaico de Sá Nogueira incrustado no pavimento reforça a ligação da zona de entrada à sala. A memória descritiva refere que «o segundo piso é composto por hall de entrada, sala de estar e jantar, sendo a primeira desdobrada numa segunda sala em varanda sobre o piso inferior e fazendo parte deste conjunto». É assim de realçar a apreensão tridimensional do espaço, ao modo de Le Corbusier.

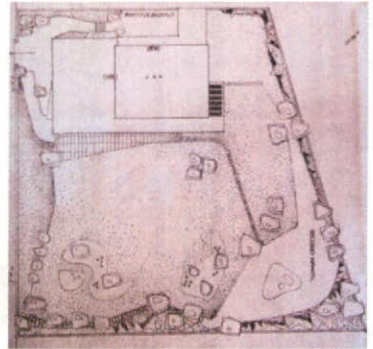
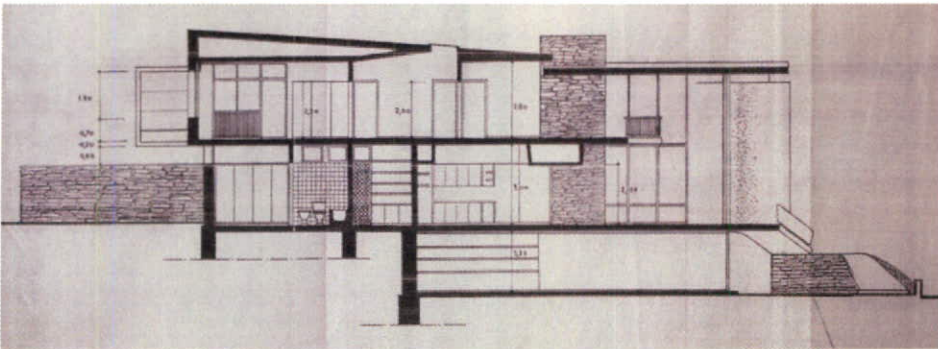
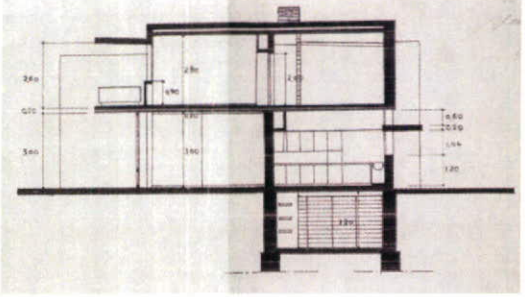
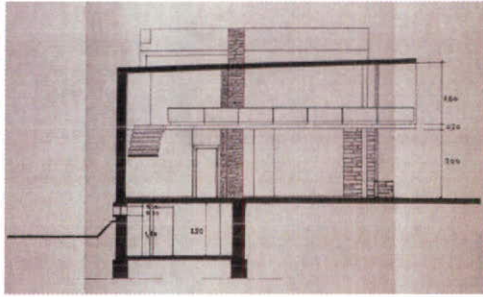
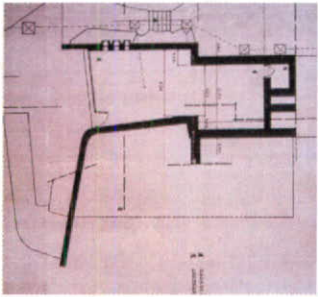
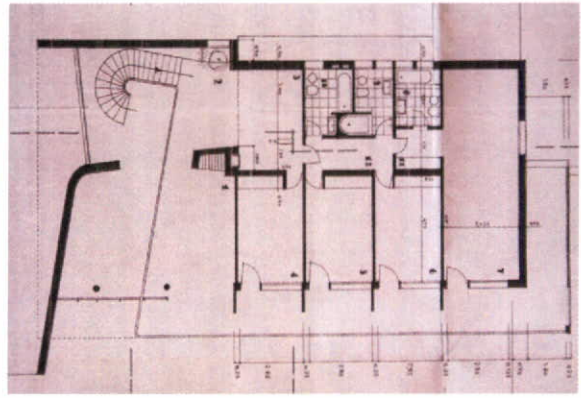
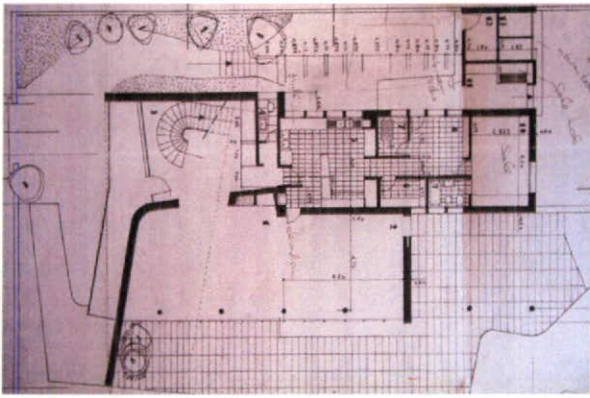
A casa tem ainda uma ampla zona de serviços no piso 2, compreendendo quarto de criada, capoeira e zona de lavagens – de

<sup>6</sup> Não é certo se esta casa influenciou a solução de Conceição Silva, uma vez que é de 1951-1952, estando em construção quando Conceição Silva projecta a casa do Restelo. Por outro lado, só é publicada, na revista *Arquitectura Portuguesa*, nº3-4, em Abril de 1953.

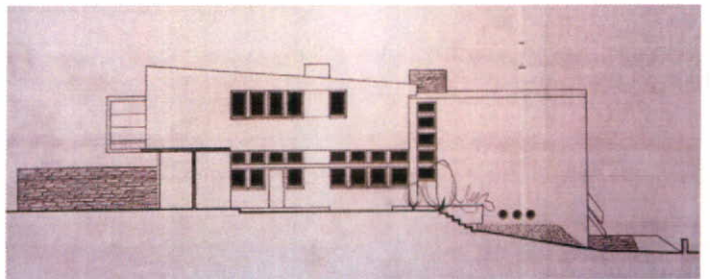
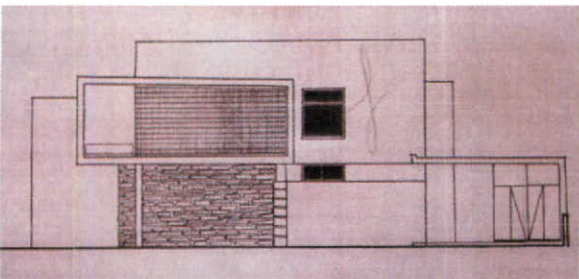
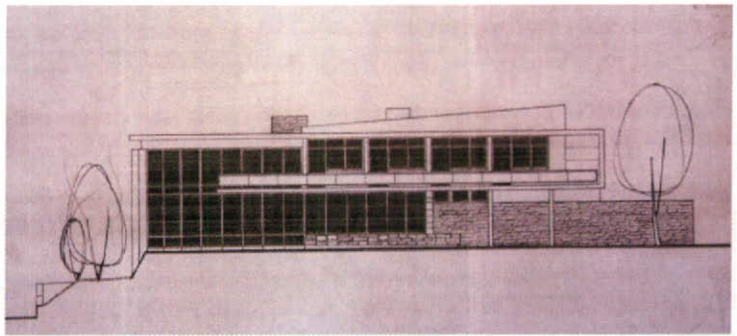
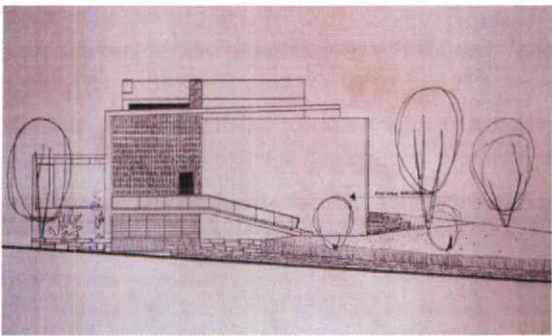
<sup>7</sup> **Hipólito, Fernando**, «História de uma Casa Moderna, casa dr. Ribeiro da Cunha, 1955, arq. Conceição Silva», in *Arquitectos* nº133, Março 1994, p 19.

	<p>acordo com os hábitos sociais - e já possui caldeira de aquecimento. De salientar a concepção tridimensional do espaço.</p> <p>Embora a entrada dê para a rua principal, com acesso por uma moderna “rampa-promenade” paralela à frente, em dois lances, a casa é toda virada para o jardim, invertendo o tradicional sentido hierárquico das fachadas, uma solução idêntica à da casa de Maurício de Vasconcellos, na Avenida do Aeroporto<sup>6</sup>. A frente do lado da entrada, a poente, constitui-se como um muro cego com um painel de Júlio Pomar (em pasta de marmorite) e uma porta recortada no retângulo formado por uma grelha de cerâmica e vidro, de retângulos desencontrados, para iluminar a entrada sem lhe retirar intimidade. Trata-se de um pano destacado do volume paralelepípedo, prolongando-se a Sul, para formar um muro de protecção ao terraço e jardim, em relação à devassa da rua. Essa parede acompanha a rampa com uma inflexão/reentrância para dentro da casa, curvando-se para o interior e construindo assim um canto mais íntimo, recuado e que se alarga para constituir espaço de entrada (com repercussões no interior).</p> <p>O terceiro piso é composto por um grande espaço informal aberto, debruçado em galeria sobre o piso inferior. Com o formato em L, cria dois espaços separados pela lareira, uma zona de estar e uma zona de distribuição para os quartos; De notar a expressividade criada pela inflexão da guarda em diagonal para acompanhar o remate do lance de escada, criando uma certa tensão. Tem ainda 4 quartos seguidos e três instalações sanitárias. Tal como o piso inferior, é virado ao jardim e à paisagem do rio. A memória descritiva diz que um dos quartos é de costura, embora não se distinga na planta. E acrescenta: «todos os quartos ...são abertos para uma varanda que poderá ser subdividida por meio de paredes de correr transformando-se em varandas independentes para cada quarto». Essa divisão corta a horizontalidade deste corpo. O corpo dos quartos tem leitura exterior, com a marcação horizontal da varanda, balançada, suportada por pilotis, em contraste com o corpo de marcada verticalidade a seu poente (das salas), com o qual se intercepta. Tinha uma floreira/canteiro «em cimento azul, estreito e comprido, apoiado por vários desencontrados e finíssimos pés em tubo de ferro»<sup>7</sup>, a um canto da varanda corrida deste piso.</p>
Tipo de construção e revestimento	Memória descritiva: «a construção será mista de alvenaria e betão armado sendo toda a fachada sul constituída por uma estrutura de pilares. Da mesma forma, os pisos e cobertura serão constituídos por placas de betão armado. As paredes de elevação serão de pedra rija e argamassa de cimento e areia; as alvenarias interiores de tijolos e argamassas de cimento e areia. Cobertura de placas de cimento armado, impermeabilizadas com material tipo Rok no exterior e cortiça no interior».
Dimensão	Área do terreno de 1803 m <sup>2</sup> .
Encomendador	José Espírito Santo Ribeiro da Cunha, economista, director da Companhia de resseguros Prudência (era amigo pessoal de Conceição Silva). Em 1978-1979 foi vendida pela viúva à Embaixada de Angola que pôs um muro de vedação rematado por grade (terrivelmente desenquadrado). Cerca de 2000 vendida novamente, para sede da imobiliária Century 21 e da ABN Souza. Vendida no início de 2006 à

	<p>Embaixada da China, ocupante actual.</p> <p>Nota: pertencia originalmente aos terrenos da Casa Cadaval, tendo sido vendidos à Companhia Central de Urbanização em 1940, de acordo com mapa de proveniências encontrado no processo da Câmara. O casal Ribeiro da Cunha arrematou em praça o lote de terreno em 1952 à CML, segundo pedido de quitação de dívida constante do processo.</p>
Colaboradores	<p>Todas as peças das telas finais (1954) e do processo de 1952 são assinadas por Conceição Silva, sem referência qualquer colaborador. Estruturas por Manuel Goulart de Medeiros (eng.º civil n 245). Mural de Júlio Pomar e mosaico de Sá Nogueira (datado de 1954).</p>
Situação actual	<p>Em muito bom estado, mas alterações significativas cerca de 2000, embora sem deturpar em demasia o projecto. Nomeadamente, substituição da grelha da entrada por grande vão de vidro e retirou-se o painel de Júlio Pomar. A escada foi substituída por outra metálica, mas também espiralada. Foi acrescentado um quarto piso, recuado, um elevador, alterados alguns materiais de revestimento interiores; a cozinha, capoeira, quarto de empregada, transformadas em salas. Construiu-se um segundo edifício, a Poente, ocupando grande parte do jardim. Pertence actualmente à Embaixada da China.</p>
Bibliografia	<p><i>Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa</i>, Associação Arquitectos Portugueses, Lisboa, 1987</p> <p><i>Contemporary Portuguese Architecture 1958</i>, The Smithsonian Institution, Washington (organizado pelo SNI e pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos)</p> <p><i>Francisco da Conceição Silva arquitecto</i>, SNBA, Lisboa, 1987</p> <p><b>Hipólito, Fernando</b>, «História de uma Casa Moderna, casa dr. Ribeiro da Cunha, 1955, arq. Conceição Silva», in <i>Arquitectos</i> n.º133, Março 1994, p-ps 18 e 19.</p> <p><b>Tostões, Ana Cristina</b>, <i>Arquitectura Portuguesa nos Anos 50, "Os Verdes Anos" ou o Movimento Moderno em Portugal</i>, 1994, Edições FAUP, Porto, p. 61</p> <p><b>Ramos, Rui Jorge Garcia</b>, <i>A Casa Unifamiliar Burguesa na Arquitectura Portuguesa</i>, FAUP, Porto, 2004, p. 6-451</p>



Plantas piso 1, piso 2, piso 0, corte A-B, corte C-D; em baixo, Corte G-H e planta de implantação



Alçados poente, Sul, nascente e Norte



Fotografias de época, arquivo ACS



Fotografias actuais da autora



Título	<b>Casa Dr. Mário Pais de Sousa<sup>8</sup> (1953-1955)</b>
Localização	Santa Comba Dão. Largo Dr. Mário Pais de Sousa
Anteprojecto Construção	1953 1955 (de acordo com a viúva, Dra. Margarida Pais de Sousa, sendo que a remodelação é inaugurada com o casamento da irmã mais nova do Dr. Mário Pais de Sousa).
Descrição artística	Remodelação e ampliação de uma casa do século XIX, seguindo princípios da arquitectura moderna, ainda moderada.
Tipologia/ descrição	<p>A obra passou essencialmente pela ampliação de uma casa em granito pré-existente (provavelmente do século XIX), justaposta a outra casa da família Pais de Sousa, esta última construída nos anos 40, e pela remodelação de interiores. Tratavam-se de casas de férias, porém, na casa do lado morou a viúva do Dr. Pais de Sousa (pai) a partir de 1950. Uma das intervenções principais é a criação de um novo hall de entrada lateral, numa zona onde ficava uma pequena edificação destinada aos animais, na esquina. Do lado exterior, Conceição Silva constrói uma rampa de acesso à casa em granito, na esquina, em negativo no prédio, criando uma passagem exterior coberta. Nesse vértice, do lado interior, concebe o hall de entrada, com uma escada em ferro e madeira que articula a circulação entre pisos. É criada uma maior ligação e continuidade visual entre os espaços sociais em L, nas salas articuladas pelo hall, com portas em caixilho de madeira pintada de desenho simples e vidro translúcido de riscas verticais. O átrio de entrada é pintado numa parede de verde seco azeitona - cor muito usada na época - e branco noutra parede, condizendo com os candeeiros modernos em cone invertido e nas mesmas cores, desenhados por Conceição Silva. Na sala de estar, desenha uma lareira com campânula/protecção em cobre.</p> <p>Esta casa é ainda ligada à casa do lado, interiormente e exteriormente, criando percursos fluidos. Abre-se uma porta, junto à lareira, de ligação à sala da outra casa. A varanda desta última é prolongada na casa de Mário Pais de Sousa, criando um espaço de estar exterior comum às duas casas. Este aspecto é muito curioso e reflecte a intensa vida familiar.</p> <p>No espaço libertado pelo antigo hall, é criado mais um quarto, ao lado de outro existente, com casa de banho entre os dois, a dar para a praça Dr. Mário Pais de Sousa. Na outra ala do L constrói-se um pequeno corpo com sala de jantar e cozinha.</p> <p>Cria-se uma ligação à cave, onde se agencia uma grande sala de recepção/refeições, com garrafeira (nas paredes laterais), bar, de expressão rústica, conferindo um ambiente mais informal. A escada de</p>

<sup>8</sup> Trata-se da casa de família de seu pai, Mário Pais de Sousa (1891-1949), Ministro do Interior entre Outubro de 1931 e Julho de 1932 e novamente de 1936 a 1944. Era conterrâneo de Oliveira Salazar, o qual foi seu professor em Coimbra, no curso de direito. A irmã de Salazar casa com um irmão de Pais de Sousa. Pais de Sousa foi também Governador de Coimbra em 1926, ao serviço da recém-implantada ditadura militar. Liberal para a ala de direita. *Dicionário de História do Estado Novo*, direcção de Fernando Rosas e JM Brandão de Brito. Volume II. Bertrand Editora, Venda Nova, 1996, p. 955

	<p>ligação à cave é como uma caixa de madeira, toda forrada de finas ripas verticais de madeira.</p> <p>No segundo piso existe ainda um piso esconso.</p> <p>Faz-se ainda uma piscina, no jardim, por cima de uma rocha natural de granito, constituindo esta o fundo da piscina, apenas caiada. O formato e inclinação obedecem ao da rocha. Esta casa vai ser novamente ampliada e remodelada no início da década de 70.</p>
Tipo de construção e revestimento	<p>Casa antiga em pedra de granito, aparente no embasamento e cantarias.</p> <p>A Dra. Margarida Pais de Sousa recorda que o seu marido gabava-se de ter ensinado Conceição Silva a fazer lareiras, tendo lhe recomendado o sr. Alexandrino de Santa Comba Dão, que fazia todas as lareiras da família para a construção da parte do lar da lareira. Conceição Silva recorrerá aos seus serviços em muitas outras obras.</p>
Encomendador	<p>Dr. Mário Pais de Sousa<sup>9</sup> (1925-2002), amigo e advogado de Francisco da Conceição Silva. O filho Mário conhece Conceição Silva nas Caixas de Previdência, cerca de 1949, onde o primeiro trabalha como jurista e o segundo como arquitecto. Ambos vêm a alugar um apartamento no Bairro das Estacas, casas de renda limitada, cerca de 1954/55. Vão desenvolver uma longa amizade e relação de trabalho recíproca, já que Pais de Sousa será sempre o advogado de Conceição Silva e este arquitectos nos vários prédios de promoção imobiliária.</p>
Situação actual	<p>Foi remodelada nos anos 70, encontrando-se essa versão em muito bom estado (a precisar apenas de pintura), à excepção da piscina que foi .</p>
Bibliografia	<p><i>Francisco da Conceição Silva Arquitecto</i>, SNBA, Lisboa, 1987 (apenas referência na listagem)</p>

Título	<b>Casa Sr. José Pais, Santa Comba Dão (1955 - 1956)<sup>10</sup></b>
Localização	Largo Dr. Mário Pais de Sousa, Santa Comba Dão
Anteprojecto	1955 (supõe-se)
Construção	1956
Descrição	Desconhecemos a casa original
Encomendador	Sr. José Pais, dono de uma fábrica de meias em Santa Comba Dão. Na mesma altura encomenda um pequeno prédio com dois apartamentos para os seus filhos, no mesmo terreno.
situação actual	Muito adulterada, foi remodelada pelo genro do Sr. Pais, carpinteiro que inspirou-se, de forma um pouco tosca, na remodelação da casa dos Pais de Sousa nos anos 70 (realizada por Conceição Silva).
Bibliografia	Nenhuma

<sup>9</sup> Era filho de Mário Pais de Sousa, amigo, cunhado de Salazar e, por duas vezes, Ministro do Interior de Salazar (1936-39 e 1939-45). Mário Pais de Sousa (pai) tinha estudado no seminário em Viseu com Salazar e com o mais tarde Cardeal Cerejeira. Era também advogado em Cantanhede, quando não colocado em Lisboa. Foi depois Provedor da Sta Casa da Misericórdia, até morrer em 1949.

<sup>10</sup> Datas aproximadas. Sabemos ter sido posterior à obra do Dr. Mário Pais de Sousa, em Santa Comba Dão, no mesmo largo e pressupomos ser antes do prédio da R. da Imprensa Nacional em Lisboa (1957), promovido pelo Dr. Mário Pais de Sousa, associado com o sr. José Pais (sem relações familiares). De notar aliás, a semelhança de linguagem entre o prédio junto a esta casa, projectado por Conceição Silva para os dois filhos do Sr. Pais na mesma altura, e o prédio da rua da Imprensa nacional (em versão simplificada em Santa Comba Dão).

Título	<b>Casa das 3 Marias<sup>11</sup> (1955/6<sup>12</sup> - 1957)</b>
Cocalização	Cantanhede. Rua Padre Américo, nº 20
Anteprojecto Construção	Pressupõe-se de 1955 ou 1956 Outubro 1957, data de conclusão de obra <sup>13</sup> (data que consta na caderneta predial e no artigo das finanças nº 2179).
Descrição artística	Houve um primeiro projecto marcadamente moderno, depois alterado, denotando-se uma certa vontade de revisão, embora ainda um pouco ambígua. Nota-se nomeadamente na composição em vários corpos de diversos volumes, com coberturas de várias águas, e a articulação da casa em torno de um pátio. Tal como na casa do Restelo, é nítida a influência de Le Corbusier, nomeadamente na concepção tridimensional do espaço, planta e alçados livres, entre outros. Também referência à arquitectura brasileira, nomeadamente nas grelhas de protecção solar.
Tipologia/ descrição	<p>A casa é implantada a poucos metros da rua Padre Américo (cerca de 10/15 metros), virada para a rua, com as salas abertas com grandes vãos para esse pedaço de terreno, opção estranha tendo em conta a orientação a nascente<sup>14</sup>. A poente, a casa é praticamente fechada sobre o exterior, com janelas corridas horizontais, na topo das paredes. Nas traseiras da casa existia um estábulo/vacaria, o que pode também explicar essa opção. Ainda assim, Conceição Silva projectou um grande pórtico a poente (no extremo sul), suportado por quatro delgados pilotis – ao modo de Le Corbusier. Trata-se de um espaço de estadia no exterior, protegido da devassa da rua (como atestam os acabamentos cuidados, em azulejo cerâmico vidrado cor de mel no revestimento das paredes, ou os pilares revestidos a tecelas de tonalidade pérola. Note-se que as longas palas a encimar os vãos da sala são desnecessários dada a orientação da casa. Para além de que os vãos são relativamente baixos. Por cima das palas, adossados à parede, encontram-se uns elementos ondulados (em fibrocimento?), meramente decorativos.</p> <p>A casa desenvolve-se em vários corpos correspondendo ao agenciamento do espaço interno, e em dois pisos. No primeiro piso, num corpo que só se desenvolve no R/C, ficando assim bem delimitado em relação ao resto da casa, temos a zona de serviço com cozinha e quarto de criadas, o qual tem uma ligação ao segundo piso por uma estreita escada de serviço iluminada por caixilharia de madeira e vidro (idêntica à da entrada). Sabemos que esta escada foi uma exigência da mulher do dr. Mário Pascoal, de modo a separar a circulação dos empregados;</p>

<sup>11</sup> Deve o seu nome às três filhas do encomendador, dr. Mário Pascoal: Maria Madalena, Isabel Maria e Maria Dulce (mais tarde teve mais um filho). As três Marias estão representadas no baixo relevo de Espiga Pinto que sinaliza a entrada da casa, de lado da porta de entrada.

<sup>12</sup> Presume-se esta data para o projecto tendo em conta que a construção termina em Outubro de 1957. Não existem plantas na Câmara Municipal de Cantanhede.

<sup>13</sup> Dados fornecidos pelo Sr. João Rua, genro do Dr. Mário Pascoal, de acordo com testemunho recolhido em Janeiro de 2007.

<sup>14</sup> De acordo com testemunho de Isabel Pascoal Rua (filha do encomendador), a orientação deveu-se a um engano do arquitecto que desenhou a casa sem conhecer o terreno.

	<p>Entra-se por um pequeno corpo de distribuição entre o corpo principal da casa e a ala de serviços, de pé direito reduzido, transparente (caixilharia em madeira e vidro, seccionada em bandas horizontais), de cobertura plana. Liga à sala comum, seguida de outra sala e um recreio coberto, terminando na garagem, a Sul. A grande sala comum é dividida em duas zonas pelos seguintes dispositivos: forma em L, duplo pé direito na zona de estar e lareira integrada numa parede em pedra e marcando plasticamente o espaço com uma campânula em cobre que se desenvolve até ao tecto. A zona social prolonga-se no piso de cima numa sala mais reservada, debruçada em galeria sobre a grande sala, em solução idêntica à casa do Restelo. A estrutura em pilares de betão permite a liberdade da planta e do alçado. Na zona da sala de duplo pé direito, o tecto acompanha a cobertura de uma água, criando alguma tensão na variação volumétrica do espaço interior. A sala é aberta por grandes vãos envidraçados para o pátio em U, espaço exterior protegido da devassa da rua por uma grelha protectora e onde se encontra um pequeno tanque.</p> <p>No segundo piso temos uma sala de estar com lareira/biblioteca, em galeria, debruçada sobre a sala comum do 1º piso; é seguida de dois quartos a dar para uma grande varanda e, precedida de uma pequena ante-câmara, um quarto com casa de banho privativa e com uma varanda independente protegida por grelha. Tem ainda uma casa de banho comum e mais um quarto estreito e alongado, no extremo Sul, com janela horizontal no topo da parede.</p> <p>Devido a alguns infortúnios familiares, nomeadamente a morte de alguns parentes pouco depois da conclusão da obra e posteriormente a separação do casal Pascoal, a casa nunca chegou a tornar-se na habitação de reunião familiar como se esparava. A família nunca chegou a dar uma vivência quotidiana ao grande salão, antes ficando nas pequenas salas mais íntimas, onde também tomavam as refeições. Acresce-se a desadequada orientação solar, tornando-se fria no inverno e pouco luminosa. Na década de sessenta, o Dr. Mário Pascoal separa-se da mulher, e muda-se para uma pequena casa que tinha mandado construir no limite da propriedade (que apresentamos mais abaixo).</p>
<p>Equipamento, tipo de construção e revestimento</p>	<p>O projecto incluiu equipamento e decoração. Existe ainda um relevo/escultura em cerâmica de Espiga Pinto, “As 3 Marias” (deu o nome à casa, refere-se às três filhas de Mário Pascoal) no corpo cego que corresponde à sala, a marcar a entrada. De notar os estreitos armários embutidos entre as banheiras e a parede, lacados a branco, que permitem resolver o espaço sobrance e criar prateleiras para colocar os produtos da casa de banho. Existia uma grande mesa de jantar para 24 pessoas, com tampo de mármore negro e pés em madeira (que ficou com Isabel Pascoal Rua- filha de Mário Pascoal - que a dividiu em duas mesas), com respectivas cadeiras, e uma consola na mesma pedra, embutida na parede, a qual ainda se</p>

	<p>encontra no local.</p> <p>Tinha igualmente sido encomendado um grande quadro ao pintor Sá Nogueira, “A Seia”, para a zona da sala de jantar<sup>15</sup>.</p> <p>Construção em cimento armado (pilar viga) e paredes de enchimento de tijolo. Pavimento no r/c, na sala e entrada em peças grandes (cerca de 50/50 cm) de pedra mármore preto e branco (em damasco). Em cima, pavimento em tacos de madeira, exterior em tijoleira.</p> <p>Lareira do 1º piso em pedra e campânula de cobre. Paredes exteriores em tijolo à vista, aparelho rústico de pedra e reboco branco (no piso de cima). Caixilharia em madeira. Casas de banho revestidas a grandes lajes de pedra negra com veio branco nas paredes e pavimentos.</p> <p>De notar ainda, a pequena sala de estar perto da cozinha, com o pavimento revestido a troncos de madeira serrados, colocados ao alto. É a mesma solução que encontramos num canto da Loja Rampa (1954), na Casa da lanterna Branca, no Banzão (proj.1958) e na casa do arq. Conceição Silva, no Dafundo, Lisboa (1965-1967).</p> <p>De acordo com Isabel Pascoal, a casa teve alguns problemas estruturais aquando da construção, devido aos cálculos de estabilidade. A varanda do quarto principal, assim como algumas palas da sala, caíram, tendo a estrutura sido reforçada.</p>
Dimensão	Terreno de 25 mil m2, dos quais 2055 lote da casa. Casa com 490 m2 mais 48 m2 de dependências (cozinha exterior com forno e dispensa).
Encomendador	Dr. Mário Pascoal, empresário, importante armador, dono dos Bacalhaus Pascoal (licenciado em direito, nunca tendo exercido). Foi casado em primeiras núpcias com uma prima do Dr. Mário Pais de Sousa (ambas as famílias eram de Santa Comba Dão) <sup>16</sup> , a qual vem a falecer. A casa é construída já depois do segundo casamento com a D. Natália, de quem se separou posteriormente.
Situação actual	Nos anos 90, os herdeiros (filhos Dr. Mário Pascoal) projectavam fazer uma albergaria (com gabinete de arquitectura local Expert e João Pedro Conceição Silva) mas, perante as dificuldades com a Câmara Municipal (que, na altura pretendia classificar a casa, o que não veio a acontecer) venderam a uma empresa de investimentos turísticos e hoteleiros, a Gávea, em 1995. Esta fez dois anos de obras para criar uma mega-discoteca de 5000 m2, com lago, ondas etc...Sobredimensionada, fechou ao fim de três meses de actividade. A casa está agora na massa falida, tendo como principal credor a CGD <sup>17</sup> . Desde o fecho a actividade da Gávea, em 1997, a casa degradou-se muito rapidamente (devido a um problema na

<sup>15</sup> De acordo com testemunho (recolhido a 1 de Setembro de 2007) de João Rua, genro do Dr. Mário Pascoal, Sá Nogueira, que era ateu, fez uma interpretação muito pessoal da Última Seia, como por exemplo substituindo os pães por peixes.

<sup>16</sup> Conceição Silva participava nuns almoços que juntavam vários amigos e clientes do dr. Pais de Sousa (seu amigo e advogado), na Churrasqueira da rua das Portas de Santo Antão, em Lisboa. Entre eles contavam-se o dr. Mário Pascoal, o construtor Domingos Silva (que vem a ser sócio de Conceição Silva) e vários comerciantes da Baixa, como o dono da Pastelaria Suíça, sr. Pereira Ganhão, ou o dono da Espingardaria Belga, sr. José Ferreira.

<sup>17</sup> Segundo testemunho do Sr- José Carlos, um dos sócios da referida empresa, dono do restaurante Marquês de Marialva e do Café Central, Cantanhede, onde foi entrevistado a 09/04/2006.

	cobertura), tendo também sido vandalizada (nomeadamente, roubaram a chaminé em cobre). Encontra-se em péssimo estado. Algum mobiliário ficou com os filhos do Dr. Pascoal.
bibliografia	<i>Francisco da Conceição Silva Arquitecto</i> , SNBA, Lisboa, 1987 (consta apenas da listagem)



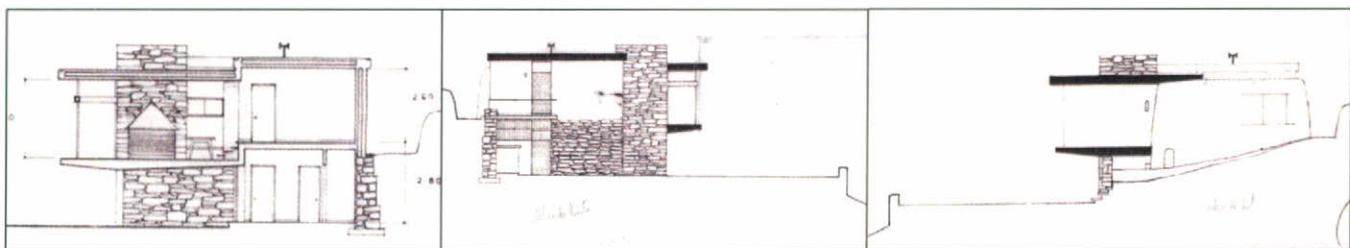
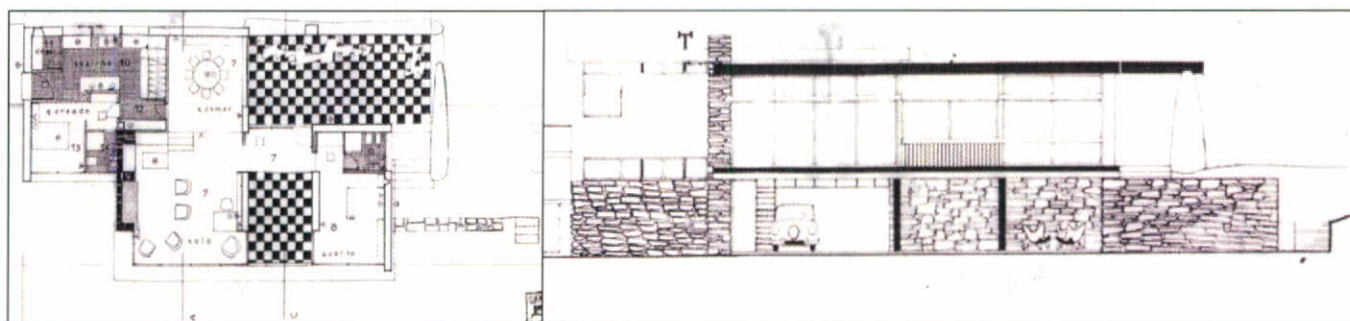
1º projecto e fotografia, arquivo ACS, e fotografias actuais e da autora



Título	<b>Casa Dr. António de Melo Garcês – Guincho (1958-1958/60)</b>
Localização	Borreguinho, junto à Praia do Guincho (Areia)
Anteprojecto Licenciamento Construção	5 Maio 1958 (entrada CM Cascais). Proc. nº 3048/58 licença nº 2077 de 8 de Agosto de 1958 1958-1960
Alterações	Julho 1958 entra na CMC o projecto de engenharia e telas finais a 28 de Janeiro 1960 (com nº de processo n 891 de 1960) A 22 Julho de 1960 entra pedido para construir uma garagem a servir também de zona de recreio, protegida dos ventos. Pedido de pequena ampliação pedido entra na Câmara a 31 de Maio de 1965, recusado e nova entrada, sendo finalmente aceite com apenas um quarto a 10 out 1966. Em 1967 novo pedido para vestiários e apoio à piscina e casa das máquinas, deferido no mesmo ano. Grande projecto de ampliação realizado em Agosto/set de 1973, dá entrada na CM Cascais a 1 de Fevereiro 1974 e é aprovado a 24 de Janeiro de 1975. Processo nº 1391 de 1974
Descrição artística	Casa moderna, mas já indicia alguma revisão: casa pátio (assim como as duas outras do mesmo “grupo”), de influência mediterrânica e inserida no terreno com alguma adaptação à topografia. Recurso a materiais locais como a parede de pedra irregular no embasamento, o reboco afagado à colher (exterior e interior), caiado. Refira-se também duas paredes do pátio de espessa alvenaria que se deformam evocando os penedos que se encontram nas redondezas. Momento de viragem na obra de Conceição Silva, antecipando o projecto do Hotel do Mar. Lembra os projectos de Le Corbusier mais mediterrânicos, e a arquitectura catalã contemporânea, nomeadamente a obra de Coderch. Refira-se que se encontrava então em realização o levantamento à arquitectura popular.
Tipologia/ descrição	Faz parte de um conjunto de três casas de férias construídas em três terrenos contíguos, para Dr. Garcês (a Norte) – que descobriu os terrenos e propôs aos dois amigos - Dr. Ribeiro da Cunha (no meio) e Conceição Silva (a Sul). As casas constituem-se como “três variações de uma série”. Casa implantada no topo do terreno, parcialmente enterrada, desenvolvida em torno de um pátio traseiro intimista, “orientando a vida para o interior” (conforme referido na memória descritiva), de forma também a proteger do vento, mas, simultaneamente, muito aberta ao exterior, à vista mar, com grandes vãos envidraçados, na sala e no quarto, mas só nessa frente, sendo as outras “fachadas” quase cegas. A estrutura corbusiana de pilares de betão permite a fluidez espacial - liberdade da planta, assim como dos alçados. Trata-se de uma casa mínima, com distribuição do espaço de acordo com princípios racionais da arquitectura moderna, dispensando também os corredores. Acede-se à casa pelo grande pátio coberto, ligado a um pequeno vestíbulo aberto para a sala comum. Tal como na casa de Conceição

	<p>Silva, a cobertura do pátio assenta, de dois lados, em espessas paredes deformadas – em alusão às construções vernaculares e aos penedos que pontuam a Serra de Sintra.</p> <p>O vestíbulo seguido de terraço (recuado da linha de fachada) permite separar a zona privada do quarto da zona pública. A sala comum cria duas zonas, com recurso a um desnível: a zona de estar com lareira (integrada em parede de pedra aparente) e, a uma cota superior, tirando partido do declive do terreno, a zona de refeições que dá directamente acesso à cozinha. O pequeno terraço coberto tem acesso quer pelo quarto, quer pela sala, reforçando a fluidez espacial. A caixilharia da frente a poente fica ligeiramente recuada da laje, criando uma curta pala de sombreamento.</p> <p>No piso inferior, semi-enterrado, aproveita-se o vazio criado pelo corpo balançado, sustentado por pilares recuados para criar uma zona de estacionamento por baixo da sala, servindo também de espaço de lazer exterior. Por detrás deste espaço, ficam as dependências dos caseiros.</p> <p>O 2º projecto, de 1965/66 prevê a ampliação para o 3º piso, com 3 quartos. Recusado e finalmente aprovam um quarto, já desfigurando a clareza do desenho, introduzindo telhado de duas águas e alterando para telhado de telha de uma água o 2º piso. O terceiro piso tem uma suite, coberto e terraço, por cima da zona de serviços e sala de jantar.</p> <p>Em 1967 pedido para uma pequena ampliação a nível do 2º piso, na zona nascente, casa das máquinas e vestiário junto ao tanque/piscina</p> <p>O 3º projecto, de 1974/5, também do atelier Conceição Silva, desfigura totalmente a casa: amplia o segundo andar, criando dois quartos no coberto e no terraço, este último com uma janela tradicional desenquadrada e a parte de baixo, onde se encontrava a garagem passa a ser fechada e ampliada a Norte.</p>
Tipo de construção e revestimento	<p>De acordo com memória descritiva, construção mista de alvenaria de pedra e de tijolo. Pilares e vigas em betão armado, os quais suportam os pavimentos de lajes maciças de betão armado ou lajes de elementos pré-fabricados tipo Somapre. Paredes exteriores em tijolo com parede dupla e caixa de ar. Cobertura em duas lajes de elementos cerâmicos, formando caixa de ar e isolada com telas betuminosas. Pátio em pedra cerrada, sala em tijoleira vidrada, quartos em tacos de madeira. Cozinha e i.s. em mosaico hidráulico. Paredes e tectos pintados a tinta de água. Exterior caiado.</p> <p>No embasamento, paredes de pedra irregular serrada, sendo que uma delas – a que contém a lareira - se prolonga acima da cobertura, destacando-se no exterior.</p>
Dimensão	Lote 6000 m2. Primeiro projecto de 200 m2 de área coberta.
Encomendador	Dr. António Bandeira de Melo Garcês
Colaboradores	Sem chancela do atelier, quer o de 1958, quer o de 1965, apenas vem arquitecto Conceição Silva. O projecto de alterações de 1974/75 tem um nome, ao lado da data interna do atelier, Rogério (P?) – será o desenhador? Esse projecto é assinado por Conceição Silva.
Situação actual	Adulterada e aumentada. Irreconhecível, destruindo a relação de

	<p>unidade entre as 3 casas. Note-se que os projectos de ampliação são do próprio Conceição Silva, que acaba por justapor desadequadamente um corpo de expressão tradicional ao projecto originalmente moderno, numa estranha combinação.</p>
<p>bibliografia</p>	<p><i>Francisco da Conceição Silva Arquitecto</i>, SNBA, Lisboa, 1987 (consta apenas da listagem).</p>

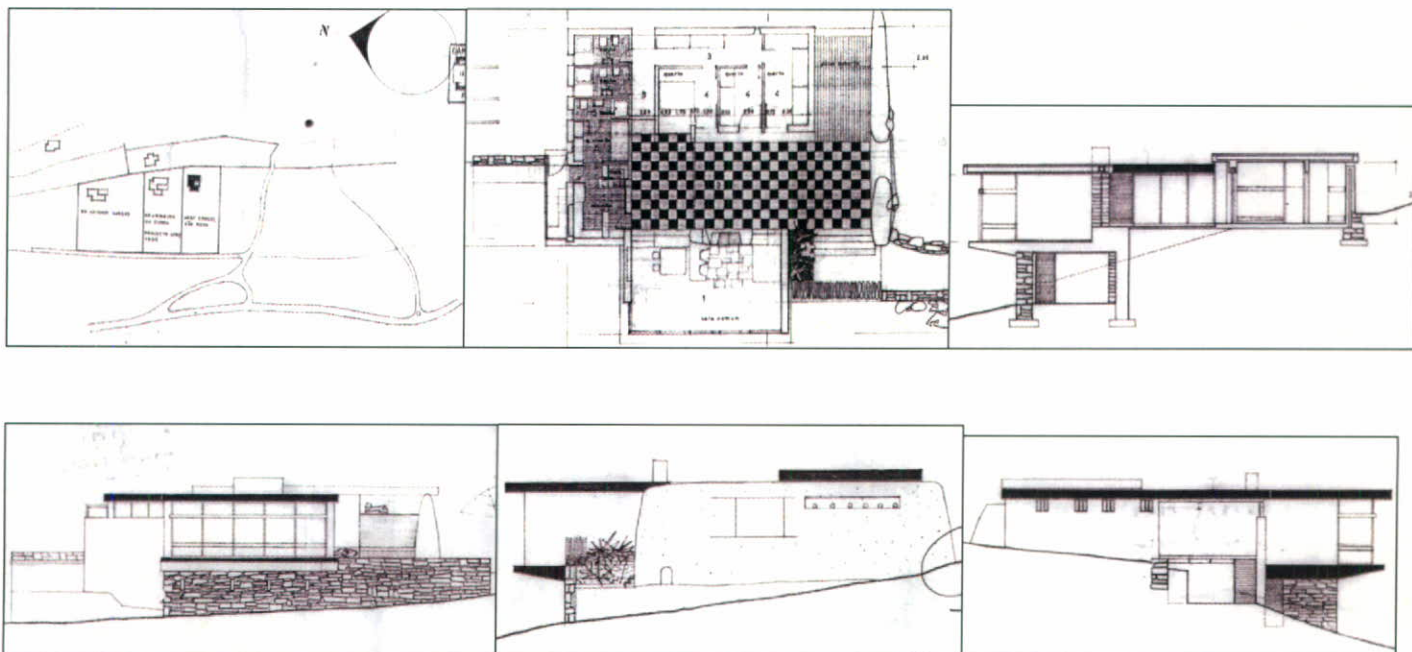


Planta piso 2, alçado poente, corte, alçado Norte e alçado Sul

Título	<b>Casa Branca (casa própria) – Guincho (1958-1958/1960)</b>
Localização	R. de Sto Agostinho, Borreguinho, Areia, Cascais
Anteprojecto Licenciamento	5 Maio 1958 (entrada na CM Cascais), proc. nº 3049/58 Agosto de 1958. O projecto de engenharia entra a 24 Julho 1958 Pedido de alterações (apenas arrecadação em cave) em Novembro de 1959, autorizado Dezembro. 1958/1960. Telas finais entram a 29 Janeiro de 1960 e pedido de licença de utilização a 18 Março 1960.
Construção	
Descrição artística	Arquitectura moderna, mas iniciando já o período de revisão, nomeadamente com influência mediterrânica (e, tal como na casa anterior, de Le Corbusier, nos seus projectos mais mediterrânicos). Casa pátio, parcialmente enterrada, em adaptação à topografia. Recurso a materiais locais, pedra irregular e reboco polido à colher (no exterior, como no interior), caiado, criando uma textura de expressão vernacular. Casa de férias de reduzido tamanho, com equipamento integrado (o estritamente necessário), parte integrante do projecto de arquitectura.
Tipologia/ descrição	Faz parte do conjunto de três casas unifamiliares, construídas para o arquitecto e seus amigos, Dr. Garcês e Dr. Ribeiro da Cunha, em 3 lotes adjacentes (ver fichas anterior e seguinte). “A sua cota elevada em relação ao nível do mar e o acentuado desnível que o terreno apresenta permitem um desafogo total no sentido Norte-Poente-Sul”, explica a memória descritiva. Implantação no topo do terreno - zona sem vegetação, preservando-se o jardim na zona Oeste do lote – encaixando a casa no terreno, parcialmente enterrada, aproveitando o piso térreo para uma arrecadação e duche de praia. A solução da planta deveu-se ao “panorama, vento e exposição”. A casa desenvolve-se em volta de um pátio central intimista, o qual permite a organização separando as funções de estar, a poente, de serviços, a Norte e de dormir, a nascente. Por um lado, retoma-se o tema moderno de uma franca relação com o exterior, com a sala totalmente aberta à vista mar pelo grande vão envidraçado, mas recupera-se o ambiente intimista com os pátios interiores resguardados e os quartos parcialmente abertos ao pátio central, numa aproximação ao habitar mediterrânico. O segundo terraço remata a ala dos 3 quartos, a Sul, e abre-se à vista mar, mas é um espaço resguardado, pela sua localização recuada. Note-se também, a alusão ao vernáculo, a deformação na parede Sul - onde assenta a cobertura do corpo dos quartos e terraço - semelhante aos penedos que se encontram nas redondezas. Recupera-se o peso das massas da arquitectura popular, neste muro, assim como na parede da lareira, que se prolonga para além da cobertura. O espesso muro de remate do pátio tem uma casota de cão e um pombal integrados, isto é cavados na alvenaria. Em contrapartida, a estrutura em pilar, viga e laje de betão permite a fluidez espacial, a abertura do grande vão da sala e este corpo em consola, permitindo criar um terraço coberto à cota do jardim. Acede-se à casa pelo pátio central, de onde se pode ver o mar por um vão aberto na sala, reforçando a relação contínua entre interior e exterior. O pátio é ligado por parede de vidro a um vestíbulo, espaço informal aberto para a sala, a qual se diferencia por uma cota mais

	<p>baixa. São criados dois espaços na sala, com o recurso a uma zona de estar rebaixada, em torno da lareira e ao equipamento integrado (bancos em alvenaria e madeira, aparador e banco encastrados na estrutura). De notar, a pequena abertura com portada de madeira, no canto da parede da sala, para ver as visitas, junto à porta de entrada. O grande vão envidraçado da sala dobra o ângulo a Sul e a Norte, aproveitando a amplitude de vista e conferindo uma maior leveza a esse corpo.</p> <p>A casa reflecte um tipo de vida informal, com o quarto principal (de Conceição Silva), aberto por um grande vão envidraçado para o espaço de entrada (possivelmente também para ver o mar). Os quartos resumem-se ao espaço mínimo para dormir, sendo separados por uma divisória de madeira, sendo as camas, num dos quartos em beliche, (visualmente) integradas nessa alcova/caixa de madeira. Lembram fortemente soluções da construção naval, nomeadamente os camarotes dos transatlânticos (mais uma vez reconhecemos a influência de Le Corbusier).</p> <p>Note-se ainda, um pequeno espaço que articula a separação do vestíbulo de entrada para a ala dos quartos, rematado por um banco de madeira integrado (continuado na divisória, topo dos roupeiros de apoio aos quartos) e encimado por uma janela, a única abertura na parede a nascente.</p> <p>O programa muito reduzido permite compactar as zonas de serviço e casa de banho no vértice do U.</p> <p>A casa abre-se ao exterior com vãos diferenciados, as frentes Sul e Norte praticamente cegas, com somente umas pequenas aberturas na zona de serviços e os quartos das crianças com portas de vidro. O perfil da laje de betão pintado de vermelho, realçando a horizontalidade, introduz o tema da cor, em oposição ao betão aparente próprio da arquitectura do Movimento Moderno.</p> <p>Salientem-se ainda uma escultura em pedra de Jorge Vieira no pátio, dois azulejos do Heine Semke, painel cerâmico de Querubim Lapa (estes dois já não estão), azulejo em relevo de Bartolomeu integrados nas paredes do pátio e da sala.</p>
Tipo de construção e revestimento	<p>Construção mista de alvenaria de pedra e de tijolo. Pilares e vigas em betão armado, os quais suportam os pavimentos de lajes maciças de betão armado ou lajes de elementos pré-fabricados tipo Somapre.</p> <p>Paredes exteriores em tijolo com parede dupla e caixa de ar. Cobertura em duas lajes de elementos cerâmicos, formando caixa de ar e isolada com telas betuminosas. Com ligeiro declive, não é percorrível. Pátio e sala em tijoleira vidrada, quartos em tacos de madeira e terraço coberto revestido no pavimento a ripas de madeira. Cozinha e i.s. em mosaico hidráulico. Reboco exterior e interior acabado à colher, caído no exterior e pintados a tinta de água no interior.</p> <p>Embasamento em pedra irregular.</p>
Dimensão	Terreno com 3382 m <sup>2</sup>
Encomenda	Casa própria, de férias
Colaboradores	Nenhum. Projecto assinado por Conceição Silva.
Situação actual	Em bom estado, embora tenha sofrido ligeiras alterações que modificaram essencialmente os acabamentos dos interiores,

	revestimento dos pavimentos. Transformou-se o terraço num quarto e construiu-se uma garagem e arrecadação, a nascente.
Bibliografia	<i>Francisco da Conceição Silva Arquitecto</i> , SNBA, Lisboa, 1987, p-ps 50 a 52. <b>Ramos, Rui Jorge Garcia</b> , <i>A Casa Unifamiliar Burguesa na Arquitectura Portuguesa- Mudança e continuidade no espaço doméstico na primeira metade do século XX</i> , FAUP, 2004, p. 643.

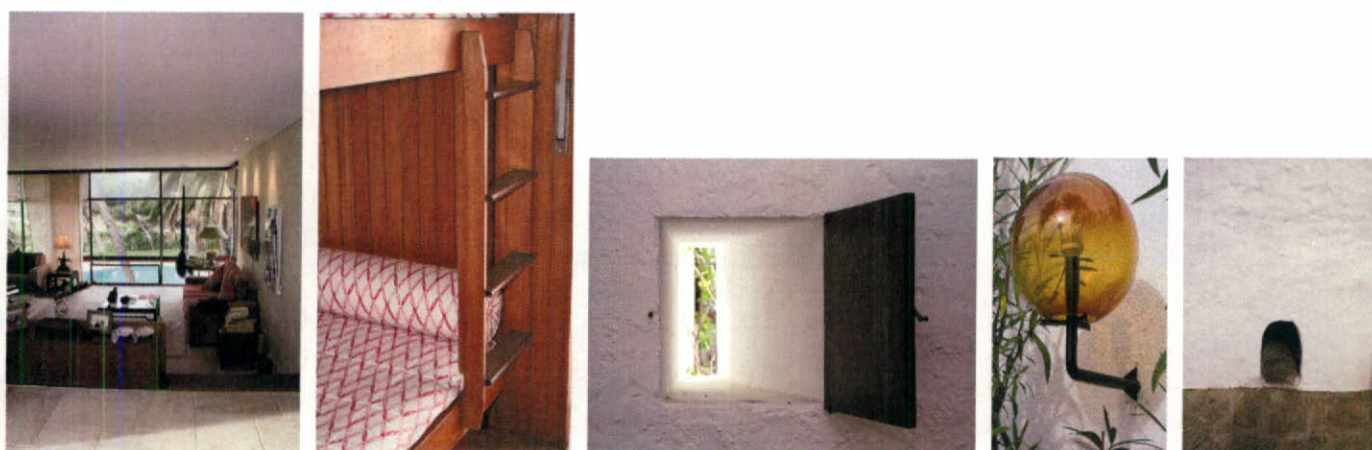


Planta localização, planta piso, corte, alçados poente, Sul e Norte. Maqueta (em baixo)





Frente poente, terraço, sala e vista a partir do quarto do arquitecto, fotografias arquivo ACS



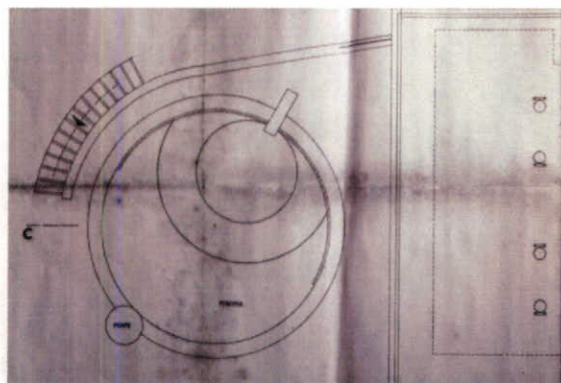
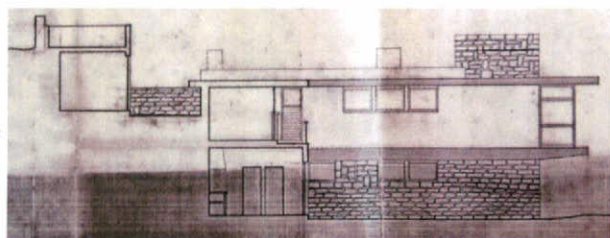
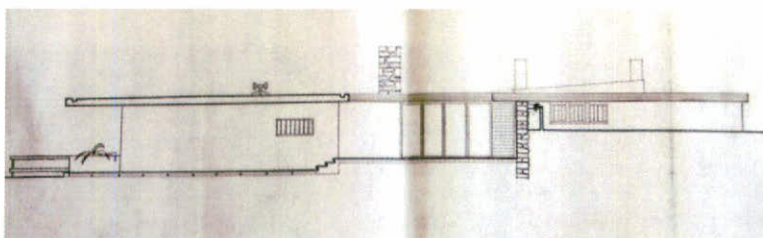
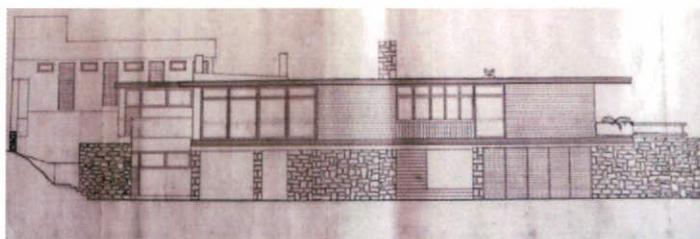
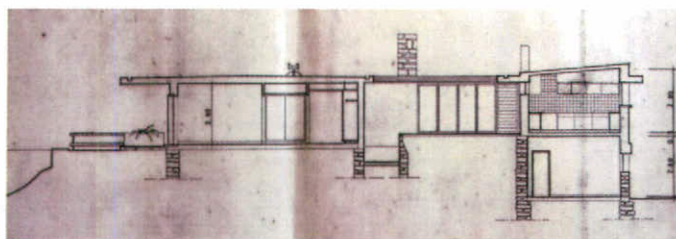
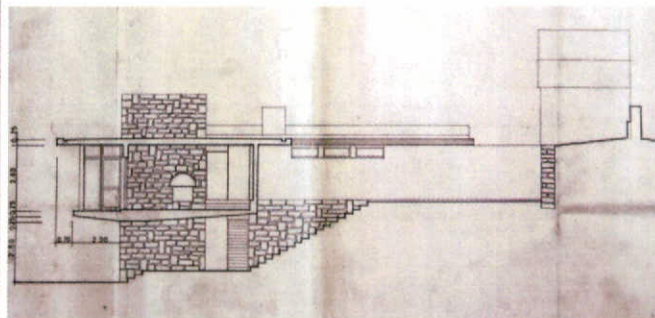
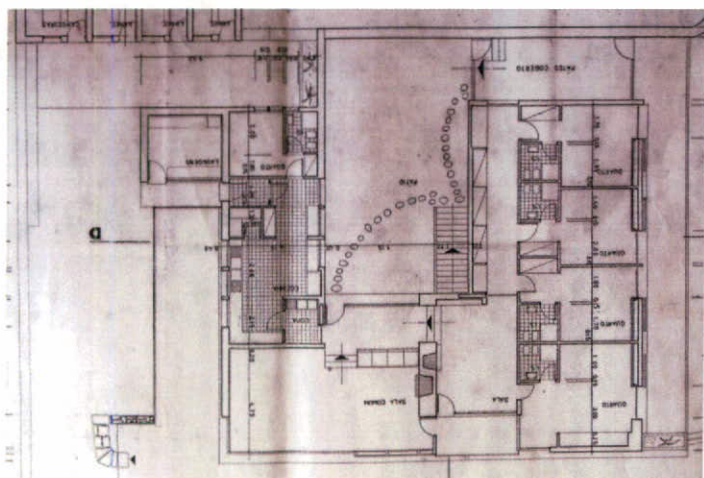
Fotografias actuais da autora

Título	<b>Casa Dr. Joaquim Ribeiro da Cunha – Guincho (1961-1963/66)</b>
Localização	Borreguinho, Guincho – Cascais
Anteprojecto	Entrada do primeiro projecto submetido à CML em Maio 1958, com o processo nº 3047/58. Tudo indica que este não será aprovado e pede para substituir com 2º projecto, em 3 Junho 1961, com nº 1325.
Licenciamento	Pequenas alterações na casa do caseiro e garagem a 29 Jan 1963 com licença em Abril 1963
Construção	Novas alterações durante obra, pedido Jan 1965 1963-1966 Pedido de licença de utilização entra em Março de 1966 e telas finais a 12 Abril 1966, com nº 3629
Descrição artística	Arquitectura moderna, mas já de revisão, com influência mediterrânica (ver fichas anterior, casa Conceição Silva). Casa/pátio, com implantação adaptada à topografia, parcialmente enterrada. Recurso a processos de construção e materiais locais e vernaculares, como paredes de pedra irregular, de Cascais; parede de madeira, ou o reboco afagado à colher.
Tipologia/descrição	Esta casa faz parte do grupo de três casas/pátio, com as duas anteriores, sendo a última a construir. Um primeiro projecto, previa um desenvolvimento em três pisos (um dos quais semi-enterrado), com 5 quartos em cima. Porém (desconhece-se a razão) é alterado. Trata-se da casa maior e da única com piscina. Projecto de 1961(construído): Casa em dois pisos, parcialmente enterrada, sendo o piso inferior destinado a coberto para o carro, terraço, pequeno apartamento de caseiros e arrecadações. Tal como nas outras casas, adapta-se à forte pendente do terreno, mas neste caso, acede-se pelo piso inferior, pelo terraço coberto pelo corpo em consola, por uma escada que conduz directamente ao pátio central ajardinado do piso superior. Desenvolve-se em U em torno do pátio central ajardinado, do qual se vê o mar, perpassando pelo interior pelo grande vãos envidraçados (entre o pátio e a casa e na sala comum), reforçando a continuidade entre interior e exterior, mais acentuadamente do que nas outras casas. O espaço interno é agenciado a partir da grande sala central, dispensando um vestíbulo de entrada, sendo a passagem para as duas alas marcada pelo desnível da sala e logo diferente altura de pé-direito; pela mudança de revestimento de pavimento (madeira na zona de passagem e tijoleira nas salas); e um aparador de madeira inserido na estrutura, em continuidade com o piso da zona de passagem. A parede de pedra chaminé – aberta de dois lados - é o principal elemento estruturante do espaço interior, dividindo a sala dupla de estar/jantar de uma saleta de televisão/leitura. A lareira é rematada por um penedo encontrado na Serra de Sintra e protegida por pano de cobre, de ambos os lados. A sala comum é fortemente aberta à vista mar pelo grande vão envidraçado, que dobra o ângulo, como na Casa Conceição Silva, mas com uma porta pivotante no canto Norte. Na ala Norte, fica a zona de serviço, e na ala Sul, os quartos servidos por amplo corredor/galeria e abertos ao terraço onde fica a piscina

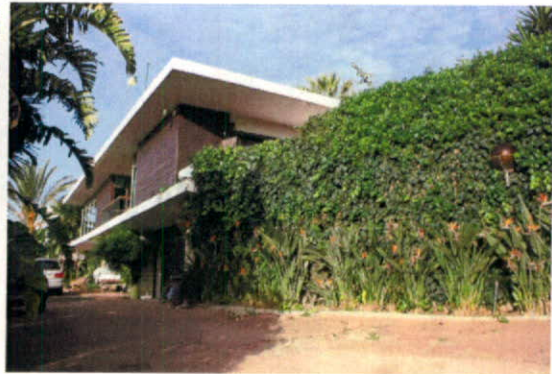
	<p>circular. Essa galeria lembra os camarotes dos transatlânticos, com beliches encastrados nos armários (solução muito corbusiana). Os quatro quartos são todos servidos por casas de banho, iluminadas por clarabóias. A parede poente do quarto principal é em madeira de sucupira com caixa de ar, marcando fortemente a expressão da frente do lado da entrada, inteiramente de madeira e vidro. Este último, importado da Bélgica, à prova de bala e com qualidades térmicas excepcionais (absorvendo o calor), tem uma tonalidade azul. A ala dos quartos é rematada por um terraço coberto, sala de estar semi-exterior, de apoio à piscina. Tal como nas outras casas, o projecto inclui o desenho de mobiliário.</p> <p>Segundo Joaquim Ribeiro da Cunha, esta casa terá servido de “balão de ensaio” para o Hotel do Mar, projectado ao mesmo tempo, encontrando-se várias semelhanças, nomeadamente na conciliação entre o moderno e o vernacular, pela influência mediterrânica, assim como nalgumas pelas do equipamento, como os candeeiros exteriores em esfera de vidro (que já existiam nos outros projectos), piscina oval, o percurso exterior no pátio ajardinado marcado por lajetas de pedra ovais (no hotel do mar é triangular), ou ainda a parede de madeira (nomeadamente no pavilhão do novo restaurante no Hotel do Mar).</p> <p>Nota: existem muitos desenhos construtivos e de pormenor</p>
Tipo de construção e revestimento	<p>A construção é de pilar e viga de betão, com duas lajes horizontais. As paredes são vidro e madeira sucupira envernizada, em duas superfícies de madeira com caixa de ar no meio, no corpo principal da sala; alvenaria de tijolo com parede dupla e caixa de ar, nos outros dois corpos (cozinha/serviços e quartos) e alvenaria de pedra da região a nível do primeiro piso. A zona da frente do corpo das salas é em consola.</p> <p>Cobertura constituída por duas lajes formando caixa de ar e isoladas com telas betuminosas, ligeiramente inclinadas para o pátio interior. Acabamentos exteriores: Pedra aparelhada aparente no primeiro piso e na grande parede/chaminé saliente fortemente marcada no exterior. Portadas exteriores de madeira, de correr, nos quartos. Paredes com reboco afagado à colher e caiadas. Portas e caixilharia em sucupira envernizada.</p> <p>Interior: chão em tijoleira e madeira, roupeiros em madeira, armários da cozinha em casquinha pintada. Ferragens da caixilharia em latão, fechaduras tipo “Eureka” com punhos ou moletas cromadas ou oxidadas.</p> <p>O construtor foi Domingos Silva, que veio a ser sócio de Conceição Silva, na AC, em finais da década de sessenta.</p>
Dimensão	Lote com 4385 m2
Encomendador	Dr. Joaquim Espirito Santo Ribeiro da Cunha – médico ortopedista, amigo de Conceição Silva, do círculo de amigos do Dr. Mário Pais de Sousa.
Colaboradores	Nenhum, sendo todos os projectos assinados por Conceição Silva.
Situação actual	Em muito bom estado, praticamente igual ao projecto inicial, embora se tenha construído um anexo no topo do terreno.

Bibliografia

Francisco da Conceição Silva Arquitecto, SNBA, Lisboa, 1987  
(consta apenas da listagem)



Planta de pisos, cortes, alçados ponte, nascente, Norte e desenho da piscina, vendo-se parcialmente a cobertura com clarabóias.





Título	<b>Casa Sr. Caixo. Cantanhede ( 1958?<sup>18</sup>-1961)</b>
Localização	Rua da Estação, nº 13 - Cantanhede
Anteprojecto Construção	Pressupõe-se em 1958 Inicia a obra em 30/12/1959 e termina em 05/09/1961 <sup>19</sup>
Descrição artística	Revisão do movimento moderno
Tipologia/ descrição	Casa desenvolvida a partir de um grande espaço aberto, a sala comum que absorve o espaço de entrada, sem separação. A entrada faz-se lateralmente, embora a casa seja virada para a rua e se insira no meio do lote, se bem que encostada a um dos cantos. A sala comum tem uma zona mais íntima em torno da lareira, uma caixa de madeira rebaixada. Tem semelhanças com as casas de Sintra (Penedo e Vinagre, projectadas cerca de quatro anos depois, mas pouco se pode adiantar, estando em obras, já alterada, à data da sua visita <sup>20</sup> .
Encomendador	Sr. Caixo, comerciante de Cantanhede. Tinha vários negócios, como uma drogaria. Depois da construção da casa do Dr. Mário Pascoal, em Cantanhede, cerca de 1955, o Sr. Caixo quis uma casa do mesmo arquitecto e pediu o contacto de Conceição Silva.
Colaboradores	Carmo Valente, de acordo com registo no IAP XX
Situação actual	Encontrava-se em remodelação em Setembro de 2007.
Bibliografia	Nenhuma.



Fotografia do Iap XX

<sup>18</sup> Presume-se a partir das datas de construção. Esta casa encontrava-se em obras quando localizada, o que já aconteceu na fase final da elaboração deste trabalho, não tendo sido possível consultar o respectivo processo na Câmara Municipal de Cantanhede.

<sup>19</sup> De acordo com dados do Iap XX, ficha C200678. Note-se que refere-se ao encomendador Sr. José Pires. E em autores, para além do arquitecto Conceição Silva, a arq<sup>a</sup> Carmo Valente.

AAVV, Coord. Ana Tostões ), *Iap XX, Inquérito à Arquitectura do século XX em Portugal*, Ordem dos Arquitectos, Lisboa, 2006.

<sup>20</sup> Tendo sido localizada no fim da elaboração deste trabalho, não foi possível consultar a Câmara de Cantanhede.

Título	<b>Casa da Lanterna Branca (1958-?)<sup>21</sup></b>
Localização	Av. do Atlântico, nº 134, Banzão, Colares, Sintra
Anteprojecto Construção	1958. Proc. nº 9902/58 da Câmara Municipal de Sintra No catálogo consta 1965, data que nos levanta dúvidas, não tendo sido possível confirmar até à conclusão do presente trabalho.
Descrição artística	Arquitectura moderna, mas já com tentativa de contextualização. Refiram-se em particular as paredes de pedra da região e a organização em torno de pátios, em L. Tem semelhanças, em termos de desenho do espaço, com as casas do Guincho, projectadas no mesmo ano.
Tipologia/ descrição	Pequena casa de férias, articulada em torno de um pátio interior ajardinado e em L, conformando um espaço de jardim mais reservado. Tal como nas casas do Guincho, é muito compacta, com programa reduzido. Tem sala comum, cozinha, três quartos e duas casas de banho, num único piso. A cobertura plana da casa prolonga-se no exterior e assenta num fino piloti, formando um grande coberto, induzindo o movimento do habitante, desde o jardim até à grande sala comum. Esse elemento reforça assim a continuidade espacial entre interior e exterior, sendo ainda as paredes da sala parcialmente de vidro envidraçadas. O arquitecto liberta o ângulo da casa que dá para esse pátio exterior e para a frente da casa, com um grande vão envidraçado, tornando o volume mais leve e delicado. A sala, grande espaço comum que dispensa um hall de entrada, organiza-se em dois espaços diferenciados pela altura de pé direito e pelo revestimento do pavimento. A zona de jantar à cota da entrada, e da passagem para as outras zonas, com pavimento em madeira, continuado na parede/armário de madeira (com portas com desenho de Espiga Pinto), formando uma peça unitária; e uma zona de estar rebaixada com lareira de cobre. A continuidade espacial e visual entre interior e exterior é novamente reforçada pelo pátio ajardinado interior envidraçado, elemento que separa a sala de um dos quartos (solução novamente empregue na Casa do Dafundo, meia dúzia de anos mais tarde). A ala dos quartos e cozinha fica a uma cota ligeiramente mais alta, adaptando-se à topografia.
Tipo de construção e revestimento	Paredes de pedra da região ou de reboco pintado de branco.
Dimensão	Lote com cerca de 3000 m <sup>2</sup> .
Encomendador	Dr. Filipe Espírito Santo Rodrigues
Colaboradores	
Situação actual	Em bom estado, embora tenha sido alvo de uma ampliação, com um corpo independente, justaposto às traseiras da casa original.
Bibliografia	<i>Francisco da Conceição Silva Arquitecto</i> , SNBA, Lisboa, 1987 (consta apenas da listagem)

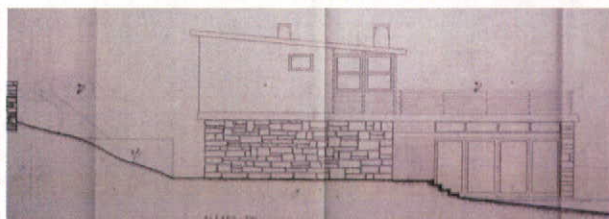
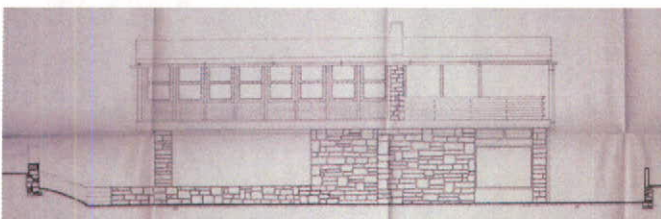
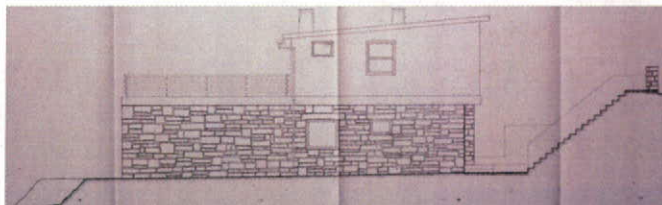
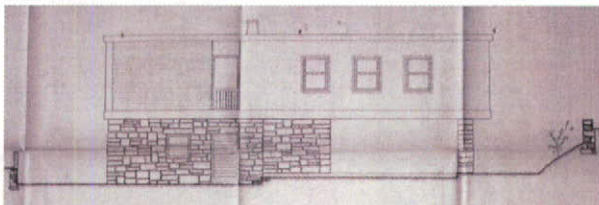
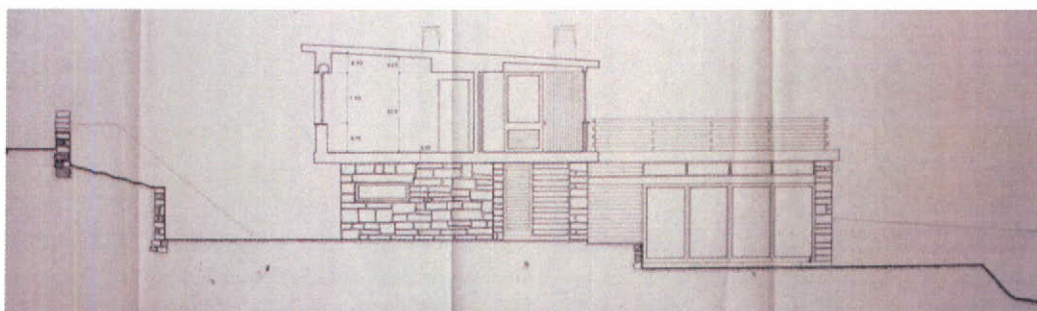
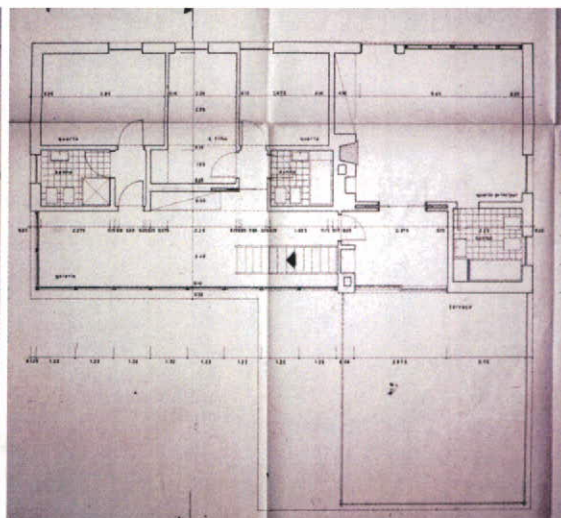
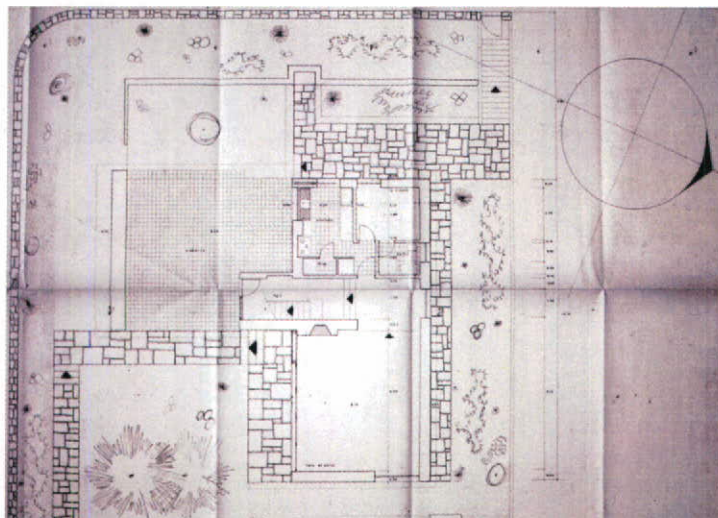
<sup>21</sup> Tendo sido localizada no fim deste trabalho, não foi possível consultar a Câmara de Sintra.

## ANOS 60

Título	<b>Casa Comandante Soares de Oliveira (1960-1963)</b>
Localização	R. Diogo Gomes nº4/ª Pedro Alvares Cabral, nº 314, Bairro do Rosário, Cascais (era então apenas Lote 37, Bairro do Rosário).
Anteprojecto	1º projecto entra na Câmara Municipal de Cascais a 14 Set. 1960, proc. nº 7855. Segundo projecto, muito diferente, entra em Março de 1961 (construído).
Licenciamento	Lic. arq. 2126 de 1961 e lic. obra 159/62, concedida a 15 de Jan. 62. Proj. estabilidade entra em Out. 1961. Pedido de alterações (durante a obra) Maio 1962, acrescentando-se o quarto principal com i.s., no sítio onde era terraço. 1962 e 1963
Construção	Telas finais entram a 5 de Julho 1963. Pedido de utilização entra a 4 Out. 1963 e concedido em Nov 1963, refere que obra terminou em Set. 1963.
Alterações	Novembro de 1964, sob a responsabilidade de outro Arq.º, Henrique Taveira Soares, pede-se para envidraçar um terraço do 1º piso, ou seja fechar parcialmente a “estufa” com quarto a que chama engomadaria. Realizado em 1965.
Descrição artística	Arquitetura moderna, mas já com tentativa de integração local, nomeadamente com a construção em espessa alvenaria de pedra local, aparente no exterior e parcialmente no interior, e uma frente do segundo piso em madeira, aludindo a varandas tradicionais fechadas com estrutura de madeira. Composição em L e adaptando-se o volume ao declive do terreno e conferindo privacidade ao habitar. O arquitecto adoptou uma implantação tendo em conta a orientação solar, a vista das salas sobre o mar e a relação com o terreno, de acordo com a memória descritiva.
Tipologia/descrição	A casa é implantada no topo do terreno, mas defendendo-se da devassa da rua, ficando a uma cota inferior e virando as costas à Avenida principal. Entra-se por uma rua secundária (sendo a casa de gaveto) e por uma frente lateral (em solução parecida com a da casa do Restelo, de 1952-1955). A casa desenvolve-se em L, em dois volumes paralelepípedicos parcialmente sobrepostos, em dois pisos, com cobertura ligeiramente inclinada e terraço, por cima da sala, em frente ao quarto principal. 1º piso, em L, entre cheio e vazio, com um grande coberto, debaixo do corpo do segundo piso, assentando a laje de betão num espesso muro de pedra. No vértice fica um hall central aberto para a grande sala comum, separados apenas por um pano de parede com lareira, ficando a sala a uma cota inferior. O vestíbulo distribui ainda para a zona de serviços, ou para o piso superior. A sala abre-se ao jardim, do lado Sul, por grandes vãos envidraçados, que se recolhem, reforçando a dilatação do espaço interior para o exterior. Esta relação é mediada por um terraço, prolongando-se a laje de cobertura. O 2º piso desenvolve-se a partir de uma ampla galeria com fenestração

	<p>horizontal em estrutura de madeira, amplo espaço de estar que serve os quartos. De notar que os quartos têm uma pequena ante-câmara que lhes confere privacidade. Privilegia-se a noção de conforto, sendo o quarto principal muito amplo, com lareira e com a parede de separação do exterior em estrutura de madeira aparente e antecedido de um vestíbulo. Por outro lado, os quatro quartos são servidos por três instalações sanitárias. A casa não tem corredores, mas não apresenta uma planta compacta, recorrendo a espaços de distribuição que se assumem igualmente como espaços de estar.</p> <p>O piso inferior recuado diminui a noção de altura do volume e realça a horizontalidade do corpo superior, parcialmente sobre um vazio.</p>
Projecto anterior	<p>Projecto anterior datado de Set 1960, que se supõe poder ter sido indeferido, uma vez que tem uma área maior com 3 pisos. É substancialmente diferente, desenvolvendo-se em U, em torno de um pátio, com planta tripartida, com os serviços e galeria ao centro, zona de dormir numa ala e social na outra. Tinha cobertura tradicionais de telha com várias águas.</p> <p>2º piso com uma sala aberta para duas varandas e um quarto de hóspedes. Cave com garagem e serviços.</p>
Tipo de construção e revestimento	<p>Construção em alvenaria de pedra e lajes de cimento armado. Paredes exteriores até ao 1º andar em alvenaria de pedra da região e paredes com elevação em alvenaria de tijolo, ou em madeira.</p> <p>Revestimentos: zona de estar, pavimentos em tijoleira, paredes rebocadas e pedra à vista no vestíbulo de entrada. Quartos com pavimentos em tacos de sucupira ou pinho e rodapé em sucupira, paredes e tectos estucados. Azulejo e mármore nas instalações sanitárias. Quarto principal acrescentado em projecto de alterações com lareira, a parede exterior e ainda porta de correr em sucupira. Cobertura da sala em terraço revestido a tijoleira.</p>
Dimensão	<p>terreno: 24/46 metros, com declive para Nordeste. Lote com 1094 m<sup>2</sup>. 260 m<sup>2</sup> de área coberta total.</p>
Encomendador	<p>Comandante Soares de Oliveira. Mas nota: no projecto de 1962 o requerimento vai em nome de Cooperativa da armada e da brigada naval com sede no Quartel dos Marinheiros, em Alcântara. O segundo dono foi Francisco José Meireles Posser de Andrade, que foi para o Brasil depois do 25 de Abril. Vendeu a casa a Fernando José de Matos Palma, dono da empresa de construção Construterra, cerca de 75. O negócio foi intermediado por um amigo comum. Confrontado com dificuldades nos negócios, ao que acresce o facto da mulher ter um AVC, Fernando José de Matos Palma suicida-se em 2000.</p>
Colaboradores	<p>Não tem a chancela do <i>atelier</i>. Primeiro projecto aparece Conceição Silva em assinatura grande e Carmo Valente mais pequeno (nos desenhos e memória descritiva). No segundo projecto, muito diferente, de 1961, aparece apenas Conceição Silva arquitecto.</p>
Situação actual	<p>estado: razoável mas a precisar de restauro. O coberto do 1º piso foi transformado em saleta.</p>
Bibliografia	<p>Arquivo Conceição Silva  <i>Francisco da Conceição Silva Arquitecto</i>, SNBA, Lisboa, 1987 (apenas</p>

na listagem).



Plantas piso 1, piso 2, corte, planta localização, alçados poente, Norte, nascente e Sul



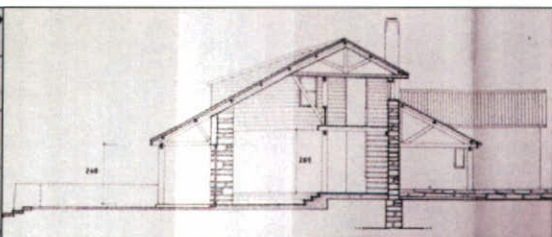
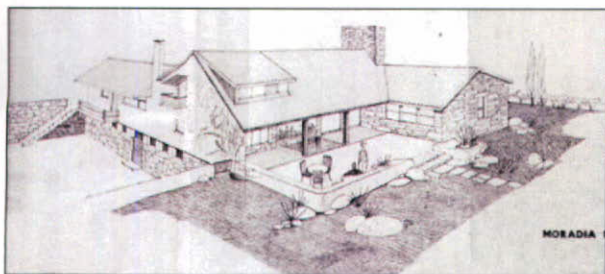
Título	<b>Moradia no Restelo 1961-1964). Não é de CS<sup>1</sup></b>
Localização	R. Alm. António Saldanha, 46 – Lisboa – Restelo (era então o lote 707)
Anteprojecto Construção	1961 1964 (Guia AAP).Nº de obra da CML 57237. Trata-se de um erro do Guia da AAP, obra n 37975, r. António Saldanha, n 46 e 46 <sup>A</sup> . O pedido de licenciamento e desenhos são assinados pelo arq. Alfredo da Silva Gomes (Arqº nº225), e em arquitectos, nas plantas vem ainda Fernando Ferreira dos Santos. <b>Assim, a casa não foi projectada por Francisco da Conceição Silva.</b>
Bibliografia	<i>Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa</i> , Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa, 1987

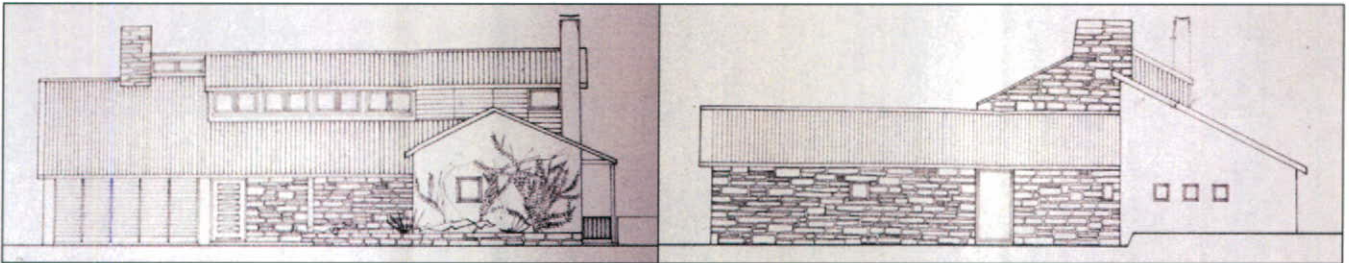
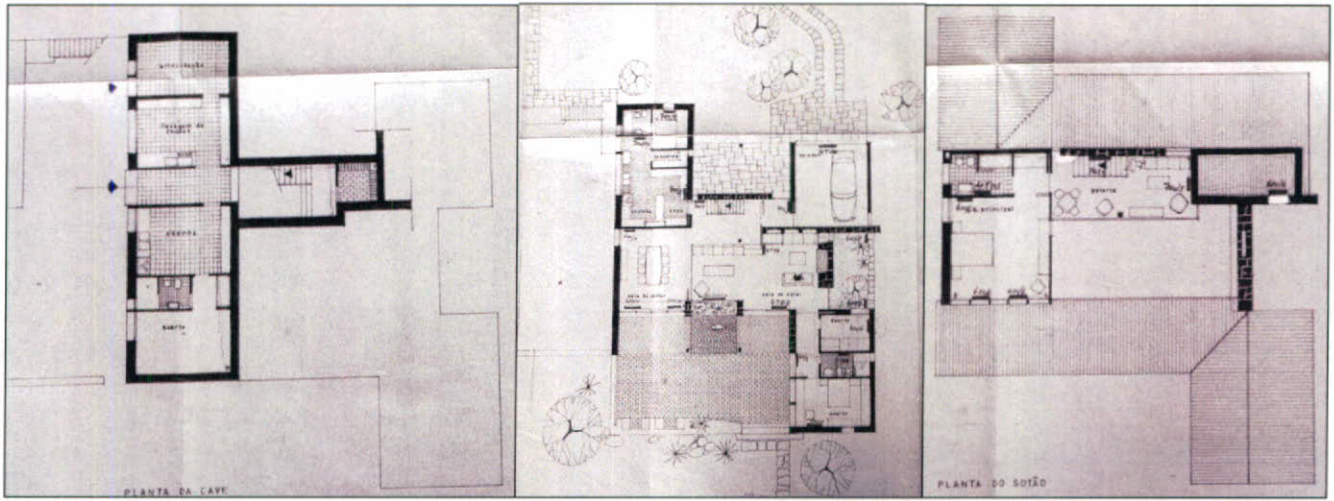
<sup>1</sup> De acordo com processo de obra nº 18994/61 da Câmara Municipal de Lisboa, consultada a 5 de Maio de 2006

Título	<b>Casa da Minhoca - Penedo (Alberto N. Henriques) (1960/1961-1961/1962)</b>
Localização	Estrada do Vidal, nº 30, Penedo, Sintra
Anteprojecto	Câmara Municipal de Sintra, Processo 5500/60. O pedido entra a 9 de Maio de 1960, assinado apenas pelo dono de obra e por um engº e é deferido a 6 de Julho de 1960. Trata-se de uma casa totalmente tradicional, «Casa portuguesa» com desenhos do engº Sebastião José de Carvalho e Melo (datados de abril de 60). Novo requerimento, assinado pelo dono de obra, datado de Janeiro de 1961, com entrada na CMS a 10 de Janeiro de 1961 com registo nº 627, pede para substituir o projecto apresentado por novo projecto. Deferido a 22 de Março de 1961. Memória descritiva (de 6 de Janeiro de 1961) e desenhos, sem data, assinados por Conceição Silva. Sem chancela, nem qualquer designação do atelier, mas com selo baixo relevo Conceição Silva arquitecto. Todos os desenhos têm entrada na CMS a 12 de Janeiro de 1961.
Licenciamento	Licença de obras n 264/61. O estudo de estabilidade é do engº Jaime Pereira Gomes - entrada CMS em Abril de 1961.
Construção	1961/1962. Pedido do engº responsável pela construção para dar baixa do termo de responsabilidade em 25 de Abril de 1962, referindo-se que a obra terminou já há meses.
Alterações	Em Dezembro de 1965, é submetido à CMSintra um pedido para a construção de uma cave para adega e arrecadação de frutas, com projecto de Conceição Silva (assinado). É deferido em Julho de 1966. Fica visível apenas no alçado poente. Em 1971 constroem-se cavalariças. Nos anos 90 houve alterações: na cave, o pátio, reentrância, junto ao quarto do piso inferior é fechado e transformado em saleta e a garagem é transformada em escritório. E abriu-se uma janela no quarto do piso inferior, que deixa de dar para o pátio transformado em saleta. É feita uma garagem com desenho tradicional estilo “casa portuguesa” e ainda uma casa de apoio à piscina no mesmo espírito.
Descrição artística	Casa de revisão da arquitectura moderna, com recurso a sistema construtivo tradicional, com paredes em alvenaria de pedra e estrutura da cobertura em madeira, sendo esta com telha (romana) e várias águas, assim como parede de pedra local. Porém, esta casa não se insere no conjunto de projectos de influência mediterrânica, como as casas do Guincho, construídas aproximadamente no mesmo período. Uma aproximação ao local, o Penedo, em plena Serra de Sintra, terá certamente levado a uma outra escolha, com um sentido mais vertical da solução arquitectónica, com a cobertura de forte inclinação, e os espaços conformando corpos independentes. Este projecto faz a ponte entre o moderno e o vernacular, com uma grande fluidez espacial própria da arquitectura moderna, em contraponto a um sistema construtivo tradicional, a valorização da noção de intimidade, com planos recuados formando reentrâncias, a individualização dos diferentes espaços que conformam corpos

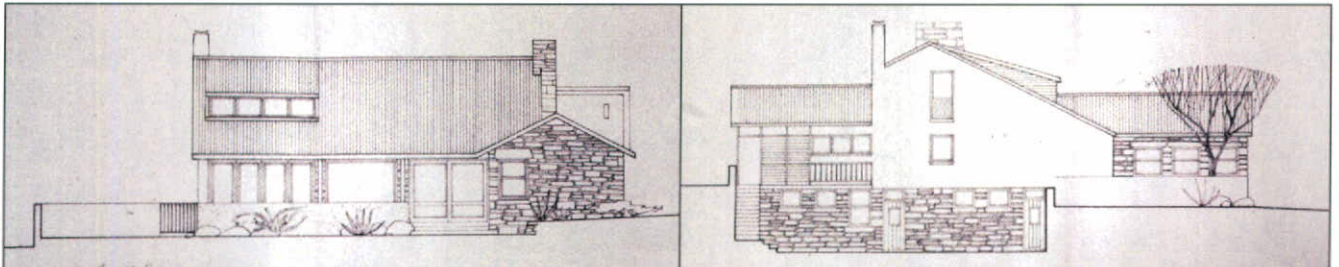
	<p>individuais, a abertura diferenciada dos vãos e uma relação com o exterior mais mediada. Tal como a Casa dos Galos, projectada dois anos depois, verifica-se a influência da arquitectura neo-empirista escandinava e a via organicista.</p>
<p>Tipologia/ descrição</p>	<p>Memória descritiva justifica o partido adoptado pela orientação ao melhor quadrante, Sul e à vista, aproveitando ainda a topografia. Esta casa é caracterizada por uma espaciliadade muito fluida e aberta, centrada na ampla sala comum, apresentando a planta uma certa abstracção do desenho. Note-se que este espaço central ultrapassa o sentido de sala comum compartimentada, sendo um espaço de estar e de articulação entre as diferentes peças da casa, estando nela diluída a zona de entrada e as circulações. A organização da casa é estruturada a partir do movimento dos seus habitantes.</p> <p>O espaço da sala é diferenciado pelos seguintes dispositivos: a mudança de pé-direito e de cota, a matéria e o equipamento fixo. A sala desenvolve-se em dois níveis a acompanhar o declive do terreno; a zona de entrada que se prolonga para a zona de refeições, com pavimento em soalho de madeira e, a uma cota mais baixa, a zona de estar em torno da lareira em parede de pedra, matéria continuada no pavimento. A zona de estar dilata-se com uma altura de pé-direito duplo, acompanhando a cobertura, ficando o espaço destinado às refeições e a entrada debaixo da galeria superior. Por outro lado, a marcação do espaço e das actividades a desenvolver é reforçada pelo mobiliário fixo, uma parede/armário em alvenaria, solta do tecto, separa a zona de entrada da sala e um móvel de madeira separa a zona de estar da passagem entre a entrada e a zona de jantar. A sala é ainda fortemente caracterizada pela estrutura de madeira da cobertura e do piso em galeria, à vista. A fluidez verifica-se ainda no prolongamento da sala comum para o piso de cima, que se agencia em mezanine, numa apreensão tridimensional do espaço.</p> <p>O acesso ao piso superior faz-se por uma escada solta (de interessante desenho) que desemboca numa sala mais íntima/galeria que liga ao quarto principal e que se debruça sobre a sala de estar, com uma guarda de madeira. Uma janela clarabóia vertical ilumina zenitalmente este espaço. O quarto principal tem um ambiente muito íntimo de recolhimento, com fenestração horizontal de topo e é ampliado pelo pé-direito generoso com o tecto a acompanhar a inclinação da cobertura. Um pequeno detalhe, na parede de madeira que separa o quarto da sala, insere-se uma janela de ripas móveis, que confere uma nota marítima ao ambiente.</p> <p>A casa é fechada a Norte e muito aberta a Sul na zona social, com grandes vão envidraçados. Porém, essa abertura ao exterior é mediada pelo terraço parcialmente coberto pelo avanço do telhado de acentuada inclinação, telhado este que marca fortemente a casa do ponto de vista formal. Por outro lado, o desenho de caixilhos de madeira suaviza ainda a relação com o exterior, assim como uma floreira toda envidraçada, que faz recuar o plano da sala, criando um ambiente de intimidade.</p> <p>Construída em dois pisos, mais cave com serviços, em dois corpos sensivelmente em L, mais corpo da cozinha. Aproveita a inclinação dos telhados de duas águas, assimétricos, e desencontrados, para abrir</p>

	<p>janelas no piso superior. Para além da ampla sala comum, o primeiro piso compreende a zona de cozinha e serviços e, noutra corpo, separado e aberto ao exterior por um pátio ajardinado, dois quartos e casa de banho.</p> <p>Na cave, havia habitação para guarda T1, lavandaria, arrecadação e garrafeira, abrindo a poente, para um pátio a cota mais baixa e murado. Existe na CMS um esboço, perspectiva do alçado sul poente.</p>
Tipo de construção e revestimento	<p>Memória descritiva explica que «a construção será mixta de alvenaria de pedra (maioria das paredes exteriores), tijolo (paredes interiores) e cimento armado (fundações). A cobertura em estrutura de madeira e telha de canudo. Paredes rebocadas e caiadas, por vezes em pedra ou revestidas a madeira, pavimentos em pedra na sala e rodapé em sucupira.</p> <p>Estrutura de madeira interior da cobertura à vista na sala. Tectos com réguas de madeira na sala. Chão em madeira, tijoleira vermelha, e lajes de pedra cinzenta da região e alcatifa no quarto superior. Paredes laterais em pedra da região. No projecto aparecem desenhos de pormenor do mobiliário, contemporâneo, conferindo uma nota de modernidade ao ambiente rústico. Lareira formando uma grande parede em pedra aparelhada, com pano de chaminé em cobre martelado. No exterior, primeiro piso em pedra aparelhada, assim como a grande lareira que rompe pelo telhado como a continuação de uma grande parede, e reboco caiado. Caixilharia e portadas em madeira à vista envernizada. Reboco com acabamento à colher no interior.</p>
Dimensão	Cerca de 370 m2 cobertos mais garagem 33m2. Lote com 6800 m2.
Encomendador	Alberto Nunes Henriques Junior, empresário (nos requerimentos da CMS identifica-se como comerciante).
Colaboradores	Projecto inicial (CMS) assinado por Conceição Silva, sem chancela, apenas baixo relevo/selo que diz Conceição Silva arquitecto. Colaboração da Arq. Carmo Valente no mobiliário; baixo relevo de Jorge Vieira, pintura de Júlio Pomar e cerâmica de Querubim Lapa.
Situação actual	Bom estado, embora haja ligeiras alterações: o mobiliário já não existe, a cozinha e casas de banho foram remodeladas, os caixilhos mudados, a garagem transformada em escritório e o pátio junto aos quartos em saleta.
Bibliografia	<p>Arquivo Conceição Silva</p> <p><i>Francisco da Conceição Silva Arquitecto</i>, SNBA, Lisboa, 1987</p> <p>Ramos, Rui Jorge Garcia, <i>A Casa Unifamiliar Burguesa na Arquitectura Portuguesa</i>, FAUP, Porto, 2004, p. 6-407 e 408</p> <p>Artigos: Revista Casa e Decoração</p>





Alçados Norte e nascente



Alçados Sul e poente





Título	<b>Casa do Rochedo</b> (Eng.º Carvalho e Silva) 1962 <sup>2</sup>
Localização	R. Sargento Jacinto Gonçalves, nº79, Janes, Malveira da Serra (antigo caminho do Uruguay)
Anteprojecto Licenciamento Construção	1962
Descrição artística	Revisão do movimento moderno, pela via organicista e com forte influência da arquitectura escandinava. pode-se considerar que faz parte uma “série”, com as casas do Penedo e do Vinagre. Faz a ponte entre o moderno e o vernacular, entre uma espacialidade moderna e um sistema de construção e materiais vernaculares.
Tipologia/descrição	<p>A casa é implantada no topo do terreno, tirando o máximo partido da vista mar. É colocada sobre um rochedo (ao qual deve o seu nome), que se integra no interior, trazendo a natureza (na sua dureza), para o interior.</p> <p>Casa com grande sala comum no piso térreo e dois quartos e WC separados por galeria, no piso superior, em mezzanine. Tal como na casa da Minhoca, acima referida, desenvolve-se a partir de um grande espaço central, marcado pela estrutura de madeira à vista, suportada pelas paredes perimetrais de espessa alvenaria. A estrutura de madeira da cobertura prolonga-se numa parede exterior lateral.</p> <p>Sala de duplo pé direito aberta à paisagem pelos grandes vãos envidraçados. A lareira circular constitui-se como importante elemento congregador do espaço, numa esquina. É tratada esculturalmente, como elemento independente, destacando-se no exterior (embora com expressão mais rústica, fortes semelhanças com a solução que se adapta nos “bungalows” do Hotel da Balaia e novamente na casa Engº Rogério Martins, no Estoril). O plano recuado da fachada em relação à cobertura cria um terraço coberto, em frente à sala, a uma cota de cerca de um metro acima do solo.</p> <p>Tal como nas casas do Penedo e Vinagre, os quartos desenvolvem-se em mezzanine, servidos por uma galeria em estrutura de madeira que se debruça sobre a sala.</p> <p>Esta casa tem uma expressão que lembra também as casas japonesas, quer no desenho da cobertura e nos grandes vãos livres, quer pelo facto de se encontrar cerca de um metro acima do solo, criando uma relação mais “espiritual” com a paisagem.</p>
Tipo de construção e revestimento	<p>Exterior: casa em alvenaria rebocada e caiada com a estrutura de madeira continuada no revestimento em madeira numa parede lateral.</p> <p>Interior: Tecto em ripado de madeira, prolongando-se no exterior. Chão em tijoleira tradicional e madeira nos quartos.</p>

<sup>2</sup> Data do catálogo *Francisco da Conceição Silva Arquitecto*, SNBA, Lisboa, 1987, não confirmada. Esta casa não foi visitada, tendo sido localizada no final deste trabalho.

Dimensão	Cerca de 2000 m2 terreno.
Encomendador	Eng.º Carvalho e Silva. Trabalhava para a ERG, empresa que constrói o Hotel do Mar.
Colaboradores	
Situação actual	Quando foi remodelada, a casa sofreu algumas alterações, nomeadamente construiu-se uma garagem encimada por uma suite no prolongamento da casa. Fez-se uma piscina e aumentou-se um terraço exterior em pedra.
Bibliografia	<i>Casa e Decoração</i> , nº 4, Setembro/Outubro 1968 Catálogo: <i>Francisco da Conceição Silva arquitecto</i> , SNBA, Lisboa, 1987, ps. 54 e 55.



Alçados Poente, Sul e interiores, Fotos *Francisco Conceição Silva Arquitecto*

Título	<b>Casa pequena Dr. Mário Pascoal, Cantanhede (1962/1963)<sup>3</sup></b>
Localização	Cantanhede
Anteprojecto construção	Pressupõe-se 1962 Pressupõe-se 1963
Descrição artística	Casa moderna, em contexto urbano, colada às construções laterais.
Tipologia/descrição	Trata-se de uma pequena casa de dois pisos, com sala comum e cozinha no primeiro e dois quartos, i.s. no segundo piso. É muito discreta para a rua, assemelhando-se às habitações modestas que a ladeiam. Desataca-se apenas na fachada virada para a rua pelo recesso de entrada, vazio na fachada, com porta de madeira pintada de branco e chão em tijoleira colocada com o requinte de uma moldura e desenho interior em diagonal.
Tipo de construção e revestimento	
Dimensão	
encomendador	Dr. Mário Pascoal mandou-a construir quando se separou da segunda mulher, por considerar a “Casa das Três Marias” muito grande.
Colaboradores	
Situação actual	No seu estado original, a precisar de ser remodelada. Encontra-se alugada a um médico. Não foi possível visitá-la.
Bibliografia	Nenhuma.

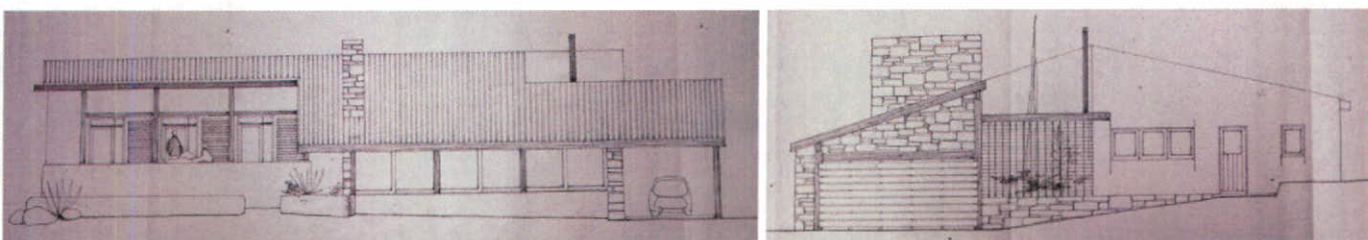
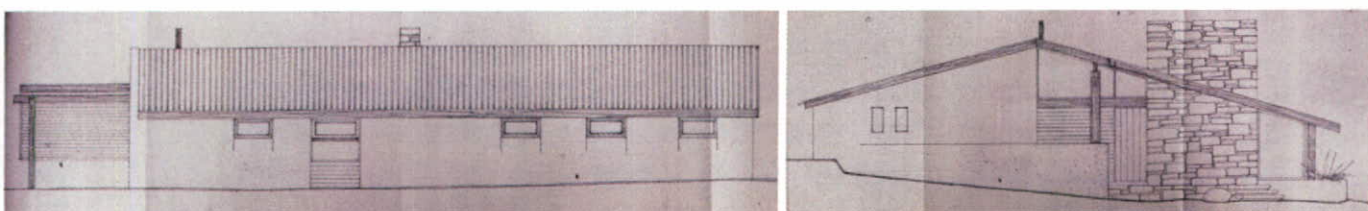
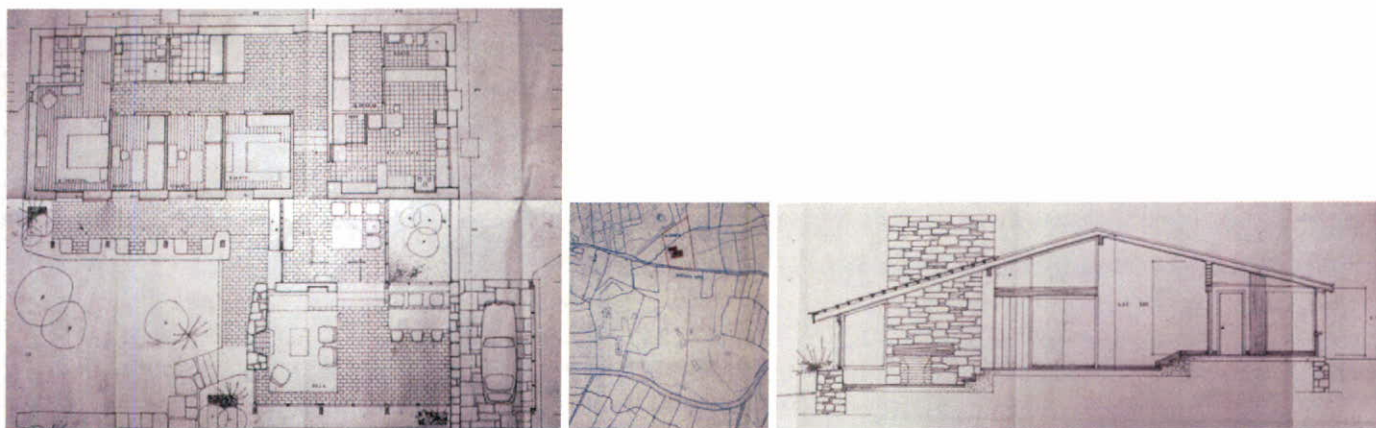


<sup>3</sup> Datas aproximadas fornecidas por Isabel Pascoal Rua (filha do dr. Mário Pascoal)

Título proj 173	<b>Casa Gestaçó –Alto do Rodízio, Banzão ( 1962- 1963/1964)</b>
Localização	Av. Dr. Fernando Andreia, nº 35, Banzão, Praia das Maças, Sintra
Anteprojecto	Processo Câmara Municipal de Sintra nº 11597-1962. Ante-projecto dá entrada na CMS a 12 Setembro de 1962. Memória descritiva assinada por Conceição Silva, datada de 3 de Setembro de 1962. Desenhos sem data.
Licenciamento	Projecto de arquitectura deferido a 22 de Novembro de 1962. Estudo de estabilidade entra em janeiro de 1963. Licença de obra nº 315, de 2 de Maio de 1963. 1963/1964.
Construção	Junho de 1963 a Novembro de 1964, de acordo com a folha de obras. Entrega de telas finais após construção a 28 de Julho de 1964. Pedido de vistoria entra a 26 de Novembro de 1964. Note-se pequena alteração nas telas finais: a garagem passa a ficar a poente, junto ao caminho e já não a nascente como previsto anteriormente.
Descrição artística	Arquitectura organicista, com influência escandinava. A casa adapta-se à pendente do terreno. Marcação da horizontal, graças à planta alongada em L, acentuada ainda pela grande aba de madeira a encimar os vãos da sala e dos quartos (onde se encaixam calhas para as portadas de correr). Forte simetria com as três portas dos quartos com portadas de madeira, que qualificam o desenho e conferem delicadeza. Tal como na Casa da Minhoca e Casa dos Galos, faz a ponte entre o vernáculo e o moderno, com sistema construtivo tradicional – paredes de pedra e madeira, cobertura de madeira, de duas águas, com telha – e desenho do espaço fluído. De acordo com o filho do engº Pereira Gomes, o pai pediu ao arquitecto que se inspirasse na arquitectura beirã <sup>4</sup> .
Tipologia/ descrição	Memória descritiva: «O terreno destinado à construção da moradia apresenta um ligeiro declive para nascente permitindo uma implantação favorável da construção no sentido da vista sobre o vale do Banzão e Serra de Sintra». Partido adoptado em função do terreno e sua orientação. A casa é virada para o jardim a nascente, ficando de costas para a rua, preservando-se a intimidade. A frente do lado da rua tem uma expressão muito singela, com pequenas frestas horizontais, correspondendo às instalações sanitárias e cozinha. Tem no entanto um tanque que qualifica este espaço. A garagem inicialmente prevista junto à casa, acaba por ser construída num edificio autónomo, em frente à rua. É porém ligado à casa por um coberto que marca o percurso dos habitantes. Refere a memória descritiva que «a moradia desenvolve-se num único piso embora em 3 planos que acompanham o desnível existente no terreno. É constituída por 3 zonas bem caracterizadas – zona de estar, de serviço e íntima». Acede-se por um hall de altura de duplo pé-direito, a acompanhar a cobertura, parcialmente aberto para a sala comum, a uma cota mais

<sup>4</sup> de acordo com o filho do engº Pereira Gomes, este terá mesmo pedido ao arquitecto alguma inspiração da sua beira natal. O engº era de Gestaçó, aldeira beirã, que dá o nome à casa

	<p>baixa. A entrada é iluminada por um pátio que reforça a separação da zona social da zona de serviços e por um grande vão no topo da parede exterior. Esta frente é em estrutura de madeira e vidro.</p> <p>A casa desenvolve-se em dois corpos formando um L, com uma organização tripartida segundo as funções dormir, estar e serviços, ficando esta última no vértice do L.</p> <p>As zonas de estar diferenciam-se das restantes por uma maior altura de pé-direito, com o tecto a acompanhar a inclinação da cobertura. De notar, uma zona aberta que articula a separação entre a zona de serviços e de dormir, espaço de estar que serve os quartos. Verifica-se uma grande fluidez espacial, entre os espaços sociais – hall, sala comum e espaço de estar da zona dos quartos, com uma perspectiva continuada.</p> <p>A lareira constituída por grande parede de pedra é o centro visual da sala, marcando o espaço de estar e a expressão exterior. A sala abre-se ao exterior com um grande vão horizontal.</p> <p>Os quartos dão para um alpendrado, protegido pelo prolongamento da cobertura e rematado por um murete com banquetas tradicionais de alvenaria integradas, reinterpretação da arquitectura tradicional.</p> <p>Pensamos que Conceição Silva terá neste ponto respondido ao pedido do cliente, inspirando-se na arquitectura beirão.</p>
tipo de construção e revestimento	<p>Revestimentos exteriores em reboco e pedra (uma parede a Norte, muros e parede/chaminé).</p> <p>Memória descritiva do estudo de estabilidade do próprio eng<sup>o</sup> Pereira Gomes refere que a estrutura resistente é constituída pelas paredes exteriores, a executar com alvenaria de pedra e divisórias interiores em alvenaria de tijolo. Estrutura completada com cinta de betão armado. Fundações com sapatas de betão.</p> <p>A síntese construtiva do arquitecto adianta que, na zona de estar, a cobertura é suportada por uma estrutura em madeira. É constituída por laje de elementos cerâmicos e revestida superiormente com telha.</p> <p>Sobre a sala de estar e galeria exterior a cobertura é em estrutura de madeira e telha. Pavimentos das zonas públicas em tijoleira e quartos em taco de madeira, «adequados aos fins a que se destinam». Nas dependências de serviço e I.S. pavimentos em mosaico hidráulico e paredes revestidas a azulejos.</p> <p>Salas e quartos com paredes rebocadas e caiadas e tectos estucados.</p>
Dimensão	cerca de 210 m <sup>2</sup> contruídos.
Encomendador	Eng <sup>o</sup> Jaime Pereira Gomes – engenheiro civil – amigo e sócio nalgumas promoções. Foi o eng <sup>o</sup> de projectos de estruturas de muitas obras de Conceição Silva, mas sempre em prestação de serviços.
Colaboradores	Projecto sem data, tem apenas Conceição Silva – Arquitecto, e assinados todos Conceição Silva. Telas finais iguais.
Stuação actual	Em bom estado, praticamente conforme ao original. A precisar de manutenção.
Bibliografia	Arquivo Francisco da Conceição Silva Catálogo da exposição: <i>Francisco da Conceição Silva Arquitecto</i> , SNBA, Lisboa, 1987 (apenas listagem)



Plantas piso, localização, corte A-B, alçados poente, Sul, nascente e Norte





Título (proj 228)	<b>Casa dos Galos (1962-1963/1964)</b>
Localização	Casa de São João, Rua de São Gregório, alto do Vinagre, Colares.
Ante-projecto	1ª Memória descritiva datada de 2 Julho de 1962, com esboços e primeiros desenhos (arquivo João Sennfelt/Orlando de Carvalho). Nº processo Câmara Municipal de Sintra 12161 de 1962, ante-projecto entra a 25 de Setembro de 1962 na CMS, respectiva memória descritiva data de 31 de Agosto de 1962.
Licenciamento	O projecto de arquitectura é deferido a 22 de Novembro de 1962. Licença de construção nº 130 de 22/2/63
Construção	1963/1964. De acordo com o boletim de obra na CMS, em abril de 63 estavam as fundações abertas e em Setembro de 1964 são apresentadas as telas finais, com a obra já terminada. Houve alterações muito ligeiras. A vistoria para licença de habitação é requerida em Dezembro de 1965.
Descrição artística	<p>Arquitectura organicista, desde a implantação em adaptação ao terreno, à integração do equipamento, criando um ambiente global. Nota-se a influência escandinava e sabemos que Conceição Silva esteve na Escandinávia acompanhado de J. Zúquete por esta altura. O projecto faz a ponte entre a arquitectura moderna e a vernacular, com sistema construtivo tradicional e tratamento do espaço moderno.</p> <p>Interiormente, a lareira é o elemento chave, central, a partir do qual se organiza o espaço. Leitura exterior da lareira/parede em pedra que curiosamente, é recortada acompanhando o jogo de declives das águas da cobertura, aligeirando também o maciço.</p>
tipologia/ descrição	<p>A memória descritiva refere que o terreno, com configuração sensivelmente triangular, era então destinado ao cultivo de vinho e que a implantação se deveu à ligeira inclinação Nordeste-Sudoeste, expondo a casa a esta orientação e à vista, «aspecto mais importante que determinou o partido adoptado». A casa implanta-se assim no cabeço do terreno, de costas para a entrada (frente Norte quase cega, com aberturas apenas na cozinha), libertando o terreno a Sul e relacionando-se fortemente com a vista da Serra de Sintra, privilegiando a intimidade.</p> <p>A casa, que se situa no cabeço de um monte, eleva-se verticalmente marcada pelo volume da cobertura de forte inclinação, dialogando com a Serra do outro lado do vale.</p> <p>A concepção da casa baseia-se numa estrutura simples «em que duas águas de cobertura apoiando em elementos de alvenaria determinam o espaço a utilizar» (memória descritiva). Essa estrutura que envolve a casa como uma pele, liberta o espaço interno, que se caracteriza por uma grande fluidez e continuidade espacial. Valoriza-se em particular também o espaço exterior, com a morfologia complexa que cria reentrâncias e os alpendres, o que é traduzido no esboço, com pessoas deitadas em cadeirões, sugerindo grande conforto.</p> <p>Por outro lado, recupera-se o valor da massa da edificação, com as espessas alvenarias e o peso da cobertura de forte inclinação.</p>

O agenciamento do espaço é determinado por um grande espaço central, flexível, destinado ao desenrolar da actividade social da família. Esta ampla sala comum é recuperada da arquitectura vernacular, em que a vida doméstica se organiza num espaço único com várias funções.

Tal como na Casa da Minhoca (projectada dois anos antes, com soluções idênticas), este espaço aberto e fluído ultrapassa a lógica de uma sala comum de estar compartimentada, sendo o território onde se cruza o movimento dos seus habitantes, interligado a todas as peças da casa e integrando o espaço de entrada. Trata-se de um espaço aberto, contínuo e distendido para o exterior por grandes vãos envidraçados, que pode ser percorrido com liberdade do movimento e atravessado pelo olhar. É dominado pela lareira central, parede solta (lateralmente) de pedra, que organiza o espaço, delimitando uma zona para recreio das crianças, no eixo da entrada, e a zona de estar e jantar. Esta parede de pedra deforma-se lateralmente (até ao topo), acompanhando a barriga da chaminé, e possibilitando assim uma maior separação do espaço de entrada.

Esta solução de um espaço central fluído e de articulação, o contiuum espacial e ambiental, remetem também para a obra de Frank Lloyd Wright (ao que podemos acrescentar a lareira, peça central que domina o espaço), como sabemos, recuperada nos anos sessenta pelos defensores de um novo organicismo.

A entrada da casa faz-se por um recesso lateral, coberto pela estrutura da cobertura que se prolonga da garagem à casa e protegido por uma parede de madeira e vidro, mantendo-se o contacto visual com o jardim, a nascente. No interior, a continuidade visual é conseguida pela perspectiva que se prolonga no espaço de entrada para o exterior, com o grande vão envidraçado da zona de recreio das crianças aberto à paisagem (note-se que no projecto, o recesso exterior era já a zona de entrada e previa-se uma parede a separar a zona de recreio, tendo sido alterado em obra).

As actividades a desenvolver na sala são marcadas não só pela lareira, mas também pela mudança de revestimento, com laje de pedra (antiga, que Conceição Silva encontrou num depósito de obras, tal como a escada em caracol) na zona de estar e tijoleira artesanal nos espaços de circulação e jantar. O espaço interno dilata-se para o exterior por grandes vãos envidraçados, mas mediado por um alpendre frente à sala (como referido na memória descritiva).

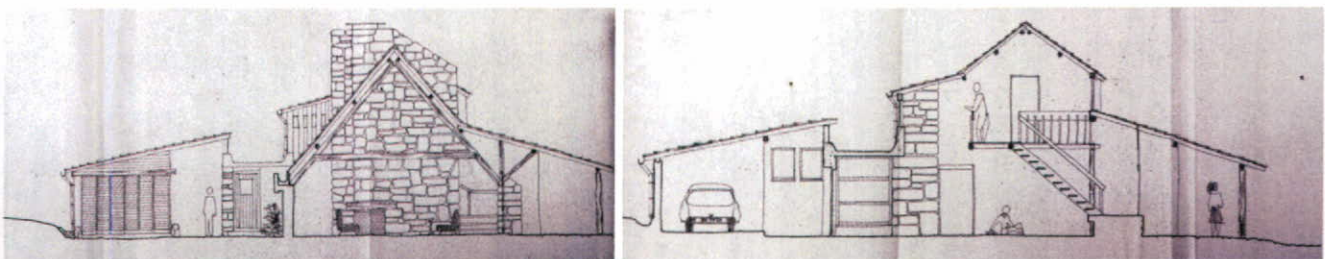
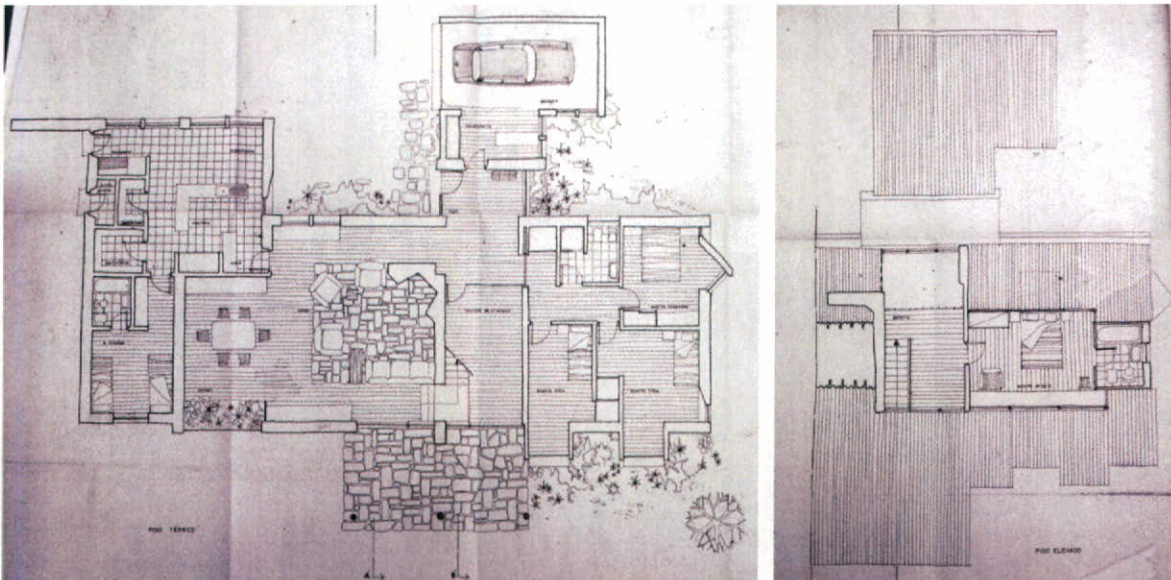
Verifica-se aqui também a apreensão tridimensional do espaço, com a altura de duplo pé direito, o tecto acompanhando a inclinação da cobertura e abrindo-se um vão na parede de pedra da lareira, para se ver a sala da galeria superior, mas preservando-se a sua intimidade. Consegue-se assim o sentido de deslocação não só horizontal, mas também vertical.

Acede-se ao piso superior por uma escada de caracol, desde o espaço de entrada. Uma galeria aberta para esse lado, mas com apenas um vão do lado da sala de estar, assume-se como uma saleta de apoio ao quarto. Tal como no quarto, o tecto acompanha a inclinação da

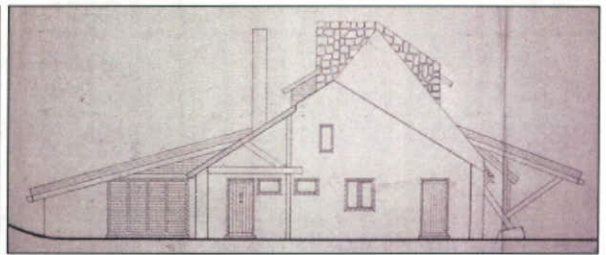
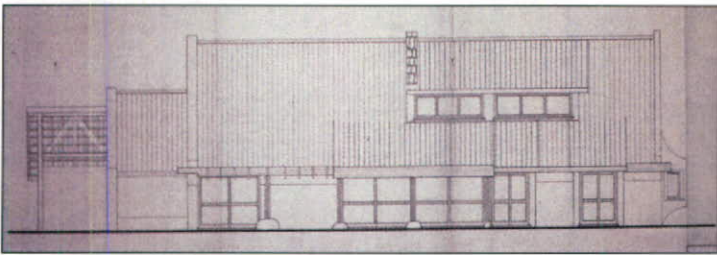
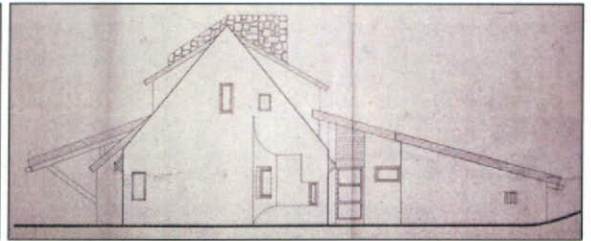
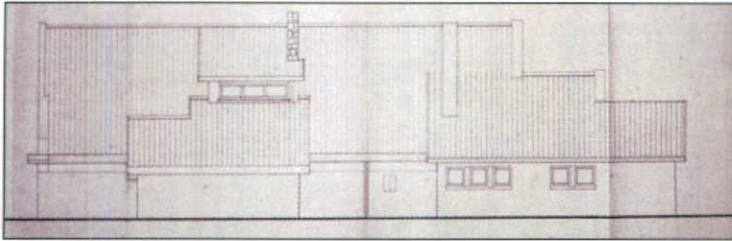
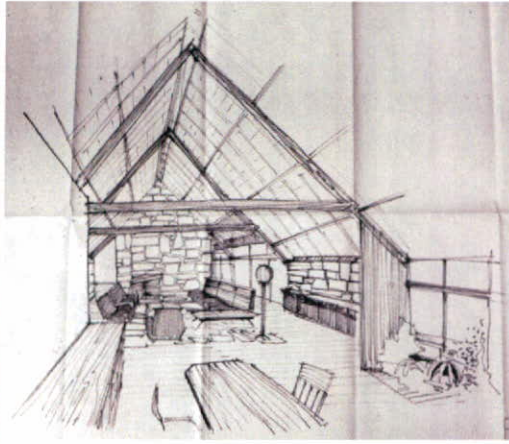
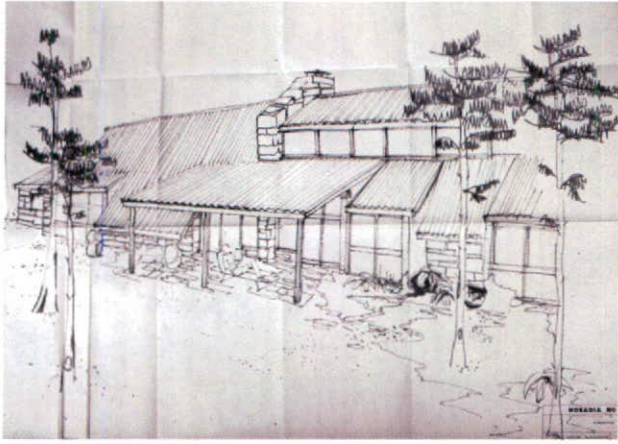
	<p>cobertura. O corpo central (com a sala, galeria e quarto principal) é assim unificado pela leitura da cobertura, com a estrutura à vista e o revestimento em ripado de madeira continuado, contribuindo para a procura de um ambiente global.</p> <p>A organização espacial da casa – o espaço central ladeado da cozinha, quarto e garagem, em corpos de um só piso, independentes mas interligados – é traduzida na composição dos volumes. As reentrâncias criam momentos de intimidade no exterior.</p> <p>Os quartos já não são espaços mínimos para a função de dormir, mas voltam a ser fortemente caracterizados, ganhando identidade, sendo também a sua relação com o exterior mediada, nomeadamente por um espaço interior de transição que afasta os vãos, criando, no exterior, reentrâncias que conferem um sentido mais orgânico na relação do volume com o jardim. É de realçar, num dos quartos, um vão que se roda, formando uma saliência no exterior, solução que permite melhor captar a vista e a luz, mas que ao mesmo tempo preserva o espaço de intimidade, afastando-se do centro do quarto. Esse espaço é preenchido por um murete de alvenaria, dispositivo que reforça o afastamento em relação ao exterior. Nos quartos, o espaço é ainda qualificado pelo plano do tecto de ripado de madeira que se dobra sobre a parede, conferindo continuidade dos planos e maior conforto. Por fim, a luz e o acabamento rústico do reboco acabado à colher modelam o espaço. Os vãos são diferenciados consoante o modo pretendido de ocupação do espaço, passando-se da penumbra para espaços mais iluminados, entre frestas, janelas de topo, e grandes vãos envidraçados.</p> <p>De notar ainda o lava-loiças da cozinha e os tanques da lavar a roupa, cavados na pedra de lioz.</p>
<p>tipo de construção e revestimento</p>	<p>Nota: A pasta compreende inúmeros desenhos de pormenores. Como explica a síntese construtiva da memória descritiva, a concepção da casa é baseada numa estrutura de suporte perimetral simples, a qual liberta o espaço interno que se trabalha livremente. A memória descritiva refere «assim, a moradia será constituída por uma estrutura muito simples em que duas águas de cobertura apoiando em elementos de alvenaria determinam o espaço a utilizar». Adianta que os materiais serão a pedra, a madeira e materiais cerâmicos.</p> <p>A memória descritiva que acompanha os cálculos refere que «os cálculos de estabilidade relativos à moradia que é estudada no presente projecto dizem respeito só a pormenores uma vez que as dimensões das paredes permitem considerá-las como resistentes, dispensando estrutura completa de betão armado.</p> <p>Como peça fundamental destaca-se ainda a lareira em pedra da região, elemento estruturante e autónomo, desenhada como uma parede que divide a casa ao meio, surgindo no exterior, no telhado, como uma parede/chaminé de pedra. Fogão revestido interiormente com tijolo refractário.</p> <p>A memória da Câmara de Sintra refere «o sistema de construção adoptado será uma estrutura de madeira ligada com anéis plásticos descarregando directamente no chão, no caso da sala, ou descarregando em paredes de alvenaria de tijolo, nos restantes casos.</p>

	<p>Sala com pavimento em tijoleira e lajes de pedra na zona de estar, junto à lareira. Quartos térreos em tijoleira e piso superior com pavimento em soalho de madeira de pinho à inglesa. Tecto da sala com a estrutura da madeira à vista, acompanhando o formato da cobertura.</p> <p>Fundações em betão, paredes duplas de alvenaria. Mármore serrado polido de Mem Martins preto nas casas de banho. Lajedo irregular da região usado, retirado de demolições na entrada principal, no espaço fronteiro ao fogão da sala, no terraço alpendrado em frente à sala. Caixilhos exteriores em madeira de bissilom, carpintarias exteriores de pinho.</p> <p>Paredes interiores e exteriores (salvo onde é pedra) em reboco salspicado afagado irregularmente à colher. Paredes caiadas.</p> <p>A parede de entrada principal é constituída por uma grade de madeira de pinho forrada dos dois lados de tábua de solho de pinho, trincada, tal como a parede Norte do quarto do segundo piso.</p> <p>Telha tipo Campos, estrutura da cobertura em madeira de pinho, pintadas com gasóleo.</p> <p>O equipamento inclui aquecimento central a gás (que ainda existe)</p>
Dimensão	Terreno 6825 m <sup>2</sup> , 283 m <sup>2</sup> construídos e 250 m <sup>2</sup> área habitável (segundo carta enviada a arq. francês, para publicação num livro)
Encomendador	Tratava-se de uma casa de férias para o Dr. Orlando Ribeiro de Carvalho. Médico neurologista, amigo pessoal de Conceição Silva, que veio a morrer pouco depois de um acidente automóvel. É de referir que o Dr. Orlando de Carvalho era do Partido Comunista.
Colaboradores	<p>Anteprojecto que acompanha a memória descritiva de 2 de Julho de 1962 (arquivo Orlando de Carvalho/João Sennfelt): sem chancela, apenas Conceição Silva – Arquitecto (nomeadamente esboços e desenho à mão levantada, muito ao modo de Conceição Silva, embora não tenham assinatura); sendo que a planta topográfica, as plantas de piso, cortes e alçado, além de Conceição Silva Arquitecto, têm a assinatura de Conceição Silva e de J Tello Zúquete.</p> <p>A memória descritiva de 31 de Agosto de 1962 é assinado por Conceição Silva e J Tello Zúquete. Mas todos os desenhos, incluindo de pormenores, têm apenas Conceição Silva – Arquitecto. (Pasta pertencente ao Dr. João Sennfelt).</p> <p>Na carta enviada a arq<sup>o</sup> francês por arq<sup>a</sup> Carmo valente a 30 dez 1969, para publicação em livro, indica para arquitectura: Conceição Silva, José Zúquete e Carmo Valente (design de interiores).</p> <p>Levantamento CMS:</p> <p>Projecto inicial de 1962, pedido de entrada na CMS assinado por Conceição Silva e datado de 5 de Setembro de 1962. Memória descritiva assinada por 1<sup>o</sup> Conceição Silva (com n<sup>o</sup> de arquitecto) e por baixo J. Tello Zúquete (sem n<sup>o</sup> de arq<sup>o</sup>), datada de 31 de Agosto de 1962. Todas as peças são identificadas da mesma forma, mas têm ainda Conceição Silva Arquitecto (letra à máquina). Apenas a fossa séptica tem apenas Conceição Silva. Nenhum desenho tem data e são à mão levantada.</p> <p>Eng.<sup>o</sup> responsável peça construção Eduardo Maria Rato Martins Zúquete, Lx, termo assinado a 12 de Jan 1963.</p>

	<p>Telas finais entram na CMS em Setembro de 1964, o pedido, datado de 29 de Junho de 1964 é assinado por Conceição Silva. Todos os desenhos são assinados por Conceição Silva apenas (c n° arq 798), têm ainda a designação de Conceição Silva – Arquitecto, à máquina.</p>
Situação actual	<p>Em muito bom estado de conservação e quase fiel ao original. Houve porém algumas alterações, para além de se ter retirado os pratos dos galos da parede, abriu-se um vão no lugar de uma parede onde se encostava um aparador; as paredes da arrecadação do lado da zona de serviços foram suprimidas; mudaram-se revestimentos de casas de banho e cozinha; elevou-se uma parede entre a entrada e a antiga zona de recreio de crianças, actualmente escritório, impedindo agora de ver a serra desde a entrada.</p>
Bibliografia	<p>Arquivo Francisco da Conceição Silva          Catálogo da exposição: <i>Francisco da Conceição Silva Arquitecto</i>, SNBA, Lisboa, 1987  <i>Maisons au Soleil</i>, Office du Livre, Fribourg, 1971</p>



Plantas piso 1, piso 2, cortes



Perspectivas, alçados Norte, Nascente, Sul e Poente







Título proc. n° 230 (não consta do ACS)	<b>Casa Dr. Aurélio Figueiredo Pestana dos Santos (1963-1965)</b>
Localização	Rua de São Remo, nº7, Monte Estoril.
Anteprojecto	Março 1963 (data dos desenhos) Pedido entra na CMC a 24 maio de 1963 (Processo 4970/63)
Licenciamento	Licença de 19 de Agosto de 1964 (após 3 reuniões), com o nº 3304/64.
Construção	1964/1965. Pedido de pequenas alterações em Nov de 1964, com a casa em construção, não significativas. Entrada das telas finais em Setembro de 1965, com licença de Julho de 1966.
Descrição artística	Revisão da arquitectura moderna, fazendo a ponte com a arquitectura vernacular. A casa adapta-se ao terreno, em vários níveis. Recorre a várias paredes cegas, cobertura de uma água, com telha, a materiais de revestimento locais, como o mármore azulino de Cascais, a tijoleira, as paredes rebocadas à colher e caiadas no exterior, etc... A expressão vernacular é contrariada pelos cantos da cobertura chanfrada (tal como uma parede/chaminé da sala de estar), geometria mais moderna.
Tipologia/descrição	<p>Trata-se de uma casa de fim-de-semana, com programa reduzido. O lote é encaixado entre duas ruas paralelas, sendo a rua a poente a uma cota muito mais alta do que a nascente (onde se fez o acesso ao lote).</p> <p>A casa implanta-se no extremo oposto à entrada, no topo do terreno em acentuado declive, pousando em várias plataformas, e libertando o terreno a nascente.</p> <p>Desenvolve-se em U, rodado para o jardim lateral, por onde se acede ao interior, privilegiando-se a privacidade.</p> <p>É assim virada a Sul, para o jardim lateral, onde é a entrada principal da casa, pelo pátio que forma uma reentrância no vértice do U.</p> <p>Diz a memória descritiva que «acompanhando o desnível do terreno, a construção, programada como uma moradia de fim de semana, desenvolve-se num escalonamento de planos abrindo para um pátio central, virado a sul». A ala a poente, destinada à zona de dormir, fica assim a um nível superior. Este volume defende o pátio, «resguardando-o face ao arruamento que lhe corre sobranceiro». Aproveitam-se as fundações para uma arrecadação semi-enterrada, aberta ao exterior apenas por uma pequena porta.</p> <p>Entra-se na casa por um vestíbulo central, parcialmente aberto para a sala de jantar e de estar, ficando a zona de jantar à mesma cota e a zona de estar, num desnível, conformando esses três espaços inter-relacionados em T (recusando-se aqui a ideia de sala comum). Nas zonas de estar e jantar, os grandes vãos sem portas permitem a fluidez espacial, dilatando-se ainda o espaço – reduzido - para o exterior, por grandes vãos envidraçados. A relação com o exterior é no entanto mediada por um terraço, protegido pelo prolongamento da cobertura. A continuidade</p>

	<p>especial é reforçada pelo revestimento da cobertura em pranchas de pitch pine, nas zonas sociais, da entrada, às salas e escada e terraço exterior. O equipamento e mobiliário fixo determinam a actividade a desenvolver em cada espaço. Nomeadamente a zona de estar é marcada pelo pano de parede/chaminé de separação da zona de jantar, com o lado chanfrado, e pelo banco fixo de alvenaria que corre à volta da sala. Aparece na zona de estar o tema de uma base angulosa, em meio hexágono, desenvolvida depois com grande eficácia no conjunto de casas em banda do Guincho, projectado um ano depois.</p> <p>A cozinha e serviços desenvolvem-se a Norte. A poente do vestíbulo de entrada, um lance de escada conduz ao nível superior, desembocando numa galeria, continuado pelo corredor dos três pequenos quartos. Os roupeiros em sucupira têm um desenho muito simples, valorizando-se a madeira. Os puxadores do quarto principal, uma esfera em madeira e esmalte, foram desenhados no atelier.</p> <p>No quarto principal, a casa de banho em suite é separada pelo roupeiro que ocupa todo o pé direito. Entra-se nela por uma das portas do roupeiro. Os quartos dão todos para uma varanda corrida comum, protegida pelo prolongamento da cobertura, também com o canto chanfrado.</p> <p>A frente Sul é também praticamente cega, à excepção de uma porta que dá directamente para a sala de estar, para um patamar que acompanha o sofá de alvenaria (com almofadas) que circunda a sala, e do vão envidraçado do vestíbulo de entrada. Os vãos dos quartos têm portadas de ripas de madeira, envernizadas, em sucupira, tal como as caixilharias. Os tectos da sala de estar e do quarto principal acompanham a cobertura.</p>
tipo de construção e revestimento	<p>Construção mista de betão, alvenaria de pedra e tijolo, cobertura em elementos cerâmicos revestida a telha, pavimentos em tijoleira no exterior e piso térreo, tacos nos quartos e galeria. Mosaico hidráulico na cozinha e serviços. Armários e caixilharia em sucupira, tectos de madeira em pitch pine. Casa de banho principal em mármore cinzento, outras em azulejo monocromático, cinza azulado e chão em marmorite negro. Loijas pretas e brancas na casa de banho da empregada e azul e branco nas outras. Armários da cozinha em madeira, pintados de azul escuro e puxadores brancos. Exterior com reboco puxado à colher e caiado. O mesmo reboco no interior do piso térreo, no 2 piso era tinta de areia fina. Também pedra de cascais de aparelho rústico no exterior e a formar caminhos.</p>
Dimensão	Lote 1000 m <sup>2</sup> e construção de cerca de 246m <sup>2</sup> , incluindo garagem e anexos.
Encomendador	Dr. Aurélio Figueiredo Pestana dos Santos, médico. O proprietário tinha este e mais dois terrenos e quando vai à inauguração do Hotel do Mar, convidado pelo dono, seu amigo, João Alcobia - a sua mulher (que por coincidência vem a saber

	que Conceição Silva é seu primo) fica muito entusiasmada e diz que quer construir uma casa no referido terreno <sup>5</sup> .
Colaboradores	Nos primeiros desenhos, de 1963, assim como nas telas finais, de Julho de 1965, não há chancela, vem Conceição Silva – Arquitecto e assinado por ele. Eng.º foi Gonçalo Faria de Vasconcelos. Construtor foi Alfredo Osvaldo dos Reis Trindade.
Situação actual	Estado razoável, embora tenha sofrido algumas alterações, depois da proprietária ocupar a casa em permanência, em 1988. Nomeadamente, revestimento inferior da cobertura, pintado de branco, no exterior e prolongou-se a sala de estar, com caixilho em PVC, destruindo-se bancos em alvenaria. Transformou-se uma arrecadação em quarto, abrindo vãos para o jardim/pátio. A actual proprietária, Maria da Graça Briz, é filha dos donos originais.
Bibliografia	Nenhuma



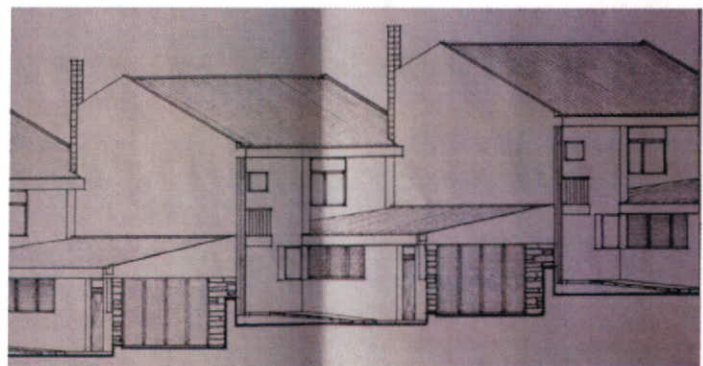
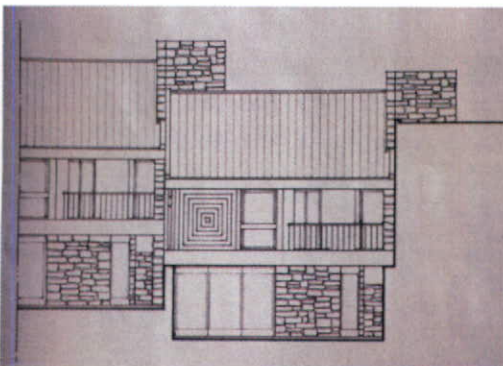
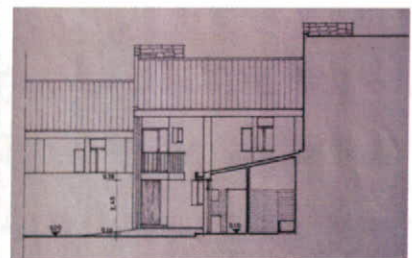
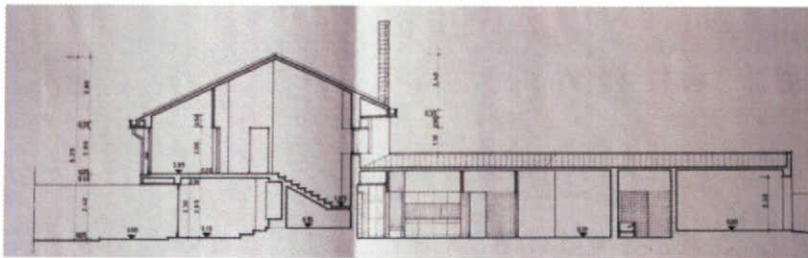
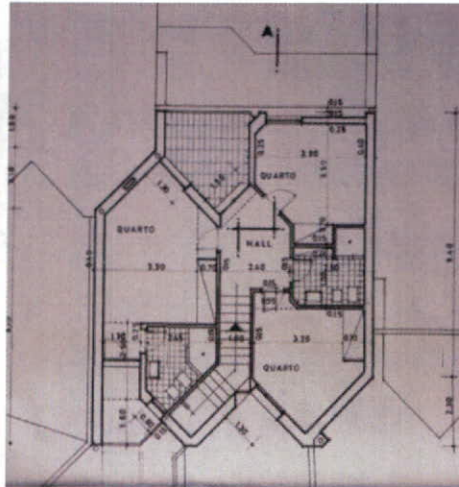
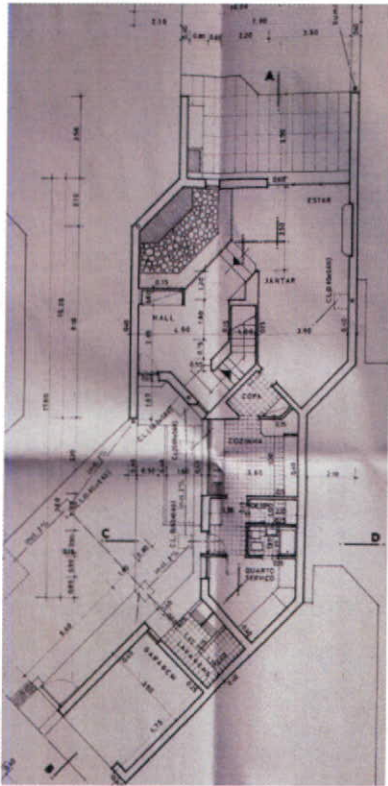
<sup>5</sup> Segundo testemunho de Maria da Graça Briz, actual proprietária, filha dos encomendadores, a 1 de Junho de 2006, na ocasião da visita à casa



Título	<b>Grupo casas da Praia das Maças (1963 – não construído)</b>
Localização	Av. António Garcia de Castro/rua da Padaria- Praia das Maças (próximo das piscinas)
Anteprojecto Licenciamento	Ano 1963. 29/05/1963 (entrada na CM) (talão 6982 de 29/05/1963) Lic. construção a 14 Outubro 1964 – processo nº 9313 de 29 Julho de 1963.
Descrição artística	10 casas/pátio em banda, entre o moderno e o vernacular. Nomeadamente recurso a pedra local no embasamento, procura de intimidade nas casas pátio muradas e cobertura tradicional de telha.
Tipologia/descrição	10 moradias em banda, em dois pisos, viradas a Sul/Nascente, num terreno global de 40/30 metros. A implantação no terreno e os muros conferem intimidade e um sentido de introversão às casas, centradas no espaço privado dos pátios interiores, opção tomada em função dos condicionamentos do terreno e do reduzido interesse do espaço envolvente, conforme memória descritiva. Tratam-se de casas de férias com programa mínimo, com um agenciamento do espaço muito compacto. Primeiro piso com sala comum a dar para dois pátios, seja por vãos selectivamente rasgados, seja por portas duplas, ou simples, em vidro, com caixilho de madeira. Cozinha e quarto de empregada. Marcação de um espaço de estar em frente à lareira com diferenciação do revestimento do piso, em pedra. 2º piso com três quartos e varanda. As guardas das varandas com três tábuas de madeira marcam a horizontal. Na casa de gaveto, a varanda dobra o canto continuando na fachada lateral na casa de gaveto. Algumas zonas com vigamento em madeira à vista. Acabamentos simples e de fácil conservação, justifica a memória descritiva: chão em tijoleira na sala e soalho nos quartos, paredes caiadas. A pasta em arquivo tem ainda todos os desenhos de equipamento e pormenores.
Tipo de construção e revestimento	Construção mista, com estrutura resistente constituída por (memória descritiva): cobertura de telha revestindo lajes de elementos pré-fabricados de tipo Patial P5, que formarão as suas águas. Vigas, cintas e pilares de betão armado. Paredes em alvenaria de tijolo a uma vez. Pavimentos do 1º andar em solho assente sobre vigamento de madeira apoiando nas paredes do R/C, laje de elementos pré-fabricados tipo Patial nas casas de banho, apoiadas em vigas de betão armado. Paredes exteriores em alvenaria de pedra e argamassa de cimento e areia. Chão tijoleira, madeira e mosaico hidráulico nas casas de banho que têm azulejo até 2m. No exterior, utilização de pedra da região.
Dimensão	Terreno total do conjunto de 40/30 m e cada lote 120 m <sup>2</sup> . Cada moradia, cerca de 150 m <sup>2</sup> em dois pisos, mais 30 m <sup>2</sup> de pátios.
Encomendador	Para o próprio Conceição Silva, com engº Jaime Pereira Gomes, destinando-se a promoção imobiliária.
Colaboradores	Mário, Cunha, Emidio, Frans, José Manuel, Jorge, Penha e Costa, Pedroso
Situação actual	Não construída de acordo com observação ao local.
Bibliografia	Arquivo Conceição Silva

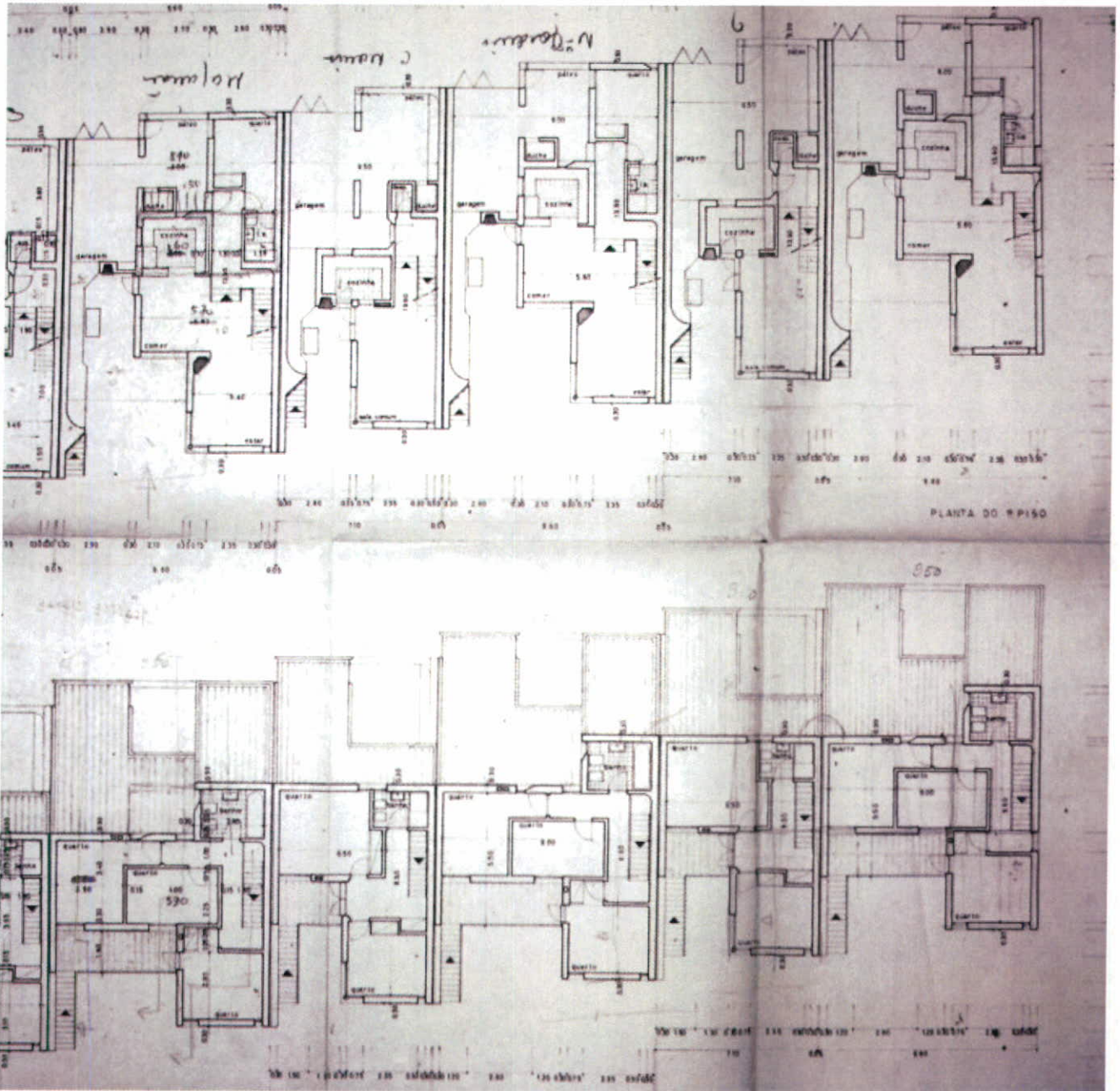
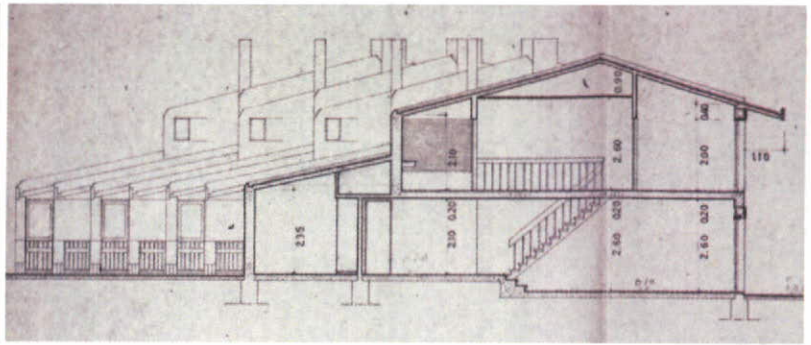
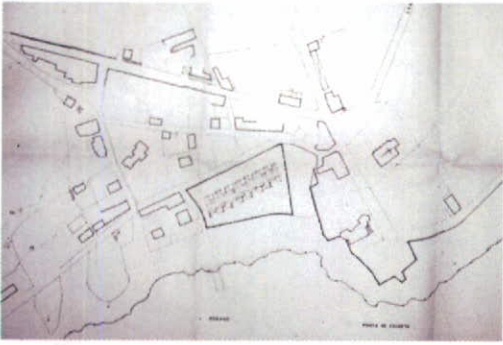
Título Proc. nº. 266	<b>Grupo de casas em banda no Guincho (1964 – não construído)</b>
localização	Areia, Guincho, junto às 3 casas do Borreguinho.
Anteprojecto construção	Julho 1964 Não foi construído
Descrição artística	Revisão da arquitectura moderna, com reinterpretação da arquitectura tradicional, com paredes de pedra e cobertura de duas águas de telha.
tipologia/ descrição	<p>Este grupo de 5 (ou 7, não se percebe bem) casas em banda projecta-se num terreno estreito e alongado, ao lado da casa de Conceição Silva, no Guincho.</p> <p>Trata-se de um projecto do mesmo tipo que o grupo de casas da Praia das Maças, projectado um ano antes, e do da Praia da Luz, um ano depois.</p> <p>As casas desenvolvem-se em lotes alongados, colocados perpendicularmente em relação ao arruamento. O volume, igualmente alongado, faz uma inflexão, para melhor captar a vista mar. A frente que dá para o jardim traseiro é rodada a 45° para assegurar a privacidade de cada casa, em solução semelhante à adoptada na ampliação do Hotel do Mar e na Balaia, um ano depois.</p> <p>Da garagem acede-se, por uma passagem exterior - de um lado fica o corpo dos serviços e do outro lado, sobeja espaço para um pátio ajardinado-, ao grande hall, que distribui para o segundo piso, para a sala de estar/jantar, ou para a zona de serviços, entre esse corpo e a garagem. O conjunto é ainda implantado em adaptação à pendente do terreno, cada casa em desnível em relação à anterior, reforçando a intimidade dos lotes.</p> <p>A composição do espaço é baseada numa rede de base hexagonal, solução recuperada de Frank Lloyd Wright, nomeadamente das suas "Usonian Houses". Este suporte geométrico da concepção da planta permite a continuidade visual e espacial, criando espaços inter-relacionados. Os espaços são agora tratados com individualidade, enriquecidos pela base hexagonal, pelos ângulos das paredes chanfrados, voltando também a aparecer o hall, com uma escada bem delimitada. A sala de estar comum apresenta dois espaços de estar, um fortemente relacionado com o exterior por um grande vão envidraçado e uma zona íntima em torno da lareira, abrindo-se apenas uma fresta vertical, num rebaixo com pavimento em troncos de madeira serrados (solução ensaiada pela primeira vez na Loja Rampa, dez anos antes e depois retomada em várias casas, como por exemplo, na sua casa, no Dafundo). Valorizada pela disposição num ângulo do hexágono, a lareira torna-se o centro visual e psicológico da sala.</p> <p>No 2º piso fica a zona de dormir, por cima do corpo da zona pública (apenas). Aqui repete-se o mesmo esquema de rede hexagonal, em espaços que se interpenetram: três quartos, um hall de distribuição e duas casas de banho. Os vãos são cuidadosamente abertos de acordo com a natureza de cada espaço, desde frestas (por exemplo junto à escada), a grandes vãos de sacada na sala .</p> <p>Na frente do lado do logradouro encontramos um tema repetido na casa</p>

	do arquitecto do Dafundo (que retoma também a rede de base hexagonal), com a parede do quarto constituída por um painel de madeira com um desenho de quadrados concêntricos, o que confere leveza na estrutura que evita a alvenaria. No piso de cima, o tecto acompanha a inclinação da cobertura.
Encomenda	Para o próprio Conceição Silva, para promoção imobiliária.
colaboradores	Só Conceição Silva e não tem a chancela do atelier.
bibliografia	Arquivo Atelier Conceição Silva

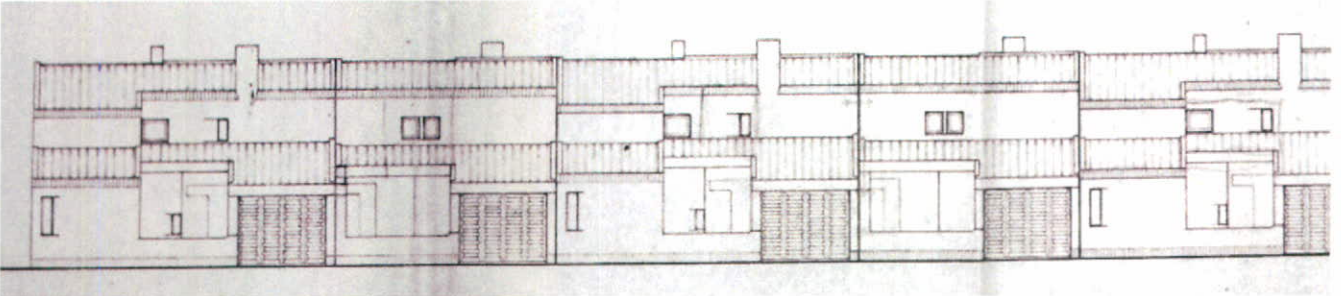
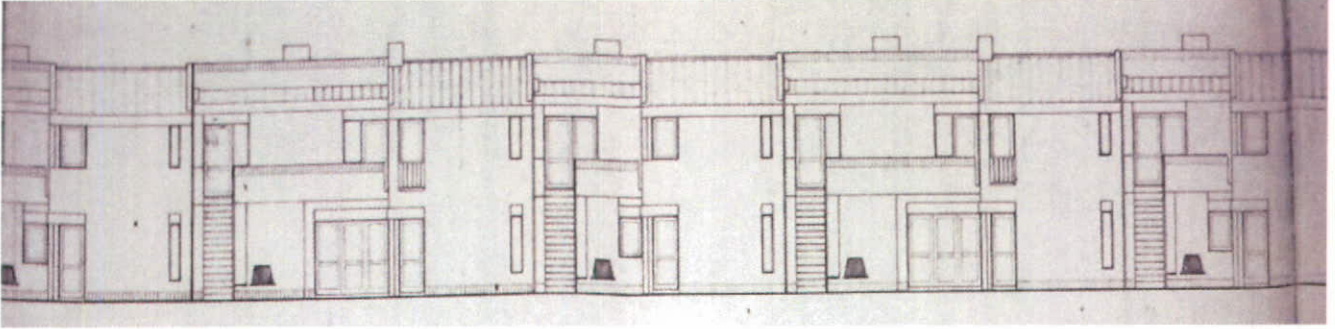
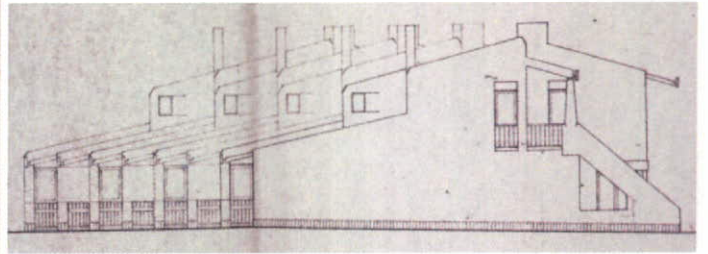
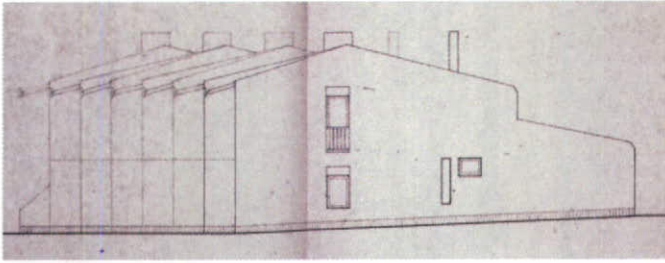


Plantas Piso 1, Piso 2, Cortes A-B, C-D, alçado Noroeste e Sul, arquivo ACS

Título Proc. n.º 358	<b>Grupo de casas em banda da Praia da Luz , conhecidas por casas do Comboio (1965- ?)</b>
Localização	Praia da Luz, zona das Fontainhas, próximo da Ponta da Calheta. Paralelas à estrada e ao mar, com ligação directa à praia.
Anteprojecto Licenciamento Construção	Janeiro 1965  Sim
Descrição artística	Revisão da arquitectura moderna e reinterpretação da arquitectura tradicional, nomeadamente com cobertura de telha e recurso a materiais locais.
tipologia/descrição	Preocupação também com aspectos urbanísticos, nomeadamente criando um desafio ao distanciar as moradias da rua; ao propor um pequeno volume, adaptando-o à ligeira pendente do terreno. Grupo de 7 casas em banda; 3 T2 e 4 T4 em dois pisos, que se vão afastando ligeiramente do mar (para Norte) de oeste para leste - ficando desse modo ligeiramente desencontradas – de forma a ficar paralelas à rua. Entrada por um pátio com pequeno murete do lado da rua. Essa frente, do lado Norte é praticamente cega, com apenas três pequenas frestas todas diferentes, denunciando espaços com funções distintas. Esta frente é no entanto caracterizada pelo portão em ripado de madeira, de recolher, em alusão à arquitectura tradicional algarvia. Garagem lateral ao pátio. Marcação da horizontal com o perfil das lajes à vista. (lembra, de certo modo, o grupo de casas da Praia das Maças, de que será uma evolução). Salas numa quota inferior, desnivelada, acompanhando o declive do terreno. Grandes vãos nas salas de jantar na tipologia T4, a Sul e nas salas a poente. No 2º piso três quartos (ou dois) servidos por um terraço comum com vista mar, com ligação directa ao jardim.
Tipo de construção e revestimento	Paredes em alvenaria de tijolo e utilização de elementos pré-fabricados a nível de pavimentos e cobertura, a qual é revestida a telha. Os acabamentos são da região, em ladrilho e paredes caiadas sobre reboco áspero. Caixilharias de madeira pintada.
encomendador	Engº Jorge Carvalho de Mesquita e Engº Canto Moniz, engº Quadrado (o primeiro aparece no projecto, os dois últimos foram confirmados por Ricardo Zúquete, neto do Engº Canto Moniz. A família ainda possui uma das casas).
colaboradores	Conceição Silva e J. Tello Zúquete (não tem a chancela do atelier Conceição Silva)
situação actual	Em bom estado de conservação
bibliografia	Arquivo Atelier Conceição Silva catálogo: Francisco da Conceição Silva arquitecto, SNBA, Lisboa, 1987



Planta de localização, corte, plantas piso 1 e piso 2



Alçados nascente, poente, Sul e Norte

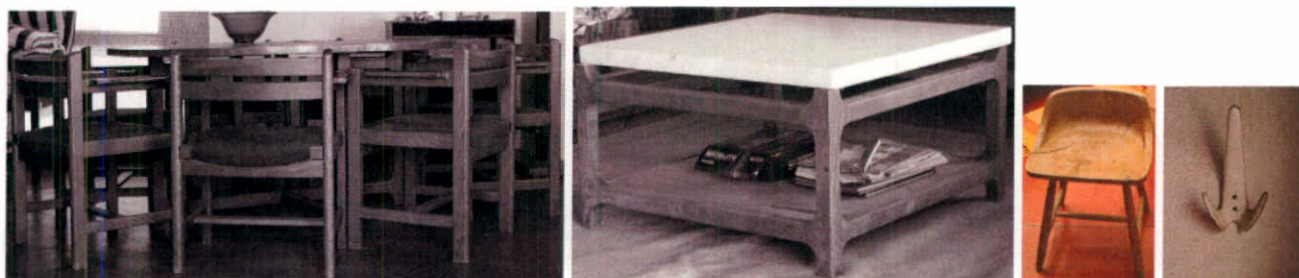
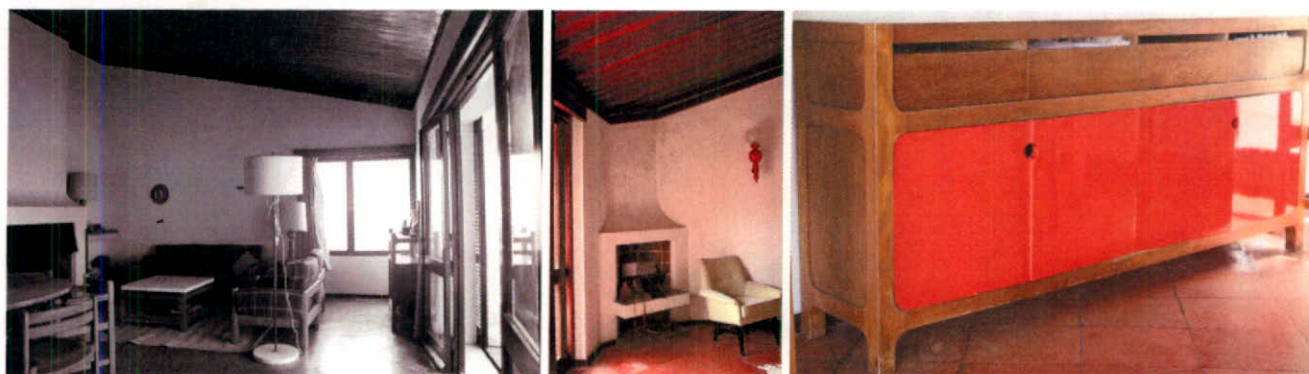
Título	<b>Casa Dr. Mário Pascoal – Praia de Mira (1965-1966)<sup>1</sup></b>
Localização	R. Elísio de Moura, nº 3, Praia de Mira
Anteprojecto	Presume-se 1965
Construção	Presume-se 1966
Descrição artística	Revisão da arquitectura moderna, fazendo a ponte com a arquitectura tradicional.
Tipologia/ descrição	<p>Casa com uma organização em L, semelhante à das casas da Lanterna Branca (1958- n.d.), na Praia das Maças, e Gestaçó (1962-1964), no Alto do Rodízio, Sintra.</p> <p>A casa é assente numa plataforma de alvenaria, aproveitando as fundações para uma cave com arrecadação e boite (com bar, banquetas, chão em tijoleira e pista de dança demarcada com tacos de madeira a formar um quadrado, tecto em madeira pintada de amarelo).</p> <p>A partir dessa plataforma, constroem-se vários terraços a diferentes níveis. Nas traseiras, o solo é em areia, mantendo a memória do local onde é construída – as dunas da Praia de Mira - e o ambiente que envolvia os antigos palheiros que deram a origem à localidade, originalmente assentes sobre estacas.</p> <p>A frente que dá para a rua (assim como a que dá para o lote a nascente) é quase cega, com uma janela, da qual se avista o mar. A casa, em L, abre-se para um terraço lateral, terraço rematado por uma parede solta (por uma fresta que a descola da casa), semi-serrando o terraço em U. Esta parede não ocupa toda a largura da frente do terraço, interrompida pela passagem de entrada e rematada por um pequeno tanque para peixes. Assim, orienta-se o terraço para a vista mar lateral, protegendo no entanto a exposição à rua, quer pela implantação a uma cota superior ao arruamento, quer pelo pano de parede e tanque de peixes. A garagem é semi-enterrada, com entrada lateral, e aproveitando a sua cobertura para um terraço. Os terraços permitem ainda uma melhor fruição do espaço exterior, bastante pequeno (perto de 400 m<sup>2</sup>).</p> <p>O programa interior é muito semelhante, inclusivamente na sua organização, à Casa da Lanterna Branca, no Banzão, Sintra, separando a zona social, serviços e dormir.</p> <p>Sala comum de base rectangular, centrada na lareira, com tecto a acompanhar a cobertura de uma água, revestido a ripado de madeira. Grandes vãos envidraçados de sacada, com portas de correr, abertos para o terraço e uma pequena janela para ver o mar, na parede lateral.</p> <p>A cozinha fica no vértice do L (tinha armados em contraplacado lacados a amarelo), com uma escada que liga à cave, com zona de lavagens e arrecadação. Na outra ala do L encontram-se dois quartos com casa de banho e uma suite. Esta, aberta para o terraço, tem o tecto em ripado de madeira, acompanhando a cobertura de duas</p>

<sup>1</sup> Datas fornecidas por Isabel Pascoal Rua (filha do dr. Mário pascoal). Diz recordar-se ter 18 anos quando a casa foi construída. Dado confirmado pela pintura sobre madeira de Espiga Pinto, encomendado para a casa, datado de 1966.

	<p>águas. O arquitecto respondeu neste caso a um pedido do cliente, ter vista de mar do quarto e da casa de banho<sup>2</sup>.</p> <p>Tal como na maioria das suas obras, a encomenda inclui o equipamento e, neste caso, ainda as obras de arte. De realçar o mobiliário, com desenho moderno, sendo algumas portas (aparador), gavetas (mesas de cabeceira) ou pés de candeeiro lacados a laranja. De notar ainda um candeeiro com pé de mármore branco (ver fotos), uns portas casacos de couro. Algumas peças vieram da Jalco e parte do mobiliário era idêntico ao da Balaia<sup>3</sup>.</p> <p>Nos dos quartos havia um beliche desenhado em L (já não existe). As obras de arte incluíam duas pinturas sobre madeira de Espiga Pinto.</p>
Tipo de construção e revestimento	<p>Casa de alvenaria de tijolo rebocada e caiada, com portadas exteriores de madeira de ripas, de correr, com uma aba metálica a tapar a calha superior.</p> <p>Interior: Chão em tijoleira tradicional, casas de banho em azulejo 10/10 de tom creme. Cobertura em telha romana (como na casa dos Galos, Vinagre).</p>
Dimensão	Lote com cerca de 400 m <sup>2</sup> e casa com perto de 140 m <sup>2</sup> , mais cave (50 m <sup>2</sup> ).
Encomendador	<p>Dr. Mário Pascoal, armador e empresário, dono dos “Bacalhau Pascoal”. Este já tinha encomendado, uma década antes, a sua casa de Cantanhede, a 12 km, onde residia. Mário Pascoal frequentava a Praia de Mira desde os Anos 30, na altura uma praia de pescadores caracterizada pelos palheiros (que se desenvolvem em toda a costa desde Aveiro), habitações ou arrumos das redes de pesca e outros utensílios da faina, em madeira, sobre estacas. Foi uma das primeiras casas em alvenaria, que se começam a construir lentamente a partir dos Anos 40 do século XX. A Praia de Mira está actualmente totalmente descaracterizada, com a casa do Dr. Mário Pascoal “sufocada” pelos prédios envolventes.</p>
Colaboradores	Projecto não consta do arquivo ACS e não foi possível consultar a Câmara de Mira.
Situação actual	Em bom estado de conservação, conforme original, encontrando-se ainda grande parte do mobiliário.
Bibliografia	Nenhuma

<sup>2</sup> De acordo com João Rua, genro de Mário Pascoal.

<sup>3</sup> De acordo com Isabel Pascoal Rua, filha de Mário Pascoal.



Fotografias actuais, da autora

Título	<b>Casa Comandante Ferreira Neves – Sto Amaro Oeiras (1965 – 1966/1967)</b>
Localização	Av. Salvador Allende, 26-A, Santo Amaro de Oeiras (na altura chamava-se Av. Dr. Oliveira Salazar – Nova Oeiras) /rua da quinta Grande nº 17 <sup>A</sup> e 17.
Anteprojecto Licenciamento Construção	Set. 1965. Proc. Nº 975/65. Projecto de arquitectura deferido em Fevereiro de 1966. Estabilidade entra em Dez. 1965. Telas finais deferidas em Out. 67. Junho 1966 a Julho de 1967(de acordo com o termo de responsabilidade do eng <sup>o</sup> responsável pela execução da obra e o relatório de fiscalização da obra, no arquivo da Câmara Municipal de Oeiras).
Descrição Artística	Arquitectura de revisão do movimento moderno, citando nomeadamente a arquitectura mediterrânica, com o habitar introvertido, centrado num pátio interior ajardinado. Casa virada consideravelmente fechada ao exterior pela selecção de aberturas, em virtude da envolvente pouco atractiva; introdução da cor – azul – nas superfícies de betão aparente; Caracteriza-se pela diferenciação rica e fluidez dos espaços - com variação de alturas de pé-direito e de cotas.
Tipologia/ descrição	Memória descritiva <sup>4</sup> : «Esta moradia, cujo programa apresenta aspectos particulares, é destinada a um casal que conta três filhos adolescentes de idades próximas dos 18-19 anos, exigindo portanto um tipo de solução com possibilidade de dar a cada um zonas próprias, que permitam o isolamento quando desejado, sem prejuízo do desenvolvimento daquelas áreas da casa destinadas às funções sociais e de convívio. Assim, o primeiro traço que caracteriza esta casa é a separação nítida (acentuada pela presença de um pátio interior) entre a zona íntima e o grupo formado pelas dependências “sala de jantar” e “sala de estar. O segundo aspecto que interessa focar é o da relação da casa com os espaços exteriores, incluindo a sua relação com os peculiares aspectos do lote tal como este foi dado. De facto, se o programa pela sua extensão e “feição individualista” sai já fora do comum, o lote – pelas suas características de exposição, de situação em relação ao sistema viário existente e pela baixa cota a que está em relação a este – pôs-nos perante as dificuldades seguintes e levou-nos às soluções correspondentes: <ul style="list-style-type: none"> <li>a) desvantagem económica de realizar trabalhos de aterro ou enchimento – a que se deu resposta elevando apenas o nível do solo exterior mais em ligação com a “zona de estar”, a fim de permitir um fácil prolongamento desta tanto para o jardim como para o pátio interior; tirou-se partido do desnível já existente para inserir um piso onde se localizaram diversos serviços, a garagem e um amplo salão de jogos</li> <li>b) ausência de panorâmicas com interesse e medíocre orientação das vistas livres – que conduziram ao desenvolvimento duma feição introvertida nas relações com o “ar livre”; estas relações estabelecem-se de preferência por intermédio do pátio central e</li> </ul>

<sup>4</sup> Recopiamos uma grande parte da memória descritiva por ser raro encontrar textos desenvolvidos nas peças escritas do Atelier Conceição Silva e por esta ser bastante desenvolvida e elucidativa. A memória descritiva data de Setembro de 1965.

- da extensão funcional deste: o terraço coberto que se sobrepõe à cozinha bem como o terraço sobre a zona de entrada;
- c) falta de intimidade ou falta de protecção em relação ao devassamento de vistas, por parte de quem circule nas ruas adjacentes – a que se procurou dar remédio pela repartição do espaço exterior em várias zonas protegidas por muros, rotulados ou cortinas de vegetação (em parte já existentes estas); pretendeu-se ainda que os muros circundantes fizessem parte da composição geral, contribuindo para uma impressão de conforto no uso dos espaços exteriores.”.

A casa desenvolve-se em torno do pátio central ajardinado, grandemente envidraçado. Tem assim uma atitude intimista, virada para o pátio e consideravelmente fechada ao exterior, com vãos seleccionados e quase todos com rotulados fixos de madeira, de ripas verticais.

Exteriormente, caracteriza-se por um volume cúbico (não puro), mas ao qual se confere alguma leveza recuando ligeiramente o piso de cima, ou ainda com um jogo de planos, recuando-os ou avançando-os, zonas de reentrância recortadas e outras salientes, e por fim com algumas janelas de ângulo, quebrando o peso maciço do volume. Por outro lado o volume cúbico é contrariado pela marcação de linhas horizontais nas lajes ou cintas de betão aparente pintadas de azul, assim como abas de protecção das janelas com estores.

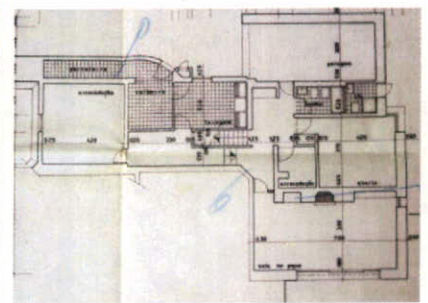
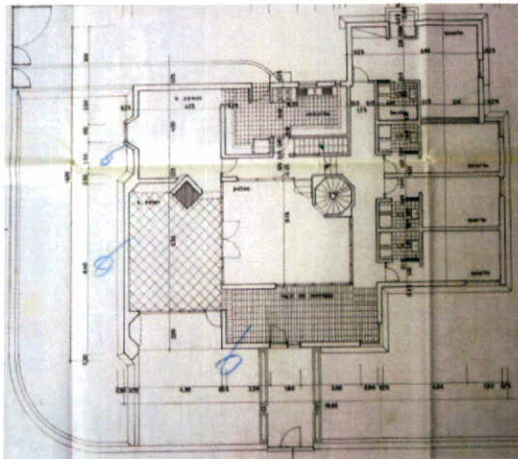
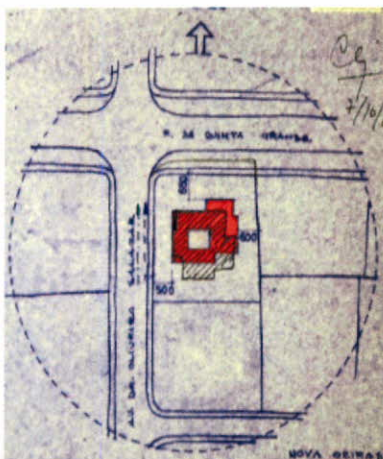
As peças principais da casa ficam ao nível da rua, no segundo piso, sendo o primeiro piso com os serviços (arrecadação, garagem, quarto de empregada, lavandaria) e uma sala de jogos, a nível térreo, em piso semi-enterrado, abaixo do nível da rua.

Acede-se assim à casa por uma larga rampa com um coberto sobre pilares e ladeada de floreiras de cimento, seguida de grande hall de entrada aberto por um grande vão para o pátio, distribuindo à esquerda para a zona social (a uma cota ligeiramente abaixo) e à direita para os 4 quartos seguidos (a uma cota ligeiramente acima). A casa apresenta variedade de tipos de vãos - frestas verticais, janelas normais ou ainda os grandes vãos envidraçados – segundo a natureza dos espaços. A mudança de altura de pé-direito também caracteriza fortemente os espaços, sendo de maior altura, acompanhando a inclinação da cobertura, na sala comum, nos quartos e casas de banho, e, ao contrário, de reduzido pé-direito na sala de jogos, no piso inferior, criando um espaço de grande conforto e recato, mas que se dilata para o exterior com os grandes vãos com portas de correr envidraçadas.

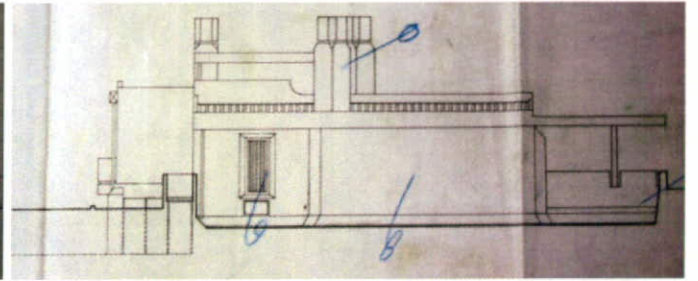
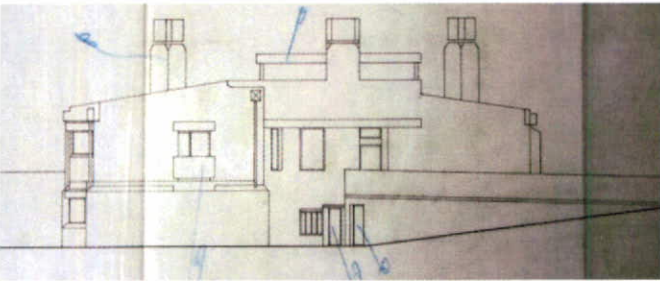
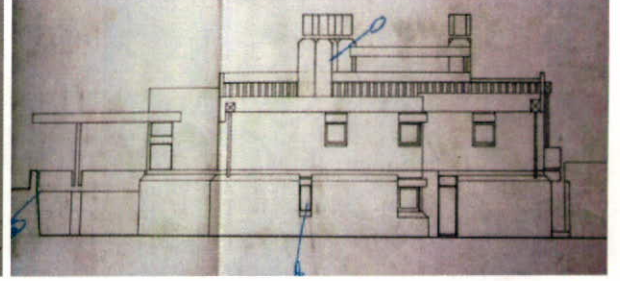
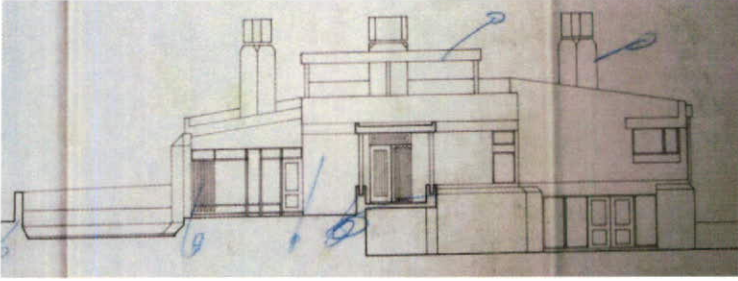
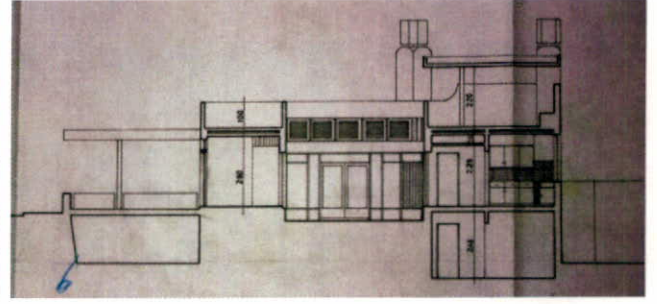
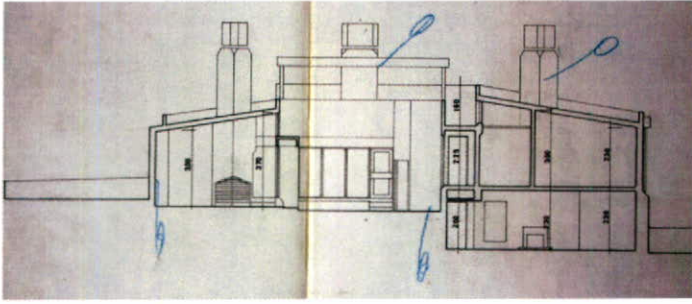
A mudança de cotas também permite individualizar as zonas que albergam diferentes funções, com os quartos a um nível mais elevado, e a sala dividida em dois níveis, com a sala de estar a uma cota inferior, mais íntima, relacionando-se directamente com o pátio pelos grandes vãos envidraçados de sacada. A relação com o pátio é assim muito rica, ora directa, na sala, ora a uma cota mais alta, nos corredores, ora indirectamente na zona de jantar, gerando-se uma variedade de situações e de graduações ambientais. A sala de jantar

	<p>encontra-se praticamente na penumbra, sendo iluminada por uma fresta vertical com “gelosia” de ripas verticais.</p> <p>De notar, a separação da zona de estar da zona de jantar, não só pelo desnível, mas também por uma “parede” solta dos lados, com os cantos chanfrados, permitindo o contacto contínuo entre os dois espaços, mas mantendo a individualidade e intimidade de cada um.</p> <p>A lareira, que remata esse plano, é um prisma de base quadrada, rodado, surgindo em ângulo, saliente, quer do lado da sala de estar quer do lado da sala de jantar. Mais uma vez, como em muitos outros projectos, configura-se como elemento central a partir do qual se organiza o espaço. Por outro lado, o revestimento do tecto em ripado de madeira confere a continuidade e unidade entre os dois espaços da sala, potenciando a fluidez dos espaços, interligados, mas com tratamento individualizado, com identidade própria.</p> <p>Outro aspecto de procura de intimidade: cria-se uma reentrância no corredor para a entrada nos quartos. O quarto principal é mais relacionado com o exterior, com uma varanda saliente, mas com a porta recuada da linha de fachada, criando um espaço exterior coberto que se pode fechar no verão, graças à persiana alinhada com a fachada, construindo uma hierarquia de espaços até ao exterior (lembrando soluções de Kahn, mas também a arquitectura vernacular).</p> <p>As casas de banho são iluminadas com umas janelas de topo que dão para o terraço na cobertura e são separadas dos quartos por uma divisória de madeira com porta de correr com vidro fosco.</p> <p>No pátio uma escada helicoidal, fechada num “torreão” de base hexagonal, conduz ao terraço parcialmente coberto com uma laje sobre pilares. Trata-se do único terraço/cobertura percorrível nas casas levantadas. É protegido por muretes, formados pela restante parte da cobertura com água de suave inclinação. De notar ainda a rampa de acesso à entrada de serviço pela cozinha, protegida por um muro que acaba em curva.</p> <p>É de salientar o desenho cuidado dos pormenores de formas geométricas vincadas, nomeadamente dos espessos caixilhos das portas envidraçadas e das janelas, assim como das portas dos quartos. Lembram a obra de Wright, em pesquisas semelhantes à contemporaneamente desenvolvida por Carlo Scarpa (também muito influenciado por Wright).</p> <p>O jardim, mais uma vez suavizando a geometria exacerbada da casa, era muito informal, com relva e arvoredos, um muro de pedra seca colocada na horizontal, encimada por uma sebe, na separação com o lote vizinho; e muro de argamassa irregular deformado, informal (quase como um rochedo), na parede de suporte da rua (sendo esta, como vimos a uma cota superior ao terreno).</p>
<p>Tipo de construção e revestimento</p>	<p>Pavimento em tijoleira, excepto nos quartos, com alcatifa; tectos estucados ou em ripado de madeira à vista nas salas, nas zonas de circulação e na sala de jogos. Reboco pintado a tinta de areia nos restantes espaços (não é certo que seja de origem, pois os tectos dos quartos são lisos).</p> <p>Da memória descritiva do projecto de arquitectura: «Construção mista</p>

	<p>de alvenaria e betão armado, sem que este último forme uma estrutura sistemática e contínua para todo o edifício. Paredes exteriores e interiores rebocadas e pintadas de branco. Pavimentos e coberturas de betão armado ou vigotas pré-fabricadas. As coberturas que não sejam em terraço serão revestidas de telha embebida na argamassa de regularização das lajes inclinadas. Os acabamentos e caixilharia serão de boa madeira exótica envernizada e de cor natural. As superfícies de betão aparente serão pintadas a tinta de cimento de cor azul de forma a sublinhar certas acentuações dos volumes e com vista a uma intenção decorativa.</p> <p>Da memória descritiva do estudo de estabilidade: «fundamentalmente, a estrutura resistente será constituída pelas paredes perimetrais, por algumas divisórias interiores e por pilares de betão armado que recebem, umas e outros, as vigas e as cintas de betão armado nas quais apoiam as lajes dos pavimentos, das coberturas – terraço e esteiras dos tectos do 1º andar».</p>
Encomendador	Comandante Ferreira Neves.
colaboradores	Sem a chancela do atelier. Em “Arquitectos” (em todos os desenhos) Conceição Silva e Jorge Silva ; sempre assinado por Conceição Silva. Estabilidade Eng.º Jaime Pereira Gomes.
situação actual	Razoável, mas algumas alterações sendo de lamentar em particular o pátio central impermeabilizado com tijoleira e coberto com estrutura de PVC; a alcatifa dos quartos foi substituída por tijoleira (infelizmente diferente da de origem das salas) e as superfícies de betão aparente foram pintadas de amarelo.
Bibliografia	<i>Francisco da Conceição Silva Arquitecto</i> , SNBA, Lisboa, 1987 (apenas listagem).



Plantas localização, piso 2 e piso 1 e cortes



Alçados poente, Sul, nascente e Norte





Fotografias actuais da autora.

Título ACS. nº. 116	<b>Casa Dr. José Lemos Salema (1965 – terminada por outro arquitecto em 1984).</b>
Localização	R. João Fernandes Labrador, Encosta da Ajuda, Restelo (era, na altura, o lote 666).
Anteprojecto	Maio 1965, entrada na CML a 31/05/1965, com nº proc. 25858 Houve vários projectos de alterações (ligeiras), com os nºs. De senhas 26150 de 02/06/1965; 52124 de 09/11/1965; 9720 de 02/03/1966; 1107 de 04/07/1967; 8438/68.
Licenciamento	Em 1967, com último projecto de alterações que suprime zona coberta entre a casa e lote do vizinho para satisfazer serviços CML, nº licença 221/67.
Construção	1968/69 (novo projecto de estruturas dá entrada em 1968, apesar do projecto inicial de 1965 vir acompanhado de projecto de estruturas) e pouco depois a obra é suspensa, por dificuldades financeiras do proprietário (doc. CML) e o Eng.º Pereira Gomes dá baixa do termo de responsabilidade em Abril de 1970. Tinha apenas fundações e parte da cave construídas. O imóvel é vendido em 1981 e a obra é retomada em 1982 pelo novo proprietário. O projecto de alterações – significativas - é do Arq.º Pedro Luís Nogueira de Lancastre.
Descrição artística	Casa espacialmente relativamente fluida, expressão moderna, conciliada com arquitectura tradicional, remetendo para F. Lloyd Wright, com composição em vários volumes e cobertura de telha de várias águas, de inclinação suave, prolongando-se acentuadamente. E ainda a concepção em torno de um <i>central living hall</i> de tradição anglo-saxónica.
tipologia/descrição	Casa em dois pisos, mais cave, inserida num terreno com jardim e declive acentuado, na zona alta do Restelo. A casa vira as costas ao lado da rua, abrindo-se a nascente e Sul, preservando a intimidade dos seus ocupantes e de forma a captar a vista rio. 1º piso. Entra-se por uma antecâmara que antecede o grande hall de distribuição central de duplo pé direito, marcado pela presença da escada. Trata-se de um espaço flexível, com características de estar, com dimensão generosa (cerca de 30 m <sup>2</sup> ) e de cruzamento para as diferentes peças da casa (sala, zona de serviços, escada que leva ao 2º piso ou pequeno hall que liga à garagem). É iluminado por uma abertura criada no ressalto da cobertura. A sala comum desenvolve-se em dois espaços diferenciados pela relação com o exterior – a zona de estar abre-se ao exterior por uma frente com portas de correr envidraçadas e a zona de jantar por vãos verticais espaçados. A relação com o exterior é mediada por um terraço coberto, com ligação ao jardim, a uma cota mais baixa. A zona de serviços é virada a norte. 2º piso. A zona de dormir e servida por uma sala aberta para uma varanda por três portas envidraçadas de correr. Suite com quarto de vestir, três quartos, uma suite para visitas e curiosa zona de banhos, de base quadrada, mas dividida em zona de retrete e zona de banho (no 1º projecto). No projecto final passa a duas casas de banho e o quarto de vestir da suite a uma antecâmara com roupeiro, assim como um vestíbulo com roupeiro que servia dois quartos com portas de correr no

	interior da parede, passa a um espaço banal que lança para dois quartos de portas convencionais. Cave com sala de recreio aberta ao jardim.
Dimensão	Área do terreno de 1140 m2.
Encomendador	Dr. José Manuel Cardoso Ribeiro Lapa Lemos Salema, gerente comercial residente na Pç de Londres, nº7, 1º esq.. Comprou o terreno municipal em hasta pública em 1964.
Colaboradores	Sem chancela do atelier, à excepção de um desenho de pormenor dos muros de 24/7/68. Em “arquitectos”, Conceição Silve e José Telo Zúquete (todos os projectos). Até ao último projecto de alterações de 1968, todas peças são assinadas por Conceição Silva. Estruturas, Eng.º Jaime Pereira Gomes.
Bibliografia	Arquivo Francisco da Conceição Silva Catálogo: <i>Francisco da Conceição Silva Arquitecto</i> , SNBA, Lisboa, 1987

Título	<b>Moradia Dr. António Maria Baptista Fernandes (1965- ?)</b>
Localização	Casa na Quinta da Almargem, S. Quintino, Sobral de Monte Agraço
Anteprojecto	Julho 1965. Desconhece-se se foi construído.
Tipologia/ descrição	Trata-se da alteração/recuperação da quinta e um projecto designado por “casa do Castelo”. O arquivo tem o desenho de uma casa (sem alçados), outra casa de caseiros, e de um museu, sem grande relevância. O pedido de licenciamento refere anexos. Desenho de interiores, nomeadamente um fogão de sala, armários e armários para um museu. Nota: de acordo com algumas facturas, terá havido na mesma altura obras de alterações na casa deste médico, na R. José Ferrão Castelo Branco, nº23 Paço de Arcos.
Encomendador	Dr. António Maria Baptista Fernandes
Colaboradores	Carmo Valente (trata-se do único projecto sem o nome do atelier nos desenhos técnicos, pelo que há dúvidas enquanto à autoria). Além de que todos os pagamentos a colaboradores são feitos pela Arq.ª Carmo Valente
Situação actual	Desconhece-se.
Bibliografia	Arquivo Atelier Conceição Silva

Título ACS. nº 361	<b>Casa Conceição Silva/Carmo Valente, Dafundo (1965 – 1967)</b>
Localização	Rua Joseph Bleck, 59 – Vivenda S. José – Dafundo.
Anteprojecto	Plantas de Dez. 1965, entrada na Câmara Municipal de Oeiras a 29 Dez. 1965, nº proc. 1379/65. Memória descritiva datada de 27 Dez. 1965.
Licenciamento	Projecto de arquitectura deferido a 17/5/66 e estabilidade entra em Abril de 1966.
Construção	Agosto 1966/Julho 1967. Out. 1966, com obra em curso, apresentam-se alterações - piscina mais arrecadação - aprovadas em Maio 1967. Telas finais apresentadas em Julho de 1967 (mês em que a obra está concluída), deferido em Set. 1967.
Descrição artística	Casa moderna, assimilando várias influências, entre a arquitectura popular (nomeadamente na frente do lado da rua praticamente cega, na cobertura de duas águas, com telha, no acabamento dos rebocos afagados à colher), neo-brutalista (na superfícies em betão à vista denunciando o sistema construtivo), e do organicismo defendido por Frank Lloyd Wright (na procura de um ambiente global e total, desde a adaptação às características do terreno ao desenho do mobiliário, exteriores). Espaço interior muito fluído e com grande abertura ao exterior. É de referir a semelhança com o Hotel da Balaia, sobretudo em relação ao corpo das áreas sociais.
Tipologia/ descrição	Esta casa insere-se em ambiente urbano consolidado, no final duma rua sem saída, rematada por uma quinta que Conceição Silva vem a comprar mais tarde, associado a Valadas Fernandes (dono da construtora Engil). Apesar do ambiente descaracterizado do bairro, com prédios a Norte da rua que se desenvolve paralelamente ao Tejo, o terreno, a Sul, no topo da encosta, oferece uma vista aberta sobre o rio, argumento que seduziu o arquitecto. É o último lote de moradias isoladas que remata a rua do lado Sul, sendo ladeada, a nascente, de uma moradia tradicional. O terreno apresenta um forte declive, o que conduziu à solução em dois pisos, sendo o primeiro semi-enterrado. O projecto desenvolve-se em três plataformas: uma onde se constrói a casa, outra onde fica a piscina e uma terceira para um jardim murado, com grande intimidade. A construção ocupa praticamente toda a largura do lote e é recuada de cerca de três metros da rua, criando um terraço aberto, espaço para um carro e recesso exterior de acesso à casa; solução muito distinta das casas contíguas, muito vulgares, colocadas no meio da frente do lote, com espaço lateral para o carro e frente virada à rua antecedida de pequeno jardim. A casa é fechada à rua, com a frente praticamente cega, interrompida apenas pela porta de entrada, à direita, e, do lado oposto, na base do muro, um pequeno vão que ilumina um dos quartos do 1º piso, mas protegido por uma rótula fixa. Na realidade, lê-se essa frente como um muro, que não deixa de evocar a arquitectura popular. Não se suspeita minimamente da casa que se desenvolve por detrás dessa frente singela, apenas traída pelo desenho cuidado da rótula e da porta de entrada, de cantos biselados, assim como uma floreira em betão aparente, suspensa no topo do muro, frente ao pátio que serve a cozinha. Trata-se, na nossa opinião, da casa mais notável de Conceição Silva, ao

que não será alheio ser a sua casa, com um programa determinado pelo modo de vida informal defendido pelo arquitecto, tirando o melhor partido das características do lugar.

A casa abre-se a Sul, à vista rio, em extrema privacidade, não se sentindo a presença da malha urbana que se deixou para trás. A procura de intimidade é ainda reforçada pelos terraços profundos, em vazio no paralelepípedo. A estrutura é suportada pelas paredes perimetrais, em sistema de pilar, viga, cinta e laje de betão, libertando-se ao máximo o interior desenvolvido em planta livre, possibilitando igualmente a fachada livre (um invólucro, ao modo de Le Corbusier). Ao cerramento da frente Norte opõe-se a abertura da frente Sul, com “parede” de madeira e vidro, conferindo grande delicadeza ao volume maciço.

A casa caracteriza-se por uma notável fluidez espacial, centrada nos espaços sociais, que se prolongam do segundo piso para o primeiro piso (assim como para um terceiro piso em mezzanine, destinado a escritório), numa apreensão do espaço não só horizontal, mas também vertical. O espaço é agenciado a partir do movimento dos habitantes e defende-se um novo modo de viver, informal, valorizando a comunicação e o contacto.

O espaço de entrada é localizado entre os dois pisos, à cota da rua, elevando-se o primeiro piso a 1,50 sobre o nível da rua (conforme memória descritiva). Abre-se assim aos dois pisos, em perspectiva prolongada até ao exterior, pela sua colocação intermédia e pela “transparência” dos grandes vãos e da escada (parcialmente) solta, com degraus sem espelhos, com os cobertores apoiados directamente na estrutura (num dos lances, sendo o outro com espelhos para tapar a zona de acesso à arrecadação). Esse espaço é ainda iluminado por uma pequena janela do pátio interior. A casa pode assim ser atravessada do olhar desde o patamar de entrada. A parede da zona de entrada forrada com um baixo relevo sobre superfície espelhada reforça a continuidade perspectica entre os pisos. Um alçapão recortado no pavimento dá acesso a uma arrecadação no piso inferior, destinada à lenha. Uma casa de banho social remata a zona de entrada a poente.

O primeiro piso é centrado numa ampla sala comum em L, fortemente caracterizada pela grande chaminé branca que se destaca plasticamente da parede de pedra deixada a nu e que realça igualmente a verticalidade do espaço com altura de duplo pé-direito, acompanhando a inclinação da cobertura de duas águas. Nesse muro de pedra, abre-se uma pequena fresta para deixar passar a luz do nascer do sol.

Este amplo espaço único e flexível é simultaneamente um espaço de estar e de distribuição para o quarto ou para a cozinha. Como na maioria das casas, os elementos fixos determinam espaços diferenciados com as actividades a desenvolver. O espaço de estar, desenvolve-se em torno da lareira, num desnível, com a marcação também pela mudança de revestimento do pavimento, em troncos de madeira cortados, em contraste com a regularidade do soalho de madeira. A sala abre-se à vista rio pelos grandes vãos de sacada - um fixo e outro de correr com perto de 4 metros - mas intermediada por um grande terraço protegido pela laje da cobertura e rematado por uma floreira longitudinal, reforçando a intimidade. Conceição Silva reservou o seu espaço de

trabalho numa mezzanine aberta sobre a sala - escritório/biblioteca, iluminado por uma janela vertical sobre o pátio interior, e uma fresta horizontal do lado do Tejo, à altura dos olhos, quando sentado à secretária. Uma pequena fresta, deixa ainda captar a luz do por do sol, ganhando intensidade com o vidro amarelo, mesmo nos dias encobertos. O quarto alongado é dividido em três espaços pelo bloco da casa de banho tratado como uma caixa de madeira. É desenhado como uma peça contínua que se prolonga nos roupeiros e na *coiffeuse*. O desenho muito depurado e delicado, valorizando antes as qualidades da madeira, com os veios marcados do pau-santo, remete para o *design* de mobiliário escandinavo (muito idêntico ao do Hotel da Balaia, desenhado também por Carmo Valente). O quarto de vestir abre-se ao pátio interior ajardinado e o espaço de dormir, do lado oposto, à vista rio. É protegido do exterior por um pano de parede de madeira, do lado da cabeceira da cama, podendo no entanto ver-se o rio pelo vão que tornea o ângulo (oblíquo), dispositivo que enriquece o espaço interior. Esta zona reservada à intimidade ganha grande conforto pelo recurso exaustivo à madeira de pau-santo e pela alcatifa no pavimento.

Sendo a casa fechada a Norte, recorre-se aos pátios interiores para a sua iluminação, nomeadamente entre o quarto de vestir e a entrada e junto à cozinha.

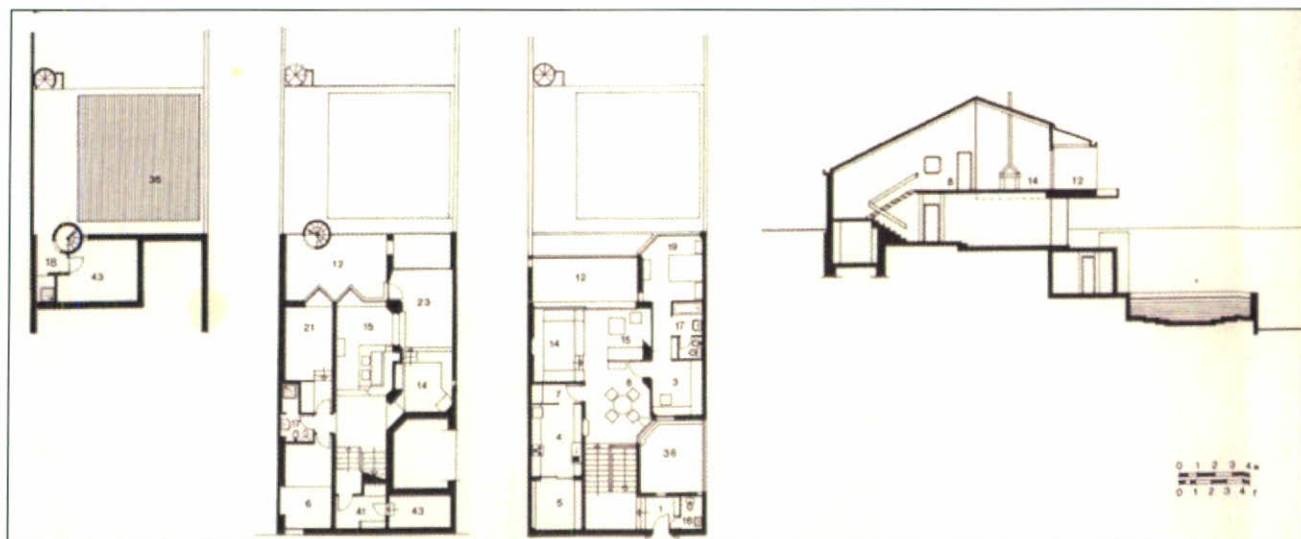
A zona social prolonga-se no piso inferior, desenvolvida neste caso em dois espaços inter-relacionados, mas individualizados, separados por um pano de parede solto (lateralmente), com um dos cantos repercutindo a parede chanfrada, permitindo a continuidade espacial e visual, mas possibilitando o desenrolar de actividades com características diferentes. Tal como no piso de cima, o espaço central mais aberto é um espaço de estar e de ligação às diversas partes, onde se cruza o movimento dos habitantes. Prolonga-se a poente na sala de jogos, a um nível inferior, permitindo um maior recato. Em ambos os espaços, constrói-se um sofá de alvenaria em L, num desnível. A inter-relação com o exterior é reforçada pelos vãos em ângulo de 90° que penetram no terraço, ao mesmo tempo que trazem o exterior para dentro, no espaço central e num dos dois quartos (era do da Paula, filha mais nova do arquitecto). Estes espaços estreitos e alongados são dilatados para o exterior pelos grandes vãos de sacada, mas, tal como em cima, a relação é intermediada pelo terraço coberto pela laje superior. Este piso fica a mais de um metro do nível da plataforma da piscina, conferindo qualidades contemplativas ao terraço, lembrando também a arquitectura japonesa. O terraço é dividido por uma parede, com vão circular, recorte de contacto entre os dois espaços tratado também como um banco.

O recurso exaustivo à madeira, no revestimento dos pavimentos (da zona social e no terraço do 2º piso), nos tectos, com tábuas únicas alcançando perto de 9 m (terraços incluídos), caixilhos, armários, guarnições dos vãos, guardas do terraço inferior etc... unificam o espaço. O ambiente global fortemente caracterizado, desenho intenso e muito cuidado dos detalhes e pormenores construtivos, realçando-se ainda a marcação das linhas horizontais e verticais, remetem para a obra de F. Lloyd Wright, que sabemos ser uma das principais referências de

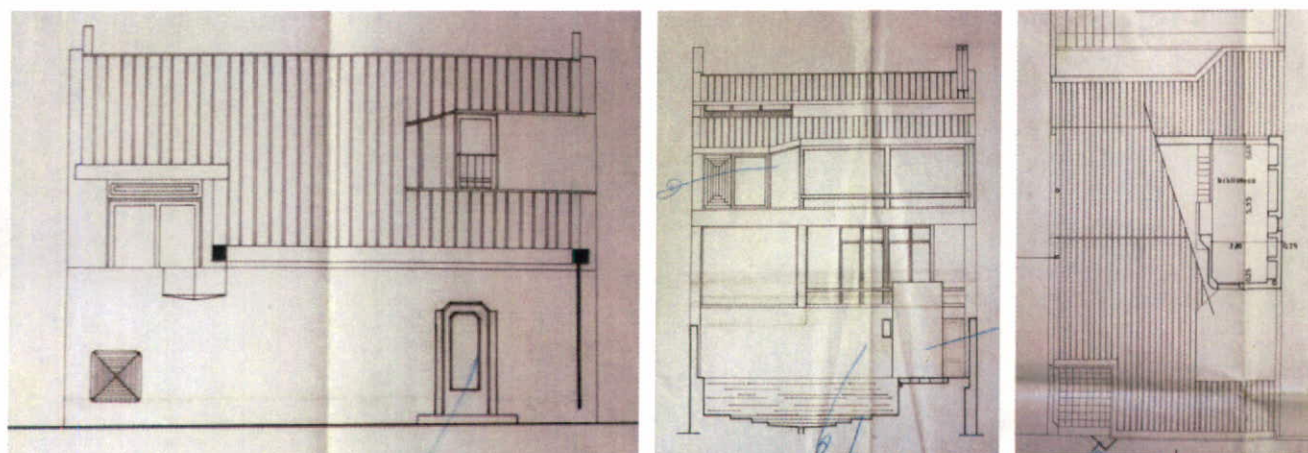
	<p>Conceição Silva<sup>5</sup>. Os espaços ganham ainda identidade pelo seu tratamento individualizado e pelos pormenores como os degraus soltos, cada um com o seu desenho e matéria (madeira ou pedra), as obras de arte directamente nas portas dos armários, o chanfro de alguns volumes, a abertura de vãos diferenciados em função do ambiente pretendido. É também de salientar o desenho notável da piscina de base quadrada, que ocupa a quase totalidade da plataforma, com o fundo animado pelo desenrolar de degraus de base quadrada em três níveis de profundidade, em degradé de azul (retomando também o tema da parede exterior do quarto em painel de madeira com quadrados concêntricos). É ligada à plataforma superior por uma escada helicoidal fechada entre muros, volume plástico muito destacado, que lembra as construções medievais. Todo o equipamento e mobiliário foram desenhados por Conceição Silva e Carmo Valente, integrando ainda a intervenção artística, como vimos em pintura na frente dos armários.</p> <p>Destaquem-se o bar (sala superior), o cofre (quarto), o armário de roupa suja encastrado na “caixa” da casa de banho, o móvel dos discos (solto). O mobiliário varia entre o contemporâneo e uma reinvenção de mobiliário antigo (nomeadamente candeeiros, cadeiras, mesa e sofás com pés torcidos) e é idêntico ao do Hotel da Balaia.</p> <p>É notável o pormenor do projecto de execução, levado à exaustão, com cerca de 100 folhas no total, com desenhos pormenorizados de todas as peças, vãos, encaixes, puxadores, mobiliário e arranjos exteriores.</p>
Tipo de construção e revestimento	<p>Memória descritiva do projecto de estabilidade: «estruturalmente, a moradia terá como elementos fundamentais de resistência as paredes exteriores e interiores de espessura superior a 0,25 m. Os pavimentos sobre-elevados, os tectos e as esteiras da cobertura serão constituídos por lajes aligeiradas do tipo Patial, excepto onde foram no projecto previstos pavimentos de vigamento de madeira. Na sua função resistente as paredes serão complementadas com vigas e cintas de betão armado e travadas por pilares do mesmo material». Uma parede em pedra cortada na horizontal (da lareira).</p> <p>Madeiras envernizadas na caixilharia em pitch pine e no forro dos tectos. Alguns bancos em alvenaria nas salas, com cobertor de madeira. Casas de banho em mármore e madeira de pau-santo. Cozinha em madeira (armários), mármore e azulejo. Pavimento do piso superior em soalho de madeira (terraço incluído), piso 1 e entrada em tijoleira, quarto principal alcatifado. Móveis predominantemente em madeira, com alguns tampos em acrílico, mármore estremo, napa (estirador) e outros.</p> <p>Pinturas de Menez (quarto), Espiga Pinto (frente do bar e do armário do escritório), Sá Nogueira (retrato do escritório), Charrua (quarto), Carmo Valente (quarto de criança), tapeçaria de Júlio Pomar, escultura de Cutileiro, cerâmica de Querubim Lapa</p>
Dimensão	275 m2 construídos em lote de 390 m2 (ocupa 171 m2 do terreno), com terreno de pendente muito acentuada.
Encomenda	Casa própria. Carmo Valente, vivia num prédio desta rua, mais acima e

<sup>5</sup> A admiração pela obra de F. Lloyd Wright foi-nos confirmada por Francisco Conceição Silva (filho), em testemunho pessoal.

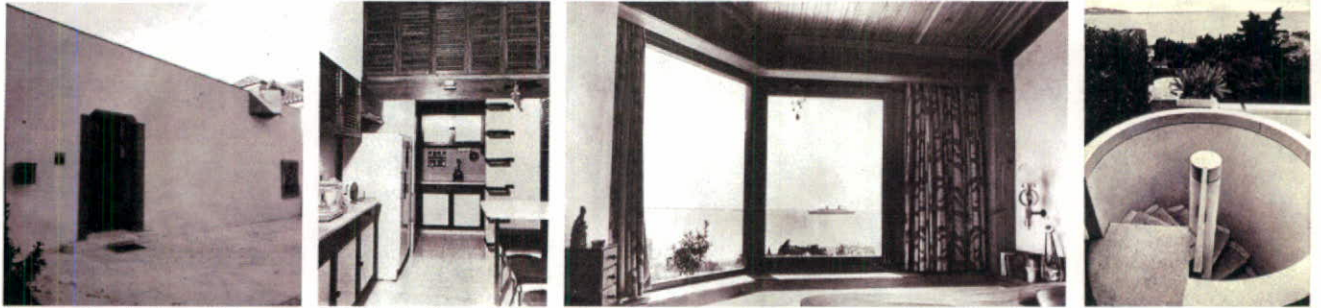
	detectou o terreno que estava à venda. A requerente do processo na CML é aliás Maria do Carmo Corvo Valente.
Colaboradores	Sem chancela do atelier, sendo a memória descritiva e todos os projectos assinados por Conceição Silva, único nome que consta em "Arquitectos". Equipamento de Conceição Silva e Carmo Valente. Projecto de estabilidade: Eng.º Jaime Pereira Gomes.
Situação actual	Em muito bom estado de conservação, mobiliário incluído (apenas a mesa/cadeiras de jantar foram lacadas a beije). Casa levou um reforço estrutural em 1999, tendo sofrido um grave assentamento.
Bibliografia	Arquivo Conceição Silva <i>Casa &amp; Decoração</i> nº 6, 1969 Fernandes, José Manuel, <i>Anos 60, Anos de Ruptura</i> , Lisboa 94, Livros Horizonte, Lisboa, 1994 <i>Francisco da Conceição Silva Arquitecto</i> , SNBA, Lisboa, 1987 <i>Maisons au Soleil</i> , Office du Livre, Fribourg, 1971 Ramos, Rui Jorge Garcia, <i>A Casa Unifamiliar Burguesa na Arquitectura Portuguesa</i> , FAUP, Porto, 2004, p. 7-452



Plantas da cave, piso 1 e piso 2, corte, do livro *Maisons au Soleil*



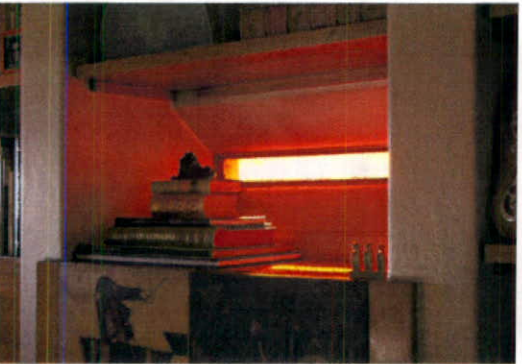
Alçado Norte, alçado Sul, planta cobertura, arquivo ACS



Fotografias do livro *Maisons au Soleil* e da *Casa & Decoração* n° 6



Fotografias actuais, da autora (incluindo todas as que se seguem)





Título	<b>Casa Dr. Manuel José Archer Homem de Mello (1966)</b>
Localização	Rua de Inglaterra n° 30, Estoril
Anteprojecto	1966
Tipologia/ descrição	Tratou-se da remodelação e pequena ampliação de uma casa pré-existente, incluindo decoração. Já não existe, tendo o proprietário comprado posteriormente o terreno contíguo e ampliado/remodelado a casa com outro arquitecto. O dr. Manuel Homem de Mello referiu que não correu muito bem devido ao «muito mau feitio do arquitecto e da sua colaboradora, a arq <sup>a</sup> Carmo Valente, que não se entendeu» com a sua mulher, razão pela qual não voltou a recorrer aos seus serviços.
Encomendador	Dr. Manuel José Archer Homem de Mello.
Colaboradores	Sem chancela. Conceição Silva, e Carmo Valente na decoração.
Situação actual	Totalmente alterado
Bibliografia	Catálogo <i>Francisco da Conceição Silva Arquitecto</i> , SNBA, Lisboa, 1987 (apenas listagem)

Título Nº 111 acs	<b>Casa Eng.º Rogério Martins – São Pedro Estoril (1965 – 1968/1970)</b>
Localização	Casa das Papoulas, Av. Almirante João Azevedo Coutinho, nº569, (Quinta de Mela, Alto Murtal) São Pedro do Estoril.
Anteprojecto	1º processo nº12779/65, com entrada na Câmara Municipal de Cascais a 18 Dez 1965. Nova entrada de alterações (ligeiras) no decurso da obra, a 21 de Março de 1970, nomeadamente, nos vãos da sala no alçado Sul, que em vez de um grande vão com portas de correr, passam a 2 grandes vãos interrompidos por parede de alvenaria. Projecto de pormenores e equipamento em 1968;
Licenciamento	Projecto de cálculos de estabilidade entra a 18 Jan. de 1967. Licença de construção 4201/67, de 26 de Outubro de 1967;
Construção	28/10/1967 dá-se o início dos trabalhos (de acordo com folha de fiscalização de obras na CMC). Decorreram 68/69/70. Telas finais entregues a 21 de Março 1970 (com alterações não significativas). Pedido de licença de habitação entra na CMC em Maio 1971, concedida em Janeiro de 1972.
Descrição artística	Arquitectura moderna, de fase contextualista, adaptando-se à topografia e ao sítio, conciliando a expressão moderna e vernacular (como são exemplos uma pérgola, elemento típico da arquitectura tradicional, ou a cobertura em telhado). Espaço interno fluido, com tratamento total do ambiente dentro do princípio de obra global.
Tipologia/ descrição	<p>O lote fazia parte de uma antiga quinta que foi sendo vendida em lotes, mantendo-se na altura a envolvente com características rurais. O terreno apresenta uma configuração muito curiosa, com forte pendente, com a entrada pelo arruamento a jusante, por uma estreita alameda entre dois lotes (parte integrante do lote), no final da qual se desenvolve o terreno de base rectangular. Recorda-se o Eng.º Rogério Martins, então Secretário de Estado da Indústria, que quando convidou o arquitecto a desenhar-lhe a casa, este não se mostrou muito interessado. Porém, quando visitou o terreno ficou encantado com a vista mar e a envolvente bucólica.</p> <p>A casa implanta-se no topo do terreno, libertando o jardim a Sul, adaptando-se à topografia de acentuado declive. Mais uma vez, vira as costas à rua (se bem que esta é afastada) e aos lotes acima (que ladeiam a alameda), abrindo-se a Sul, à vista mar e valorizando a privacidade. Articula-se em três volumes que correspondem a distintas funções, garagem, zona social e zona de serviços/quartos, sendo estes dois últimos em pisos separados. A garagem articula-se com o volume destinado ao habitar pelo intermédio de um terraço coberto aberto à vista mar, o qual é ligado ao jardim por escada. O corpo da garagem é ligado à casa pela cobertura continuada.</p> <p>Rogério Martins conta que ao fim de muito pouco tempo, o arquitecto apresentou-lhe o projecto. Para seu espanto era apenas o corpo das salas, articuladas em dois pisos, rematado por umas linhas descontínuas. Questionou Conceição Silva sobre o resto do programa, nomeadamente os quartos, ao que este lhe respondeu que estavam ali representados abstractamente. Perante a insistência do cliente,</p>

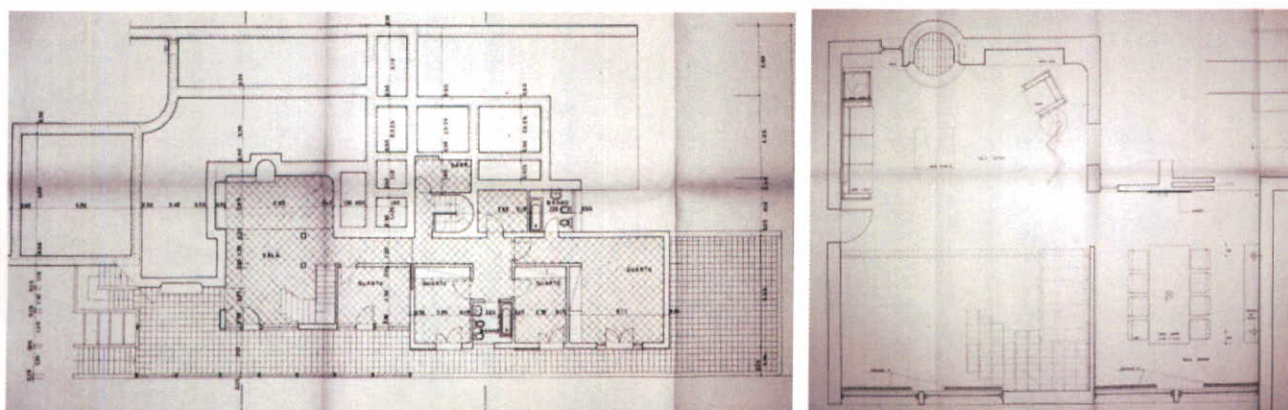
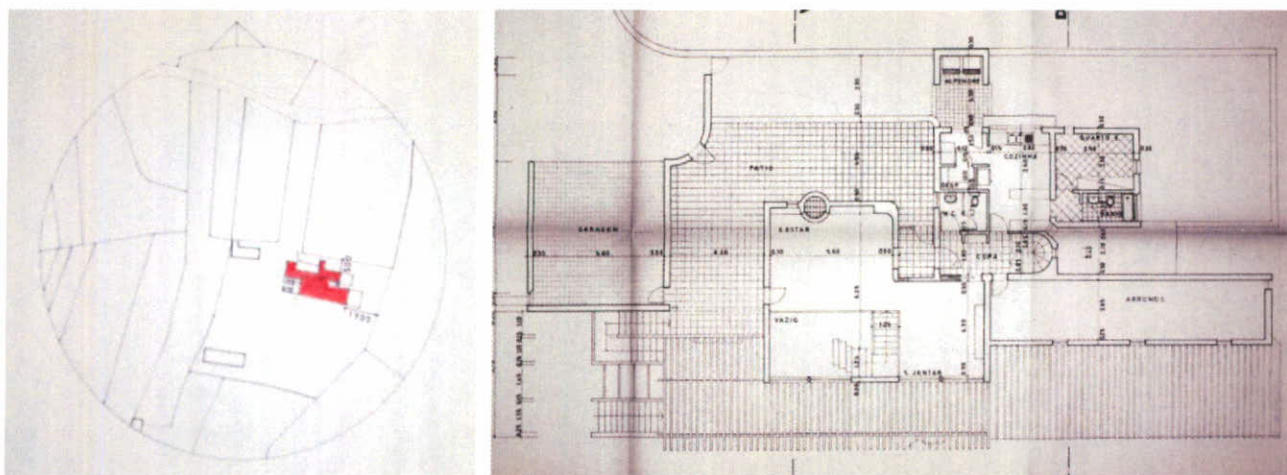
explicou-lhe que não interessava agora pensar nos quartos, que a concepção do projecto baseava-se na articulação da área social, e os quartos seriam quantos ele quisesse, desenvolvidos numa correnteza, podendo prolongar-se essa ala à medida de novas necessidades. Concluiu dizendo que ia então desenvolver os quartos, tendo-lhe apresentado o projecto completo pouco depois. Este pequeno episódio é revelador da maneira de pensar do arquitecto e confirma a concepção dos projectos domésticos centrada numa ampla área social que articula todas as peças.

A construção adapta-se à topografia pousando em duas plataformas, o piso inferior semi-enterrado. O acesso faz-se pelo piso de cima, por uma pequena antecâmara que distribui seja para a área de serviços, seja para uma sala comum. Este espaço é aberto para a sala por um vão sem porta, solução que foi tema de outra discussão com o cliente. O cargo público de Rogério Martins sujeitava-o a ter de receber algum membro do Governo, o que não se compadecia com a inexistência de um hall de entrada que defendesse a privacidade da sala. Rogério Martins recorda-se de o arquitecto ter feito finca-pé para não compartimentar o vestíbulo, acabando por resolver o diferendo com um biombo expressamente desenhado no atelier.

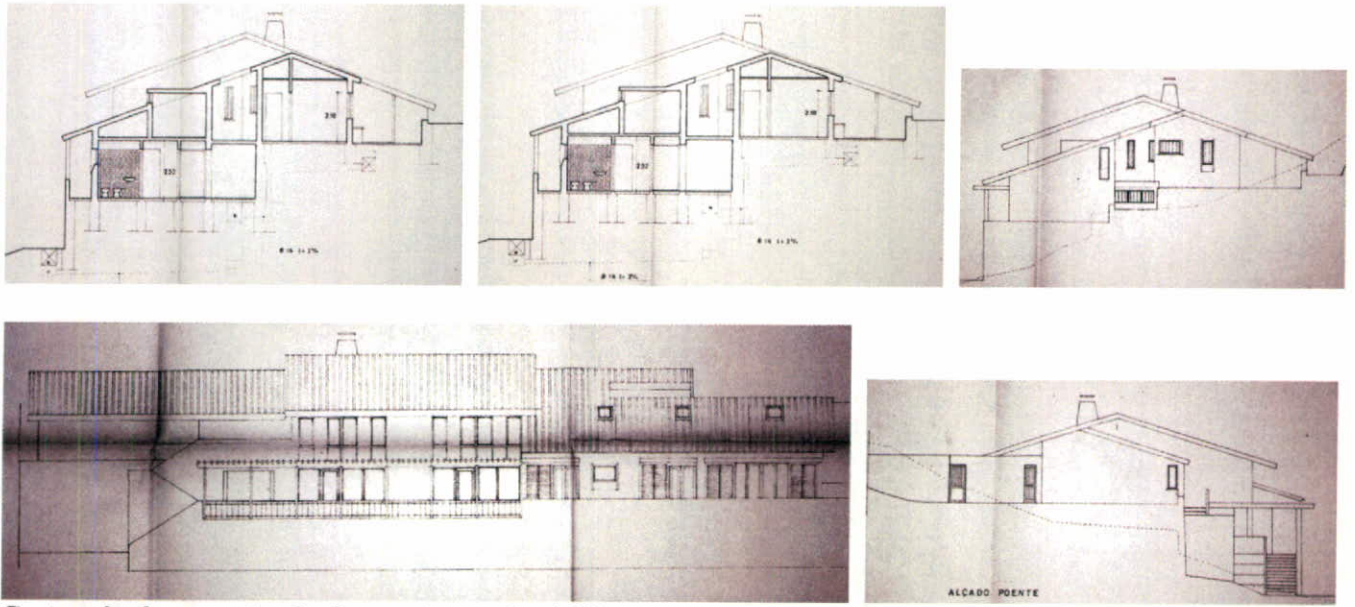
Mais uma vez, a composição do espaço é determinada pela peça central constituída pela zona social que se desmultiplica em dois pisos, numa apreensão tridimensional do espaço. Estas salas são ligadas verticalmente pela escada (parcialmente solta) e pelo desenvolvimento do espaço superior em galeria, debruçado sobre o piso inferior. A sala do piso 2, desenvolvida em L, é fortemente marcada pela presença da chaminé em cone destacada da parede – no interior e no exterior – ladeada de uma fresta vertical (solução muito idêntica à empregue nos bungalows do Hotel da Balaia, projectados um ano depois). O equipamento fixo determina as actividades a desenvolver – como a lareira e um bar integrado na estrutura, no espaço de estar, e uma consola de pedra (igualmente encastrado) no espaço de jantar. O tecto acompanha a inclinação da cobertura, com o forro de madeira aparente, ampliando o espaço. A área social é continuada no piso inferior, uma sala mais recatada, com zona de estar num rebaixo em torno da lareira, sendo esta neste caso com expressão mais tradicional, rematada por um tronco de madeira. O pé-direito rebaixado, em oposição ao espaço de dupla altura que recebe a escada, confere grande conforto e intimidade a este espaço. Esta sala é ainda marcada pela estrutura do piso de cima aparente, sem forro, com os barrotes à vista e sendo a face do soalho pintada de negro, como uma reinterpretação dos típicos caixotões portugueses (em solução semelhante à da casa da Minhoca, no Penedo). É também de salientar o pormenor dos dois pilares de suporte da estrutura do piso de cima, em duas peças de madeira com secção rectangular, assentando numa base de ferro pintada a negro (desenho que lembra a obra contemporânea de Scarpa). A área social dilata-se para o exterior pelos grandes vãos envidraçados de caixilhos de madeira de desenho muito cuidado. Porém a relação com o exterior é mediada por um

	<p>terraço coberto por pérgola, em reinterpretação da arquitectura tradicional, ao que se acresce um banco numa peça única em pedra inserido no muro de suporte do terraço superior. Refere a memória descritiva que os «pátios, varandas cobertas e outros espaços, garantem uma projecção da vida interior da moradia para o exterior». Tal como no piso de cima, a sala do piso inferior caracteriza-se pela sua flexibilidade, assumindo-se como espaço de estar e de cruzamento de percursos, com a ligação à ala dos quartos. Estes desenvolvem-se numa correnteza, entre escritório, dois quartos servidos por uma antecâmara e casa de banho e suite principal. A continuidade espacial é reforçada pelo tecto “em caixotão” que se prolonga da sala para o corredor de acesso aos quartos e para o escritório, nesta dependência continuado no móvel estante, peça que integra também a secretária. De referir ainda o tampo da secretária em pele verde, cor que é igualmente empregue nas “almofadas” dos roupeiros, unificando mais uma vez o espaço pela matéria.</p> <p>No forro da cobertura do corpo dos quartos, agenciam-se umas arrecadações, iluminadas por modernas trapeiras (semelhantes às empregues mais tarde na casa da Boca do Inferno).</p> <p>Pese embora a moderna fluidez espacial, esta casa reflecte nalgumas soluções o estilo de vida de uma família tradicional, nomeadamente no grande desenvolvimento da área de serviços e na ligação - através da copa - ao piso dos quartos por uma escada que desemboca no corredor. Rogério Martins referiu ainda a discussão a propósito da área de serviços, recordando que o arquitecto defendia um espaço mais compacto, argumentando que na vida contemporânea as tarefas eram facilitadas pelas máquinas, resistindo nomeadamente a desenhar uma área de lavagens. Acabou mais uma vez por arranjar uma solução intermédia, colocando a área de lavagens no exterior, ligada pela cobertura (ao que parece, neste caso, um pouco contrariado).</p> <p>Nota: a pasta do atelier inclui inúmeros desenhos de pormenor e ainda um caderno de encargos para concurso de empreitada, com inúmeras cláusulas, com grande detalhe, o que reflecte a enorme exigência e eficácia do arquitecto e a sua preocupação com o controle da execução da obra.</p>
<p>Tipo de construção e revestimento</p>	<p>No exterior, portadas de madeira de correndo numa peça em lioz e rematadas por aba em madeira envernizada. Terraços em tijoleira e caminhos lajes de pedra da região. Beirais: tábuas de pinho a rematar o telhado, pintada de branco.</p> <p>Interior: revestimento do pavimento: piso de cima em soalho de madeira envernizada na sala, cozinha e piso de baixo em tijoleira. Escadas da sala com espelhos em tijoleira e moldura de madeira, fazendo a ligação matérica entre os dois pisos. Portas interiores, roupeiros e armários de cozinha em “pinho de 1ª qualidade para pintar (de verde nos quartos, de beije na cozinha)”. Paredes brancas caiadas e revestimento dos tectos da sala com forro da cobertura em pinho envernizado em combinação de tábuas sobrepostas (ficando à vista uma mais estreita/ outra mais larga). Casas de banho do piso de baixo</p>

	em pedra brecha verde (tonalidade cinza esverdeado) cortadas em grandes peças, à medida. Construção mista de alvenaria de pedra ou tijolo e elementos de cimento armado, assim como «...utilização em grande escala de madeira não só em revestimentos mas também na estrutura do corpo das salas e cobertos exteriores. Cobertura em telha sobre armação de madeira» (memória descritiva).
Dimensão	Cerca de 270 m2, mais garagem. Terreno com 6133 m2
Encomendador	Eng.º Rogério da Conceição Serafim Martins, então secretário de Estado da Indústria. Foi apresentado ao arquitecto pelo Engº António Valadas Fernandes.
Colaboradores	Não tem chancela, consta em “Arquitectos” Conceição Silva, Jorge Silva (1965) e ainda Germano Venade (só em 1967); desenho de pormenores e equipamento: J. Telo Zúquete, Santos Pimenta e Carmo Valente (a maioria)
Situação actual	Muito bom, embora tenha sofrido algumas alterações, nomeadamente caixilharia e portadas trocadas, são agora em PVC.
Bibliografia	Arquivo Francisco da Conceição Silva catálogo: Francisco da Conceição Silva Arquitecto, SNBA, Lisboa, 1987 (apenas listagem)



Plantas implantação, piso 2 (de entrada), piso 1, planta da sala do piso , arquivo ACS



Cortes, alçado nascente, alçado poente, arquivo ACS



Fotografias actuais da autora

Título arq. n. 316	<b>Moradia na Boavista – Lagos (1966 - ?)</b>
Localização	Vivenda do lote 289 - Urbanização na Boavista – Lagos (próximo do Lago e da Pousada)
Anteprojecto Construção	Fev. 1966, entrada na CM Lagos. Não há indicação de que tenha sido construída
Descrição artística	Casa moderna, com nítidas influências de Frank Lloyd Wright, nomeadamente centrada num espaço único de estar e distribuição (do tipo do central <i>living hall</i> ) com cobertura de várias águas de suave inclinação, prolongando-se para cobrir os terraços, assim como a garagem.
Tipologia/ descrição	Inserida numa urbanização turística. Casa num piso, centrada numa sala comum, peça central de estar e de distribuição para os quartos (antecedidos de pequeno vestíbulo). A sala comum diferencia no entanto os dois espaços – estar e jantar – que são separados por um arco, cada um com a sua lareira. O espaço de estar é fortemente relacionado com o exterior por grandes vãos com portas de correr, sendo mediada por terraços cobertos com zona de refeições no exterior, com churrasco. Um tanque é adossado à casa.
Tipo de construção e revestimento	No interior, pavimento em tijoleira encerada, paredes e tectos caiados e na sala tecto em reguado de madeira envernizada. No exterior pavimentos dos terraços em tijoleira, paredes caiadas com soco pintado, forro de madeira da cobertura em madeira envernizada, em prolongamento do interior. Rotulados e persianas pintadas. Cobertura com telha portuguesa.
Dimensão	2100 m2 de terreno
Encomendador	
Colaboradores	Só Conceição Silva (não tem a chancela do atelier)
Bibliografia	Arquivo Atelier Conceição Silva

Título ACS nº. 419 e 109	<b>Casa Amália Rodrigues – Brejão (1967-1968)</b>
Localização	Brejão - Odemira
Anteprojecto Licenciamento Construção	Julho 1967 (entrada na CML) e Janeiro 68 (ligeiras alterações) Pressupõe-se em 1967 <sup>6</sup> Pressupõe-se 1968 (entrega das telas finais)
Descrição artística	<p>Fase contextualista, de revisão da arquitectura moderna, nomeadamente com a reinterpretação da arquitectura vernacular. É nítida a influência do organicismo wrightiano, logrando-se um ambiente global com o estudo de todos os aspectos da arquitectura, do espaço interno ao exterior, com a integração do equipamento e o extremo cuidado do desenho de pormenor.</p> <p>Verifica-se por um lado a integração local, com a adaptação à topografia em várias plataformas, o recurso a sistemas construtivos e materiais de acabamento tradicionais, como a cobertura em telhado, o reboco afagado à colher, a pedra calcária da região, a tijoleira e as paredes caiadas ou ainda a reinterpretação da lareira alentejana, cuja grande chaminé se destaca igualmente no exterior. E por outro lado, uma espacialidade moderna de grande fluidez, agenciada numa rede de base ortogonal, criando a interpenetração entre os vários espaços, valorizando o movimento dos seus habitantes (resgatando, mais uma vez, a obra de Wright).</p> <p>Cite-se da memória descritiva: “Na volumetria, tratamento de paredes e vãos, e materiais empregados procurou-se uma integração no espírito das construções da região, sendo a cada um destes elementos conferida toda a sua nobreza e verdade, de modo a conseguir-se no todo a elegância que é atributo da sobriedade conscientemente procurada”.</p>
Tipologia/ descrição	<p>Terreno com declive, em orientação nascente-poente em direcção ao mar, tendo-se implantado a casa próxima da falésia, orientando-a à vista mar. Articula-se em vários volumes, em plataformas a diferentes cotas, acompanhando a topografia, repercutindo também o agenciamento do programa no interior. A morfologia complexa, resultando em várias reentrâncias, permite desenhar a relação com o exterior e criar um maior clima de intimidade, “domesticando” o ambiente agreste da costa alentejana. As frentes Norte e nascente (do lado da entrada) são praticamente cegas, protegendo a casa do vento e dos olhares indiscretos. A expressão vernacular, mais acentuada desses lados, ganha erudição na frente poente com o recurso ao betão decofrado deixado a nu.</p> <p>A planta desenvolve-se em cruz (irregular), permitindo a separação das diversas funções. Acede-se à casa lateralmente, por um percurso coberto com alpendre em estrutura de madeira (entretando substituído por ferro e vidro) que ladeia a garagem. O espaço interno articula-se em torno de um hall central aberto que distribui para as diversas peças, sendo a composição baseada numa rede de base ortogonal, em grande fluidez espacial, em função do movimento dos habitantes. A zona</p>

<sup>6</sup> Não nos foi possível verificar realizar a consulta à Câmara de Odemira no âmbito deste trabalho

social desenvolve-se num eixo com vários espaços a diferentes níveis e com variação de altura de pé-direito, consoante o ambiente que se quer criar. As zonas de transição com tecto rebaixado conferem um grande conforto enquanto o espaço de estar dilata-se na vertical, o tecto acompanhando a inclinação da cobertura. Num recanto mais privado, agencia-se um espaço de estar em torno de uma grande lareira que reinterpreta as chaminés alentejanas e a sua função congregadora na arquitectura popular. O espaço de jantar desenvolve-se num espaço a uma cota superior, em ambiente mais reservado, com apenas uma fresta vertical aberta ao exterior, embora também iluminado pelos grandes vãos do espaço que articula o hall e a zona de estar.

Noutro eixo, desenvolve-se o corpo dos quartos, antecédidos de uma antecâmara aberta ao hall de entrada, espaço de grande conforto conferido pela redução do pé-direito e pelo forro de tabuado de madeira do tecto. O quarto principal, desenvolve-se em dois espaços, o de dormir e uma zona de vestir, onde sobressai a *coiffeuse* integrada na estrutura e um espelho circular recortado no vão aberto à paisagem. Na zona de dormir, uma janela de ângulo preserva a intimidade ao mesmo tempo que permite ver o mar.

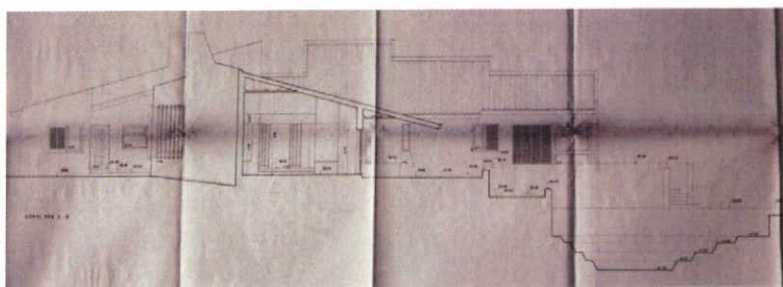
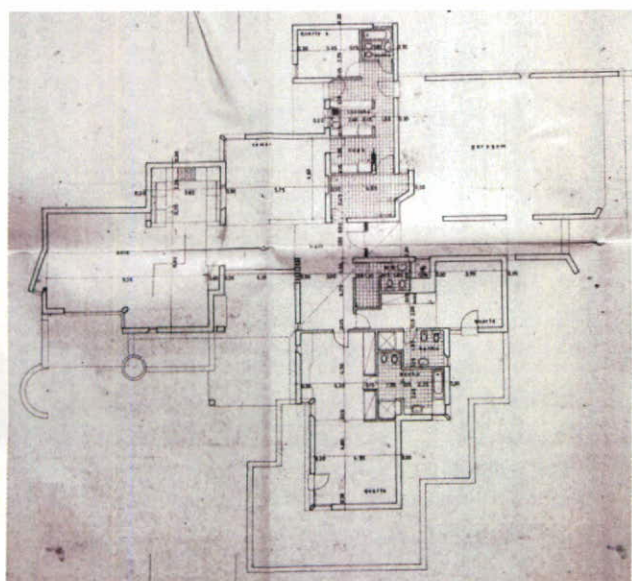
No lado oposto deste eixo, desenvolve-se uma ampla zona de serviços. O ambiente caracteriza-se ainda pela gradação da luz e relação com o exterior, mais mediada nas zonas íntimas e mais aberta no espaço de estar, onde são abertos grandes vãos, com portas de vidro de correr. A relação com o exterior é no entanto mediada por terraços cobertos, sendo um recuado da linha de fachada e o outro protegido pelo prolongamento da cobertura, privilegiando-se o estar ao ar livre. De notar ainda, na sala, uma janela de esguelha, num volume saliente, que se orienta à vista mar, ou a porta de entrada em segmentos verticais de madeira e vidro, alguns destes amarelos, conferindo uma inusitada luminosidade ao hall central.

A continuidade espacial é reforçada pelo tratamento contínuo dos elementos do equipamento integrados na estrutura e dos pormenores construtivos. O recurso exaustivo à madeira unifica o espaço e confere grande conforto ao ambiente, sendo de salientar as espessas guarnições dos vãos, o forro do tecto em tabuado de mutene (em toda a casa, excepto na zona de serviços), os roupeiros e as estantes em madeira envernizada.

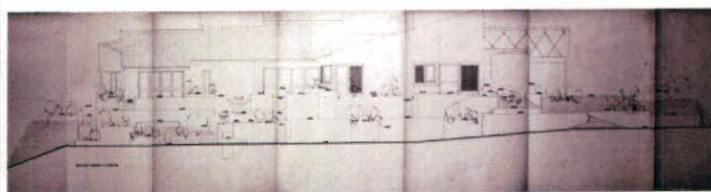
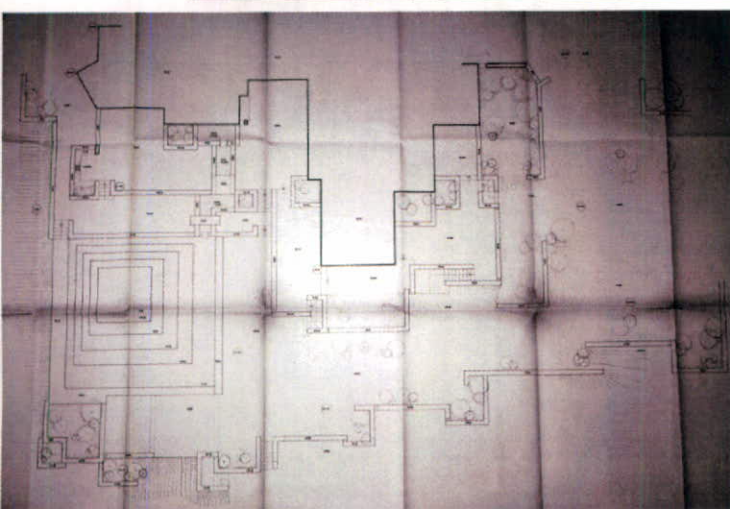
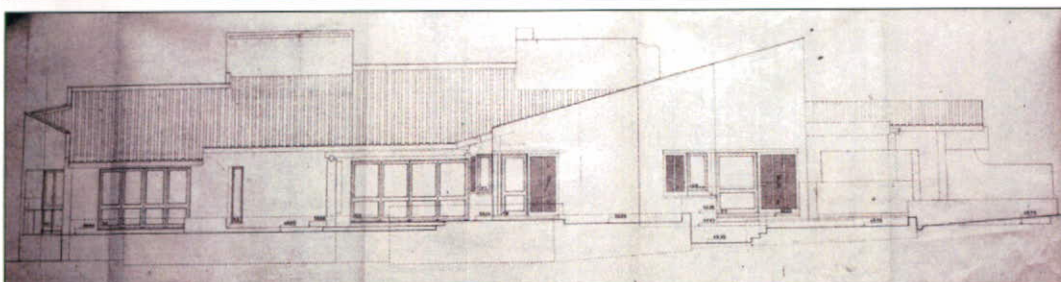
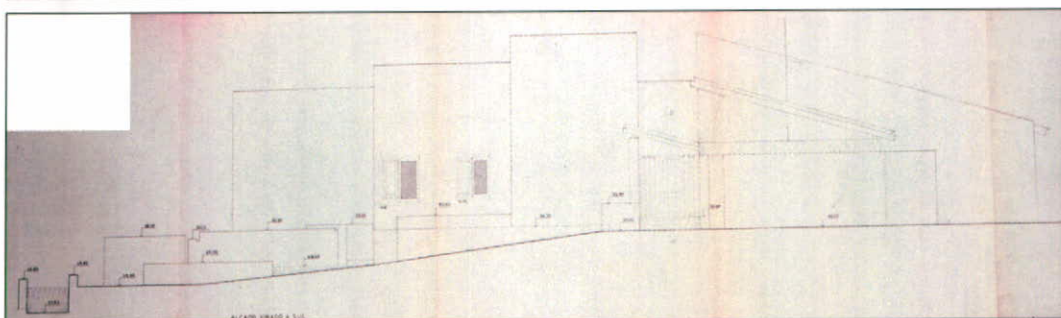
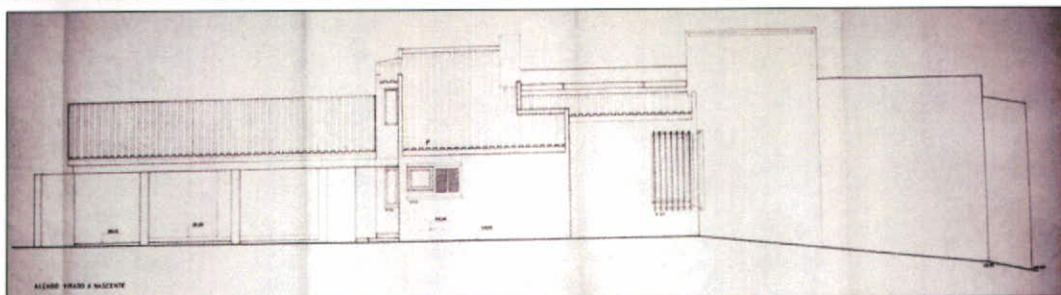
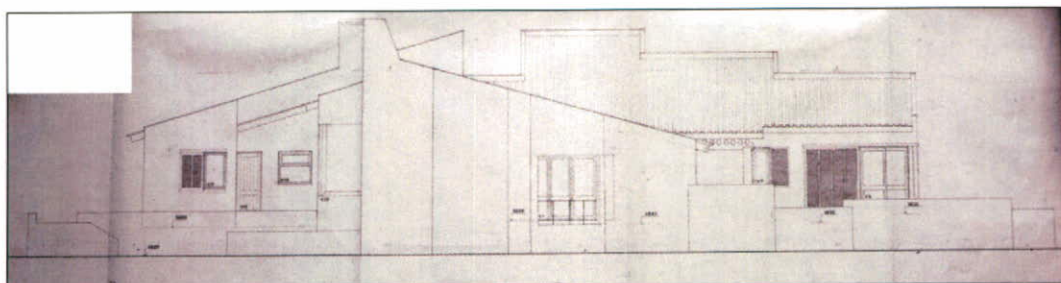
O desenho do espaço é continuado no exterior. No côncavo formado pela intersecção da ala dos espaços sociais e da ala dos quartos cria-se um jardim mais protegido, onde se agencia uma piscina. Esta é directamente pintada sobre o betão descofrado, de base quadrada, e desenvolve-se em quatro níveis de degraus, à semelhança da piscina da casa do Dafundo, embora só sobre dois dos lados. Desenvolvem-se terraços em betão descofrado a partir da plataforma da casa, a vários níveis (parcialmente construído). São ainda integradas várias floreiras em betão, fazendo a ligação ao jardim. Da mesma forma que a madeira unifica o espaço interno, o betão descofrado unifica o espaço exterior, sendo ainda continuado num percurso até à praia, numa escada em lajes produzidas em obra.

Note-se mais uma vez o enorme cuidado com o desenho dos

	pormenores (ainda na pasta do atelier).
Tipo de construção e revestimento	Acabamentos de alta qualidade, com «materiais de 1ª» (termo do mapa de trabalhos). Paredes interiores e exteriores caiadas, mármore nas casas de banho; madeira de mutene envernizada no revestimento dos tectos das zonas sociais e do quarto principal, na caixilharia, nas portadas exteriores, no remate dos beirados das coberturas, nos armários da cozinha; nas guarnições dos vãos, nas abas de protecção do encaixe dos cortinados; pavimentos em tijoleira. Projecto com desenhos de pormenor, incluindo grande parte do mobiliário, assim como toalheiros, torneiras, ferragens, etc... Cobertura com laje armada e telha portuguesa tipo Lusa. Cantarias em pedra calcária da região.
Dimensão	Cerca de 260 m2 construídos, mais garagem e terraços, num terreno de mais de um hectare.
Encomendador	Amália Rodrigues – a famosíssima cantora de fado. Conceição Silva foi-lhe recomendado por Rui Valentim de Carvalho (da editora de discos Valentim de Carvalho – para quem o arquitecto tinha feito vários lojas - Cascais e Coimbra - e uma fábrica.
Colaboradores	Projecto de 1967: sem chancela do atelier, em “Arquitectos” Conceição Silva e Germano Venade. Estudo dos arranjos exteriores, Maio 1967: sem chancela, Conceição Silva, José Tello Zúquete e Santos Pimenta. Alterações, Janeiro 1968: sem chancela, só Conceição Silva. Telas finais, pormenores e equipamento: Junho 1968, tem a chancela do atelier. Colaboradores: J. Telo Zúquete e Santos Pimenta. Equipamento: Carmo Valente
Situação actual	Bom estado de conservação, a precisar de manutenção. Pertence à Fundação Amália Rodrigues.
Bibliografia	Arquivo Atelier Conceição Silva <i>Francisco da Conceição Silva Arquitecto</i> , SNBA, Lisboa, 1987



Planta de piso e corte por A B



Alçados Norte, Nascente, Sul e Poente e arranjos exteriores, arquivo ACS



Fotografias actuais, da autora (incluindo todas as que se seguem)



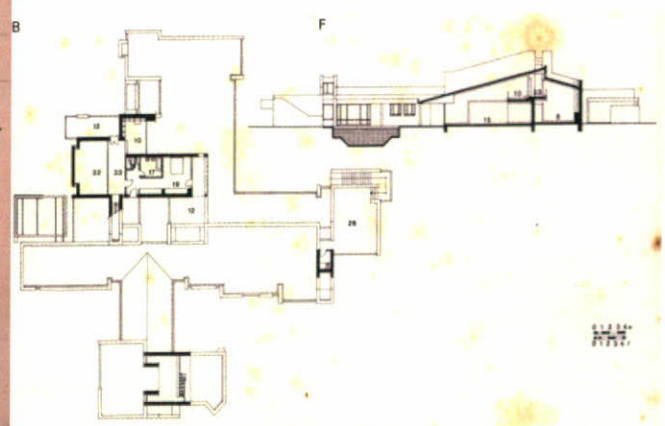
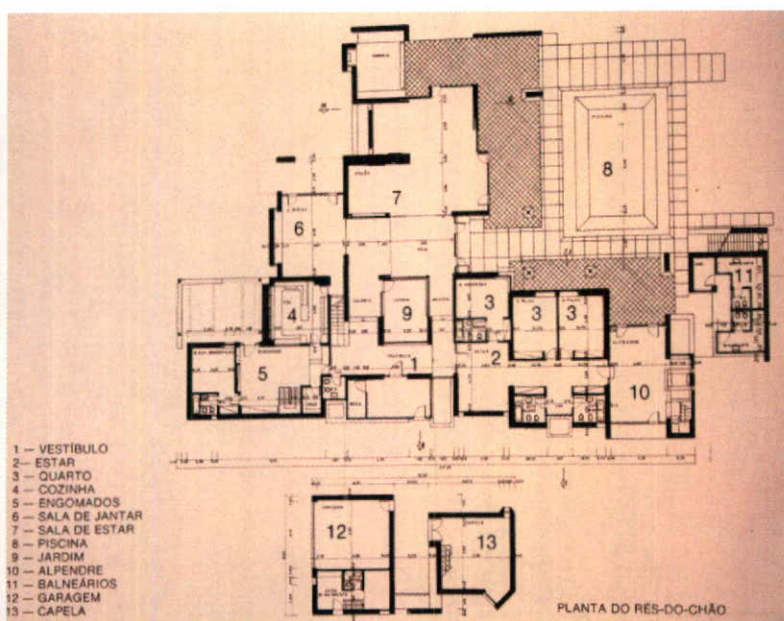
Título proc. n. 448	<b>Casa Dr. Luís Gregório – Azeitão (1967- ?)</b>
Localização	Moradia Dr. Justino Gregório – Defuntos ou Vale de Rios – S. Lourenço de Azeitão
Anteprojecto Licenciamento Construção	Agosto 1967 (entrada na Cama Municipal de Setúbal). Processo nº 5623/67 Desconhece-se se foi construída <sup>7</sup>
Descrição artística	Casa moderna de fase contextualista. Retomam-se temas tradicionais como a cobertura em telhado, a relação com exterior diferenciada em função dos espaços internos, e mediada por espaços de transição como um terraço com pérgola. A espacialidade é fluida.
Tipologia/descrição	Tratam-se de uma casa de férias térrea, mais casa de caseiros, isolada e separada da primeira por um muro no prolongamento da parede, formando um terraço entre as duas construções. A casa principal desenvolve-se numa base rectangular irregular, com várias reentrâncias, desenhando a relação com o jardim. Acede-se ao interior por uma entrada lateral, por um recesso exterior recortado do volume. A entrada é aberta para a sala comum, abrindo-se esta última ao exterior por grandes vãos, mas mediada por um terraço com pérgola, que atecede a piscina. Os três quartos são servidos por um amplo vestíbulo, espaço flexível de distribuição, de estar e simultaneamente zona de vestir com roupeiros. Os quartos abrem-se com frestas verticais para um espaço em reentrância do volume, pelo recuo da casa de banho, solução que lhes confere uma maior intimidade.
Tipo de construção e revestimento	
Dimensão	Casa principal com cerca de 150 m <sup>2</sup> térreos e casa de caseiro com perto de 40 m <sup>2</sup> .
Encomendador	Dr. Luís Justino Gregório - economista
Colaboradores	Sem chancela do atelier, constam em “arquitectos” Conceição Silva e Carlos Calvet.
Bibliografia	Arquivo Conceição Silva

<sup>7</sup> Não foi possível localizar esta obra no âmbito deste trabalho.

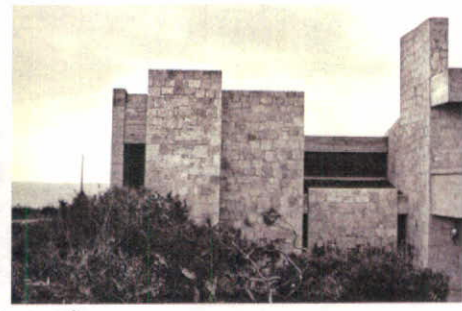
Título Pasta ACS nº 110	<b>Casa Eng.º Valadas Fernandes (1968 – 1968/1971)</b>
Localização	Av. da República, nº 1407, Cascais (Boca do Inferno).
Anteprojecto	O projecto entra na Câmara Municipal de Cascais com nº proc. 3276/68, de 7 de Março de 1968; a respectiva memória descritiva data de 22 de Fevereiro de 1968.
Licenciamento	Projecto de estabilidade entra a 27 Março 1968.
Construção	Licença de obras é concedida a 19 de Abril de 1968. Começa cerca de Julho de 1968 (betonavam-se então os caboucos) e termina em 1971, de acordo as telas finais, datadas de 1971, embora dêem entrada na CMC a 19 de Maio de 1976 (note-se que em 1969 um Arqº francês manda tirar fotos, segundo carta em arquivo, para publicação no livro <i>Maisons au soleil</i> ). Licença de habitação é pedida e concedida em Outubro de 1976 (pedido refere que a obra é definitivamente terminada em 20/08/1976, mas trataram-se de algumas obras de pouco significado, como é exemplo o muro de vedação).
Descrição artística	Casa moderna de fase contextualista, com preocupação de integração local, nomeadamente com recurso a materiais e sistemas construtivos tradicionais como as paredes de pedra de Cascais e a cobertura tradicional de várias águas, em combinação com a expressão moderna do betão aparente. Volumes muito fragmentados, unificados pelo espaço interior é muito fluido, agenciado numa rede de base ortogonal.
Tipologia/ descrição	Memória Descritiva: «O terreno é vasto, tem uma ligeira pendente sensivelmente Norte-Sul e oferece muito boas condições de implantação quer no aspecto de insolação, quer no interesse natural e paisagístico. (...) Desenvolve-se num único piso, à excepção do quarto principal no 2º piso. Pretende-se, deste modo, que a moradia e o terreno constituam elementos de valorização mútua, salvaguardando a vida íntima da casa de contactos exteriores». Esta casa, com um vasto programa, articula-se em vários corpos inter-relacionados, agenciados numa rede de base ortogonal. Com uma morfologia muito dinâmica, os volumes articulam-se através de pátios interiores e exteriores, numa ousada inter-penetração entre interior e exterior. Vários núcleos autónomos, como o da garagem e capela, ou o dos apoios à piscina, ligam-se à habitação graças a cobertos na continuação das coberturas. A casa é praticamente fechada ao exterior, com paredes quase cegas, abrindo-se a um jardim protegido por duas alas da habitação, onde se agencia uma piscina. Acede-se por um pátio com grande coberto forrado com tabuado de madeira, fazendo a ligação ao revestimento dos tectos no interior, entrando-se por uma antecâmara que reforça o sentido de privacidade. O espaço interior é agenciado numa planta em cruz irregular, desenvolvendo-se a partir de um jardim interior central envidraçado, em torno do qual se pode deambular. Verifica-se simultaneamente uma grande fluidez do espaço interior e a decomposição da unidade da casa pela fragmentação de volumes. A composição é baseada no movimento dos habitantes, em percursos longos por espaços

	<p>continuados mas que vão proporcionando diversos ambientes. Os “percursos psicológicos” permitem variar entre luz e penumbra, abertura ao exterior ou enclausuramento, intimidade ou espaços mais aptos à vida social – pela exploração de diversos dispositivos como as possibilidades de abertura de vãos (portas de vidro de correr, frestas verticais, lanternins, trapeiras) ou a variação de altura de pé-direito. A solução em cruz permite separar as diversas funções em alas distintas – serviços, dormir, estar e apoios (garagem e capela). O quarto principal e escritório ficam num piso superior servido por uma galeria aberta sobre o R/C.</p> <p>A zona social desenvolve-se numa sucessão de espaços abertos delimitados por planos soltos (de um dos lados) e identificados pelo equipamento integrado na estrutura como duas lareiras na parede de pedra estrutural que separa dois espaços de estar, ou a estante a forrar o espaço de biblioteca. Mais uma vez verifica-se a apreensão tridimensional do espaço, dilatando-se na vertical, o tecto acompanhando a inclinação da cobertura, sendo a zona social continuada na galeria superior aberta para a zona de estar/biblioteca e para a zona de jantar. A sala de jantar é no entanto um espaço autónomo embora aberto por grande vão para a zona de estar, assim como para a galeria superior. De notar, o lambril de azulejos antigos na sala de jantar, assim como nas paredes da casa de banho social. A área social abre-se ao exterior por grandes vãos envidraçados, mas numa relação mediada por terraços cobertos, sendo também continuada num terraço coberto semi-exterior. Este espaço é marcado pela chaminé de cobre destacada da parede de pedra, acentuando a verticalidade do espaço.</p> <p>Cada peça ganha autonomia e identidade, recuperando-se também os espaços intermédios que ajudam a construir a ideia de privacidade, como as amplas galerias de circulação ou uma sala de estar aberta a servir os quartos. A intimidade da zona de dormir é ainda reforçada pelo facto de se situar a uma cota ligeiramente inferior à da zona social. O corpo dos quartos é rematado por um alpendre envidraçado, espaço flexível que relaciona fortemente o interior com o exterior e liga ainda ao terraço superior, de onde se avista o mar.</p> <p>De salientar ainda o desenho exaustivo dos pormenores – das escadas, dos caixilhos – com uma geometria enfatizada, em explorações próximas da prática italiana contemporânea, nomeadamente de Carlo Scarpa. A modernidade do seu desenho cria um interessante contraste com a mobília antiga da família Valadas Fernandes. A única exigência do encomendador foi justamente de a decoração ficar a seu cargo. Por fim, é de relevar a capela em corpo autónomo, com tratamento igualmente moderno, como um vitral num corpo saliente, destacado do volume.</p> <p>Havia ainda uma escultura de Fernando Conduto no jardim, a qual está actualmente na posse do Eng<sup>o</sup> Valadas Fernandes (que vendeu a casa entretanto).</p>
Tipo de construção e revestimento	Estrutura reticulada de betão armado formada por um conjunto de pilares ligados superiormente por vigas, ao nível do 1º e cobertura e lintéis ao nível das fundações (memória descritiva).

	Paredes de enchimento em aparelho de pedra de Cascais (azulino?), com dimensões aleatórias, ficando a nu no exterior. Lintéis e guardas das varandas em betão aparente. Caixilharia em madeira envernizada. Paredes interiores estucadas e pintadas de branco, tectos em tabuado de madeira envernizada (em toda a casa excepto na área de serviços), pavimento em tijoleira de grandes dimensões. Portas em madeira envernizada.
Dimensão	Terreno 7020 m <sup>2</sup> , área construída 1367 m <sup>2</sup> , área habitável 791 m <sup>2</sup>
Encomendador	Eng <sup>o</sup> António de Resende Valadas Fernandes – era então dono da Engil, uma das mais importantes construtoras do país. Valadas Fernandes era um dos principais clientes de Conceição Silva, tendo-lhe encomendado dois prédios de habitação (Lapa e Areeiro), um prédio misto junto às Amoreiras e o edifício Castil. Juntos promoveram um conjunto habitacional no Alto do Dafundo, o qual não se veio a construir. Depois do 25 de Abril, Valadas Fernandes foi para o Brasil, vendendo a casa.
Colaboradores	O pedido de licença refere «o projecto foi elaborado pelo Arquitecto Conceição Silva..». Todas as peças estão assinadas pelo Arq <sup>o</sup> . Conceição Silva. Projecto inicial (Março 1968), sem chancela do atelier e em “arquitectos” costumam Conceição Silva e J. Telo Zúquete. Alterações de Abril de 1971 (só dão entrada na Câmara Municipal de Cascais em Abril 1976) têm chancela do atelier e em “Arquitectura” vêm Jorge Soares de Oliveira e Santos Pimenta. Sabemos ainda que Carmo Valente colaborou no equipamento, de acordo com carta acima referida dirigida a um fotógrafo francês, para publicação no livro “ <i>Maisons au Soleil</i> ”. A casa foi construída pela Engil, empresa do encomendador.
Situação actual	Em muito bom estado, com pequenas alterações, nomeadamente o terraço em frente à sala foi fechado.
Bibliografia	Arquivo Atelier Conceição Silva (só telas finais) Catálogo: <i>Francisco da Conceição Silva Arquitecto</i> , SNBA, Lisboa, 1987 <i>Maisons au Soleil</i> , Office du Livre, Fribourg, 1971 Revistas : <i>Casa &amp; Decoração</i> n <sup>o</sup> 11, 1971 ; <i>House Beautiful</i> , Janeiro de 1971 (americana).



Plantas do piso 1, piso 2 e corte



Fotografias do livro Maisons au Soleil e da revista Casa & Decoração



Fotografias das revistas Casa & Decoração, Home Beautiful e da autora

Título Proc. ACS n. 144	<b>Reabilitação e ampliação do Monte da “Defesa de Cima” e do “Morgado da Torre”</b>
Localização	Torre de Coelheiros. A 8 km de Évora, na estrada para Reguengos/Beja.
Anteprojecto construção	1968 (data em que o anteprojecto é arquivado) Entre 1968 e 1970 <sup>8</sup> .
Tipologia/descrição	Recuperação/ampliação de uma antiga quinta agrícola, com infra-estruturas para caça, como pavilhão e refeitório, e a construção de um conjunto de 6 casas para trabalhadores. Essas casas muito singelas reinterpretem com modernidade as típicas casas populares do Alentejo. Tratam-se de casas/pátio cúbicas com cobertura em terraço, destacando-se no exterior as grandes chaminés achatadas.
Tipo de construção e revestimento	Revestimentos da região, como paredes caiadas e chão em tijoleira.
Dimensão	
Encomendador	Sr. José Ferreira Queimado. Empresário do ramo da cortiça, foi também presidente do Benfica em finais de Setenta.
Colaboradores	Tem a chancela do atelier. Em “arquitectura” constam Tomás Taveira e Silva Pereira.
Situação actual	A precisar de manutenção
Bibliografia	Arquivo Atelier Conceição Silva

Título	<b>Casa em Tábua – Família Ribeiro da Cunha (a mesma casa que é ampliada nos anos 50) (1968 - ?)</b>
Localização	Tábua
Anteprojecto	Novembro/Dezembro 1968. Nota: já teria havido desenhos anteriores, uma vez que estes indicam que substituem outros
Construção	Desconhece-se se foi realizado.
Tipologia/descrição	Trata-se de uma pequena ampliação da casa da família Ribeiro da Cunha em Tábua, a qual foi remodelada e ampliada por Conceição Silva nos Anos 50. Consiste no aproveitamento do sótão e redesenho da cobertura e de uma varanda.
Encomendador	D. Maria Gabriela Ribeiro da Cunha, mãe de Joaquim e José Ribeiro da Cunha.
Colaboradores	Tem a chancela do atelier. E em “arquitectura”, Tomás Taveira
Situação actual	Em estado razoável.
Bibliografia	Arquivo Atelier Conceição Silva, pasta nº 145

<sup>8</sup> De acordo com testemunho pessoal de José Ferreira Queimado à autora, em 2006.

Título	<b>Casa em Santa Comba Dão (1966/1970-1971)</b>
Localização	Largo Dr. Pais de Sousa - Santa Comba Dão
Anteprojecto Construção	1966; Março/Abril 1969 a Janeiro 1970 1970 - 1971 <sup>9</sup>
Descrição artística	Trata-se de um projecto de alteração/ ampliação da casa de família Pais de Sousa (remodelada por Conceição Silva nos Anos 50), em linguagem moderna, lembrando a obra de Wright, nomeadamente no “continuum ambiental” e no cuidado desenho de pormenores. É de salientar que apesar da vontade moderna com que se abre a casa à cidade, com grandes vãos envidraçados, existe a preocupação de integração na malha caracterizada pelo casario antigo, conseguindo-se uma intervenção do seu tempo, mas reinterpretando elementos da tradição como as varandas fechadas por estrutura de madeira.
tipologia/ descrição	Depois desta intervenção, a viúva do Dr. Mário Pais de Sousa (pai) elegeu esta casa para habitação permanente. A casa passa assim a casa principal, e já não complemento da outra, ao lado, como antes acontecia. O Dr. Mário Pais de Sousa (filho) decide separar as duas casas interligadas (ver ficha dos Anos 50) e adapta esta casa, que tinha já beneficiado de um projecto de remodelação do arquitecto nos anos 50, ao novo uso do seu agregado familiar. A ampliação passa por avançar a ala construída nos anos 50, em direcção a Sul, e ampliar igualmente o sótão por cima deste, destinando-o a zona de quartos. Aproveita-se também esta intervenção para remodelar todo o interior. O hall de entrada, no vértice da casa em L, passa a articular a circulação e a zona nova da zona antiga. As escadas antigas são substituídas por uma escada solta de desenho moderno em madeira envernizada. No 2º piso, cria-se um hall que distribui para quatro quartos (na zona onde era o antigo sótão) e um novo escritório/ biblioteca, do lado oposto, onde se rasga um pequeno vão num sítio estratégico, a nascente, com vista sobre os telhados da cidade. A biblioteca, esconsa e toda forrada a uma estante de madeira, com cofre embutido num armário, é aberta à cidade, à vista Sul/poente, com um grande vão envidraçado em madeira de mutene. Uma das principais intervenções passa justamente pela abertura da casa à vista da cidade, a Sul, na frente traseira e no novo corpo, mantendo-se a fachada do lado da entrada (inclusivamente com as janelas de guilhotina em madeira, mas aparente), do lado do largo Dr. Mário Pais de Sousa, onde se acrescentam apenas umas venezianas em madeira envernizada. É criado um grande ambiente de conforto nos quartos, pelo pé-direito mais reduzido, o revestimento do piso em alcatifa beije de pelo alto, ou a superfície contínua de madeira de mutene, compreendendo roupeiros, guarnições das portas, revestimento dos tectos e estante de apoio, envolvendo todo o espaço. Conceição

<sup>9</sup> De acordo com testemunho de Dra. Margarida Pais de Sousa (mulher de Mário Pais de Sousa) à autora, recolhido em 31 de Dezembro de 2006.

Silva recorre novamente a paredes exteriores de madeira (com caixa de ar) nos quartos e na biblioteca, reinvenção das varandas fechadas tradicionais.

No piso 1, o novo acrescento alberga duas salas que passam a formar uma sucessão de três salas com uso diferenciado: sala de estar mais íntima, em oposição à sala de recepção que se mantém da casa dos anos 50 (na outra ala), sala de jantar, e sala de estar fechada com estrutura/parede de madeira exterior. Estes espaços abrem-se à paisagem, com grandes vãos envidraçados com caixilhos em mutene.

Na sala principal, no corpo da casa antiga, abre-se igualmente um grande vão ao exterior, mas mediado pela varanda coberta que se remodela, com guarda de tábuas de madeira e protegendo-a com uma rótula de madeira envernizada. A antiga porta que ligava à casa contígua é fechada e tapada por um pano de cobre que se prolonga de uma nova chaminé/campânula de cobre para a lareira, cobrindo toda a parede.

A porta de entrada e as portas interiores são substituídas por outras em desenho idêntico aos novos interiores, criando a necessária unidade entre a parte antiga e parte nova.

As novas salas ligam-se à cozinha, também ela projectada de raiz, por dois pequenos halls, em cada topo, criando uma certa fluidez na circulação. A cozinha é desenhada com armários em madeira envernizada e fórmica branca e terá sido inspirada numa cozinha da marca italiana SM, estando o recorte da publicidade na pasta do arquivo do atelier. É rematada por uma pequena varanda com fogão com campânula de cobre para churrasco. Por cima da cozinha, constrói-se uma zona para os empregados, costas com costas com a nova biblioteca, mas com ligação unicamente pela zona de serviço.

A cave/adega mantém-se praticamente inalterada, com apenas a substituição da porta que dá para o jardim pela porta que era de entrada principal da casa.

É ainda criado um sótão no esconso do telhado, revestido a madeira e com abertura de um grande óculo na parede lateral, recortando a vista nascente de Santa Comba Dão.

A capela ganha também modernidade com a abertura de um grande vão em corpo saliente, e com uma nova porta de dimensão imponente, com sóbrio desenho em segmentos verticais, em madeira aparente.

O desenho de mobiliário resume-se a poucas peças, já que a Dra. Margarida Pais de Sousa reservou para si a responsabilidade da decoração, com peças antigas compradas ao longo dos 4 anos em

<sup>10</sup> Segundo testemunho recolhido pela autora, em Santa Comba Dão, a 31/12/2006

<sup>11</sup> Trata-se de uma casa projectada por Conceição Silva nos Anos 40 para o Sr. José Pais, transformada nos Anos 80, pelo genro deste, carpinteiro. O Sr. José Pais era vizinho do Dr. Pais de Sousa, na Praça Dr. Mário Pais de Sousa, em Santa Comba Dão, tendo pedido a Conceição Silva para desenhar um pequeno prédio de habitação para os seus filhos e a sua casa, no terreno da sua fábrica de meias (na referida Praça). Pouco mais tarde será também sócio de Pais de Sousa, no prédio da Rua da Imprensa Nacional, em Lisboa, desenhado por Conceição Silva. Os dois imóveis projectados para o Sr. Pais em Santa Comba Dão têm pouco interesse, sendo que o primeiro está alterado e o prédio dos filhos é uma singela construção moderna.

	<p>que decorrem o projecto e obra. Recorda que quando estava a obra acabada, não conseguia dispor os móveis, até que Conceição Silva propõe dar uma ajuda e os coloca impecavelmente, na disposição em que ainda se encontram hoje<sup>10</sup>.</p> <p>Inclui ainda assim uma mesa de cozinha de tampo quadrado em pedra e pernas de madeira inspirada nas antigas mesas de cozinha, mas com desenho actualizado, e umas cadeiras de madeira de delicado desenho moderno, mas como um suave toque rústico; outra mesa redonda e cadeiras (de jogo?) de madeira. Os puxadores são todos desenhados no atelier (talvez para outras obras, já que são muito idênticos a puxadores existentes em outras casas).</p> <p>Um par de anos depois, esta casa servirá de inspiração para a remodelação de uma casa projectada por Conceição Silva na década de quarenta, mesma praça, infelizmente em fraca imitação<sup>11</sup>.</p>
Tipo de construção e revestimento	<p>Pedra de granito preto e azulejo simples de cor nas casas de banho (a condizer com as loiças), rodapés e roda tectos em madeira de sucupira, revestimento do pavimento em madeira de mutene. Outra curiosidade, os tectos são todos revestidos a madeira de pitch pine, a qual proveio das cofragens das fundações da construção da Ponte sobre o Tejo, tendo passado meses dentro de água. A dra. Margarida Pais de Sousa recorda-se ainda de terem estado a secar no prédio durante todo o período da obra.</p> <p>É de salientar todo o trabalho a madeira - janelas, portas, roupeiros, escadas, guardas das varandas, paredes/varandas - o qual implicou a criação de uma carpintaria <i>in loco</i>, com a deslocação dos marceneiros durante um par de meses na obra.</p> <p>De notar ainda os modernos toalheiros numa peça única de aço, plana, dobrando nas pontas, onde se aparafusa à parede.</p> <p>A obra é realizada pelo empreiteiro Domingos Silva, com quem Conceição Silva tinha a AC.</p>
Encomendador	Dr. Mário Emanuel Pratas Pais de Sousa, amigo e advogado de Conceição Silva.
Colaboradores	1 <sup>os</sup> desenhos de Março 1966, não têm chancela e em “arquitectos” indicam Conceição Silva. Desenhos de 1969 e 1970 têm a chancela do Atelier e em “arquitectura” Tomás Taveira e Santos Gomes.
Situação actual	Em muito bom estado
Bibliografia	Arquivo Atelier Conceição Silva, pasta nº 143



<b>Casa La Salette Tavares (1970? <sup>1</sup>)</b>	
Localização	Rua da Costa do castelo, nº44, Lisboa
Anteprojecto	Presume-se 1970
Tipologia/ descrição	<p>Trata-se da remodelação de um prédio pombalino, num lote encostado à muralha do Castelo de São Jorge, transformado em três apartamentos. O projecto subverte a organização de tipo pombalina introduzindo conceitos modernos como a habitação em duplex e a continuidade espacial e o desenho do equipamento e pormenores contemporâneos, mantendo as fachadas originais. De notar também a opção por um forte cromatismo que identifica e qualifica o espaço, nos azulejos que revestem o pavimento das zonas de circulação – verde garrafa – ou nas portas das salas – lacadas a vermelho.</p> <p>O prédio de três pisos divide-se agora num duplex que ocupa todo o 1º esq e todo o piso 2 (onde morava La Salette Tavares) e ligado ao jardim; um duplex no R/C dto e 1Dto (que se destinava a uma das filhas da poetisa) e um apartamento no R/C, o qual não foi remodelado.</p> <p>O apartamento principal tem entrada pelo piso inferior - 1 esq – por um pequeno hall distribuí para dois quartos (dos filhos) e para um pequeno vestíbulo parcialmente fechado por um roupeiro em L de madeira exótica envernizada, seguido de uma casa de banho. Do hall de entrada lança-se também a escada em mármore com desenho moderno arrojado (semelhante às que se vêem na casa Valadas Fernandes, lembrando a obra de Carlo Scarpa) e guarda em tubo metálico cromado no piso superior. Esse hall de entrada é “ligado” ao vestíbulo/circulação do piso superior sendo ambos os pisos revestidos a azulejo rectangular verde garrafa.</p> <p>O piso de cima é agenciado em torno de um saguão central longitudinal (que antes iluminava a caixa de escadas), com janelas de sacada nos topos, iluminando as zonas de circulação. Este dispositivo, em torno do qual se pode deambular, permite uma clara separação entre a zona de serviços e instalações sanitárias, a nascente, e a salas e quarto principal, a poente.</p> <p>A nascente, viradas à vista da cidade, sucedem-se assim três salas em continuidade espacial – quarto principal, sala de estar e sala de jantar - interligadas por grandes vãos com porta de correr embutida na parede (embora o quarto tenha também uma porta para o corredor). A continuidade espacial é reforçada pelo tecto (estucado) a acompanhar a inclinação da cobertura, ampliando o espaço na vertical, e também pelo forte cromatismo das portas de correr lacadas a vermelho. De notar ainda os puxadores em madeira com peça cerâmica decorativa nestas portas e na que separa a sala do corredor. Mantêm-se a abertura de vãos regradada tipicamente pombalina, com janelas de tipo trapeira, mas com caixilho de alumínio e sem pináculos, conferindo modernidade ao seu desenho.</p> <p>Na cozinha, é rasgado um vão horizontal na parede a nascente, que dá para um pátio.</p> <p>Nas traseiras da casa, encostado à muralha do Castelo de São Jorge,</p>

<sup>1</sup> Não nos foi possível confirmar as datas

	<p>desenvolve-se um jardim em dois terraços, acima da cota da cerca do prédio, com uma vista deslumbrante sobre a cidade e o Tejo. No jardim intermédio constrói-se um pequeno estúdio encostado ao muro de suporte do terraço superior, com cobertura plana. Trata-se de um espaço intimista e de grande conforto com reduzida altura de pé-direito direito, o forro do tecto em cortiça, que se abre à paisagem por um grande vão envidraçado com caixilho de madeira. Essa janela de sacada dá para um terraço, na cobertura de um telheiro no pátio inferior. Adapta-se uma pequena “caverna” abobadada de uma antiga passagem para o castelo, adaptando-a a uma instalação sanitária, com grande e pesada porta de madeira maciça, mantendo a memória da ligação ao castelo. O arco que se desenvolve a partir do chão é forrado a pastilha castanha com relevo circular.</p> <p>O outro duplex tem acesso pelo 1ºdo, por um pequeno hall de distribuição que liga ao piso inferior com uma escada helicoidal. O piso superior tem uma ampla sala comum aberta à vista e uma cozinha, marcada pelos armários lacados a azul marino que foram a totalidade das paredes. A ligação do hall de entrada à sala é reforçada pelo revestimento do pavimento em azulejo verde garrafa. No piso inferior, mais privado, ficam dois quartos e uma instalação sanitária.</p>
Tipo de construção e revestimento (do apartamento principal)	Embora mantendo as paredes perimetrais, foi introduzida betonilha nos pisos. Entrada e corredor de cima em azulejo verde garrafa, quartos em alcatifa beije. Janelas de alumínio de desenho moderno na sala e de madeira nas restantes espaços. Cozinha com móveis em madeira revestidos a folha de fórmica, mas gavetas em madeira.
Encomendador	Maria de La Salette Arraiano Tavares, poetisa e crítica de Arte, foi também professora de estética da escola AR.CO e presidente da AICA (Associação Internacional dos Críticos de Arte) entre 1974 e 1976. De acordo com a actual proprietária, o projecto foi amplamente debatido com Conceição Silva, num processo prolongado, devido também à forte personalidade da encomendadora.
Colaboradores	Desconhece-se
Situação actual	Em bom estado de conservação, praticamente conforme ao original (excepto as casas de banho).
Bibliografia	Nenhuma



Título	<b>Casa Comandante António Carlos Sousa da Fonseca - Lombos – Carcavelos (1972- 1973/1975)</b>
Localização	Lote 7B, Rua Miosótis, Lombos Sul, Carcavelos (era então a urbanização dos Lombos).
Anteprojecto	Junho 1972, dando entrada na Câmara Municipal de Cascais a 6 Julho 1972, com nº processo 7409/72
Licenciamento construção	Arquitectura 1972 e licença de obra n. 771/73, de Março de 1973 a 1975. Em Março 1973, entra um pedido de alterações da casa em construção (para uma arrecadação em cave), autorizado em Junho (os desenhos de Janeiro de 1972). Em Janeiro de 1974, um projecto de alterações prevê uma garagem, piscina, ampliação da cave e anexo para guarda, a uma cota inferior à da casa, e com cobertura terraço (com duas pequena clarabóias). A garagem é ligada à casa por uma grande e larga galeria em cave. Em Abril 1974 entra um pedido de alterações, ainda assinado por Conceição Silva, para a construção de um anexo e piscina. Alterações posteriores, do atelier Conceição Silva já sociedade anónima, mas já na fase pós Conceição Silva <sup>2</sup> : Em Maio de 1975 entra um pedido de alterações (nomeadamente fechar alguns vãos, aumentar outros, e colocar grades, banalizando a casa; assinado, desenhos incluídos, pelo técnico responsável e construtor Eng <sup>o</sup> António Gouveia Pedro de Jesus, aprovado em Agosto. Em Dez de 1975 é deferida a licença de utilização. Em Agosto 1975 entra pedido para construir um apartamento independente no 3º piso, o qual é indeferido. Em 1986, projecto de alterações com outro arquitecto, com o nº de processo 2544/86, com piscina e anexos.
Descrição artística	Revisão da arquitectura moderna, com nítida influência de F. LLoyd Wright. O volume ganha dinamismo com várias reentrâncias, repercutindo-se nas coberturas de telha de águas suavemente inclinadas e salientes. Relação muito aberta ao exterior graças a grandes vãos envidraçados/portas de correr; marcação da horizontal com a fenestração corrida horizontal (no quarto principal) e o betão aparente nas vigas e lintéis. Espaço interior fluido, organizado a partir de um pátio interior e de um hall central (na tradição do <i>central living hall</i> ).
Tipologia/descrição	A casa implanta-se a partir da entrada lateral, libertando o terreno nas traseiras, num lote relativamente reduzido. É praticamente fechada do lado da entrada, protegendo-se das densas construções neste bairro então em construção, e abre-se ao jardim, a poente. A casa, em três pisos, é construída em torno de um pátio interior envidraçado (à excepção de uma parede). O interior desenvolve-se a partir de um hall de distribuição central iluminado pelo pátio interior, e onde se lança a escada de ligação ao 2º piso. Esta é iluminada por uma parede de vidro vertical, ocupando os dois pisos, permitindo a sua leitura no exterior.

<sup>2</sup> Francisco da Conceição Silva abandona o país em Janeiro de 1975. O Atelier Conceição Silva, transformado em sociedade anónima uma ano antes, continua em funcionamento, mas já sem a coordenação do arquitecto, ficando entregue aos outros sócios.

	<p>O interior caracteriza-se pela fluidez espacial na zona social, abrindo-se o hall para um escritório, espaço aberto de distribuição para a sala comum, em L, ou para o quarto principal (com casa de banho). A sala dilata-se para o exterior pelos grandes vãos envidraçados com portas de correr ocupando toda a largura da parede (do lado do jardim), sendo prolongado no espaço de jantar por um terraço protegido pelo avanço da cobertura. O espaço de estar é marcado pela presença de uma grande lareira.</p> <p>Sem corredores, o interior recupera os espaços intermédios e recupera o sentido de privacidade, com espaços recuados da linha de fachada (por exemplo nas casas de banho), repercutindo-se na morfologia do volume muito recortado, construindo assim a relação com o jardim.</p> <p>O 3º piso tem uma suite com quarto de vestir, dois quartos, uma casa de banho e prolonga-se no exterior num grande terraço.</p> <p>Cave com sala de projecções e arrecadações.</p>
Tipo de construção e revestimento	<p>Construção em estrutura de betão armado com lajes pré-esforçadas e elementos cerâmicos. Cobertura em telha apoiada sobre laje. Nos acabamentos exteriores domina o betão aparente nos elementos estruturais e pintura sobre paredes rebocadas.</p>
Dimensão	<p>Terreno com 1625 m<sup>2</sup> e casa com cerca de 260 m<sup>2</sup>.</p>
Encomendador	<p>Comandante António Carlos Sousa da Fonseca, oficial da armada e antes oficial da marinha de guerra.</p>
Colaboradores	<p>Tem a chancela do Atelier Conceição Silva (desenhos de Junho 1972 e alterações de Março de 1973); todos os desenhos e memória descritiva são assinados por Conceição Silva e em “sector arquitectura” consta José Quintino. Note-se que o pedido de licenciamento do proprietário do terreno também é assinado por Conceição Silva e refere expressamente que «o projecto foi elaborado por Francisco da Conceição Silva».</p> <p>Alterações com desenhos de Janeiro de 1974 e pedido de Março com chancela e Armando de Sousa, em “sector arquitectura”, desenhos assinados por CS.</p> <p>As restantes alterações de 1975 são da responsabilidade do Atelier Conceição Silva, mas já não dirigido por pelo arquitecto. Os desenhos têm o novo logotipo com S encaixado no C, são assinados pelo técnico responsável é o engº António Gouveia Pedro de Jesus, engº inscrito na Câmara de Cascais; em «sector arquitectura» consta Carlos Henrique.</p>
Situação actual	<p>Exterior em relativo bom estado, embora tenha sofrido várias alterações, conforme acima descrito (casa não visitada).</p>
Bibliografia	<p>Arquivo Atelier Conceição Silva, pasta nº 287</p>

Título	<b>Casa Jorge Ryder Costa – Lombos, Carcavelos (1972 – ?)</b>
Localização	Lombos Carcavelos, situando-se no terreno a Norte da casa do Comandante António da Fonseca
Anteprojecto	Desenhos de Junho de 1972, entrando na Câmara de Cascais em Julho de 1973.
Construção	Supomos não ter sido construída pela observação ao local e uma vez que não foi encontrada pasta na Câmara de Cascais.
Descrição artística	Casa moderna, da fase de revisão, muito semelhante à anterior, com nítida influência de F. Lloyd Wright.
Tipologia/descrição	Deve ter sido projectada em simultâneo com a casa do lote a Sul, já que os desenhos, também de Junho de 1972, têm cada um o desenho da outra casa riscado. Casa em três pisos: cave com arrecadação, 1º piso com sala comum com grande lareira, cozinha e suite de empregada; 2º piso com três quartos e duas casas de banho. Casa muito idêntica à anterior, em planta quadrada irregular, com o volume recortado por reentrâncias, grande abertura das zonas sociais ao exterior, mas com espaço de transição criado por um terraço coberto (a Sul). Cobertura de várias águas, de suave declive e prolongando-se além da linha de fachada.
Tipo de construção e revestimento	Construção em estrutura de betão armado com lajes pré-esforçadas e elementos cerâmicos. Cobertura em telha apoiada sobre laje. Nos acabamentos exteriores domina o betão aparente nos elementos estruturais e pintura sobre paredes rebocadas.
Dimensão	Lote com 650 m <sup>2</sup>
Encomendador	Jorge Henrique Alvarez Ryder Costa.
Colaboradores	Tem chancela Atelier Conceição Silva e em “sector arquitectura” aparece José Quintino.
Bibliografia	Arquivo Atelier Conceição Silva, pasta nº 390

Título	<b>Casa na Rua Almeida Brandão (1974 – não realizado)</b>
Localização	R. Almeida Brandão, nºs 15-17, Lisboa
Anteprojecto	Desenhos de Outubro de 1974. Processo nº 5520/OB (ou 08?)/74. Postal de câmara em Janeiro 1975 a pedir alterações
Tipologia/descrição	Propõe alterar a cobertura e remodelar os interiores, reestruturando as casas de banho e propondo uma nova divisão “de forma a permitir melhores condições de habitabilidade” <sup>3</sup> . Trata-se de um prédio com três pisos, com uma organização tradicional com uma sucessão de salas ligadas por portas. O projecto propõe a organização em torno de um hall central de distribuição para a sala, para a zona dos três quartos e duas casas de banho através de uma antecâmara, ou para a cozinha e uma organização mais funcional, fechando as portas de ligação entre as assoalhadas, abrindo portas. Prevê uma grande sala comum a nível do primeiro piso suprimindo grande parte da parede de separação de um

<sup>3</sup> Memória descritiva, Arquivo Atelier Conceição Silva.

	<p>quarto independente que dá para a caixa de escadas, e a colocação de uma lareira. Projectam-se duas casas de banho num novo corpo, numa passagem exterior lateral ao prédio.</p> <p>No 3º piso agenciam-se dois apartamentos independentes com dois quartos e sala com kitchenette, ocupando parte do esconso da cobertura. Propõe-se ainda a construção de uma varanda coberta na zona da cozinha, virada para as traseiras.</p>
Encomendador	Dr. Mário Paes de Sousa, amigo e advogado de Conceição Silva. Era na realidade para habitação da sua sogra, que nunca vem a ocupá-la.
Colaboradores	Chancela do Atelier Conceição Silva apenas.
Bibliografia	Arquivo Atelier Conceição Silva, pasta nº 387

## **FICHAS INDIVIDUAIS**

### **TURISMO**

Título	<b>Hotel do Mar (1960 – 1963)</b>
Localização	Sesimbra, Bairro Infante D. Henrique, freguesia de Santiago.
Anteprojecto	<p><b>1960.</b> 1ª memória descritiva do ante-projecto entregue à Direcção dos Serviços de Turismo, do SNI<sup>1</sup>, de 17 de Dezembro de 1960, pese embora deva ter entrado em 1961, sendo todos os carimbos são desse ano. Existe na DGT uma segunda memória descritiva, datada de 12 de Maio de 1961, idêntica à que se encontra na Câmara Municipal de Sesimbra, já com 59 quartos e 3 apartamentos e com a síntese construtiva.</p> <p>O primeiro ante-projecto encontrado na Câmara de “Sesimbra” entra a 30 de Março de 1962, pela Jalco, representada por João Alcobia. A respectiva memória descritiva, de 12 de Maio de 1961 e desenhos não datados. Um parecer do arquitecto-director da Câmara Municipal de Sesimbra, de 4 de Abril de 1962, diz o seguinte: «Felicito a câmara por mais um projecto que revela interesse e nível arquitectónico. Funcionalmente bem concebido e arquitectonicamente bem integrado no ambiente, merece este projecto todo o apoio. Não temos pois nenhum reparo a fazer, contudo aconselhamos que seja colhida a informação do S.N.I.»<sup>2</sup>.</p>
Licenciamento	Deferido pela Câmara a 11/4/1962, «condicionado à aprovação do SNI». O SNI aprova a 8 Julho de 1961, conforme parecer dos Serviços técnicos de Turismo.
Construção	<p>1º fase, 1962-1963. O termo de responsabilidade da obra, assinado pelo engº Lampreia (ERG), data de 10 de Maio de 1962. A licença de obra data de Julho de 1962, processo nº46/62.</p> <p>O hotel inaugura em 1963. Em Junho de 1963 dá entrada, pela Jalco, o requerimento para a vistoria para atribuição de licença. É deferido no dia 11 de Junho de 1963.</p>
<b>Alterações ou ampliações</b>	
<i>Proc. ACS nº 294</i>	<p><b>Restaurante, 1964:</b></p> <p>Processos: <b>13/64</b>, ampliação com uma nova sala de restaurante. Dá entrada na câmara a 21 de Janeiro de 1964. O desenho mais antigo data de 13 de Janeiro de 1964 e a memória descritiva de 20 de Janeiro de 1964.</p> <p>Aprovado provisoriamente pela Câmara de Sesimbra a 22 de Janeiro de 1964, tendo de ser submetido ao SNI, o qual aprova, sob condição (tem a ver com as instalações sanitárias e acesso), a 28 de Agosto de 1964.</p>
<i>Proc. ACS nº 272</i>	<p><b>Piscina, 1963/1965</b></p> <p>A 7 de Novembro de 1963, Conceição Silva junta uma memória descritiva a pormenorizar alguns elementos do projecto da piscina referente à «memória descritiva de 8 de Maio do corrente ano», isto é 1963. Em Julho de 1964 entra na CM o proc. nº<b>135/64</b> - pedido para construção de uma piscina e pequeno tanque para crianças, junto ao hotel. Desenhos vão de Agosto de 1963 a Dezembro de 1964. De seguida, em Novembro de 64 entra o pedido para o projecto de regeneração da água da piscina a construir. Dezembro 64 entra</p>

<sup>1</sup> Arquivo da Direcção Geral do Turismo, do Turismo de Portugal

<sup>2</sup> Processo de obra. Câmara Municipal de Sesimbra

	<p>segundo projecto da piscina, alterado, seguindo o parecer da CM. Projecto da piscina aprovado a 29 Novembro de 1963 pelo SNI. Processo 135/64 para a piscina aprovado em Dez 64 pela Câmara de Sesimbra. Respectivo projecto de estabilidade data de Janeiro de 1965.</p>
<p><i>Proc. ACS nº 345</i></p>	<p><b>1º pedido de ampliação, 1964 (indeferido, não construído)</b>  Proc. <b>226/64</b>, entra na câmara em Novembro de 1964, pedido de ampliação para um corpo de 24 quartos, a Norte do Hotel do Mar, do outro lado da rua - desenhos e memória descritiva são de Outubro de 1964.  Dá entrada no SNI a 9 de Novembro de 1964. Indeferido pelo Commissariado do Turismo (do SNI) a 21 de Maio de 1965 (embora o parecer dos serviços técnicos, desfavorável, date de 30 Nov de 1964), assinado pelo comissário do turismo, Álvaro Roquette. Consideram «que uma unidade que dentro do seu tipo, resultou bem integrada e funcionalmente perfeita, venha a par e passo sendo prejudicada com a inclusão de obras que a estão desvirtuando». Referia-se certamente à transformação do terraço em restaurante. Consideram ainda o hotel não poder suportar a sobrecarga proveniente deste aumento. Note-se, em contrapartida, que o parecer da Câmara Municipal de Sesimbra era favorável (datado de 4 de Novembro de 1964).  Tratava-se de uma solução muito próxima da anterior, edifício encaixado na encosta («encastrada na terra» refere a Câmara Municipal de Sesimbra), com planta ligeiramente em arco, acesso por galeria exterior a Norte e a disposição dos quartos em espinha, ligeiramente em diagonal em relação à linha da fachada, o que permitia uma pequena área de entrada enviesada, na frente do quarto anterior, e um pequeno recesso antes do terraço, conferindo maior privacidade (solução idêntica à adoptada na ampliação de 1965, assim como no Hotel da Balaia). Previa ainda uma loja e garagem (parece ser apenas 1 lugar). A passagem far-se-ia por um túnel subterrâneo, a construir debaixo da estrada. Efectivamente, a localização é muito exposta à rua, embora beneficiando de excelente vista.  Os acabamentos previam-se «iguais aos utilizados no Hotel do Mar por forma a garantir-se uma perfeita unidade» (memória descritiva). Ficaria abaixo da Colónia de Férias Rio Frio, prevendo-se a cobertura do hotel servir de prolongamento do recreio da colónia de férias.</p>
<p><i>Proc. ACS nº 411</i></p>	<p><b>2ª ampliação (1965/1966)</b>  O pedido dirigido ao Commissariado de turismo, (de 19 de Agosto de 1965), já submetido pela Jalgon - sociedade de investimentos hoteleiros, representada pelo administrador João Alcobia e igualmente assinado por Conceição Silva, entra a 23 de Agosto de 1965 (processo 161/65). É aprovado pelo Commissariado de Turismo, Repartição de Fomento, Secção de Equipamento, sob condição, a 12 de Novembro de 1965. Exige o reforço da ligação entre os dois edificios e instalações sanitárias para o pessoal, no restaurante cervejaria. O pedido de vistoria data de 5 de Agosto de 1966 e a respectiva inspecção é realizada a 11 de Agosto de 1966.  A memória descritiva refere o crescente movimento turístico em Sesimbra, «que se prevê maior, dado ainda estar atrasado», considerando o Hotel do Mar vir a contribuir para o «grande centro de turismo» em que se deverá transformar a região, a escassos 30 km de Lisboa. Propõem-se mais 40 quartos. «Procurou-se que a nova construção se integrasse no edificio existente</p>

formando um só conjunto e que essa integração fosse igualmente extensiva à configuração do terreno mantendo-se as características locais». Comunica com o outro por galeria. Projectam-se ainda serviços independentes, de modo a não congestionar os existentes: restaurante junto à marginal, em dois pisos, com cervejaria de apoio à praia, no R/C. Num piso intermédio, a meia encosta, entre o patamar das piscinas e o do novo edifício, fica um *snack bar* de apoio às piscinas e uma *boîte*. Salienta o mesmo tipo de acabamentos e vegetação da unidade existente, de modo «a atingir-se a maior unidade possível».

Uma carta de Sebastião Formosinho Sanchez dirigida ao Chefe de Repartição de Fomento do Comissariado de Turismo – desconhecemos a que título -, de 14 de Outubro de 1965, defende com convicção o projecto. Refere «a qualidade arquitectónica do já construído, pelo equilíbrio da solução global e unidade arquitectónica atingida até ao mais pequeno pormenor. O arq. Conceição Silva, através do seu gabinete de trabalho, produziu uma obra de perfeita integração na paisagem local e no sabôr arquitectónico da típica vila de Sesimbra. O Hotel do Mar não só se enquadra com acertado e sensato espírito de aplicação das modernas teorias de arquitectura como, e por tal razão, se pode considerar como uma das principais realizações executadas ultimamente em Portugal. Sesimbra pode orgulhar-se do seu Hotel do Mar, já que outras iniciativas que aí se têm ultimamente realizado não chegam, infelizmente, a atingir o nível de mediocridade».

Conclui que o projecto de ampliação é de aprovar, dado que se «encontra resolvido dentro da técnica e expressão arquitectónicas mais aconselháveis para a salvaguarda das características particulares de Sesimbra». O arquitecto salienta ainda a necessidade de definir uma política turística orientadora e de apoio a futuros desenvolvimentos em Sesimbra, e faz ainda uma nota: «a relação imediata da zona exterior que se adoça à marginal deverá integrar-se numa solução de conjunto deste arruamento, o qual, segundo pensamos, carece de uma revisão definitiva que se ajuste e integre – com motivos dispersos de interesse turístico e das actividades locais – na vida activa de Sesimbra».

Percebe-se assim que a Vila de Sesimbra já estava a sofrer as consequências do desenvolvimento turístico desordenado e que urgia ordenar o espaço urbano e orientar os investimentos.

A vistoria do Comissariado de Turismo, de Agosto de 1966, informa no novo corpo, de 52 quartos, em quatro pisos, o mobiliário e equipamento de todos os quartos «são em tudo idênticos aos do corpo antigo». A *boîte* fica no 3º andar do novo corpo «precisamente por baixo da piscina para adultos...totalmente alcatifada, decorada por forma inédita e dispõe de 5 pistas para dança».

O parecer é muito favorável embora faça notar o lado pouco prático da existência de duas cozinhas e a inexistência de guardas nos novos quartos que «pode causar acidentes e quedas». O hotel tem então 120 quartos. Aprova-se a nova classificação de 1ª A.

Apresenta-se ainda uma estimativa de custos do mobiliário e equipamento, assinada por Conceição Silva, orçada em 1933 contos.

Um questionário dirigido pelo Comissariado de Turismo à Jalgon, em Maio de 1966, informa que o investimento global do hotel foi de 25 mil contos, suportado por capital nacional. O custo do terreno foi 4 mil contos, com área de 7000 m<sup>2</sup>. A construção custou 14 mil contos, e todo o equipamento sete mil contos.

Descrição

Arquitectura orgânica, de revisão do movimento moderno, com forte

artística	<p>influência da arquitectura mediterrânica. O arquitecto faz aqui a ponte entre o moderno e o vernáculo, entre a fluidez do espaço interno e o retorno a técnicas de construção tradicionais. Lembra fortemente a fase de “mediterraneização” do moderno de Le Corbusier, patente em projectos como o projecto para o Hotel Roq et Rob (1949-1951), em Cap Martin, ou ainda o complexo da Torre Valentina, para Sant Antoni de Calonge (1959, não construído) dos catalães Coderch e Valls.</p>
Tipologia/ descrição	<p>Na primeira fase de construção do Hotel do Mar, o terreno não vai até ao mar, confrontando a Sul com a propriedade de Loureiro e filhos. O acesso faz-se então pela parte superior, «e dele se poderá disfrutar um magnífico panorama abrangendo toda a vila de Sesimbra para Nascente e o Oceano a Sul. A configuração do terreno, a vista e a orientação determinaram de forma decisiva o partido adoptado na concepção do anteprojecto que se junta». No partido adoptado, para além da vista, defende-se «a integração da construção no terreno e no ambiente característico da região e uma solução racional que se adaptasse perfeitamente ao terreno, não lhe destruindo a sua actual forma».</p> <p>O hotel desenvolve-se em dois corpos articulados, separando as diferentes funções, as zonas públicas (sala de estar, jantar e bar) e de serviços, e a ala dos quartos, «desenvolvida ao longo do terreno no sentido longitudinal». Prevêem-se inicialmente 70 quartos (processo DGT 1960) e depois 59 quartos e três apartamentos (processo CMS 1961), sendo na realidade construídos, na primeira fase 65 quartos e 3 suites (conforme vistoria da Direcção dos Serviços de Turismo, do SNI, Junho de 1963).</p> <p>Refere a memória descritiva que «todos os quartos terão um terraço privativo projectado de maneira a proporcionar a maior intimidade aos hóspedes e de onde se disfrutará uma graciosa vista sobre o mar» e ainda casa de banho. O acesso aos quartos faz-se por galerias, separando a circulação de ligação às zonas de serviço.</p> <p>A vistoria final da DST refere «tratar-se de uma unidade localizada frente à praia de Sesimbra, possuidora de aspecto exterior muito agradável e perfeitamente ambientado com a paisagem e com o tipismo das construções locais». E ainda, que o mobiliário é de «muito bom nível», em termos de «qualidade de materiais» e «excelência de acabamento». Tem pavimentos irradiantes, a decoração inclui elementos «de indiscutível valor», nomeadamente uma tapeçaria do século XVII, alguns valiosos candelábres, várias cerâmicas e painéis de Querubim Lapa». Em função do excepcional nível é atribuída a classificação de 1ª classe, grupo B.</p> <p>O processo da DGT inclui:</p> <p>Memória descritiva da sala: «o recanto de convívio é constituído por um conjunto de sofá e maples arrumados em volta dum fogão. O tratamento dado à parede impõe uma rusticidade que será característica de todo o edifício. O fogão é constituído por uma verga de madeira trabalhada à enchó e por uma chaminé em cobre martelado, tendo como fundo uma parede caiada. Uma figura antiga em talha será a peça decorativa do conjunto.</p> <p>A sala de refeições, totalmente envidraçada sobre o mar é aberta para uma ampla varanda que lhe servirá de expansão. Aqui, mais uma vez, os materiais serão aplicados de forma a tirar todo o partido estético da sua beleza natural. A tijoleira, madeiras e caiações serão os principais materiais usados. Esta sala será construída em estrutura de madeira que ficará aparente constituindo o principal elemento decorativo, <b>dentro do princípio estabelecido neste</b></p>

**projecto, de que a Arquitectura e Decoração formam um só conjunto».**

Memória do quarto: «terá uma pequena zona de estar inspirada na arquitectura tradicional portuguesa. Com efeito, projectam-se bancos laterais integrados na construção, bem como uma pequena mesa rebatível que proporcionará as mais diversas utilizações. O sistema de portadas com persianas de madeira reguláveis permitirá criar o ambiente desejado no interior».

Destaca o amplo terraço privativo dos quartos «uma das peças fundamentais deste hotel e o seu grande motivo de interesse». A proposta dá primazia ao vegetal, sendo «**os materiais naturais postos ao serviço da arquitectura**». Previa aliás uma latada e uma larga floreira para garantir o ensombramento evitando os toldos, «sempre de conservação difícil». Porém, sabemos que em vez da latada a solução passou por toldos coloridos, em contraste e animando o branco imaculado do edifício.

Memória do vestíbulo: composto por sala de estar e recepção. «Desenvolve-se ao longo do pátio ajardinado da entrada do hotel para onde abre através de amplas superfícies envidraçadas. No eixo longitudinal, um aviário proporcionará um fundo decorativo, uma agradável perspectiva em continuação do ambiente exterior».

Refere ainda os materiais de revestimento «nobres»- tijoleira, paredes caiadas, tecto revestido a régua de madeira à cor natural -, «cujo envelhecimento não prejudicará o seu aspecto, antes pelo contrário, realçará a sua beleza natural». Sofás e mapas forrados com tecidos rústicos.

Na primeira fase inaugurada em 1963, o hotel desenvolve-se num longo corpo longitudinal, virado a nascente, delicadamente inserido na encosta com uma ligeira inflexão para melhor se adaptar ao terreno e captar a vista mar. O edifício reinterpreta as células cúbicas tipicamente mediterrânicas, introduzindo ainda o princípio moderno de repetição e seriação. Perfila-se escalonadamente pela encosta abaixo, em escada, pousando em plataformas a vários níveis. A entrada faz-se pelo topo do terreno, encaminhando o visitante por um percurso em pedra.

O volume dos quartos é rematado, a poente, por um torreão onde fica a zona social, que se desmultiplica em várias salas abertas, continuadas no exterior por um terraço. Caracteriza-se por uma grande fluidez espacial e a abertura ao exterior por grandes vãos envidraçados. A estrutura de madeira da cobertura à vista qualifica o espaço. É de notar, que Conceição Silva volta a um sistema construtivo tradicional, com paredes de pedra e estrutura de madeira, opção também “ideológica”, na recusa do emprego do betão, apregoado pelo movimento moderno.

Assim, a paisagem assume-se como arquitectura, projectando-se no interior do edifício pelos largos vãos, ou continuada nas floreiras que despontam da mancha branca das paredes caiadas, na ponta dos terraços que prolongam os pequenos quartos para o exterior. Os terraços são a cobertura do quarto de baixo. As floreiras permitem libertar o desenho das normais guardas de protecção. A cobertura do corpo dos quartos é um amplo terraço aberto sobre a vista mar e sobre a vila.

A frente para a rua – virada a Norte – é praticamente cega, assemelhando-se a uma antiga fortaleza (vejam-se as fotografias das maquetas), estabelecendo um diálogo com a muralha do castelo, no topo da colina.

Em 1964 amplia-se o hotel, transformando o terraço do corpo dos quartos num

novo restaurante para 120 pessoas e cozinha. A memória descritiva justifica esta necessidade com a afluência de público (do hotel e do exterior) ao restaurante existente muito superior ao previsto, atraídos pela panorâmica, o que causava «graves problemas na exploração do hotel».

O plano recuado da fachada, a solução construtiva em madeira do novo pavilhão e a transparência das portas de correr envidraçadas que permitem uma panorâmica total, integram habilmente este corpo no topo do edifício e fazem simultaneamente a ligação (em termos construtivos e estéticos) ao pavilhão/torreão, também ele zona pública, com estrutura de madeira à vista. O novo corpo, com cobertura terraço (não percorrível) em ardósia, rematado no topo nascente/sul por uma régua horizontal de madeira, prolonga-se num terraço que acaba numa floreira longitudinal, à semelhança dos andares dos quartos. O alçado Norte é praticamente cego, fechado pelo reguado de madeira colocado horizontalmente (de enchimento e não apenas revestimento), apenas recortado no topo por umas frestas horizontais. A solução de portas de correr a Sul permite abrir amplamente o restaurante no verão.

Provavelmente em 1963 (data do primeiro projecto para a construção de uma piscina), é comprado o terreno a Sul do Hotel do Mar, já com o objectivo de uma segunda fase de ampliação com novos equipamentos como piscina e restaurante. Primeiro é aprovada a construção da piscina e balneários, que não se previu de início «por ser exíguo o terreno de que se dispunha»<sup>3</sup>. Mais uma vez se justifica a necessidade deste equipamento pelo sucesso alcançado, «traduzido pela procura que o hotel teve» e pela inexistência na vila de uma piscina, assim como de hotéis em número suficiente face à procura de veraneantes. Adianta ainda a memória descritiva prever-se já uma segunda fase com «a construção de um restaurante e outros serviços, de apoio não só à piscina, mas também a todo o hotel, ao longo da encosta que se projecta até ao mar». Indica que a forma é circular, com um diâmetro de 15 metros, com um tanque mais pequeno para crianças. A piscina deve ser revestida a azulejo de cor e bordadura em pedra da região. No projecto de Dezembro de 1964 aparecem, junto à piscina, 10 barracas desmontáveis para vestiário (dado que a proximidade aos quartos permite que sirvam de apoio à piscina) e um duche em forma hexagonal (saliente-se que o hexágono é justamente uma forma a que os arquitectos recorrem amplamente nos anos sessenta, em oposição à rigidez das geometrias puras do movimento moderno) - reinterpretação das tradicionais barracas de praia. Trata-se já de um segundo projecto, alterado para dar resposta a um parecer anterior da CM que punha em causa a localização desadequada dos balneários, em construção enterrada na falésia, inicialmente prevista.

A memória descritiva do projecto de estabilidade, do Eng.º Pereira Gomes, indica que devido ao forte declive em direcção ao mar, impõe-se «uma apreciável altura de aterros para obter a plataforma necessária à implantação das piscinas», suportados por «muro de betão ciclópico, rematado por guarda de betão armado». O cilindro das piscinas é em parede de betão simples. Previa-se inicialmente água do mar, mas passa a doce, a pedido dos serviços de salubridade.

<sup>3</sup> memória descritiva de Agosto de 1963.

	<p>O segundo edifício – de quatro andares com 52 quartos - adopta uma linguagem e decoração semelhantes à primeira construção (parecendo sempre ter feito parte do conjunto), embora introduza algumas actualizações, como a cor e a morfologia mais complexa, lembrando tanto a arquitectura hoteleira catalão, como as propostas do casal Smithson. O edifício abre-se em leque, virado ao mar, numa orientação diferente do corpo superior, criando uma certa tensão entre as duas estruturas. Os andares já não são escalonados, mas antes dispõe-se os quartos a 45 graus, permitindo a intimidade desejada, numa solução idêntica à do Hotel da Balaia que então se projecta.</p> <p>Constrói-se a discoteca por baixo da piscina, igualmente em forma circular. Lê-se o formato da cuba da piscina, que assenta numa larga coluna que se deforma, criando um ambiente alusivo às grutas do mar. Esse volume central que define o espaço é recoberto de fragmentos de espelho e vidro, como um caleidoscópio reflector de luz e cores, baixo relevo de Graça Costa Cabral. Formalmente, aproxima-se da cultura pop, com o forte cromatismo, os veludos, as formas circulares.</p> <p>No remate do terreno, frente à avenida Marginal, um restaurante de base hexagonal liga a vida privada do hotel à vida pública da estância.</p> <p>O projecto inicial assim como todas as ampliações incluem o equipamento, desenhado no Atelier Conceição Silva ou escolhido pelo arquitecto, provavelmente com a contribuição de João Alcobia, um dos donos da Jalco. Sabemos também que grande parte da mobília da 2ª fase foi fornecida pela Jalco (referido no artigo da Casa &amp; Decoração), sendo de supor que algumas peças seriam importadas, outras desenhadas por Conceição Silva, já que a Loja tinha também oficina. De salientar, o mobiliário da sala de jantar e aparadores, de desenho muito delicado em madeiras exóticas de grande qualidade, com os encaixes desenhados ao pormenor. O delicado trabalho da madeira e a elegância das formas lembram o desenho de mobiliário escandinavo e italiano da época. Destaque-se ainda a cadeira de repouso na entrada.</p> <p>O projecto inclui as obras de arte, escolhidas por Conceição Silva, expressamente produzidas para o hotel (ver colaboradores).</p>
tipo de construção e revestimento	<p>A memória descritiva de Maio de 1961 esclarece que o sistema construtivo é determinado «pelas características arquitectónicas do local e a preocupação dominante da integração do edifício no ambiente». Assim, os materiais dominantes deverão ser a pedra em muros e paredes de suporte, o tijolo nas paredes divisórias e madeira, em larga escala, no corpo destinado a restaurante. As lajes de cobertura deverão ser em elementos cerâmicos, tipo “somapre”. Adianta que os revestimentos «são igualmente simplificados». Pavimentos das zonas públicas, quartos e terraços em tijoleira, paredes caiadas sobre reboco áspero. Tectos estucados ou em madeira à vista. Dependência de serviço e casas de banho revestidas a mosaico hidráulico e, nestas últimas, paredes a azulejo até 2 metros de altura. Paredes caiadas no exterior.</p> <p>O hotel é construído pela ERG, cujo sócio principal é o Eng.º Lampreia.</p>
Dimensão	Terreno total das duas fases com 7000 m <sup>2</sup>
Encomendador	<p>Jalco, 50% do decorador João Alcobia e 50% da Sociedade Comercial de Santa Justa (que explorava até 2007 o Centro Comercial das Amoreiras), da família Gonçalves, sendo mais tarde criada a empresa Jalgon (Jalco com Gonçalves) para a exploração do Hotel.</p> <p>Note-se que a Jalco era, nos anos cinquenta/sessenta, uma das principais lojas</p>

	<p>de mobiliário da capital, ocupando um edifício de cinco andares na Rua Ivens, ao Chiado. Tinha peças de vários estilos, desde o clássico ao contemporâneo, possuía oficina própria e também importava mobiliário da Escandinávia e de Itália.</p> <p>Após o 25 de Abril, o Hotel é ocupado pelo IARN, que durante dois anos consegue um acordo para ficar com o edifício de baixo.</p> <p>Em finais de 70, a Jalgon vende 75% do capital a uns investidores árabes (liderados pelo sr. Albaker, compram na altura mais quatro unidades hoteleiras em Portugal) e cerca de cinco anos depois a totalidade. A firma compra nessa altura o terreno mais acima, onde constrói um campo de ténis e faz a ampliação do hotel. Pedem o projecto a Conceição Silva, que se encontrava então no Rio de Janeiro, mas este remete para Maurício de Vasconcellos, seu sócio de 1965 a 1967.</p>
Colaboradores	<p>Todos os projectos, de 1960 à ampliação de 1965, não têm chancela do atelier e são assinados por Conceição Silva. Não consta mais nenhum nome.</p> <p>Colaboraram vários artistas nas obras de arte expressamente encomendadas para o hotel, nomeadamente Tomás de Melo (Tom), com litografias e serigrafias nos corredores e quartos; quadros nas suites, alusivos ao universo marítimo;</p> <p>Tapeçaria de Sá Nogueira e outra de Charrua.</p> <p>Baixos-relevos cerâmicos de Querubim Lapa;</p> <p>Escultura/baixo-relevo da <i>boite</i> de Graça Costa Cabral.</p> <p>Gravuras de Sá Nogueira e Maria Velez.</p> <p>(Nota: a informação das obras de arte vieram de várias origens e não nos foi possível confirmar senão as peças de Tom e Graça Cabral)</p>
Situação actual	<p>Em relativo bom estado, embora tenha sofrido uma ampliação (projecto de 1989) pouco harmoniosa que alterou a escala, realizada pelo ex-sócio de Conceição Silva, Maurício de Vasconcellos, depois da venda ao sr. Albaker (de origem iraquiana) em finais de setenta. Encontram-se ainda a maioria das obras de arte, várias peças de mobiliário, como as cadeiras da sala de jantar e alguns aparadores. Alguns quartos mantêm o mobiliário original.</p>
Bibliografia	<p><b>A.A. V.V.</b>, <i>Dictionnaire de l'Architecture du XXe Siècle</i>, Midant, Jean-Paul (direcção), Hazan, Institut Français d'Architecture, Paris, 1996.</p> <p><b>A.A. V.V.</b>, <i>Arquitectura Moderna e Turismo: 1925-1965</i>, actas do IV Congresso, Fundação DOCOMOMO Ibérico (Documentação e conservação da arquitectura e do urbanismo do movimento moderno), Valência, 2003.</p> <p><b>Anos 60 – Anos de Ruptura</b>, (comiss. José Manuel Fernandes) Lisboa, Livros Horizonte, 1994.</p> <p><b>Fernandes, José Manuel</b>, <i>Arquitectos do Século XX, da Tradição à Modernidade</i>, Caleidoscópio, Lisboa, 2006.</p> <p><b>Fernandes, José Manuel e Janeiro, Ana</b>, <i>Arquitectura no Algarve, dos Primórdios à Actualidade, uma Leitura de Síntese</i>, CCDR Algarve, 2005</p> <p><b>França, José-Augusto</b>, <i>A Arte em Portugal no Século XX</i>, Bertrand Editora, Lisboa, 1991 (3ª edição – 1ª de 1974).</p> <p><i>Francisco Conceição Silva, Arquitecto</i>, SNBA, Lisboa, 1987</p> <p><b>Tostões, Ana Cristina</b>, <i>Arquitectura Portuguesa nos Anos 50, “Os Verdes Anos” ou o Movimento Moderno em Portugal</i>, dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada à FCSH da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1994 (policopiado).</p> <p><i>Arquitectura</i>, nº 80, Dezembro 1963, p. 22 a 27.</p>

*Binário* n° 66, Março 1964, p. 155 a 162.

*DBZ*, Julho 1970, n°7 (editada pela Bertelsmann), p. 1311 a 1314.

*Casa & Decoração*, n° 6, 1969.

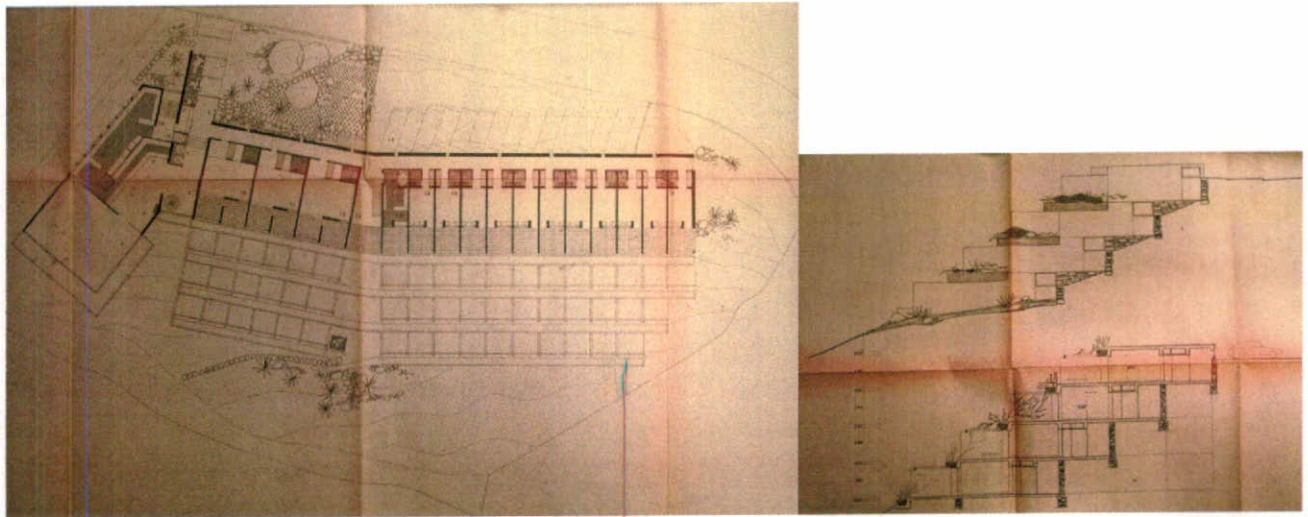
Arquivos da Direcção Geral de Turismo e Câmara Municipal de Sesimbra.



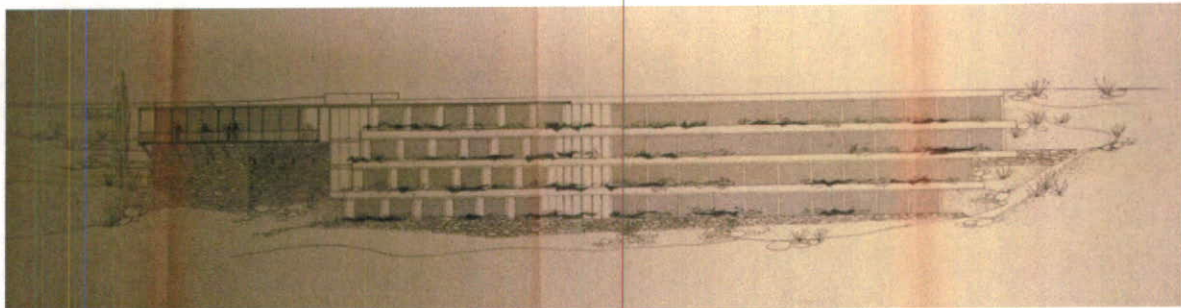
Francisco da Conceição Silva em frente ao Hotel do Mar



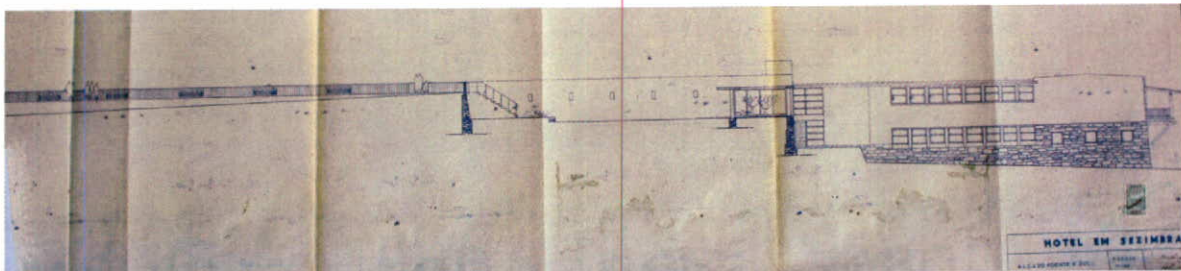
João Alcobia



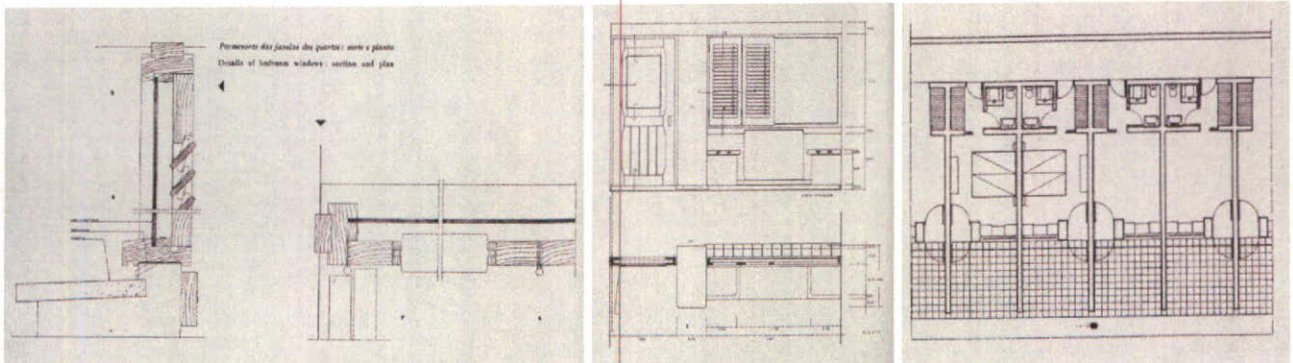
Planta 4º piso e cortes, 1ª fase, arquivo DGT



Alçado sul-nascente 1ª fase, arquivo DGT



Alçado poente-Sul, 1ª fase, arquivo CMS



Pormenor janelas dos quartos, corte e planta; vista interior vão dos quartos e planta quartos Binário 66, Março 1964

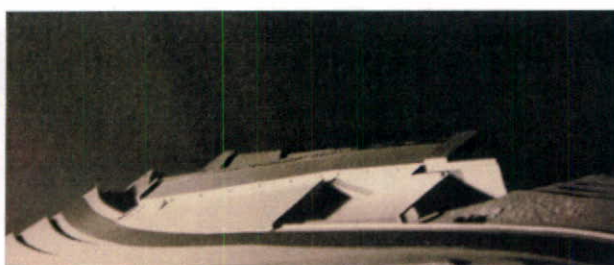
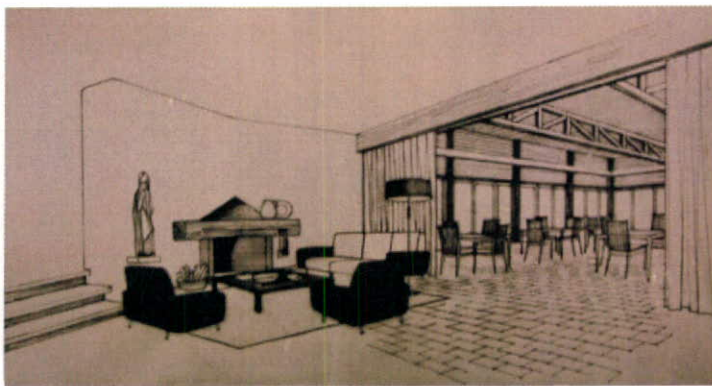
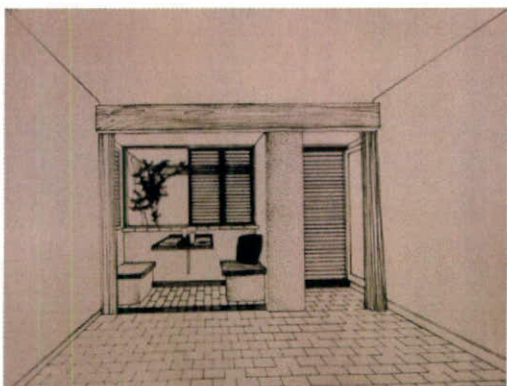


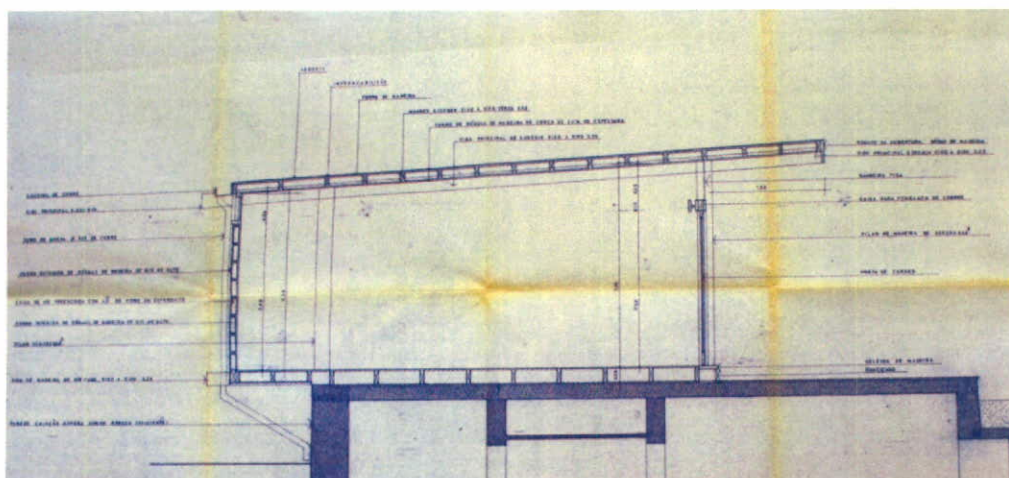
Foto maquete Sul e maquete Norte 1ª fase, arquivo DGT



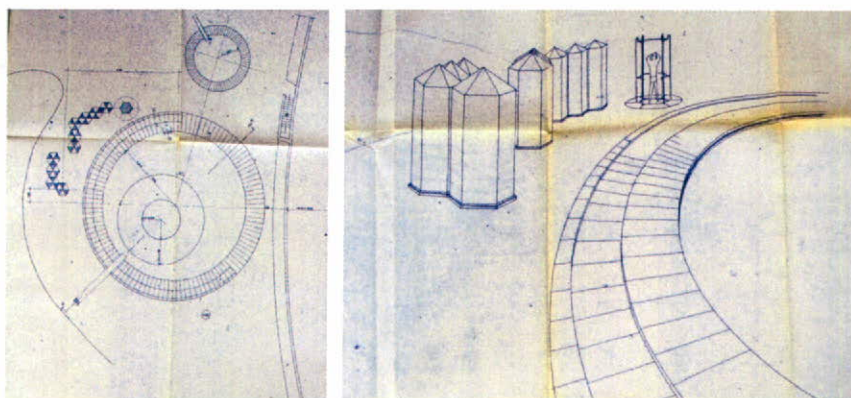
Desenho quarto e desenho sala, arquivo DGT



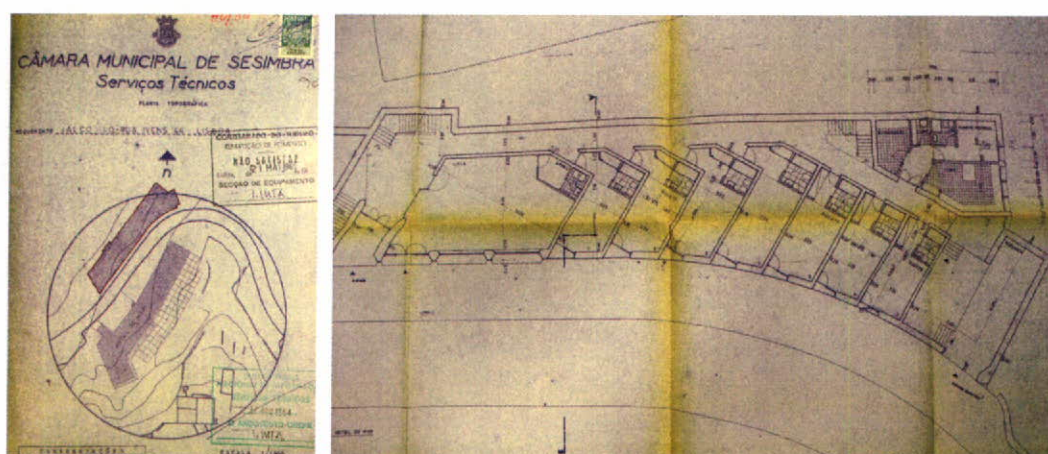
Foto maquete quarto e maquete terraço, arquivo DGT



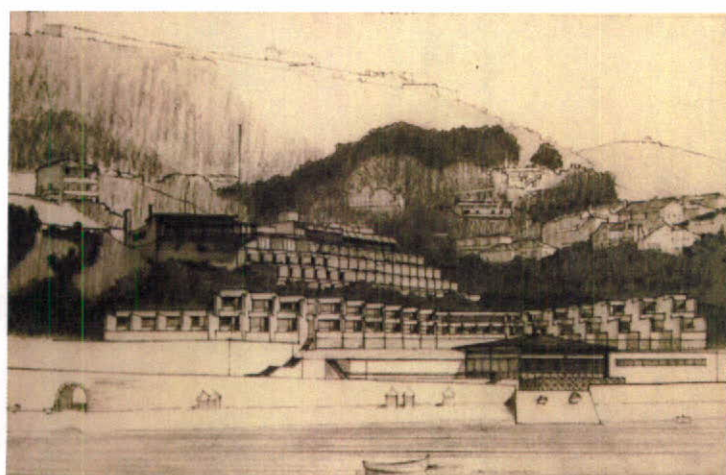
Corte construtivo restaurante, arquivo CMS



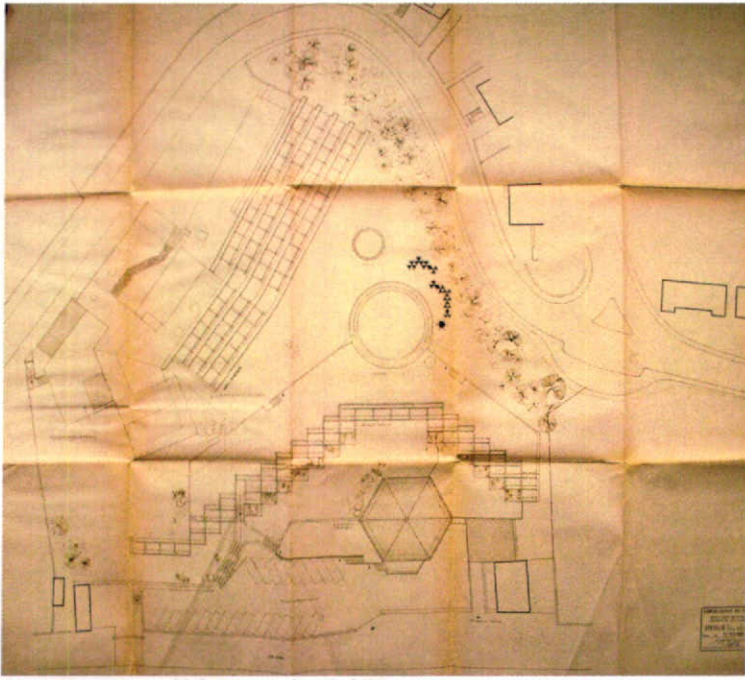
, planta piscina e perspectiva barracas de apoio, arquivo CMS



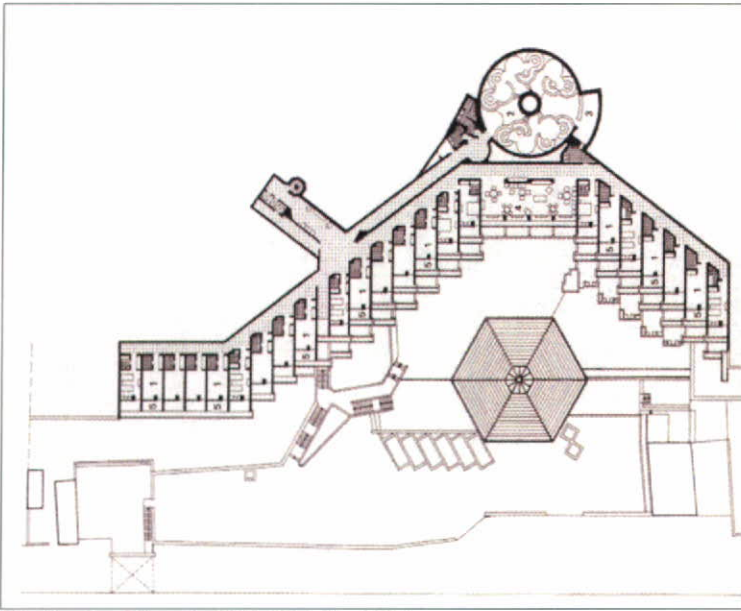
1ª ampliação indeferida, plantas de localização e piso 1, arquivo DGT



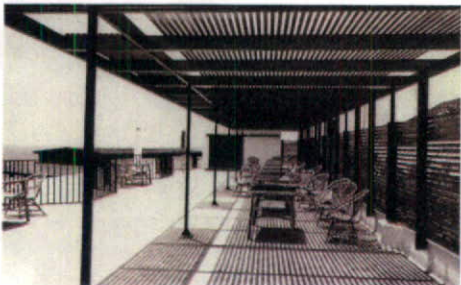
Desenho 2ª fase, arquivo DGT;



Planta conjunto 2ª fase, arquivo DGT



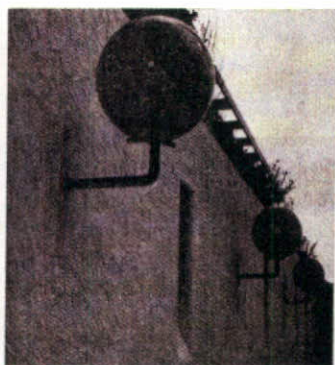
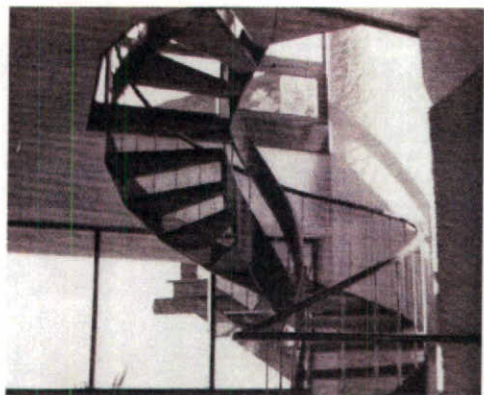
Planta piso 4 fase 2, DBZ nº7, Julho 1970



Terraço, arquivo ACS; vista geral, *Arquitectura* 80, Dezembro 1963; entrada, *Binário* 66, Março 1964



Sala, *Arquitectura 80*, Dezembro 1963; bar *Binário 66*, Março 1964



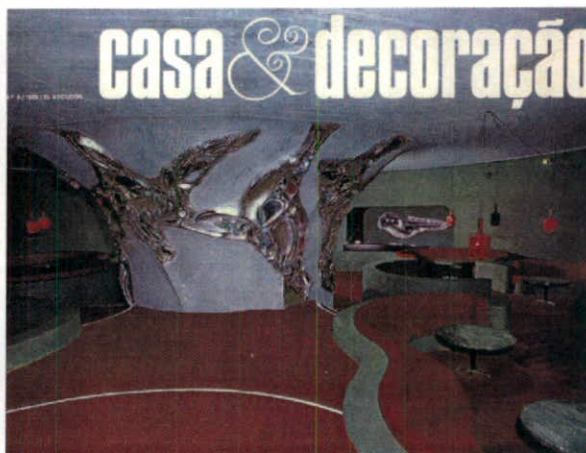
Escada, *Arquitectura 80*, Dezembro 1963; globos e terraço, *Binário 66*, Março 1964



Piscina, Arquivo DGT; conjunto, 2ª fase, arquivo ACS



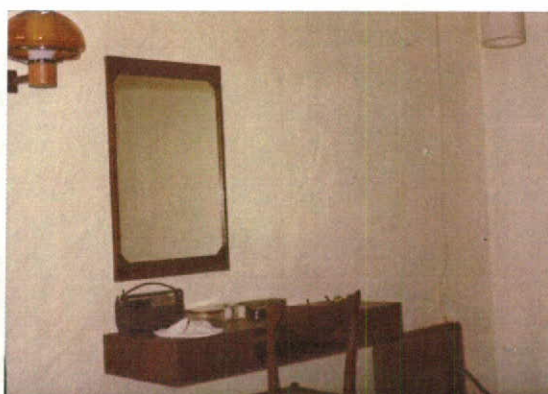
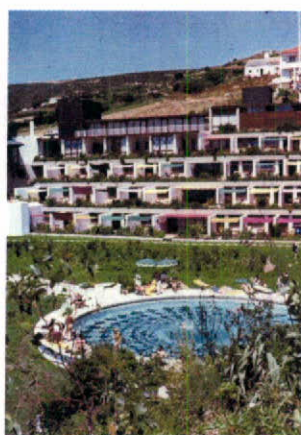
Sala do edifício da 2ª fase, boite, *Casa & Decoração* nº 6, 1969



Sala, edifício 1ª fase, galeria/circulação, *Casa & Decoração* nº 6, 1969



quarto, *Casa & Decoração* nº 6, 1969



Vista geral, quarto, sala e restaurante de apoio à praia, arquivo família Alcobia

Título	<b>Plano de Expansão turística da Praia Maria Luiza (1964/1967 – 1966/1974)</b>
Localização	Praia Maria Luisa/Olhos de Água, Albufeira
Anteprojecto	<p><b>1º estudo</b> Dezembro de 1964 dá entrada o primeiro estudo denominado “anteplano de valorização da zona vizinha à Praia Maria Luiza” (arquivo DGT). Este ante-plano é de Novembro de 1964 e ainda não inclui a zona a nascente que vai até praia Olhos de Água (conjunto de terrenos depois designado por C).</p> <p><b>2º estudo.</b> 1966. Em Março de 1966 apresenta-se novo estudo, “Plano de Expansão Turística da Praia Maria Luiza” o qual acrescenta a zona C, até Olhos de Água, a nascente da Balaia, e já tem maior pormenor.</p> <p><b>3º estudo</b> 1967</p>
Licenciamento	<p><b>O 1º estudo</b> é aprovado a 15 de Dezembro 1964 pela Câmara Municipal de Albufeira (CMA); a 30 Janeiro 1965 pela Direcção Geral dos Serviços de Urbanização (DGSU) e a 1 de Fevereiro pelo Ministro das Obras Públicas (de acordo com documento no arquivo DGT), sendo assim, «em princípio, aprovadas as iniciativas hoteleiras integradas no conjunto...».</p> <p><b>2º estudo:</b> Ofício da Repartição de Fomento à CMA informando que concorda com o plano urbanístico para a Praia Maria Luiza, de 15 Março 1966. E ofício do comissário de turismo no mesmo sentido para o director da DGSU, arquivado em Agosto de 1966. Ofício da DGSU, de 19 Julho de 1966, informa o Comissariado de Turismo que aprovou o estudo urbanístico. Parecer favorável da CMA, Março 66, pedindo novos estudos, nomeadamente por causa do traçado de uma estrada. A 17 de Dezembro de 1966 entra na CMA “Praia Maria Luisa, Modificação expansão Turística”, «em conformidade com as decisões da CMA e observações da DGSU». O novo estudo é aprovado pela CMA a 28 de Dezembro e remetido à DGSU.</p> <p><b>3º estudo:</b> Acta de reunião da Comissão de Turismo, de 3 de Novembro de 1967, em que se pronuncia sobre novo «plano do conjunto turístico da Balaia-Olhos de Água». Coloca algumas reservas que manda corrigir.</p>
Execução	<b>1966 a 1974</b> , apenas parcial. A obra começa pela construção do Hotel da Balaia, tendo entrado na CMA um pedido para proceder a trabalhos de terraplanagem e construção do estaleiro em Maio de 1966. É deferido a 30 de Maio. Em 1974 estavam construídos, além do hotel, um bloco de apartamentos e uma dúzia de moradias.
Descrição artística	Plano de urbanização com ainda alguma influência da Carta de Atenas, nomeadamente com os edifícios dispersos pelo terreno, primazia dos espaços verdes e públicos e repetição dos edifícios, penetrações em <i>cul de sac</i> . Mas também, revisão dos princípios racionalistas, com variedade das tipologias e da morfologia dos edifícios, assim como valorização da privacidade. Os arruamentos são de traçado informal, acompanhando a topografia, à excepção da zona de moradias onde se retoma o tema das ruas paralelas, já na terceira revisão ao plano.
Tipologia/descrição	Um primeiro estudo de 1964 só inclui a zona da Balaia. Em 1966, um plano de pormenor alarga-se aos terrenos a nascente, do Dr. Alambre dos Santos. Esse plano foi revisto pelo menos mais duas vezes, em Dezembro de 1966 e em 1967, em função das orientações das diversas entidades implicadas (Direcção

Geral dos Serviços de Urbanização, Comissariado do Turismo, Câmara Municipal de Albufeira).

**1º estudo:** A memória descritiva do projecto de 1964 inclui 3 terrenos separados por uma ribeira seca: zona A-B, a poente da ribeira, constituída pelos terrenos A e B, pertencentes respectivamente à Sociedade Hoteleira da Balaia e Daniel Vieira da Costa e zona C, a nascente da Ribeira, pertence a B.J. O'Connor. As três zonas apresentam-se em conjunto para que «funcionem como um todo harmonioso e coerente». «Nesta grande malha que se estende por mais de mil metros de costa, pretende-se instalar um complexo turístico de 1ª classe, constituído fundamentalmente por 2 hotéis de 120 quartos (um na zona A-B e outro na C), um pequeno hotel residencial (a poente, junto à costa), um motel (a Norte do terreno poente) e ainda pequenos núcleos de moradias (a Norte do motel e a poente do hotel 1, e a Norte do hotel 2) e conjuntos de apartamentos (Nordeste do Hotel do terreno poente)». As edificações estão dispersas pelo terreno, em faixas verdes. Há um esboço/desenho de implantação assinado por Conceição Silva, a cores, na CMA.

**2º estudo** (Março 66): já tem as zonas todas, refere que inclui «quatro iniciativas hoteleiras: Hotel da Balaia, Hotel de Vale Rosa, Hotel O'Connor e Hotel Cooper Smith», respectivamente, de Oeste para Leste. Salienta que estava em curso o planeamento da zona marginal do concelho de Albufeira. O conjunto está estruturado em função de dois núcleos com vida própria: Maria Luiza e Olhos de Água, organizados a partir e a Sul de uma via de distribuição principal, paralela ao mar, a cerca de 500 a 600 metros da costa, a qual tem por base o caminho existente. As penetrações locais garantem o acesso público às praias; mantém-se o isolamento dos estabelecimentos hoteleiros e protege-se o enquadramento paisagístico natural das praias. As instalações desportivas e instalações balneares são em estreito relacionamento com as iniciativas de carácter turístico e dispersas pelo conjunto.

Um parecer da CMA aconselha a que haja um estudo paisagístico. Pede-se ainda o recuo do hotel residencial no extremo da Semina, na zona da Balaia. Admite a expansão para Olhos de Água, devendo os edificios obedecer à escala das construções da povoação existente na zona mais densa; um máximo de 70 camas por hectare e dois pisos (parecer de Março de 66 da DGSU). Pediam-se novos desenhos sobre infra-estruturas públicas, como as redes de saneamento. Conclui: «o estudo denominado “Urbanização da Praia Maria Luiza” tem o maior interesse na sua concretização, desde que seja revisto no sentido de atender pormenorizadamente aos aspectos referidos no corpo deste parecer».

Este estudo previa 340 quartos hoteleiros para 968 habitantes, de acordo com memória descritiva de 18 fevereiro de 1966:

Hotel Sociedade Hoteleira da Balaia: 120 quartos

Hotel residencial: 60 quartos

Hotel O'Connor: 140 quartos

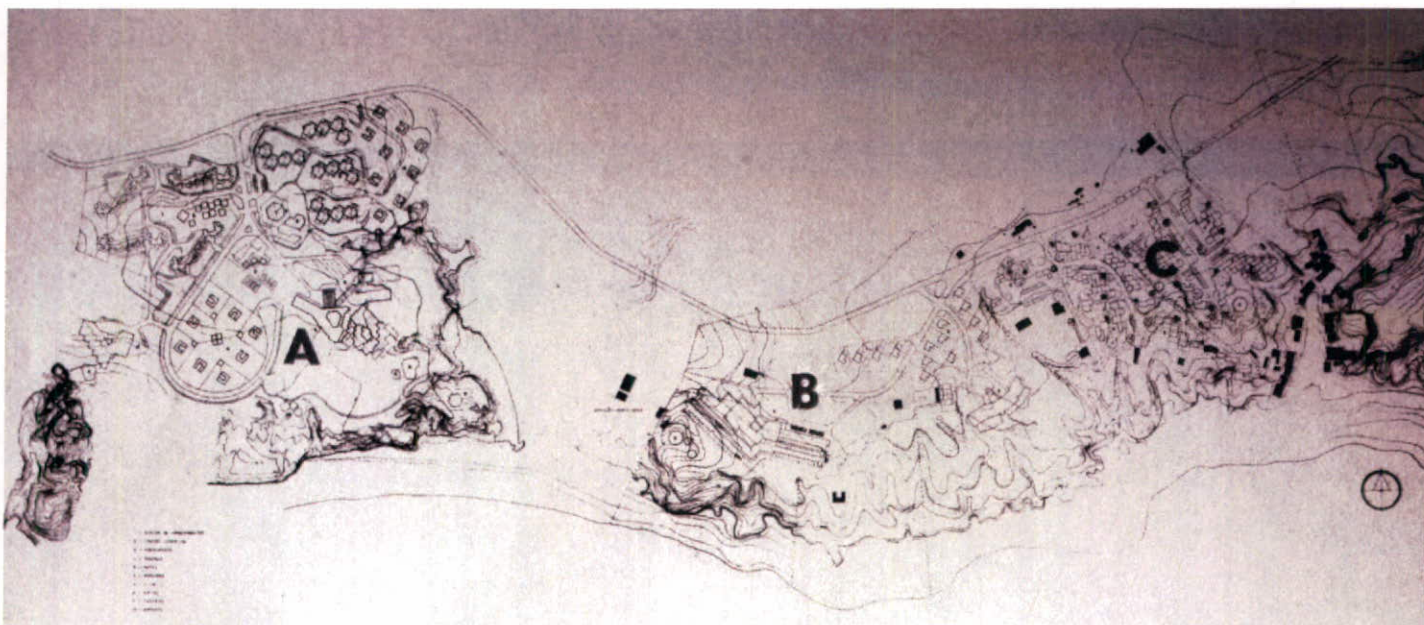
Estalagem: 20 quartos

Estes números não contemplam os edificios para-hoteleiros (apartamentos).

Juntam-se ante-projecto de alguns dos edificios e fotografias de maquetas do conjunto.

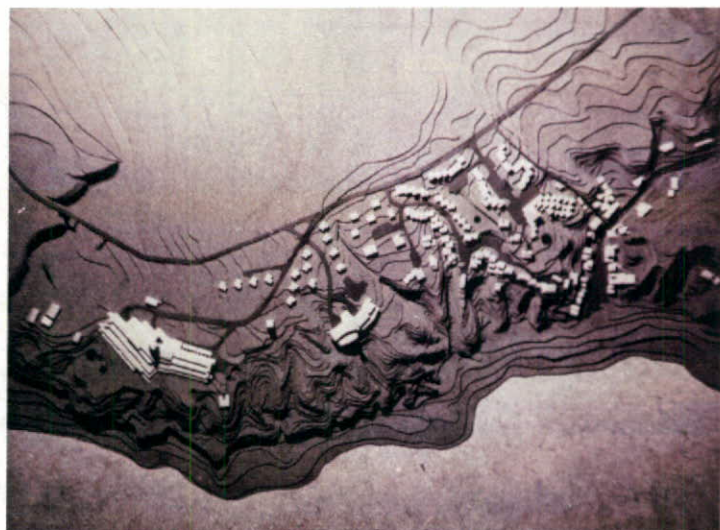
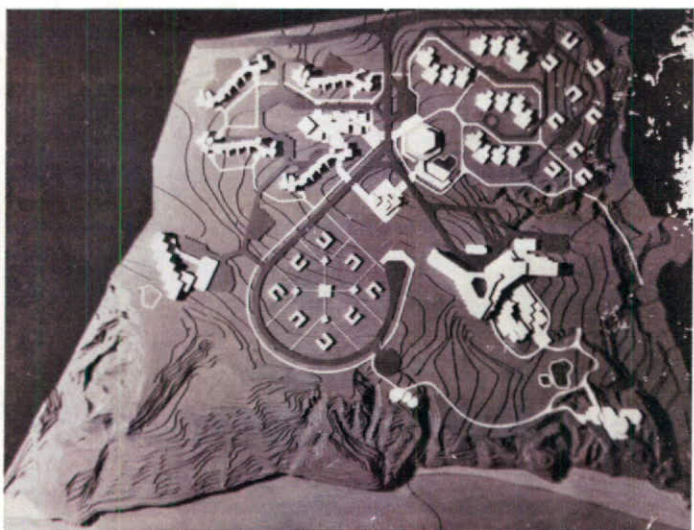
	<p>A proposta consiste num aldeamento turístico organizado em vários núcleos centrados num hotel cada e apoiados em equipamentos desportivos e comerciais. Conforme afirmado na memória descritiva, não se pretende uma nova estância balnear com sentido urbano, mas antes preservar o ambiente paisagístico e a intimidade. O ante-plano apresenta já a morfologia dos edifícios a construir, nomeadamente o Hotel da Balaia. Prevê vários tipos diferenciados entre apartamentos e moradias. A Norte do Hotel da Balaia previa-se um conjunto de cinco blocos de apartamentos idênticos, em forma de lagarta, em torno de um centro comercial (apenas um se veio a construir). As moradias estão dispersas, organizadas em vários conjuntos: um deles ocupa uma faixa de terreno de base quadrada, sendo as casas em U, com os pátios virados para diferentes quadrantes, de forma a preservar a intimidade; outras organizam-se em ruas de traçado informal, com casas em banda, em organização recuada e avançada, procurando a privacidade.</p> <p>A revisão a este plano, de Dezembro de 1966, altera o traçado dos arruamentos e refere que o estudo da defesa e valorização paisagística «irá sendo elaborado parcelarmente conforme se forem desenvolvendo as diversas peças que formam o conjunto» e «adentro das directrizes que possa propor o estudo do Eng.º António S. Barreto para a região do Algarve». Defende serem o estacionamento e o equipamento desportivo em número suficiente (o parecer pedia mais equipamentos e estacionamentos) e intencionalmente dispersos, de forma a «não criar grandes manchas de carros com forte incidência na paisagem» e a evitar a «centralização» que «viria conferir ao conjunto turístico projectado um sentido urbano que é absolutamente indesejável». Por fim, recua-se o Hotel Residencial da Balaia até aos limites da propriedade da SHB. É também reduzida a área destinada ao Hotel Maria Luísa (em Olhos de Água).</p>
Dimensão	Cerca de 30 hectares. (acima de 1000 metros de costa por cerca 400 metros de largura, mas com algumas áreas não pertencentes ao conjunto).
Encomendador	<p>1964: Sociedade Hoteleira da Balaia, Bernard J.O'Connor e Daniel Vieira da Costa (este último representava, na realidade, o Dr. Alambre dos Santos).</p> <p>1966: Sociedade Hoteleira da Balaia, Daniel Vieira da Costa, B.J. O'Connor, Maria da Graça Falcão Godinho dos Santos (mulher do Dr. Alambre dos Santos), Álvaro Clemente da Luz, Francisco de Oliveira Santos e Nuno Lobo da Costa Azevedo. Na realidade, sabemos tratar-se da Sociedade Hoteleira da Balaia e do Dr. Francisco Alambre dos Santos, dono dos terrenos na zona de Olhos de Água e a Norte da Balaia.</p>
Colaboradores	<p>O ante-plano de urbanização de Novembro de 64 não tem chancela do atelier e, em “arquitectos”, vem Conceição Silva e Carlos Calvet.</p> <p>Todos os desenhos do ante-plano de Março de 1966 e revisão de Dezembro de 1966 são assinados por Conceição Silva e Maurício de Vasconcellos e têm a designação formal “Conceição Silva e Maurício de Vasconcellos Arquitectos”. Não consta mais nenhum nome. As memórias descritivas de 1966 são em papel timbrado “Conceição Silva e Maurício de Vasconcellos, arquitectos” e assinadas por ambos.</p> <p>Note-se que o ofício enviado pela CMA ao Comissariado de Turismo, de 15 de Março de 1966, refere-se à “Urbanização da Praia da Maria Luísa-Expansão Turística”, da autoria dos Senhores Arquitectos Conceição Silva e Maurício de Vasconcellos», assim como todos os ofícios que se referem aos autores do</p>

	projecto.
Situação actual	Foi executado cerca de um quarto do plano, apenas na zona da Balaia. Isto é, o conjunto do Hotel da Balaia, um bloco de apartamentos e uma dúzia de casas em banda. Um par de anos depois do 25 de Abril, o Dr. Alambre dos Santos promoveu a construção das restantes moradias na zona da Balaia com outro arquitecto, o qual respeitou a arquitectura das casas existentes na zona a Norte do Hotel da Balaia, porém com um resultado medíocre na zona a poente. Promoveu igualmente a construção dos restantes blocos de apartamentos desse conjunto (com o mesmo arquitecto), mas os edifícios formam um bloco fechado, de escala sobredimensionada, desenho um pouco grosseiro, embora tente uma expressão semelhante à existente, nomeadamente com o betão aparente ou os grandes terraços subtraídos ao volume. Têm a virtude de formar um grande muro de protecção à estrada principal e ao caos urbanístico da zona. Todos os outros investimentos não se realizaram (Olhos de Água), tendo os lotes sido vendidos para a construção de moradias avulsas, e mais tarde foi construído um aparthotel em Olhos de Água, sem interesse. Infelizmente, perdeu-se a coerência e unidade da proposta inicial.
Bibliografia	Inexistente

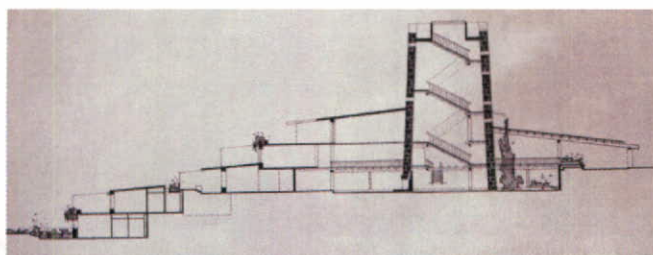
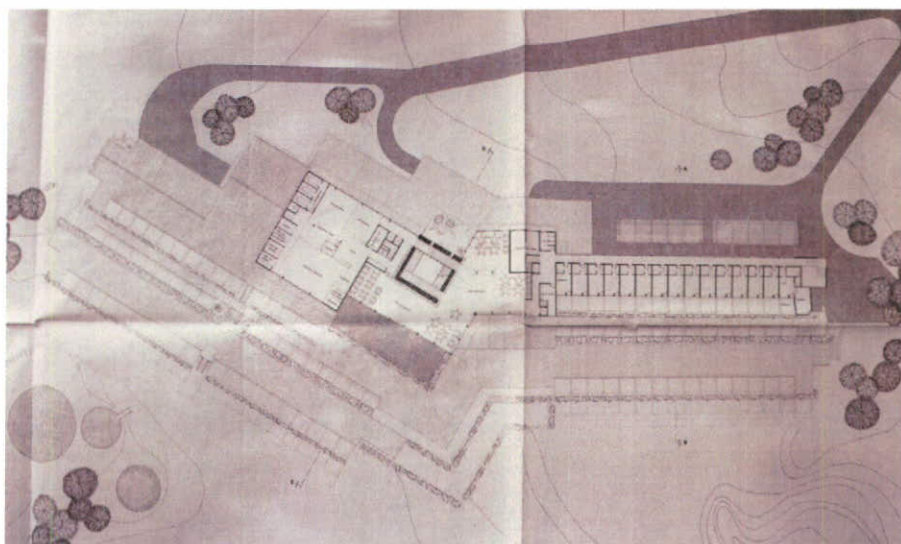


Plano de Expansão Turística da Praia Maria Luiza, arquivo Francisco Alambre dos Santos





Maquetas das zonas da Balaia e Olhos de Água, arquivo Alambre dos Santos



Hotel Maria Luísa (não construído), planta 5º piso, corte C-D, maqueta, arquivo Alambre dos Santos

Título	<b>Hotel da Balaia</b> 1ª fase (proj.1965/1966 - const.1966/1967) 2ª fase (1971- 1972/1973)
Localização	Praia Maria Luísa, Balaia, Albufeira.
Anteprojecto	<b>1º projecto recusado pela administração da SHB, 1964.</b> <b>2º projecto 1965-1966.</b> Concepção, desenvolvimento da 1ª maquete Set a Nov 1964 <sup>1</sup> . Dados da Câmara Municipal de Albufeira <sup>2</sup> : o requerimento, assinado por Conceição Silva, pedido pela Sociedade Hoteleira da Balaia, representada por Bernard J. O'Connor e Daniel Vieira da Costa, datado de 9 de Dezembro de 1964, entra a 12 de Dezembro de 1964, com o nº1299 e é aprovado a 14 de Dezembro de 1964. Diz “aprovado, em princípio” (supomos que faltava o crivo do SNI). Trata-se do primeiro projecto que é recusado pela administração da SHB. Dados da revista <i>Arquitectura</i> <sup>3</sup> : 2º ante-projecto, Maio de 1965 a Agosto de 1965. Projecto do corpo dos quartos a partir de Out. de 1965; projecto do corpo das salas, Julho de 1966 a Setembro 1966. Arquivo DGT, 2º projecto: memória e desenhos de 26 de Julho de 66, com carimbo, aprovado, pelo Comissariado de Turismo a de 30 Novembro 1966. Carta da SHB ao comissário Nacional de Turismo submete-lhe o projecto definitivo a 16 de Agosto de 66 (assinado a 5 de Agosto). 2º projecto alterações (DGT): desenhos de 12 de Maio 67, com carimbo do Comissariado de turismo, aprovado a 19 de Julho de 67.
Licenciamento	<b>2º projecto:</b> Em Março 1966, a CMA envia ofício com parecer favorável ao ante-projecto ao Comissariado de Turismo, salientando o elevado nível do projecto. Há um primeiro projecto de execução aprovado pelo Comissariado de Turismo, repartição de fomento, Secção de equipamento, de 2 de Março de 1966 (DGT). Desenhos sem data, com fotografias, sem memória descritiva. Inclui projecto de equipamento.  <b>2º Projecto alterações:</b> Há outro projecto, que refere aprovado sob condição no carimbo, “Comissariado de Turismo, Repartição de Fomento, secção de equipamento”, data de 30 Novembro 66. Trata-se do projecto definitivo, com ligeiras alterações ao anterior. É oficialmente aprovado, sob condições, pelo Comissariado do Turismo, a 12 de Dezembro de 1966 (arquivo DGT). Pedem-se ajustes mínimos, como concentrar as comunicações verticais e criar uma copa. Outra carta da SHB dirigida ao Comissariado de Turismo, de Out de 67, refere que o Hotel teve projecto aprovado a 2 de Março de 67 e 19 de Julho de 67.
Construção	<b>1966/1967.</b> Em Maio de 1966 entra um pedido na CMA para proceder aos trabalhos de terraplanagens, o qual é deferido a 30 desse mês. A obra termina em Dezembro de 1967 <sup>4</sup> . Inauguração em Fevereiro de 1968.

<sup>1</sup> De acordo com carta manuscrita de José Luís d' Orey, de Novembro de 1995, a descrever todo o processo do Hotel da Balaia. Arquivo José Luís d'Orey. O Eng.º José D'Orey era presidente do Conselho de administração da Orey & Antunes, sociedade detentora de 40% do capital da Sociedade Hoteleira da Balaia e foi o responsável pelo acompanhamento do projecto e obra.

<sup>2</sup> Consulta à Câmara Municipal de Albufeira em Abril de 2007. Não foi encontrado o 2º ante-projecto, de 1965.

<sup>3</sup> Datas retiradas do artigo na revista *Arquitectura* 108, Abril de 1969, p. 53.

<p>Alterações e ampliações Pasta nº 270 ACS</p>	<p><b>Ampliação em torre (1971-1972/1973):</b> Projecto de 1971. Memória descritiva e desenhos da pasta do arquivo ACS, assim como do arquivo da DGT datam de Agosto de 1971. Entra a 3 de Setembro de 1971 na Secretaria de Estado da Informação e Turismo e na Direcção-Geral do Turismo (DGT). O respectivo requerimento, datado de 24 de Agosto de 1971, também é assinado por Conceição Silva. É aprovado pela DGT e pela Direcção Geral dos Serviços de Urbanismo em Novembro de 71, embora esta última refira que «não resultam benefícios desta ampliação do ponto de vista estético». A CMA também aprova o projecto em Novembro de 1971.</p> <p>A licença de construção é concedida em Outubro de 1972, com o nº 407 – de acordo com informação no pedido de vistoria (CMA). O pedido de vistoria para licença de utilização data de Julho de 73 e refere que as obras terminaram em Julho de 73.</p> <p>Em Agosto de 73 entram as telas finais, com pequenas alterações. A 6 de Maio de 1974 a SHB é obrigada a submeter outro projecto com pequenas alterações sugeridas pela DGT (relacionadas com os elevadores e acessos), pois tinha sido aprovado sob condições, em Janeiro de 1974 pela DGT. Este processo só é apreciado em julho de 75 e há correspondência em relação ao mesmo em 76 inclusivé. Alguns pontos são dispensados pela DGT em função da qualidade do hotel e da crise em que se encontrava o sector.</p>
<p>Descrição artística</p>	<p>Revisão do movimento moderno, com referências mediterrânicas e influência neo-brutalista.</p>
<p>Tipologia/ descrição</p>	<p>Memória descritiva do projecto com carimbo de aprovação do Comissariado do turismo de 30 Novembro 1966: «Organização que se enquadra numa perspectiva de “loisir”, no que ele tem de mais profundo, “a possibilidade de cada um inventar os seus próprios movimentos enquadrado e apoiado por uma peça ou peças arquitectónicas tomadas no seu sentido mais largo, isto é, permitindo toda uma “liberdade” de movimentos, fundamental, numa zona com as características do terreno da “Balaia”».</p> <p>Outra memória descritiva, datada de 26/7/66, com carimbo do Comissariado do Turismo de 30 Novembro de 1966, refere que o projecto resulta do desenvolvimento do anteprojecto aprovado para o terreno da SHB no Alto da Semina, junto à Praia da Maria Luísa (refere-se ao plano). A unidade de 140 quartos fica integrada num conjunto com «mais 3 hotéis apoiados por restaurantes, campos de jogos, instalações de praia e ainda por outros núcleos habitacionais relacionados com o turismo». Desejava-se que o local fosse «um centro apoiado pela realidade duma vida turística e por outro por uma povoação que mantém inalteráveis as suas raízes tradicionais». Prevê-se manter a vegetação local de pinhais e destaca o pátio coberto ajardinado (nos mesmos termos que a memória consultada na CMA), isto é o lobby central: «vestíbulo largamente ajardinado, constituindo por assim dizer uma estufa, o qual viverá articulado com a zona das salas por meio de sucessivos planos (também esses ajardinados) contribuindo para o nascimento de caminhos</p>

<sup>4</sup> *Idem.*

psicológicos...». Nas salas, «o pensamento dominante é caracterizado pela tentativa de criar espaços semi-exteiores ou simplesmente exteiores onde possa ser facilmente encontrada sombra e temperatura amena, para o que se prevê o seu desenvolvimento em pátio. Parece-nos fundamental o tratamento dos espaços exteiores, não só em relação à entrada, como também ao prolongamento das salas que poderão fundir-se em simples elementos ajardinados...».

Tem também uma adenda que informa os pontos em que deu satisfação ao parecer do Commissariado de Turismo, com respectivas alterações, mas salienta outros em que não foi possível, como uma solução em comprimento, determinada pelo condicionamento da altura dos edifícios na orla marítima. Explica que se procurou resolver «esse problema com uma solução radial, estando os serviços localizados numa zona central, evitando-se assim longos percursos».

A primeira fase, inaugurada em Fevereiro de 1968, compreende um hotel com 134 quartos e quatro suites, salas de estar, sala hall, grill, restaurante, sala de leitura e jogos, bar, *boîte* e lido bar, campo de ténis, mini-golfe e piscina com água aquecida. Mais outro conjunto com 13 moradias constituídas por sala, cozinha, três quartos e instalações sanitárias<sup>5</sup>.

O hotel desenvolve-se em dois corpos ligados por galeria – um para as zonas sociais e outro predominantemente para os quartos. O corpo dos quartos é agenciado a partir de um lobby central com pé-direito de altura de cinco pisos. A partir deste espaço de encontro desenvolvem-se dois braços com inflexões, onde se localizam os quartos.

O corpo das áreas sociais desenvolve-se numa rede de base ortogonal, em volumes autónomos mas inter-relacionados, pousados em plataformas a diferentes cotas, adaptando-se à topografia. Caracteriza-se por uma grande fluidez espacial e continuidade perspéctica e pela relação entre interior e exterior, aberta, mas mediada por terraços semi-cobertos.

O projecto inclui todo o equipamento e decoração, até ao mais ínfimo pormenor, contemplando elementos como as chaves dos quartos ou as cartas do menu dos restaurantes. E ainda projecto paisagístico, da autoria de Gonçalo Ribeiro Telles, o qual não foi totalmente realizado, devido à falta de verbas. Chega a ser construído, para aprovação da administração, um quarto modelo à escala 1 por 1, com protótipos das peças, num armazém em Alcântara. A construção também é entregue ao atelier - que subcontrata o construtor Domingos Silva - sendo o primeiro hotel português entregue chave-na-mão. O Hotel inaugura ao público, a 28 de Fevereiro de 1968, só que com uma derrapagem de mais de 50% do custo orçamentado, causa de uma zanga com o dono de obra.

A inauguração do Hotel é precedida de uma exposição das obras de arte encomendadas, na Sociedade Nacional de Belas Artes, por iniciativa de Francisco da Conceição Silva, então presidente da instituição. A mostra com cerca de 60 obras de entre os melhores artistas portugueses dos anos sessenta, realiza-se entre 7 e 21 de Dezembro de 1967, in extremis, depois de uma

<sup>5</sup> Embora faça parte do Hotel da Balaia, desenvolvemos essas casas em ficha individual, por uma questão de leitura.

<sup>6</sup> De acordo com relato manuscrito de José Luís d'Orey, Lisboa, de Novembro 1995. Arquivo José Luís D'Orey

<sup>7</sup> De acordo com testemunho à autora de José Luís d'Orey, fundador da SHB.

	<p>tentativa de censura por parte da Direcção Geral de Turismo, justificando o Secretário de Estado do Turismo que «não aceitava que o financiamento concedido à Sociedade Hoteleira da Balaia pudesse servir para apoiar artistas comunistas»<sup>6</sup>.</p> <p>O logótipo, inspirado no emblema dos barcos algarvios (que vem do tempo dos assentamentos romanos) é desenhado por Espiga Pinto.</p> <p>Ampliação de 1971: memória descritiva, de 20 de Agosto de 1971, justifica a ampliação com a necessidade de aumentar a rentabilidade do hotel. Reconhece a delicadeza de colocar outro edifício e explica que «o partido adoptado não resulta apenas duma ideia de morfologia, mas também da melhor localização em relação aos serviços de apoio e em certa medida da impossibilidade de aproximar demasiado da arriba do lado nascente (o que aconteceria se os quartos seguissem a ideia anterior – extensão)...». Note-se que foi inicialmente ponderada a possibilidade de aumentar o edifício existente com mais um piso, solução afastada devido à localização de infra-estruturas técnicas na cobertura<sup>7</sup>.</p> <p>O 1º e 2º piso destinam-se a áreas comuns e de serviços. A partir do 3º piso exclusivamente quartos, num total de 49. Uma adenda informa que a construção deve começar um mês após a aprovação do projecto e durar 8 meses. Área total de construção 3877m<sup>2</sup>. O projecto apresenta fotografias e desenhos dos quartos, idênticas às do projecto do hotel de 1967.</p> <p>A ampliação de 1971 consiste numa torre de 10 pisos, no prolongamento do hotel pré-existente (para nascente), estando a ele ligada pela coluna de acesso. É rematada pela coluna de escada exterior. O edifício é escalonado na cobertura, com os últimos pisos recuados, suavizando a grande massa da torre (solução retomada do bloco de apartamentos da Balaia e das Torres de Alfragide). Os pisos 1 a 4 têm seis quartos, os pisos 6 e 7 passam a ter 5 quartos, os pisos 8 e 9 têm quatro (mas com uma sala aberta central) e o 10º tem apenas dois quartos. Note-se o recorte no quarto, reentrância para o acesso à varanda, espaço de transição que não expõe directamente a habitação ao exterior, tal como na primeira fase do hotel.</p>
Tipo de construção e revestimento	<p>Estrutura em betão.</p> <p>Exterior combina reboco caiado com betão aparente e madeira nas divisórias das varandas, venezianas e gelosias. Nos interiores domina a madeira envernizada do equipamento e pormenores como guarnições dos vãos, corrimões das escadas, portas. Reboco pintado de branco, lanternins em betão aparente e pavimento em tijoleira.</p>
Dimensão	Conjunto da propriedade com 15 hectares
Encomendador	<p>Sociedade Hoteleira da Balaia, da Kőningklje Rotterdenasche Lloyd, de Roterdão (sócia maioritária) e da Orey &amp; Antunes, empresa de representações de navegação (nomeadamente da empresa holandesa).</p> <p>Em finais de setenta, a Orey &amp; Antunes cede a sua quota aos sócios holandeses. Em início de oitenta, o hotel é vendido ao dr. Francisco Alambre dos Santos, dono dos terrenos envolventes, e em 1986 a Balaia é comprada pelo Club Mediterrannée, actual proprietário.</p>
Colaboradores	DGT: projecto (já de execução) com carimbo de aprovação de 2 de Março de 1966 e projecto com aprovação de 30 de Novembro de 1966, ambos pelo Comissariado do Turismo: todos os desenhos assinados por Conceição Silva e Maurício de Vasconcellos, constando ainda Conceição Silva Maurício de

	<p>Vasconcellos Arquitectos. Não tem mais nenhum nome. Inclui projecto de equipamento (com carimbo de 2 de Março) assinado pelos dois arquitectos, sem indicar mais nenhum nome.</p> <p>O projecto com carimbo de 30 de Nov de 66 (realizado até Julho de 1966, data da memória descritiva) tem também projecto de mobiliário. Tem planta tipo de um quarto, com mobiliário e fotografias de maquetas.</p> <p>Projecto com desenhos de 12 de Maio de 67 e carimbo do Comissariado de Turismo de 19/7/67: memória (idêntica ao projecto de 1966) e todos os desenhos assinados por Conceição Silva e Maurício de Vasconcellos, e com a identificação Conceição Silva Maurício Vasconcellos Arquitectos.</p> <p>No final de 1967 os dois arquitectos separam-se voltando à designação Atelier Conceição Silva.</p> <p>Colaboradores (projecto final)<sup>8</sup>:</p> <p>Arquitectura: Tomás Taveira e Jorge Soares de Oliveira (este fará também o acompanhamento de obra). Equipamento Carmo Valente e Carlos Calvet.</p> <p>Estruturas: Jaime Pereira Gomes, com José de Mendonça, Rocha Cabral e J.J.Tomé.</p> <p>Artes gráficas: Espiga Pinto</p> <p>Paisagismo: Gonçalo Ribeiro Telles</p> <p>Construção: O contrato é celebrado com os arquitectos Conceição Silva e Maurício Vasconcellos, os quais sub-contratam o construtor Domingos Ribeiro da Silva, com quem Conceição Silva constitui a AC, possivelmente no decurso desta obra.</p> <p>Artes plásticas. Tapeçarias: Charrua, Menez, Pomar, Rogério Ribeiro, Sá Nogueira, Luísa Bastos e Maria José R. Pereira; pinturas: Charrua, Dintel, Espiga, Maria Velez, Menez, Rogério Ribeiro e Sá Nogueira; esculturas: Conduto, Cutileiro, Graça Cabral; monotípias: Luísa Bastos; serigrafias: Espiga; tecidos: Minna Toivola.</p> <p><b>Ampliação de 1971:</b> tem a chancela do atelier Conceição Silva “código de barras”. Em “arquitectos” vem Tomás Taveira. Os desenhos são todos assinados por Conceição Silva. A memória descritiva, de 20 de Agosto de 71, é assinada por Conceição Silva e é escrita no papel pessoal do arquitecto, com, em cima “Conceição Silva arquitecto” e no canto, chancela “tipo código de barras”. O requerimento à DGT também é assinado por Conceição Silva. Os desenhos das telas finais (1973) são assinadas por Conceição Silva, não tendo ninguém em “Arquitectos”. Têm a chancela ACS “tipo código de barras”.</p> <p>O projecto com alterações (1974) tem todos os desenhos assinados por Conceição Silva sem indicar ninguém em “Arquitectos”.</p>
Fornecedores <sup>9</sup>	Renel, Sobrepe: Forte, S.Paulo, Renor, Edimel, Dargil; Rocha Amado & Latino; Pedroso Botas e MV Malheiros de Sousa; Nunes da Rocha; Cerval e Gepoc; Intento; A União.

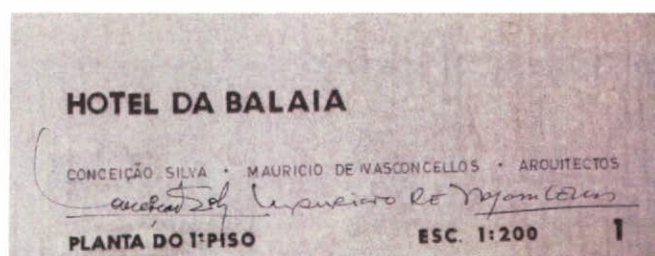
<sup>8</sup> Nomes referidos na ficha técnica apresentada no artigo da revista *Arquitectura* n° 108, Março-Abril de 1969. p. 53. Outro artigo publicado no Jornal do Comércio de 29/01/1968, aquando de uma apresentação do hotel à imprensa cita o arquitecto Conceição Silva, autor do projecto, o qual enumera os mesmos colaboradores.

<sup>9</sup> lista constante do acerto de contas final, 30/04/1968; Arquivo Atelier Conceição Silva

	Instalações técnicas: João Jacinto Tomé; Auxial; Termoar; Comportel; Tradema; Setal; Filtros Filfro; Instaladora Sesimbrense.
Situação actual	<p>Em bom estado, embora já não tenha grande parte do equipamento (mobiliário solto, obras de arte, essencialmente) e tenha sofrido algumas alterações, nomeadamente cobriu-se o pátio do corpo das salas, pintou-se grande parte do betão aparente nos interiores.</p> <p>Posteriormente o Hotel da Balaia teve ampliações com projectos de outras equipas:  Em 1980, o gabinete “Jorge Soares de Oliveira &amp; Luísa d’Orey Ida – Gabinete de arquitectura” submete um projecto (arquivo DGT). Trata-se de uma pequena ampliação para Norte/nascente da torre, um volume de dois pisos, ligado ao r/c da torre. Essencialmente, destina-se a sala de conferências. São também remodelados os quartos do piso térreo da torre.  Em 1986, o Club Méditerranée encomenda a um arquitecto (nº171) um projecto para um edifício, do outro lado estrada de acesso à praia (a Norte), ligado à torre por passerelle coberta. Respeita a expressão do edifício existente e é na realidade bem destacado do edifício original.</p>
Bibliografia	<p><i>Arquitectura</i> nº108, Março-Abril de 1969. p. 52 a 69 e 96  <i>DBZ</i>, Julho 1970, nº7 (editada pela Bertelsmann). P.1307 a 1310.  <b>A.A. V.V.</b>, <i>Dictionnaire de l’Architecture du XXe Siècle</i>, Midant, Jean-Paul (direcção), Hazan, Institut Français d’Architecture, Paris, 1996  <b>A.A. V.V.</b>, <i>Arquitectura Moderna e Turismo: 1925-1965</i>, actas do IV Congresso, Fundação DOCOMOMO Ibérico (Documentação e conservação da arquitectura e do urbanismo do movimento moderno), Valência, 2003.  <b>Anos 60 – Anos de Ruptura</b>, (comiss. José Manuel Fernandes) Lisboa, Livros Horizonte, 1994.  <b>Barata, Paulo Martins</b>, in <i>Prototipo</i> nº 4, Novembro 2000, Ano II, p-ps. 38 a 69.  <b>Fernandes, José Manuel e Janeiro, Ana</b>, <i>Arquitectura no Algarve, dos Primórdios à Actualidade, uma Leitura de Síntese</i>, CCDR Algarve, 2005.  <b>Fernandes, José Manuel</b>, <i>Arquitectos do Século XX, da Tradição à Modernidade</i>, Caleidoscópio, Lisboa, 2006.  <b>França, José-Augusto</b>, <i>A Arte em Portugal no Século XX</i>, Bertrand Editora, Lisboa, 1991 (3ª edição – 1ª de 1974).  Pastas arquivo ACS: nº 4 (projecto inicial) e 270 ampliação</p>



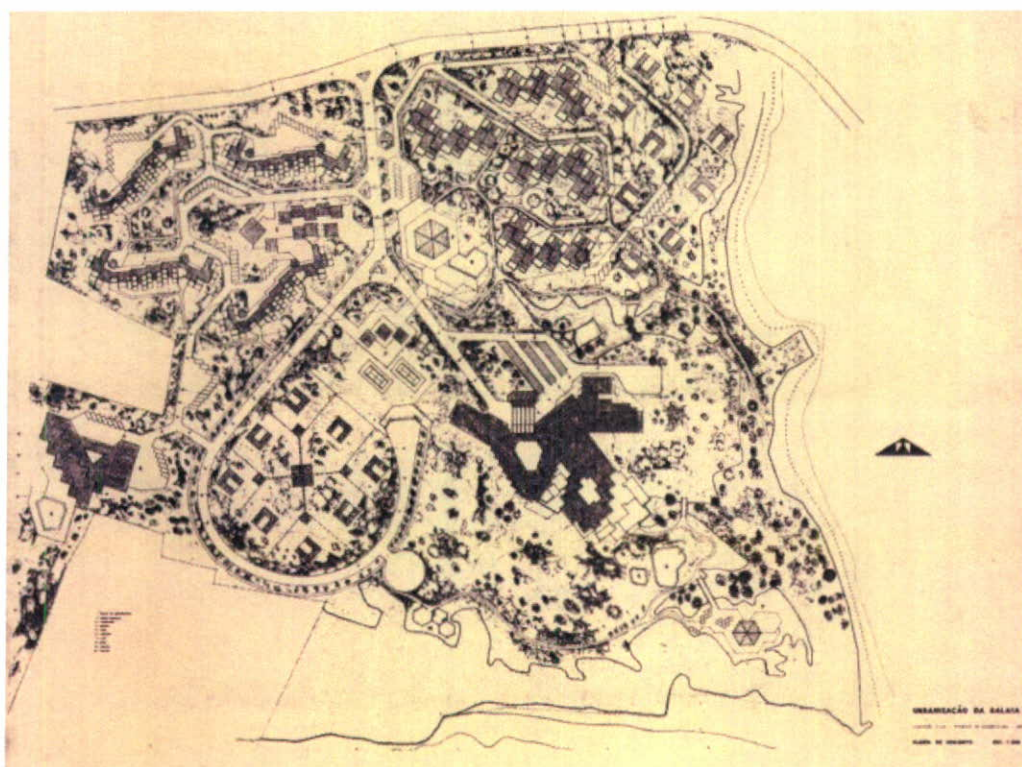
O terreno da Balaia e o primeiro projecto recusado pela SHB, arquivo José Luís d'Orey



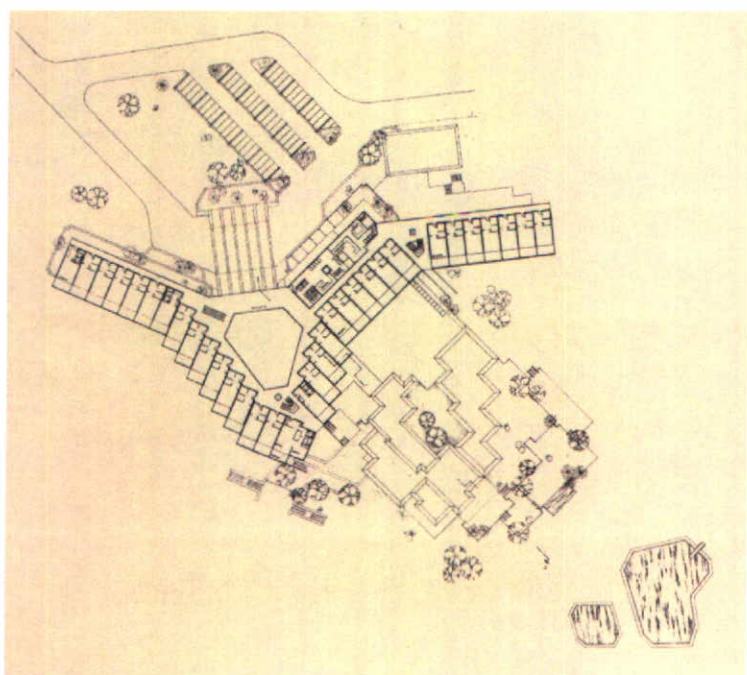
Identificação da planta 1º piso do anteprojecto, arquivo Alambre dos Santos



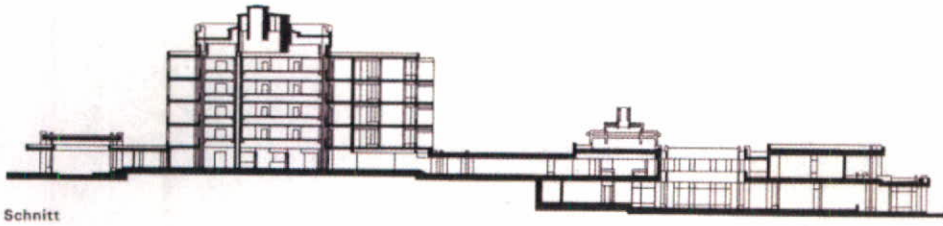
Equipa do Hotel da Balaia. Conceição Silva é o quarto, em baixo. Arquivo ACS



Planta geral da urbanização da Balaia, arquivo Alambre dos Santos

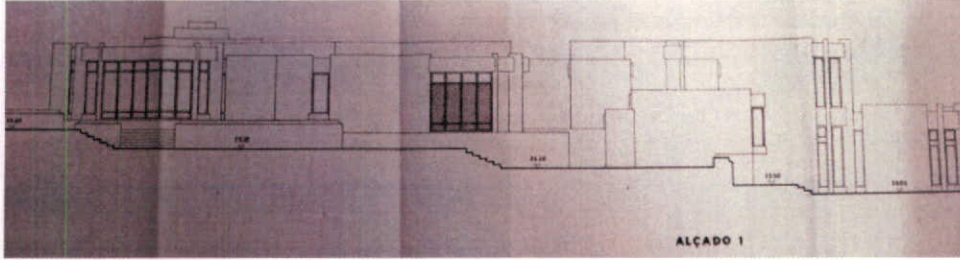


planta do 4º piso, arquivo Alambre dos Santos



Schnitt

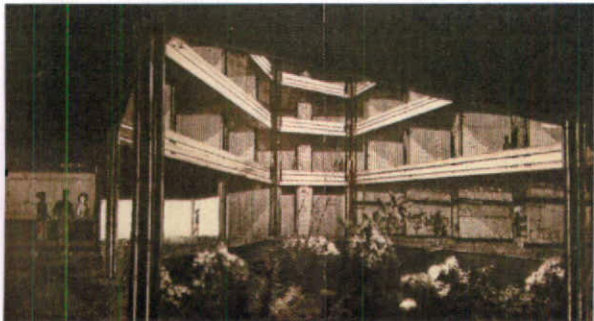
Corte, revista *DBZ* nº7, Julho 1970



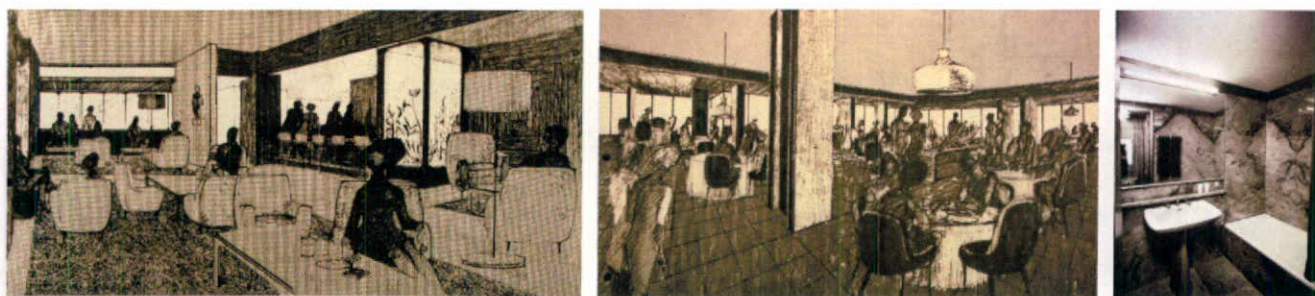
Alçado Sul



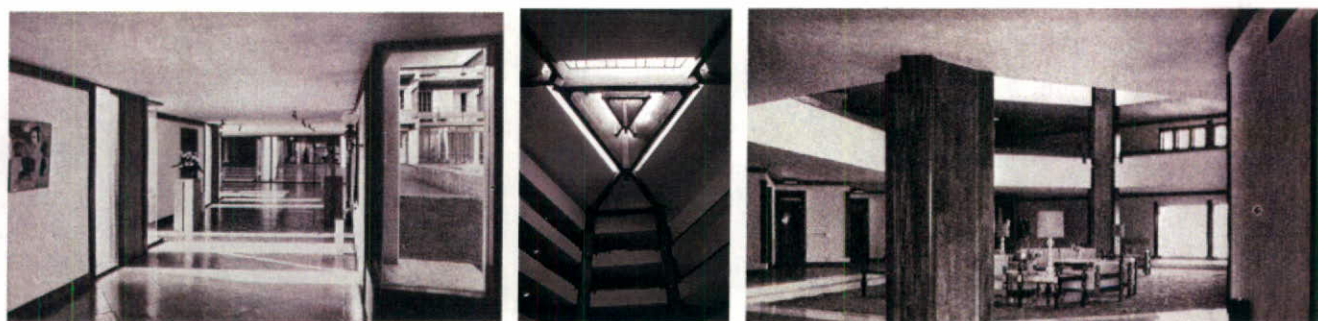
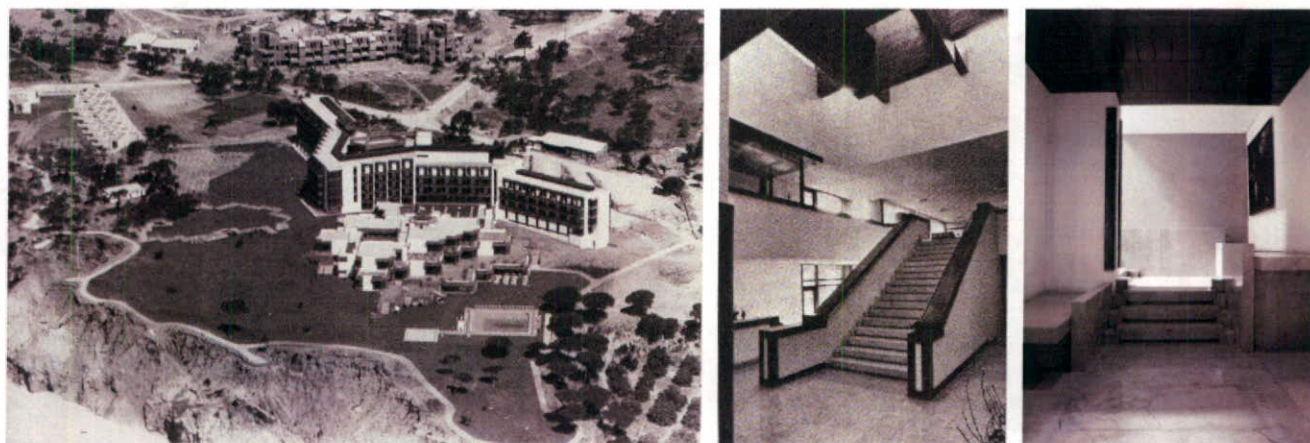
Maqueta e fotografia de quarto, arquivo DGT



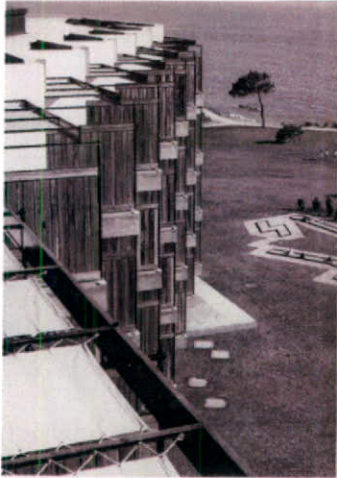
Desenhos do lobby, quarto e fotografia de quarto, arquivo DGT



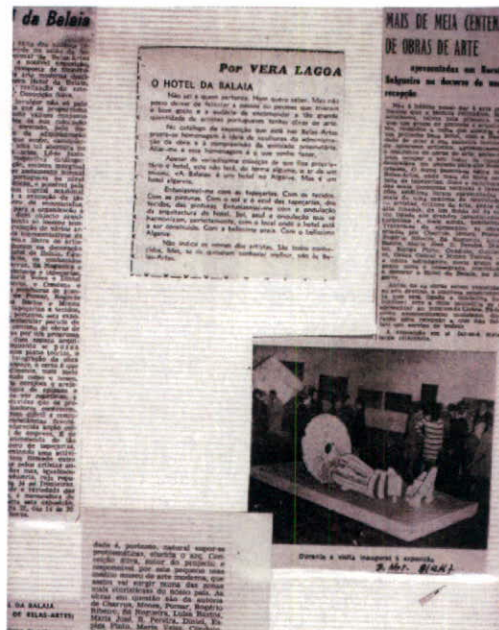
Desenhos das salas; fotografia de uma casa de banho, arquivo DGT



Conjunto, escadas, frente Norte, coberto de entrada, circulação, lanternim, lobby, fotografias revista *DBZ* nº 7, Junho 1970 e da autora



Exterior, pátio com escultura de Conduto, bar, fotografias da revista DBZ nº 7, Junho 1970



Recortes de notícias da inauguração do hotel e da exposição de obras de arte, arquivo Eng.º d'Orey

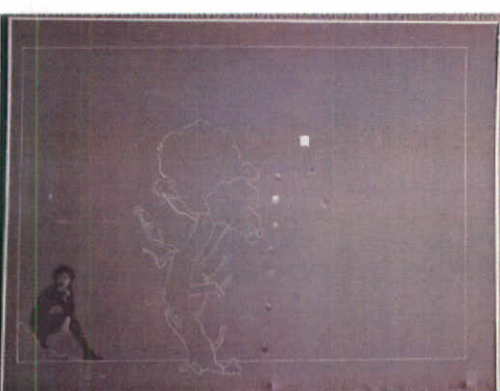
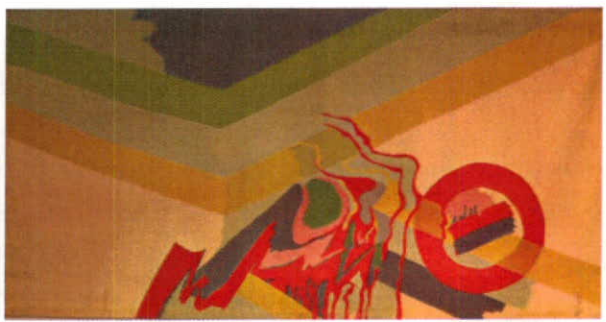


**ROTEIRO DAS OBRAS DE ARTE**  
Introduction to Art-Works  
Katalog der Kunst-Werke

<b>HALL / Main-Lobby / Eingangshalle</b>	
QUADRO A OLEO / Oil Painting / Ölmalerei	Artista: Ivo CHARRUA
TAPICARIAS / Tapestries / Wandgemäld Tapiscarías	Artista: Ivo CHARRUA
GRAVURAS / Prints / Drucks	Artista: NERY
ESCALPTURA / Sculpture / Skulptur	Artista: CONDUITO
<b>GALERIA / Gallery / Gallerie</b>	
«ELEMENTOS IV»	Artista: PINTO
ESCALPTURA / Sculpture / Skulptur	Artista: CONDUITO
GRAVURAS / Prints / Drucks	Artista: BARTOLOMEU CHESINHO
BICHO / Snake / Wandgemäld	Artista: PINTO
<b>PIANO BAR</b>	
TAPICARIAS / Tapestries	Artista: JOSÉ RIBEIRO PEREIRA
ESPELHOS / Decorated Mirrors / Spiegel	Artista: PINTO
«MEDITAÇÃO ESOTÉRICA ou EVA À ESPERA DA SERPENTE»	Artista: MARTINS
QUADROS A OLEO / Oil Painting / Ölmalerei	Artista: SA NOGUEIRA / RIBEIRO
<b>BAR JARDIM</b>	
QUADRO A OLEO / Oil Painting / Ölmalerei	Artista: RIBEIRO
TAPICARIA / Tapestries	Artista: JOSÉ RIBEIRO PEREIRA

<b>BÔITE / Disco</b>		
TAPÉÇARIAS / Patchwork		Maria José RINQUES PEREIRA
<b>PATIO / Innenhof</b>		
ESCU LTURA / Sculpture / Skulptur		Fernando CONDUTO
<b>JARDIM / Garden / Garten</b>		
ESCU LTURA / Sculpture / Skulptur		Júlio CUTILEIRO
<b>ENTRADA DA SALA DE CONFERÊNCIAS / Conference-Room Hall / Halle zum Konferenzsaal</b>		
QUADROS A ÓLEO / Oil Painting / Ölgemälde	«Ovo e arvore la...»	Júlio POMAR
ESCU LTURA / Sculpture / Skulptur		CARMO D'ORSEY
TAPÉÇARIAS / Patchwork		Maria José RINQUES PEREIRA
<b>COBRADORES / Corridors / Korridore</b>		
ESPELHOS / Decorated Mirrors / Spiegel		ESPIGA PINTO
TAPÉÇARIAS / Patchwork		LÉLIA RASTON / Maria José RINQUES PEREIRA / MARIA ANTONIETA
<b>QUARTOS / Bedrooms / Zimmer</b>		
MONTEPIAS / Monochromes / Monochrome		LÉLIA RASTON
SEKORAPIAS / Sekorensenpessing / Sekorensen		ESPIGA PINTO
AGUARELAS / Water-colours / Aquarelle		SILVA PALMEIRA
TAPÉÇARIAS / Patchwork		MARIA ANTONIETA
<b>SUITES</b>		
TAPÉÇARIAS / Patchwork		LÉLIA RASTON / Maria José RINQUES PEREIRA / MARIA ANTONIETA
ESPELHOS-PAINÉIS / Decorated Mirrors-Paneels / Spiegel-Paneele		ESPIGA PINTO
QUADRO A ÓLEO / Oil Painting / Ölgemälde		NEENO COSTA

<b>GALERIA / Gallery / Gallerie</b>			
TAPÉÇARIA / Woven Tapestry / Wandgemächte Tapetenstoffe	«Palatinos»	Saturnino DAS CHARRUA	
ESCU LTURA / Sculpture / Skulptur		Fernando CONDUTO	
ESPELHOS / Decorated Mirrors / Spiegel		ESPIGA PINTO	
<b>SALA SOL POENTE</b>			
TAPÉÇARIAS / Woven Tapestry or Handpainted Tapetenstoffe	MENEZ / «Pantos»	ROGÉRIO RIBEIRO	
QUADRO A ÓLEO-ESPELHO / Oil Painting/Decorated Mirror / Ölgemälde-Spiegel		ESPIGA PINTO	
ESCU LTURAS / Sculptures / Skulpturen		MARIA DA GRACA Costa Cabral	
<b>SALA DE JOGOS / Game Room / Spielraum</b>			
TAPÉÇARIA / Woven Tapestry / Handpainted Tapetenstoffe	«Jogos»	Júlio POMAR	
TAPÉÇARIAS / Patchwork		Maria José RINQUES PEREIRA / MARIA ANTONIETA	
ESCU LTURAS / Sculptures / Skulpturen		MARIA DA GRACA Costa Cabral	
ESPELHO / Decorated Mirror / Spiegel		ESPIGA PINTO	
<b>GRILL</b>			
TAPÉÇARIA / Patchwork		Maria José RINQUES PEREIRA	
ESPELHO / Decorated Mirror / Spiegel		ESPIGA PINTO	
QUADROS A ÓLEO / Oil Paintings / Ölgemälde		Saturnino DA Nogueira / ROGÉRIO RIBEIRO / ESPIGA PINTO	
<b>ESCALA RESTAURANTE / Restaurant Staircase / Treppe zum Restaurant</b>			
TAPÉÇARIA / Woven Tapestry / Handpainted Tapetenstoffe	«Entre Ciel e Mar»	Saturnino DAS CHARRUA	
QUADRO A ÓLEO / Oil Painting / Ölgemälde		ESPIGA PINTO	
<b>RESTAURANT / Restaurant</b>			
TAPÉÇARIAS / Woven Tapestry or Handpainted Tapetenstoffe	«O Jardim»	Saturnino DA Nogueira / «Aventura e Luz»	Saturnino DAS CHARRUA
QUADROS A ÓLEO / Oil Paintings / Ölgemälde	MENEZ / Maria VELEZ / Lapinha DENTEL / André DAS CHARRUA		



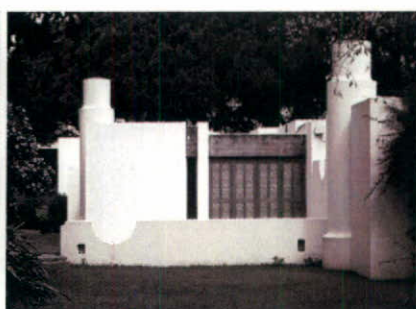
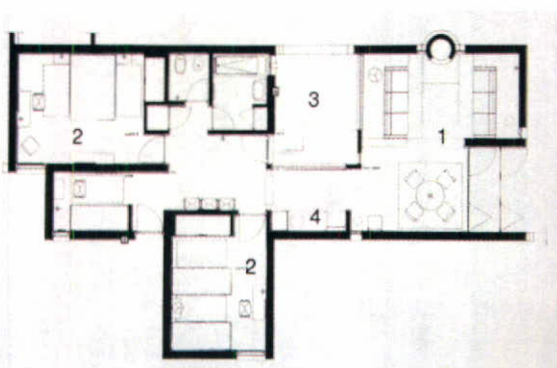
Obras de arte, Conduto, n.i., n.i., Pomar, n.i., n.i., Charrua, Jorge Martins, n.i., Cutileiro, fotografias roteiro e da autora

Título projs. 22 e 22A ACS	<b>Casas em banda do Hotel da Balaia (1966/1967-1969/1971), designadas por “bungalows”</b>
Localização	Parte integrante do Hotel da Balaia, Praia Maria Luísa, Albufeira
Anteprojecto	Em 1966 é enviado um primeiro estudo geral à Direcção Geral dos Serviços de Urbanização (DGSU). O primeiro projecto, com desenhos de Janeiro de 1967, dá entrada na Câmara Municipal de Albufeira em Setembro de 1967 e na Direcção-Geral do Turismo a 6 de Junho de 1968. A 25 de outubro de 1968 a repartição de turismo envia ofício à Câmara Municipal Albufeira para que se pronuncie sobre o projecto das 13 moradias. Em Maio de 1969 entra um novo projecto na CMA, com memória e desenhos de Abril de 1969.
Licenciamento	DGSU aprova o estudo para as 13 moradias, informando o Comissário de Turismo com ofício de 16 de Julho de 1966. DGT envia ofício com aprovação do anteprojecto à da Sociedade Hoteleira da Balaia, em Setembro de 69. A licença de construção é atribuída em Janeiro de 1970, de acordo com informação do pedido de vistoria (já se encontrava em construção).
Construção	Começa em 1968 ou 1969 <sup>10</sup> e termina em 1971. O pedido de vistoria para licença de utilização entra em Agosto de 1973 e refere que a obra terminou em Janeiro de 1971.
Descrição artística	Revisão da arquitectura moderna, com reinterpretação da arquitectura mediterrânica.
Tipologia/descrição	Este núcleo de moradias em banda é a adaptação de um conjunto que se destinava inicialmente aos administradores da empresa e passou depois a ocupação turística integrada no hotel <sup>11</sup> . Tratam-se de 13 casas em banda, com três quartos, sala dupla, espaço para cozinha e instalações sanitárias, conjunto implantado em U, com uma clareira central. As casas são introvertidas, desenvolvidas a partir de um pátio central, principal fonte de luz. Reinterpretação da arquitectura mediterrânica, os volumes cúbicos apresentam paredes exteriores praticamente cegas, à excepção de frestas verticais cuidadosamente seleccionadas, contribuindo para o ambiente intimista e de um grande vão envidraçado no espaço de jantar. Os quartos abrem-se ainda para o pátio interior, com grandes vãos. Agencia-se o espaço a partir deste pátio central, separando a zona privada da zona social, sendo esta desnivelada em relação à primeira. Sem corredores, na “galeria” de ligação entre as duas zonas fica a cozinha, aberta. As casas são também desencontradas, e a diferentes cotas, acompanhando a topografia de suave declive, para uma maior intimidade. As Chaminés destacam-se como elemento plástico que se evidencia da construção, um prisma cilíndrico, ladeado de duas frestas verticais, solução que lembra a casa Rogério Martins, no Estoril, projectada pouco antes (projecto de Dezembro de 1965).
Tipo de construção	Paredes contraventadas com pilares e cintas em betão armado e estrutura constituída por paredes de alvenaria e lajes prefabricadas tipo patial.

<sup>10</sup> Embora a aprovação do projecto date de 1969, a obra terá começado em 1968, uma vez que são publicadas fotografias das casas na *Arquitectura* nº 108, Abril de 1969. O respectivo artigo refere que se construíram ao mesmo tempo que o hotel, mas é certo que a construção começou depois da do hotel.

<sup>11</sup> de acordo com o artigo da *Arquitectura* 108, Abril de 1969, p.67.

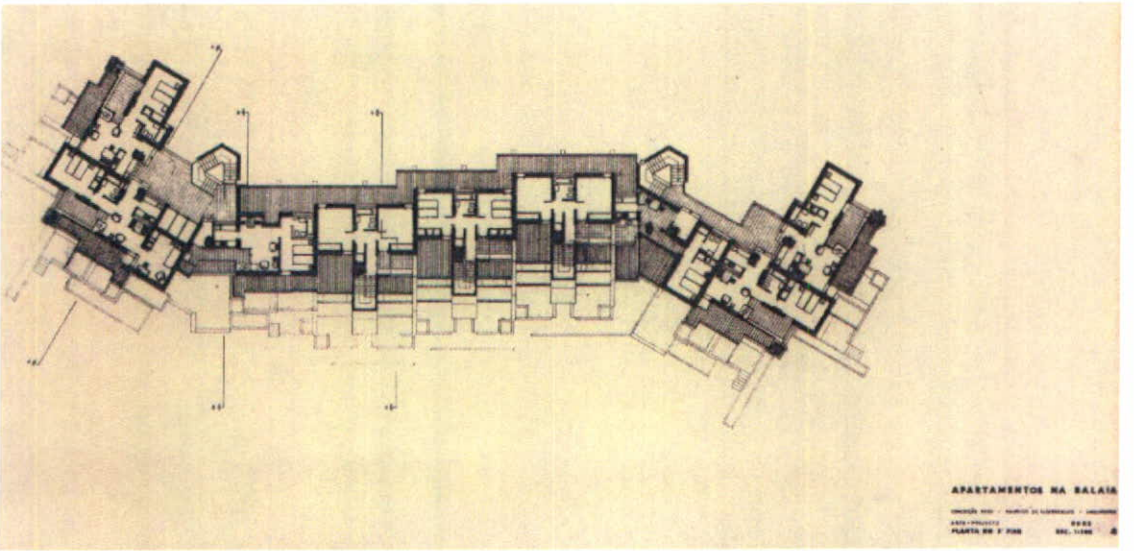
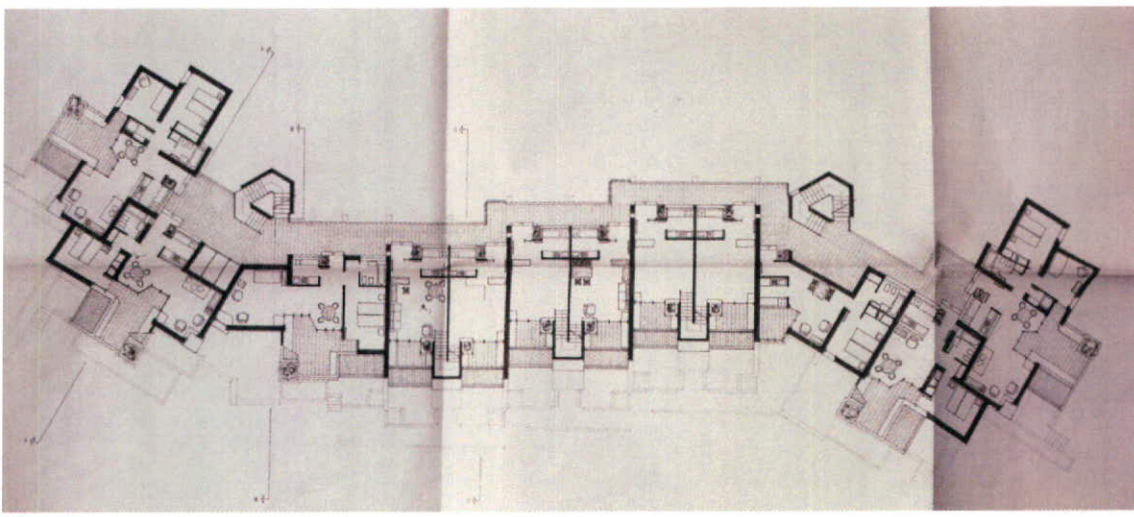
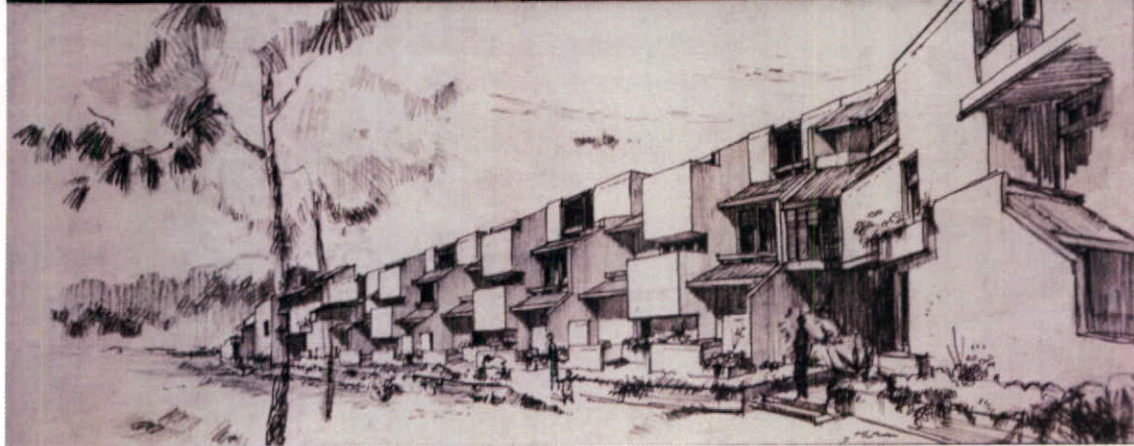
Dimensão	1507 m2 construídos.
Encomendador	Sociedade Hoteleira da Balaia.
Colaboradores	Projecto de Janeiro de 1967, consta “Conceição Silva Maurício de Vasconcellos Arquitectos” e, por baixo, na mesma letra de imprensa, Tomás Taveira. Desenhos não assinados pelos arquitectos. Segundo projecto de Abril de 1969, respectiva memória descritiva tem o logotipo do atelier Conceição Silva tipo “código de barras” e é assinada pelo arquitecto. Nos desenhos ainda figura a informação idêntica ao projecto de 1967, mais a assinatura de Conceição Silva.
Situação actual	Em relativo bom estado, tendo no entanto sofrido algumas alterações, desde a compra do Club Med.
Bibliografia	<i>Arquitectura</i> nº108, Março-Abril de 1969. p. 52 a 69 e 96.



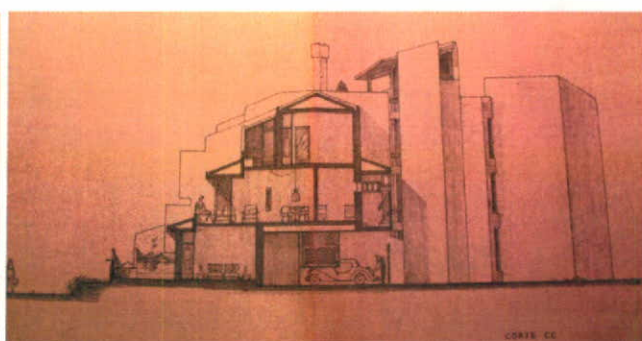
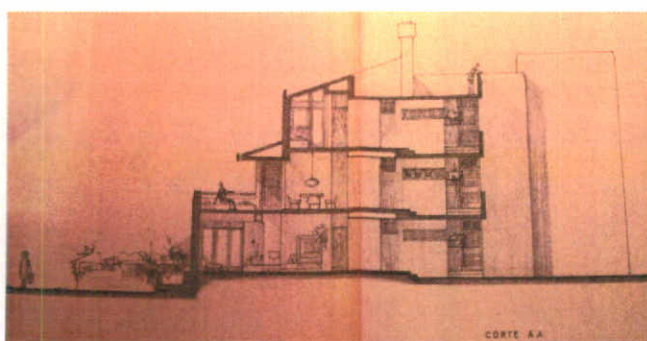
Título	<b>Bloco de apartamentos da Balaia (1966-1968/1969)</b>
Localização	Balaia, Praia Maria Luísa, Albufeira.
Anteprojecto	1º Ante-projecto encontrado na Câmara Municipal de Albufeira com memória descritiva de 17 de Novembro de 1966, mas terá de haver outro anterior.
Licenciamento	Aprovação do projecto de arquitectura pela CMA a 18 de Julho de 1966. O pedido de licença de construção para um edifício de apartamentos “Tipo B” entra na CMA a 23 de Novembro de 1966. É concedida em Junho de 1967. Projecto de execução de Janeiro a Novembro de 1968 (pasta arquivo ACS).
Construção	1968 -1969 (à data da publicação do artigo na <i>Arquitectura</i> , encontra-se em construção, em fase de acabamentos <sup>12</sup> ). O pedido de vistoria para licença de habitação entra na CMA a 2 de Outubro de 1970.
Descrição artística	Revisão da arquitectura moderna, com influências da arquitectura mediterrânica, assim como neo-brutalista (lembrando obras do casal Smithson).
Tipologia/descrição	<p>Este era um primeiro bloco de um conjunto de quatro, em torno de um centro público, composto por centro comercial com restaurante e ténis. Só este edifício foi construído (com projecto do Atelier Conceição Silva).</p> <p>Na memória do projecto de 1966 salienta-se a importância relativa às necessidades de ocupação dos tempos livres e o fomento do convívio social. Adianta que a implantação dos edifícios pretende abrir o conjunto à zona social, mas por outro lado é garantida a «individualização e recolhimento inerentes a um conjunto habitacional». A implantação e desenho deste conjunto são delineados em função do núcleo público central, da topografia e do ambiente paisagístico que se pretendem preservar, assim como da procura de intimidade. Trata-se de um bloco de 23 apartamentos em três pisos, em três corpos (A,B e C), em forma de “lagarta”, procurando-se uma morfologia com vida, nitidamente em oposição aos modelos rígidos e volumes puros do movimento moderno. O volume ganha igualmente um grande dinamismo com o desencontro das varandas/pátio.</p> <p>A memória descritiva (1966) expõe as intenções do projecto: «Criar um espaço urbano vivo e participante». Este levou-os a uma solução urbanística da qual resultou um espaço contido e polarizado por um centro comercial de vida urbana intensa, mas de certo modo fluído.</p> <p>Concorreram ainda para o arranjo urbanístico a configuração topográfica do local e a «ambientação» criada pela arborização existente, assumindo as zonas verdes a protecção dos blocos existentes.</p> <p>A estrutura volumétrica das construções envolventes cria perspectivas animadas e humanizadas pelo seu dinamismo e escala.</p> <p>A segunda intenção, o recolhimento e individualização da habitação, determinou a solução arquitectónica: concepção geral do bloco, organização dos apartamentos e processos construtivos.</p> <p>Salienta-se a estrutura em desníveis sucessivos proporcionando a criação de pátios.</p> <p>Os tipos de apartamentos «comungam no entanto do mesmo espírito na sua criação espacial em que se insere toda uma circunstância geográfica informadora duma cultura mediterrânica. Assim, em cada apartamento toma especial relevo o “pátio” não totalmente fechado, em que se resolvem amplamente problemas de intimização e insolação, articulando-se a uma zona de estar, prolongando-a e</p>

<sup>12</sup> *Arquitectura* n° 108, Março-Abril 1969, p. 67.

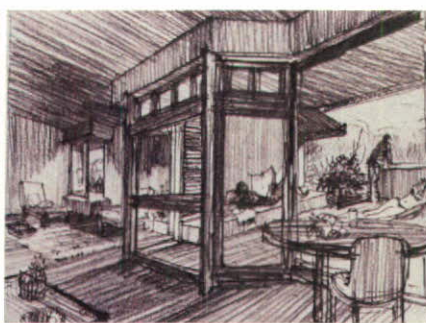
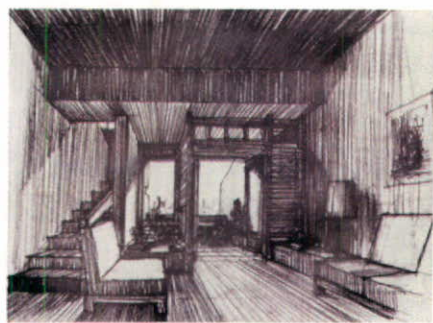
	<p>solicitando uma vida exterior. Em oposição à criação destes núcleos individualizados mas completando-os, encontramos espaços de convívio dentro do próprio bloco: as amplas zonas de entrada, as galerias e os terraços superiores».</p> <p>O bloco apresenta diversas tipologias, com um, dois ou três quartos, sendo os apartamentos do corpo central, em duplex. Nestes, entra-se pelo piso superior, directamente pela sala. Privilegia-se o estar exterior, com terraços generosos face à relativa dimensão das salas comuns. Procura-se a variedade, patente na organização interna diferenciada e com repercussões nos volumes desencontrados, também avançados e recuados, favorecendo a intimidade. O acesso aos apartamentos faz-se por uma galeria a Norte, servida por duas colunas de escadas em cada topo (na execução inclui dois elevadores), afastadas do edifício. A galeria é solta do edifício nas extremidades, criando pátios que permitem a entrada de luz nos andares.</p> <p>Notem-se as semelhanças com as Torres de Alfragide (projectadas quando este edifício terminava a construção), nomeadamente com alguns apartamentos distribuídos em duplex com entrada pelo piso de cima, no desencontro dos volumes da fachada e nos corpos a terminarem a diferentes alturas.</p> <p>O edifício construído tem ligeiras alterações em relação ao projecto inicial, nomeadamente elevadores (que não estavam previstos), ou as chaminés deixam de ser cilíndricas.</p>
Tipo de construção e revestimento	<p>Estrutura de pilar viga suportando lajes aligeiradas de betão pré-esforçado. As zonas das caixas de escadas são formadas por paredes de betão e lajes maciças de betão armado. Paredes de alvenaria de tijolo com função não resistente. Fundações com sapatas isoladas ou corridas de betão simples.</p> <p>As paredes de alvenaria são caiadas e o revestimento de pavimentos é em tijoleira, a cobertura de telha. «A obtenção de uma textura rica e de uma cor completam uma ambientação pretendida».</p>
Encomendador	<p>O médico psiquiatra, Francisco Alambre dos Santos. Note-se que o terreno estava inicialmente em nome de Maria da Graça Falcão Godinho A Santos (mulher do Dr. Alambre dos Santos) e passou para a firma Sotave – Sociedade Turística das Areias Vermelhas, com sede em Lisboa, em Junho de 1967 (do dr. Alambre).</p>
Colaboradores	<p>Ante projecto (1966), memória descritiva assinada por Conceição Silva e Maurício de Vasconcellos. Os desenhos têm todos “Conceição Silva Maurício de Vasconcellos Arquitectos, são assinados por ambos e não têm mais nenhum nome.</p> <p>Projecto de execução (1968): Chancela Atelier Conceição Silva (tipo código de barras) e em “arquitectos”, Tomás Taveira.</p> <p>Mapa de vãos, em “arquitectos”: Tomás Taveira e Silva Pereira.</p> <p>Fonte: arquivo CMA e Alambre dos Santos.</p>
Situação actual	<p>Em bom estado.</p> <p>Os três blocos construídos nos Anos 80 são projectados por outro arquitecto, para o Dr. Alambre dos Santos.</p>
Bibliografia	<p>Pasta arquivo ACS nº2</p>



Apartamentos da Balaia, perspectiva, planta dos 2º e 3º piso, arquivo Alambre dos Santos



Cortes AA e CC, arquivo Alambre dos Santos



Perspectivas das salas, arquivo DGT



Arquivo CMA e Alambre dos Santos



Frente nascente e frente Norte, fotografias da autora e arquivo ACS



Frente Norte, entrada exterior, secretária/coiffeuse, galerias de distribuição e terraço, fotografias da autora

Título	<b>Conjunto de moradias da Balaia (1968/1969-1970/1971<sup>13</sup>)</b>
Localização	Balaia, Semina, Praia Maria Luísa, Albufeira
Anteprojecto	O projecto para um conjunto de 11 casas, 5 de tipo A e 6 de tipo B data de Janeiro de 1968 <sup>14</sup> . As casas 1B e 3B têm desenhos de Janeiro e Fevereiro de 1968 As casas 2B, 5B, 6B têm desenhos de Março de 1968. As casas 1A, 2 A, 4A e 5A têm desenhos de Março de 1968. A casa 3A tem desenhos de Maio de 1969. Outra planta de implantação data de 3 de Junho de 1969. Note-se que os projectos das moradias foram sendo executados à medida que os lotes são comprados <sup>15</sup> .
Licenciamento	O conjunto de 11 casas é aprovado a 14 de Outubro de 1968. Os primeiros projectos de casas obtêm a licença de obra em Setembro de 1970 (lote 3B, lote 1B, 2B , 5B, 6B; 1A ,4A ) e Dezembro de 1970 (lote nº3A; lote 2 A; lote 5 A). Note-se que são obrigados a pedir a renovação da aprovação da arquitectura.
Construção	1970/1971 <sup>16</sup> . Mas note-se que os primeiros pedidos de vistoria para licença de utilização são de 1975.
Descrição artística	Revisão da arquitectura moderna com influência mediterrânica e neo-brutalista.
Tipologia/descrição	Trata-se de um conjunto de 35 casas, das quais cinco isoladas, do lado nascente, próximas do barranco, e as restantes em banda. Numa primeira fase, previam três tipos de moradias: 15 unidades de Tipo A; 5 B1; e 4B2. Começa-se por aprovar um plano para 11 moradias, que se vão construindo à medida da venda dos lotes. Tanto quanto foi possível apurar, são apenas construídas 10 casas com projecto do Atelier Conceição Silva. As casas são organizadas em torno de um pátio, sendo as isoladas de dois pisos. A cobertura é em terraço.
Encomendador	Sotav (sociedade de Francisco Alambre dos Santos)
Colaboradores	Os desenhos do primeiro conjunto de 11 casas (de Janeiro de 1968) são assinados por Conceição Silva, têm o logotipo do atelier tipo “código de barras”. As casas 1B, 2B, 3B , 5B, 6B têm a mesma informação, mas em “arquitectos” vêm Jorge Soares de Oliveira e Gonçalves Junqueira. As casas 1A, 2 A, 4A e 5A têm a mesma informação, mas em “arquitectos” vêm Tomás Taveira e Francisco Ferreira. A casa 3 A tem a mesma informação, mas em “arquitectos” constam Tomás Taveira, Jorge Soares de Oliveira e Jorge Silva.
Situação actual	Foram apenas construídas 10 casas, as quais se encontram em bom estado. Algumas sofreram alterações, mas o conjunto mantém a unidade.

<sup>13</sup> Sendo os pedidos de construção concedidos em 1970, pressupomos que as casas terão sido construídas em cerca de um ano, pese embora os pedidos para licença de utilização datem apenas de 1975 (nem todos constam da CMA).

<sup>14</sup> Toda esta informação foi recolhida na Câmara Municipal de Albufeira.

<sup>15</sup> De acordo com testemunho de Francisco Alambre dos Santos à autora.

<sup>16</sup> Ver nota 13.

	Depois da revolução de 1974, a partir de 1977 (pelo menos até 1981), o Dr. Alambre dos Santos vai continuar a construção do conjunto, mas já com projectos do Arq.º João Reis, de Faro. Este propõe uma arquitectura de expressão muito semelhante, valorizando a unidade do conjunto.
Bibliografia	Processos ACS nsº 94, 93 e 129



Conjunto de casas a Norte do Hotel da Balaia, fotografias da autora

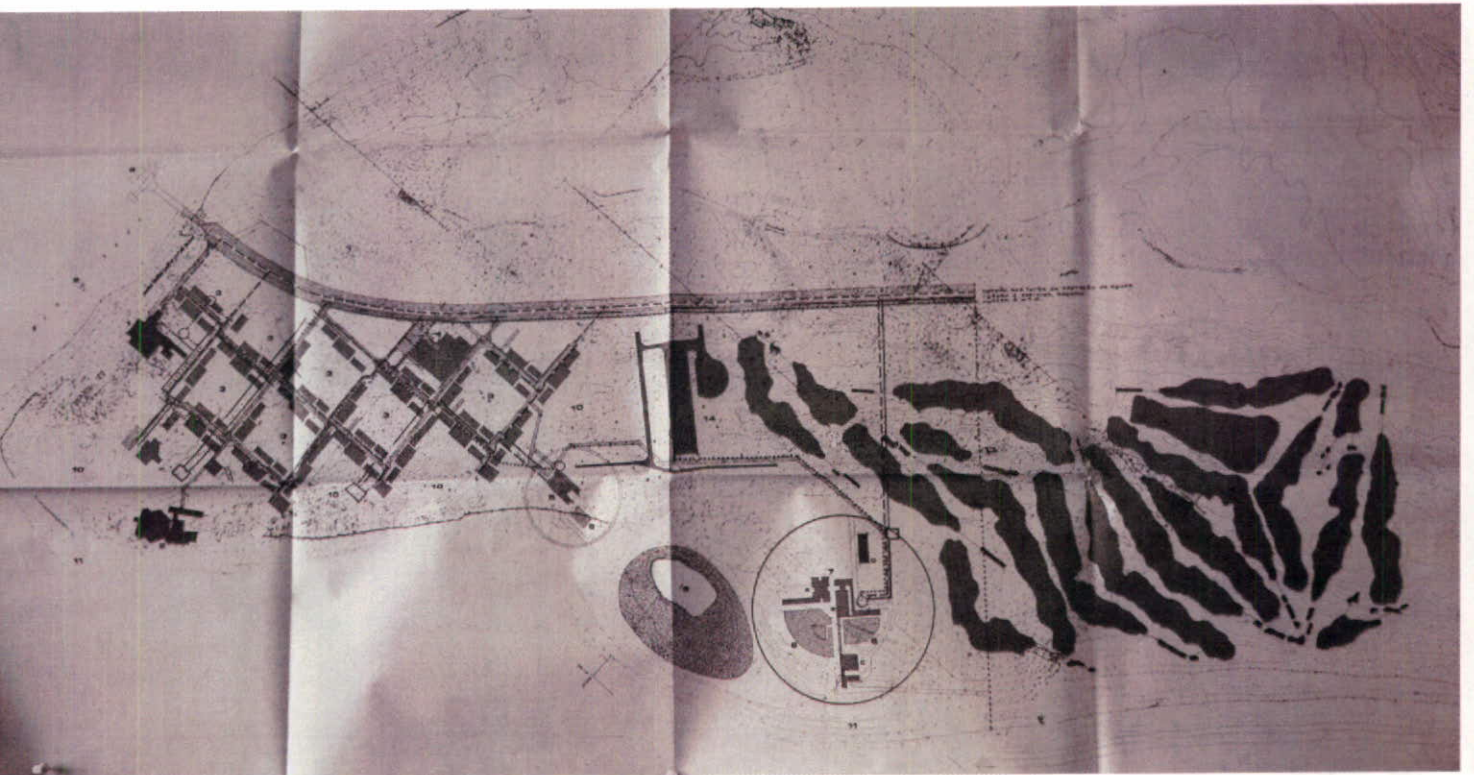
Título	<b>Conjunto de casas em Olhos de Água</b>
Localização	Olhos de Água, na Torre da Medronheira. A casa Eleonor fica na Torre da Medronheira e confronta a Sul com a Estrada do Ladoal.
Anteprojecto	Um projecto para um conjunto de 5 moradias entra na CMA a 11 de Abril de 1968. Desenhos são de Março de 1968.
Licenciamento	A licença de construção para o conjunto de 5 casas é atribuída a 19 de Julho de 1968, com o nº de processo 261.
Construção	O termo de responsabilidade de obra da Casa Eleonor, assinado pelo Engº Rocha Cabral, data de 15 de Julho de 1968 Tanto quanto se pôde apurar, apenas uma casa é construída, do tipo A, sendo a licença de utilização concedida em 19 de Novembro de 1975. Não foi possível localizá-la.
Tipologia/ descrição	Tratava-se de um conjunto de cinco casas, 2 de Tipo A, com um piso e 3 de Tipo B, com 2 pisos. Parte do plano global, mas da zona a nascente, próxima de Olhos de Água, inicialmente designada por “Zona C”. A casa Eleonor tem três quartos e sala comum. Com morfologia complexa, é articulada a partir de dois pátios.
Dimensão	A casa Eleonor tem 530 m2
Encomendador	A casa construída é referente a um lote vendido em 1972 por Daniel Emílio Nunes Vieira da Costa (representava o Dr. Alambre dos Santos) a Kathleen Gilley.
Colaboradores	A memória descritiva do projecto para 5 moradias, de 22 de Março de 1968 é assinada por Conceição Silva. Os desenhos, de Março de 1968, têm a chancela do atelier e logotipo “código de barras”, são assinados por Conceição Silva e em “arquitectos” constam Jorge Soares de Oliveira e Maria João Eloy.
Situação actual	Não foi possível localizar nenhuma casa.
Bibliografia	Processo ACS nº 98.

Título	<b>Casa sr. Daniel Emílio Nunes Vieira da Costa</b>
Localização	Sítio da Maria Luísa, entre a armação da Maria Luísa e a Torre da Medronheira, na arriba, junto ao mar.
Anteprojecto Licenciamento	Memória descritiva do pedido de ampliação de 22 de Abril de 1966. A licença da obra inicial tem o nº 127 (123 a lápis), de 9 de Abril de 1964. O pedido de licença de construção é deferido a 28 de Junho de 1966, com o nº 363 de 12 de Dezembro de 1966.
Construção	Desconhece-se. Casa não localizada.
Tipologia/ descrição	Trata-se de um projecto para a ampliação de uma casa em construção, para um segundo andar. Sem grande interesse.
Dimensão	Terreno com 5100 m2.
Encomendador	Daniel Vieira da Costa, oficial do exército. Porém, havia outra casa (1967-1970) de Maria da Graça Falcão (mulher do dr. Alambre), confrontando a Sul com a guarda fiscal, a Leste com a Cabemar e a Oeste com o próprio, dos Arqs. Norberto Correa e JG Pinto Coelho.
Colaboradores	Memória descritiva de Abril de 1966 assinada por Conceição Silva e Maurício de Vasconcellos. O primeiro projecto, de 1964 era do arq. J.José de Campos Martins, tanto quanto se consegue ler.

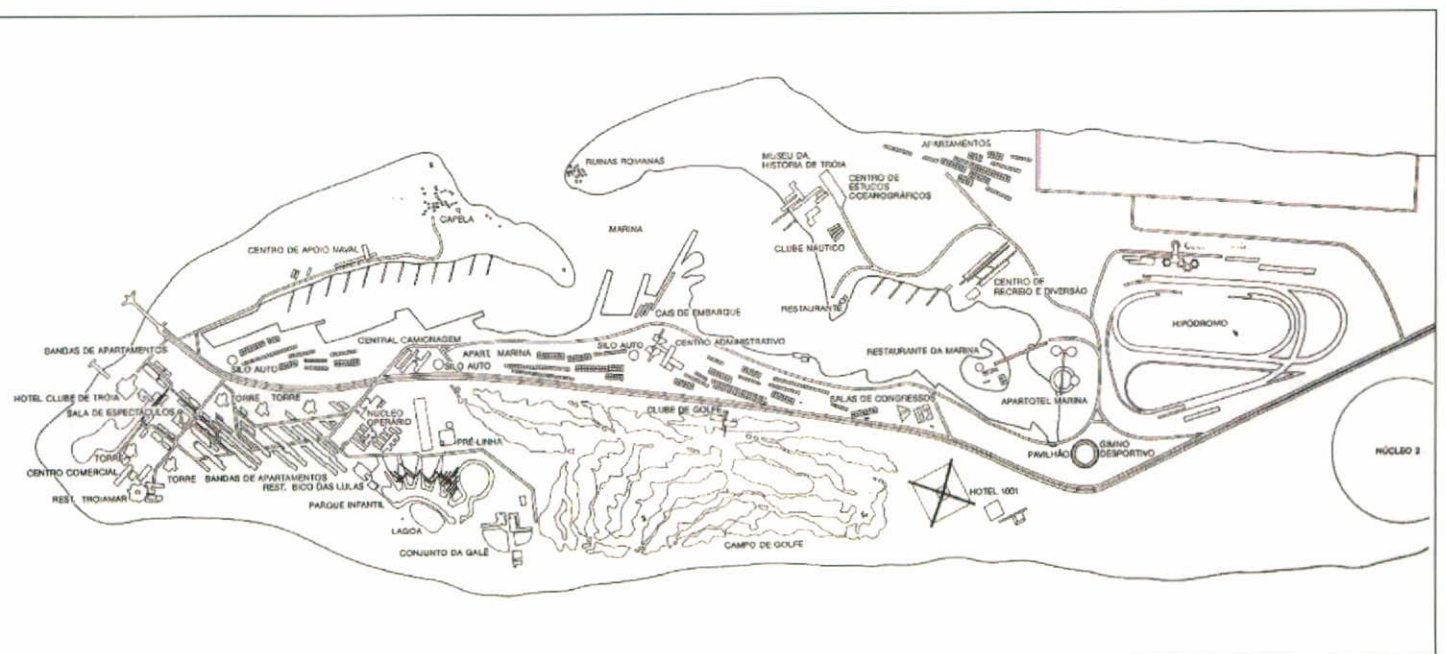
Título	<b>Plano de urbanização da Península de Tróia</b> <b>Plano 1: para a Ponta do Adoxe, núcleo A</b> <b>Plano 2: para os núcleos A, BI, BII e BIII</b>
Localização	Península da Troia
Anteprojecto	Plano 1: Apresentado ao Conselho Superior de Obras Públicas a 23 de Julho de 1970, com o nº 3749 Plano 2: 1973 Revisão do Plano 2: 1975
Licenciamento	Plano 1: Aprovado pelo MOP a 26/10/1970 Plano 2: 24 janeiro de 1974, sob condições
Construção	Plano 1: 1971 a 1975 Plano 2: Não realizado
Tipologia/ Descrição	<p>Plano 1, trata-se só da Ponta do Adoxe, a poente da estrada principal, do lado do mar. Corresponde às 1ª e 2ª fase do Plano 2, que descrevemos mais abaixo.</p> <p>O primeiro plano é desenvolvido a partir da repetição de grandes praças ajardinadas ladeadas blocos de apartamentos em bandas, sendo alguns blocos rematados por torres.</p> <p>Novo plano para uma área global de 450 hectares (núcleos A, BI, BII, BIII do plano Andressen), correspondendo aos terrenos então detidos pela Torralta. Destina-se a uma população de 23 mil camas (o Plano Andressen previa para esta área 32760 camas)<sup>1</sup>. Altera a organização do Plano da Ponta do Adoxe que previa o desenvolvimento estruturado a partir das praças formadas pelas bandas. Propõe-se agora uma malha mais apertada de apartamentos em bandas de tamanho variável, sendo estas colocadas paralelamente, mas com uma certa informalidade. O novo conjunto conforma assim ruas paralelas, dispostas em diagonal em relação à linha costeira. Com este plano concluir-se-iam, em 1978 os seguintes núcleos:</p> <p>1ª fase - 1973: total de 1599 camas, Conjunto Troiamar (restaurante e centro comercial), Conjunto Bico das Lulas (restaurante e piscina), conjunto da Galé (restaurantes e piscinas), bandas de apartamentos (1599 camas), campo de golfe, núcleo residencial operário;</p> <p>2ª fase - 1974- total de 3692 camas: Hotel Clube de Tróia (368 camas), 3 torres de apartamentos (1148 camas), clube de golfe, parque infantil, aldeia de pescadores, sala de espectáculos, bandas de apartamentos (2176 camas), centro comercial, marina (1ª fase);</p> <p>3ª fase - 1975, total de 2740 camas: apartamentos da marina (1ª fase 1080 camas), hipódromo, clube hípico, centro de apoio naval, central de camionagem, 2 silos auto, bandas de apartamentos (1660 camas);</p> <p>4ª fase - 1976, total de 3718 camas: bandas de apartamentos (1660 camas), 2 torres de apartamentos (808 camas), apartamentos da marina (2ª fase 1250 camas), centro administrativo, Museu da História de Tróia, Centro de Estudos Oceanográficos, clube náutico, cais de embarque, marina (fase final);</p>

<sup>1</sup> de acordo com ofício do Ministério do Planeamento e da Administração do Território – Direcção Geral do Ordenamento do Território, enviado em 1988 à administração da Torralta. Arquivo CMG.

	<p>5ª fase – 1977, total de 7950 camas: apartamentos da marina (3ª fase, 1950 camas), aparthotel da marina (6000 camas), Restaurante da Marina Poente, Restaurante da Marina Nascente, pavilhão gimno-desportivo;</p> <p>6ª fase – 1978, total de 3402 camas: Hotel 1001 (2002 camas), centro de recreio e diversão, sala de congressos, apartamentos do Sado (1400 camas).</p>
Dimensão	<p>Conjunto dos terrenos da Soltroia 1600 hectares, progressivamente vendido à Torralta.</p> <p>Plano 1: 40 hectares</p> <p>Plano 2: 23101 camas em 450 hectares, correspondendo a 843684 mil m2 construídos</p>
Encomendador	Soltroia/Torralta
Colaboradores	<p><b>1º Plano:</b> Tomás Taveira e Luísa d’Orey</p> <p><b>2º Plano:</b> Santos Gomes, Conceição Dias, Fedross Imany e o arquitecto paisagista Ponce Dentinho</p> <p><b>Bandas de apartamentos:</b> Tomás Taveira e Luísa d’Orey</p> <p><b>Conjunto da Galé:</b> Director de projecto: Henrique Chicó; equipamento Carmo Valente e Gilberto Lopes; Paisagismo: engº Ponce Dentinho e Carlos Sottomayor; coordenação da engenharia: António Rocha Cabral. Painéis de Sá Nogueira, escultura de Fernando Conduto.</p>
Situação actual	<p>Quase tudo destruído, à excepção das bandas de apartamentos (corresponde sensivelmente a 2 quarteirões) e duas torres de apartamentos foram remodeladas.</p> <p>Encontra-se em construção um “novo” conjunto, com a intervenção de vários gabinetes, entre os quais o Risco (plano da Soane e alguns edifícios), Promontório, Frederico Valsassina. O investimento é dos grupos Sonae e Amorim.</p>
Bibliografia	<p><i>Arquitectura Moderna e Turismo: 1925-1965</i>, Fundação DOCOMOMO Ibérico, Valência, 2003.</p> <p><i>Binário</i> nº 177 – 178, Junho-Julho 1973.</p> <p><i>Arquitectura Portuguesa Contemporânea. Anos Sessenta/Anos Oitenta</i>, Fernando Pernes (Programação), Nuno Portas e Manuel Mendes (organização) Fundação de Serralves, 1991.</p> <p><b>Barata, Paulo Martins</b>, in <i>Prototipo</i> nº 4, Novembro 2000, Ano II, p-p-ps. 38 a 69.</p> <p><b>Briz, Maria da Graça</b>, <i>A Vilegiatura Balnear Marítima em Portugal. 1870-1970</i>, Lisboa, 2003.</p> <p><b>Duarte, Rui Barreiros</b>, «Os valores do lugar», in <i>Arquitectura e Vida</i>, nº 26, Abril 2002, p. 68.</p> <p><i>Francisco Conceição Silva, Arquitecto</i>, (catálogo), Sociedade Nacional de Belas Artes, Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa, 1987</p> <p><b>Fernandes, José Manuel</b>, <i>Arquitectos do Século XX, da Tradição à Modernidade</i>, Caleidoscópico, Lisboa, 2006.</p>



° Plano de urbanização, Ponta do Adoxxe, 1970



° Plano de Urbanização, 1973



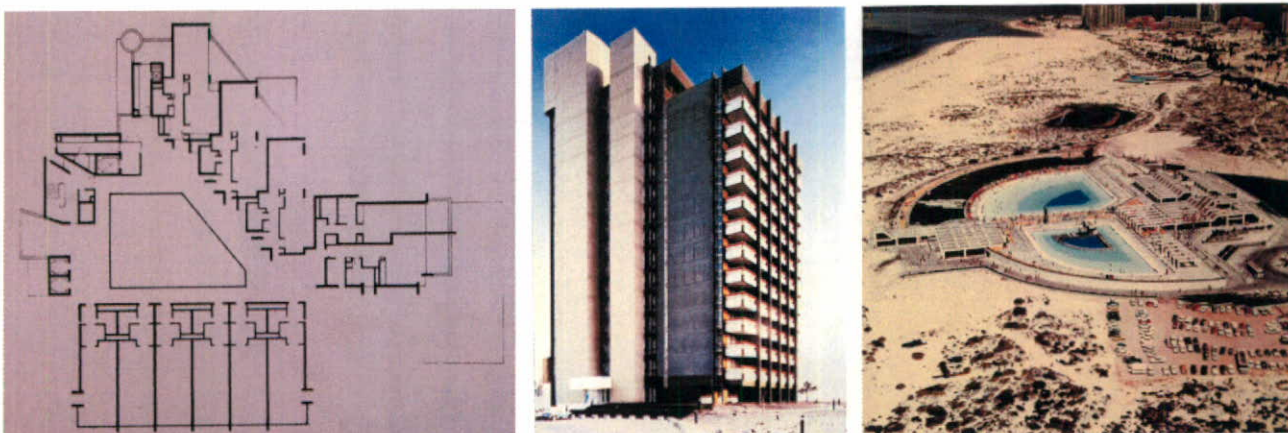
Inauguração das piscinas, Conceição Silva com Américo Tomás. Vista geral.



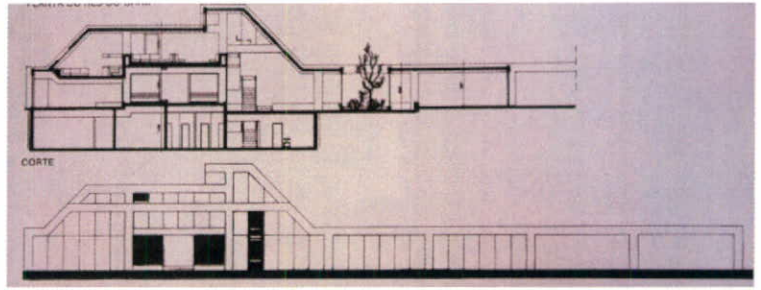
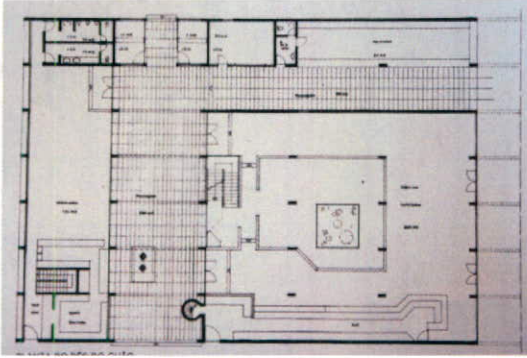
Bandas de apartamentos



Bandas de apartamentos



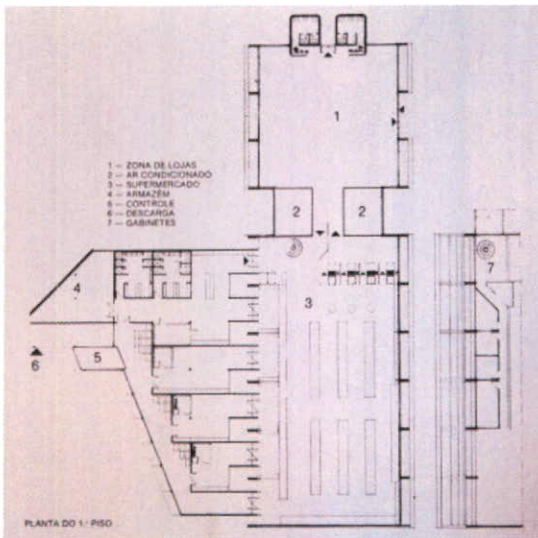
Torre Rosamar, planta de piso e vista geral; conjunto da Galé



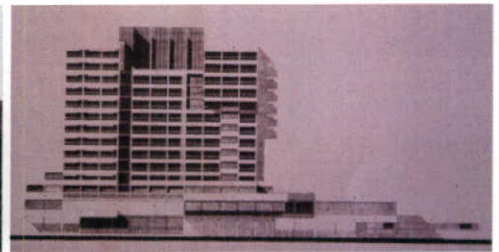
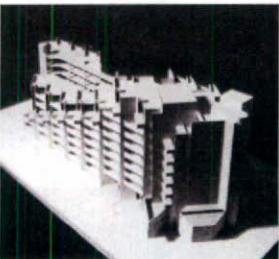
Conjunto da Galé, planta de piso, corte, alçado, piscinas.



Restaurante e piscinas Bico das Lulas



Centro comercial Troiamar, planta de piso e vista geral; restaurante Troiamar



Maqueta aparthotel; maqueta Clube de Golfe; alçado Hotel Clube de Tróia,



Fábrica Prelinha e autocarros da Torralta



Painéis de Sá Nogueira e escultura de Fernando Conduto



Escultura de Fernando Conduto



Capa Binário Junho-Julho 1973

## LISTAGEM DOS COLABORADORES<sup>1</sup>

### **Sócio**

Maurício de Vasconcellos (de 1965 a 1967).

### **Arquitectura**

Pedro Vieira de Almeida, Teresa Beires, Bartolomeu Costa Cabral, Delfim Canas, Maria João Cardoso, Rui Carneiro, Carlos Carvalho, Nuno Moreira de Carvalho, John Chamberlain, Leonel Clérigo, Fernando Pinto Coelho, Arsénio Cordeiro, Penha e Costa, Henrique Lami Tavares Chicó, José Conceição Dias, Rui Barreiros Duarte, Maria João Eloy, Francisco Manuel S. Ferreira, José Forjaz, Frans, Carlos Justino dos Santos Gomes, Pedro Telles Grilo, Correia Guedes, Fedross Imany, Gonçalves Junqueira, José Lopes Junqueira. J. Américo Pinto Oliveira, J. Paulo Oliveira, Jorge Soares de Oliveira, Luísa d'Orey, Pedroso, José Silva Pereira, Raul Santiago Pinto, Armando Santos Pimenta, José L. Quintino, J. Sommer Ribeiro, José Daniel Santa Rita, Alfredo Saldanha, Francisco Conceição Silva, João Pedro Conceição Silva, Jorge Silva, Sena da Silva, Bruno Soares, Armando de Sousa, Manuel Sheppard, Tomás Cardoso Taveira, Paulo Tonet, José Machado Torres, Ana Maria Troni, Germano Venade, Anselmo Vaz, Manuel Vicente, José Telo Rato Zúquete.

### **Equipamento**

Ana Maria Themudo Barata, Carlos Calvet, Eduardo M. Martinez Afonso Dias, Gilberto Lopes, Edgar Mota, Gilberto de Sousa, Carmo Valente  
Colaborou pontualmente Manuel Rodrigues.

### **Paisagismo**

Álvaro Ponce Dentinho, António Domingues, José Eduardo Conceição Silva, Carlos Sottomayor.  
Pontualmente, colaborou Gonçalo Ribeiro Telles.

### **Artes Gráficas**

Artur Henriques, Henrique Manuel, Rui Cristino da Silva.

### **Artes Plásticas**

Ana Maria T Barata, Teresa Conceição Silva, Hélder Fernandes, Mina Câmara Leme, Rolando Sá Nogueira (responsável pelo departamento).  
Colaborações pontuais: António Alfredo, Roberto Araújo, Cargaleiro, Bartolomeu Cid, Luísa Bastos, Graça Costa Cabral, Charrua, Fernando Conduto, João Cutileiro, Estrela Faria, Frederico George, Alice Jorge, Querubim Lapa, Menez, Almada Negreiros, José Espiga Pinto, Júlio Pomar, Rogério Ribeiro, Luís Tavares, Maria Velez, Marcelino Vespeira e Jorge Vieira.

Poeta Herberto Hélder.

---

<sup>1</sup> Não nos foi possível listar todos os colaboradores, sendo provável que falem vários nomes. É também de notar que algumas pessoas colaboram em mais do que um departamento. A listagem está por ordem alfabética.

**Engenharia**

Rocha Cabral, João Guterres, António Palhoto, Cabral Pinto, Ferreira Pereira. Várias colaborações com Jaime Pereira Gomes (nunca fez parte integrante do atelier).

**Fotografia**

Luísa Flores, Daniel Gonçalves, Daniel Silva.

**Planeamento urbano**

Geografia: Luís Corte-Real, Teresa Craveiro, Jorge Gaspar, Ana Marin, José Carlos Pinto.

História: Raquel Henriques da Silva.